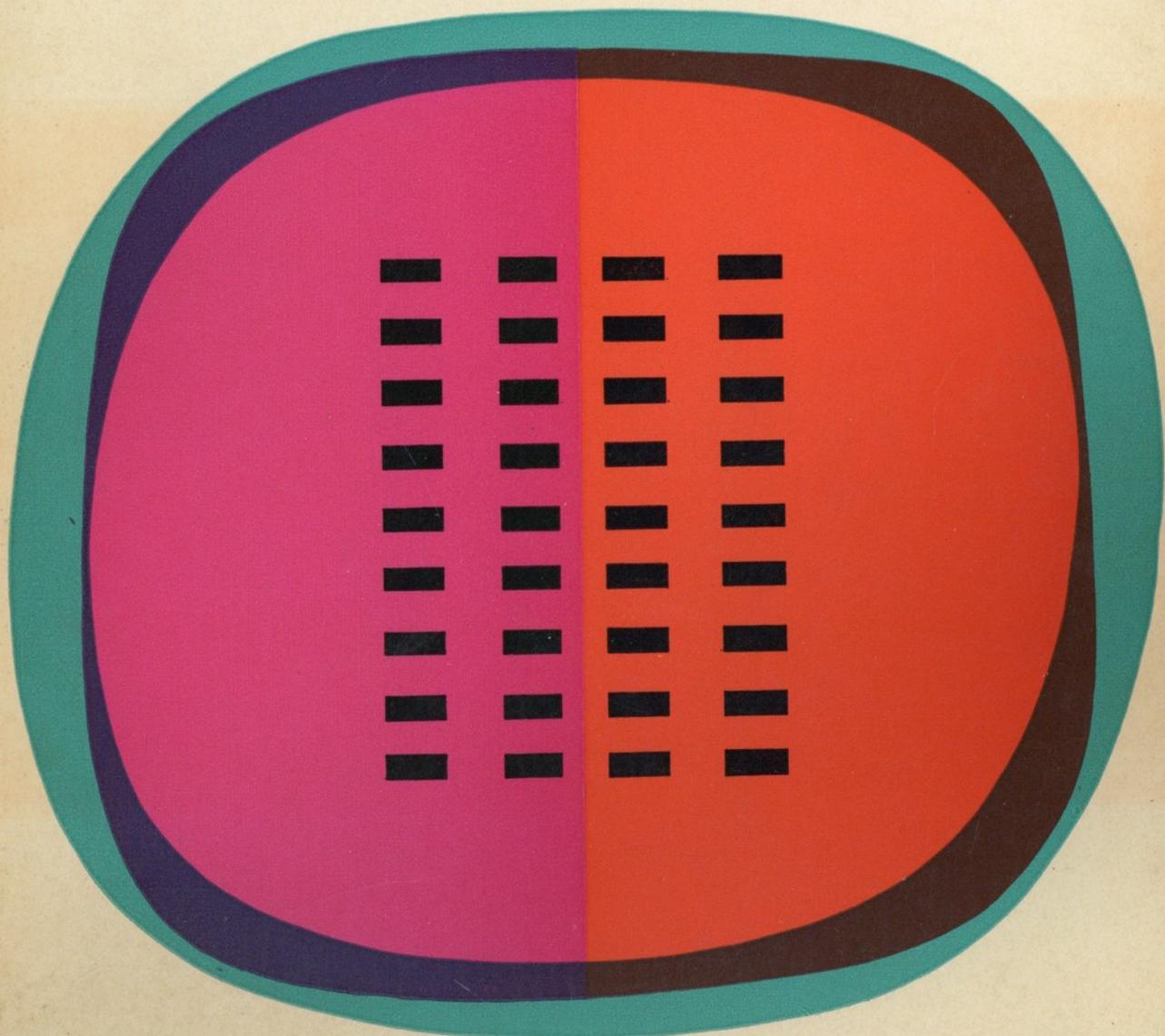
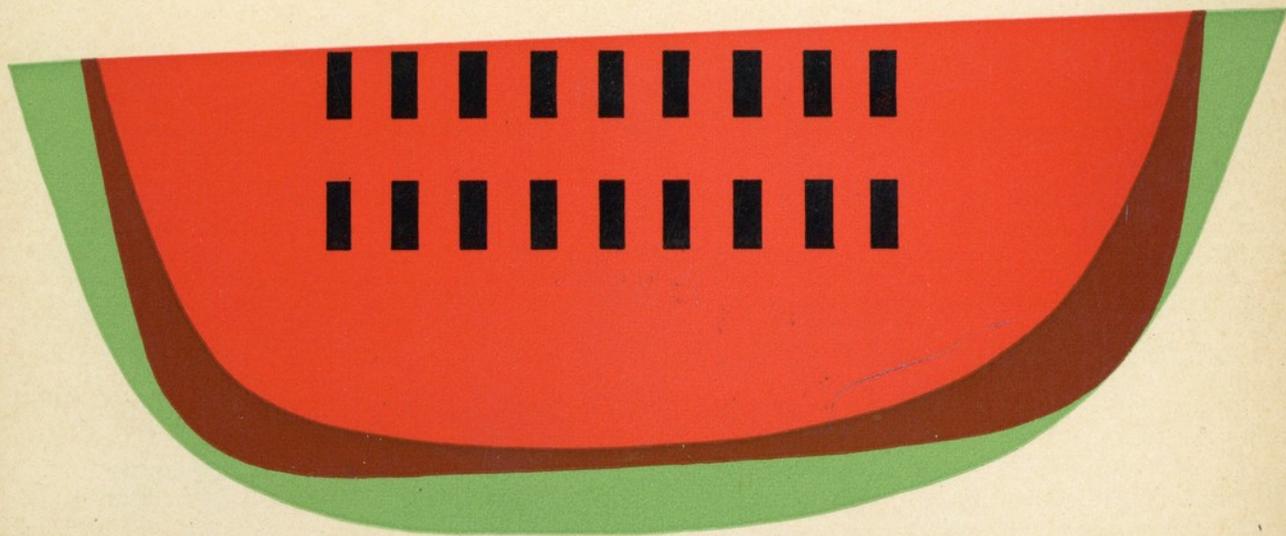
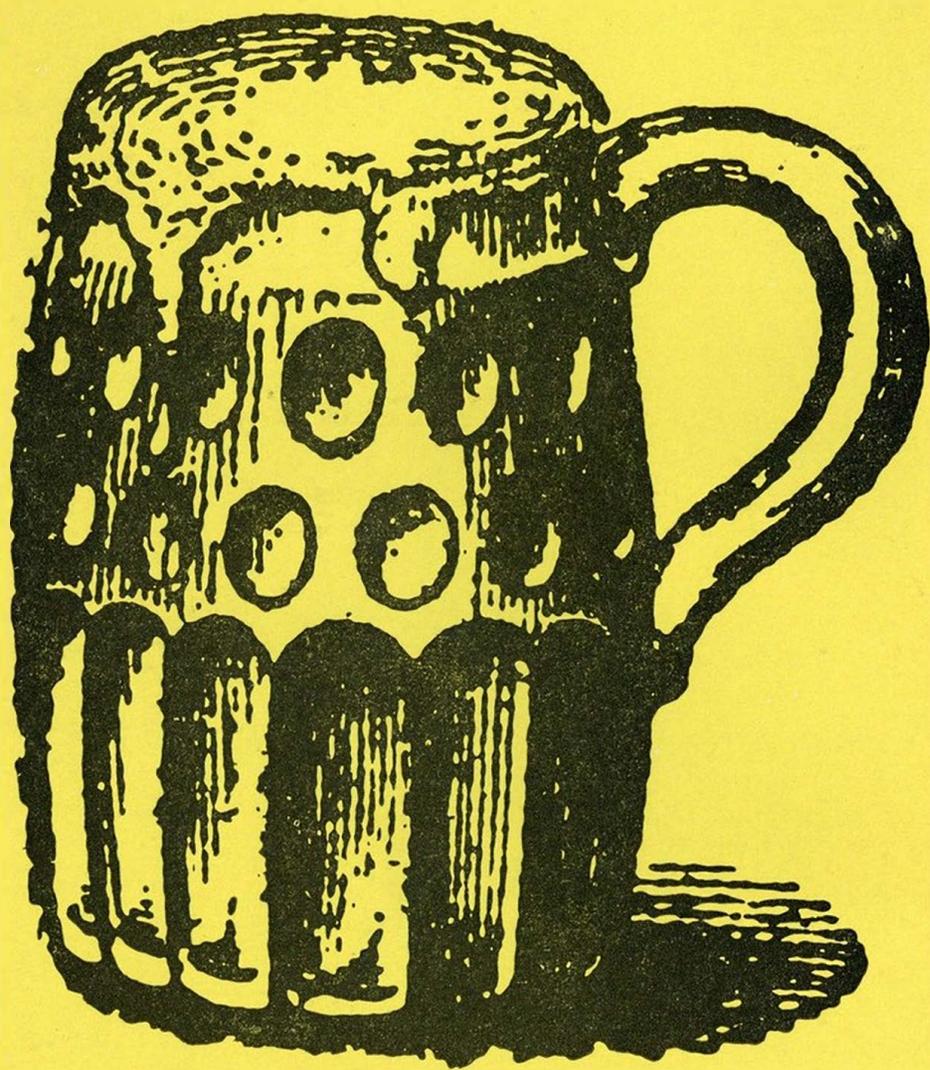


# ALMANAQUE

julho 1960





Existem em Portugal, averiguadamente rotulados por competentes Juntas Médicas, apontados aos olhos dos parentes e dos vizinhos, 25.000 loucos.

Existem também, por consequência, cerca de oito milhões novecentos e setenta e cinco mil habitantes sadios de espírito. Se destes descontarmos as crianças e os adolescentes fica-nos ainda uma consoladora maioria de adultos inteiramente aptos — no que diz respeito ao espírito, pelo menos.

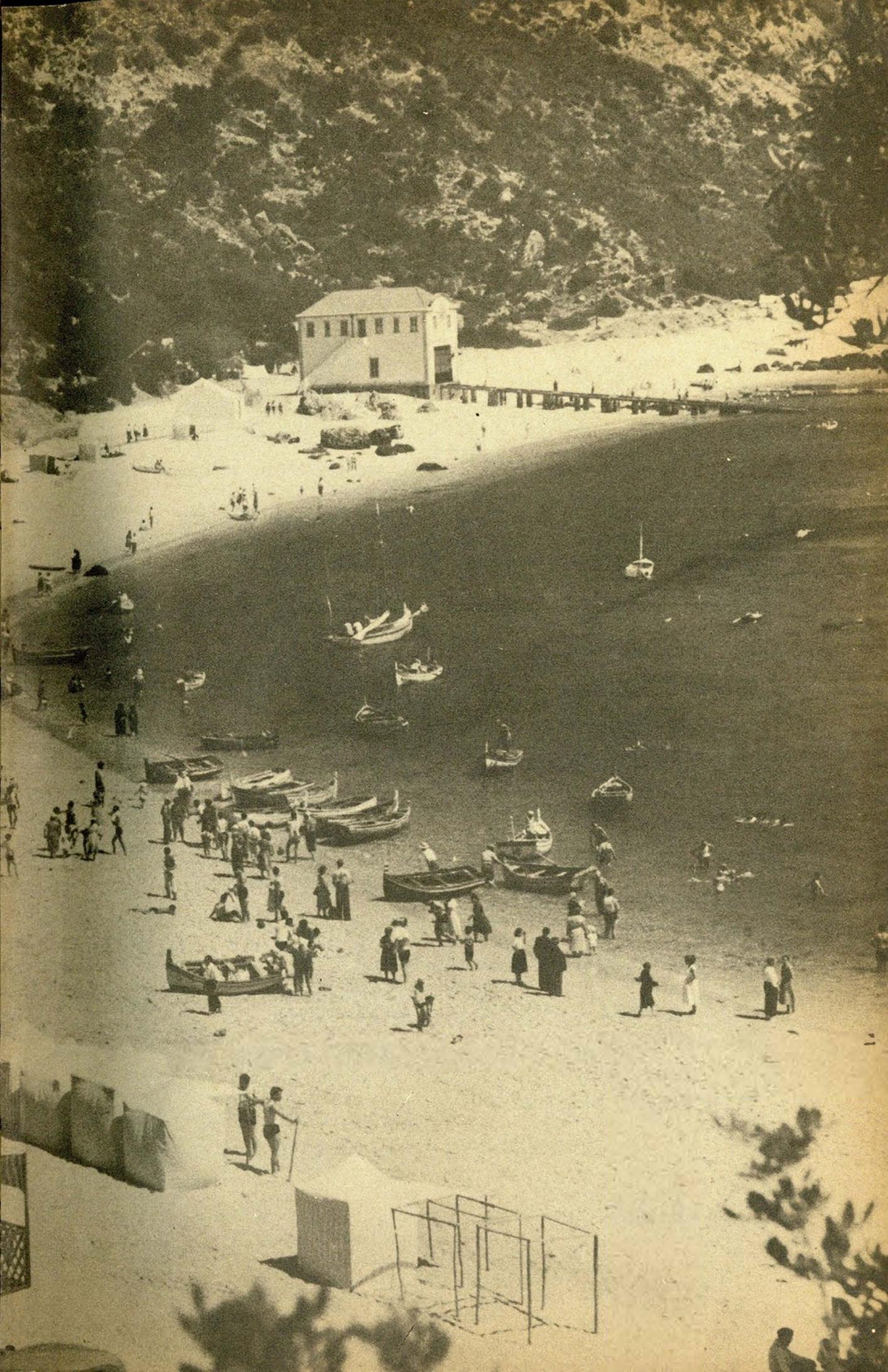
É a esses que o ALMANAQUE se destina. A essa consoladora maioria de gente sensata, equilibrada, capaz de resolver sem solavancos os seus problemas — a esses firmes portugueses de antanho que o mal do século ainda não corrompeu.

Os grandes condicionantes psicológicos da gente de hoje: a instabilidade, a insegurança e a tensão, na base de tantas crises lamentáveis, não os abalaram ainda.

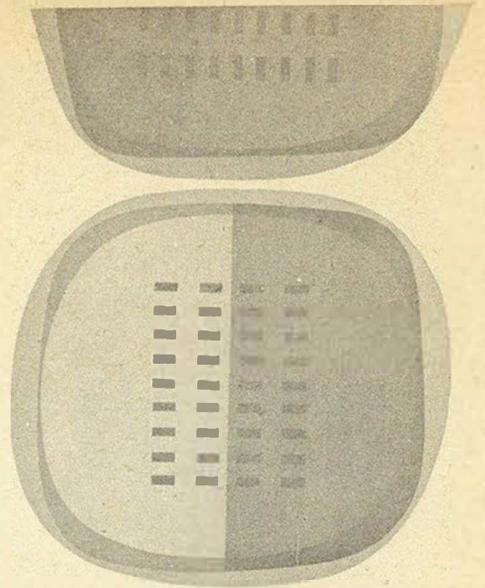
E, embora destinando-lhe o ALMANAQUE, não deixamos de pedir desculpa por algumas insuficiências de contexto que, por vezes, tão penetrados somos hoje por toda essa poeirada confusa que vem de fora e nos cai nos olhos, deixamos inadvertidamente escapar.

O que desejaríamos seria apresentar apenas excertos da «Menina e Moça», receitas de cozido à portuguesa e poesias do saudoso Bulhão Pato e, como ilustração, reprodução da maviosa Josefa de Óbidos.

Tal não conseguimos, porém. E, na medida em que contribuímos, portanto, um pouco para baralhar as ideias e fomentar os desequilíbrios, aqui humildemente fazemos «mea culpa».



julho/60



ABERTURA	1	
CALENDARIO	6	
EFEMÉRIDES	10	o que passou para a história
ACTUALIDADES	13	o que não passa à história
PESCA	18	um xadrez para solitários
FLOS-SANCTORUM	21	Santa Comba
OS DESTINOS DO MÊS	24	...já o pai era a mesma coisa
COMO VIVEM OS GRANDES DA TERRA	31	
O ANIMAL DO MÊS	33	a girafa
A LINHA BRANCA	37	conto policial por John Fergusson
BOÊMIA DE OUTROS TEMPOS	43	as praias do século passado por <b>Lourenço Rodrigues</b>
OS PAIS PRECISAM DE IR À ESCOLA	47	
AS LATITUDES DA FELICIDADE	50	França
SOMBRA E SANGUE	56	por <b>Alves Redol</b>
O FILME DO MÊS	67	sangue sobre a Índia
5.260 BILIÕES DE HOMENS	76	
EICHMANN	79	considerações sobre um criminoso de guerra
OS GRANDES CONTISTAS	82	uma madrugada no mato por <b>Doris Lessing</b>

BRÁSÍLIA	90	a cidade repensada
ANTIQUARIUM	93	Lisboa dos pregões
AS FÉRIAS DO PORTUGUÊS QUE TRABALHA	98	por <b>Mário Ventura</b>
AS FLORES DE HIROSHIMA	110	por <b>Edita Morris</b>
PINTURA INFANTIL	114	olhos novos para ver o mundo
REPENSE	120	pensar ou morrer por <b>Bertrand Russel</b> repense as flores em sua casa por <b>Lúcia de Sttau Monteiro</b> a cidade que nós fizemos pelo arq. <b>António Sena da Silva</b> Nec temere nec Timide pelo prof. <b>Vieira de Almeida</b> o problema do romance por <b>Fernanda Botelho</b> da cultura e da juventude por <b>Vasco Pulido Valente</b>
ARMAZÉM DAS LETRAS	146	& Diversos o conto do mês o livro do mês um livro póstumo de <b>Afonso Duarte</b> Júlio Verne um homem torturado
SURPRISE-PARTY	157	aperitivo culinária Jacqueline François Daniëlle Darrieux amanhã será tarde o crime ao alcance de todos Miles Davis — ou o sofrimento improvisado passatempos anedotas

## ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães  
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •  
 Editor e proprietário: Grupo de Publicações  
 Periódicas • Redacção e Administração: Rua  
 da Misericórdia, 125-1.º • Expediente e con-  
 tabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •  
 Telefones: 3 18 92/3 • Composto e impresso  
 na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109  
 • Revista mensal • Cada volume: 15\$00 •  
 Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



julho/60

\*

Durante este mês, o Sol encontra-se no signo zodiacal do Caranguejo até ao dia 22; neste dia às 20 h e 38 m o Sol entra no signo de Leão. O dia durante este mês diminui 39 m. O dia 1 dura 14 h 51 m; o dia 15 14 h 38 m; o dia 31 14 h 12 m.

1

1 — Sexta-feira. — S. Teodorico.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.58	HORA 21.12
ALT. 3.08	ALT. 3.24
BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.21	HORA 14.41
ALT. 0.96	ALT. 1.11

2

2 — Sábado. — Visitação de Nossa Senhora. — Quarto Crescente às 3 h 49 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.50	HORA 22.17
ALT. 3.05	ALT. 3.19
BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.28	HORA 15.50
ALT. 1.04	ALT. 1.18

3

3 — Domingo. — S. Jacinto. — Feiras: Ancião, Alagoa (Portalegre), Fátima, Fundão, Montemor-o-Novo.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.00	HORA 23.32
ALT. 3.07	ALT. 3.19
BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.43	HORA 17.08
ALT. 1.06	ALT. 1.17

4

4 — Segunda-feira. — Santa Isabel. — Feiras: Alvito, Santa Clara-a-Velha.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.17
ALT. —	ALT. 3.19
BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.42	HORA 18.18
ALT. 1.00	ALT. 1.05

5

5 — Terça-feira. — S. Zacarias.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.39	HORA 13.28
ALT. 3.28	ALT. 3.37
BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.54	HORA 19.24
ALT. 0.86	ALT. 0.84

# 6

6 — Quarta-feira. — Santa Domingas.

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 2.09	HORA 14.30
ALT. 3.43	ALT. 3.59

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 7.42	HORA 20.20
ALT. 0.68	ALT. 0.64

# 7

7 — Quinta-feira. — S. Círiolo.

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 2.54	HORA 15.18
ALT. 3.60	ALT. 3.80

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 8.40	HORA 21.12
ALT. 0.53	ALT. 0.44

# 8

8 — Sexta-feira. — Santa Virgínia. — Lua Cheia às 19 h 37 m.

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 3.46	HORA 16.07
ALT. 3.73	ALT. 3.97

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 9.31	HORA 22.00
ALT. 0.41	ALT. 0.32

# 9

9 — Sábado. — Santa Branca.

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 4.33	HORA 16.54
ALT. 3.83	ALT. 4.08

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 10.16	HORA 22.41
ALT. 0.35	ALT. 0.26

# 10

10 — Domingo. — Feiras: Vidigueira, Almargem do Bispo, Arraiolos, Oleiros, Palmela.

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 5.20	HORA 17.40
ALT. 3.86	ALT. 4.10

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 10.58	HORA 23.35
ALT. 0.35	ALT. 0.30

# 11

11 — Segunda-feira. — Santa Olga. — Feiras: Míndelo (Vila do Conde), Várzea (Barcelos).

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 6.00	HORA 18.20
ALT. 3.81	ALT. 4.04

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 11.39	HORA —
ALT. 0.43	ALT. —

# 12

12 — Terça-feira. — S. João Gualberto.

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 6.47	HORA 19.06
ALT. 3.70	ALT. 3.90

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 0.09	HORA 12.19
ALT. 0.40	ALT. 0.57

# 13

13 — Quarta-feira. — Santa Eugénia. — Feira: Alpalhão (Nisa).

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 7.30	HORA 19.51
ALT. 3.54	ALT. 3.71

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 0.53	HORA 13.05
ALT. 0.57	ALT. 0.76

# 14

14 — Quinta-feira. — S. Boaventura. — Feira: Abela (Santiago do Cacém).

**MARÉS**

**PREIA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 8.21	HORA 20.41
ALT. 3.35	ALT. 3.50

**BAIXA - MAR**

MANHÃ	TARDE
HORA 1.48	HORA 14.00
ALT. 0.78	ALT. 0.98

# 15

15 — Sexta-feira. — Santo Henrique. — Feiras: Albernoa (Beja), Conceição (Ourique). — Quarto Minguante às 15 h 43 m.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.20	HORA 21.43
ALT. 3.18	ALT. 3.28

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.49	HORA 15.05
ALT. 1.00	ALT. 1.18

# 16

16 — Sábado. — Nossa Senhora do Carmo. — Feiras: Faro, Palmela.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.20	HORA 23.00
ALT. 3.05	ALT. 3.11

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.53	HORA 16.31
ALT. 1.19	ALT. 1.34

# 17

17 — Domingo. — Feiras: Beco (Ferreira do Zêzere), Mafra, Montargil, Montes da Senhora, Vila Nova da Baronia.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.30	HORA 24.00
ALT. 3.00	ALT. 3.03

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.00	HORA 17.30
ALT. 1.30	ALT. 1.40

# 18

18 — Segunda-feira. — Santa Marinha.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.40
ALT. 3.03	ALT. 3.04

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.09	HORA 18.40
ALT. 1.32	ALT. 1.34

# 19

19 — Terça-feira. — S. Vicente de Paula.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.08	HORA 13.40
ALT. 3.04	ALT. 3.14

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.88	HORA 19.40
ALT. 1.27	ALT. 1.26

# 20

20 — Quarta-feira. — Santa Margurida. — Feiras: Almodôvar, Vaia monte (Monforte), Vila de Rei.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.10	HORA 14.30
ALT. 3.10	ALT. 7.50

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.50	HORA 20.22
ALT. 1.18	ALT. 1.13

# 21

21 — Quinta-feira. — S. Cláudio. — Feiras: A-dos-Negros (Óbidos), Castanheira de Pera.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.52	HORA 15.15
ALT. 3.18	ALT. 3.40

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.32	HORA 20.59
ALT. 1.07	ALT. 1.02

# 22

22 — Sexta-feira. — Santa Maria Madalena. — Feiras: Alcobertas (Rio Maior), Covilhã.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.34	HORA 15.50
ALT. 3.27	ALT. 3.51

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.02	HORA 21.32
ALT. 0.96	ALT. 0.91

# 23

23 — Sábado. — Santo Apolinário. — Feira: Pedrógão Grande. — Lua Nova às 18 h 31 m.

### MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.11	HORA 16.26
ALT. 3.33	ALT. 3.59

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.37	HORA 22.05
ALT. 0.84	ALT. 0.78

# 24

24 — Domingo. — Santa Cristina. — Feiras: Gavião, Loures, Santiago do Escoural.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.47	HORA 17.01
ALT. 3.38	ALT. 3.64

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.12	HORA 22.42
ALT. 0.76	ALT. 0.71

# 25

25 — Segunda-feira. — S. Cristóvão. — Feiras: Albernoa (Beja), Cabeceira de Basto, Ericeira, Estremoz, Leomil (Moimenta da Beira), Marialva, Medelim, Mirandela, Nogueira do Cravo (Oliveira do Hospital), Resende, Santiago da Guarda, Setúbal, Tremez (Santarém).

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.19	HORA 17.31
ALT. 3.42	ALT. 3.67

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.50	HORA 23.11
ALT. 0.69	ALT. 0.65

# 26

26 — Terça-feira. — Santa Ana. — Feiras: Ervidel, Figueiró dos Vinhos, Maia.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.50	HORA 18.01
ALT. 3.44	ALT. 3.67

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.26	HORA 23.52
ALT. 0.65	ALT. 0.62

# 27

27 — Quarta-feira. — Santa Natália. — Feira: Serbã.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.23	HORA 18.43
ALT. 3.44	ALT. 3.65

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 12.00	HORA —
ALT. 0.67	ALT. —

# 28

28 — Quinta-feira. — S. Nazário.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.01	HORA 19.13
ALT. 3.41	ALT. 3.59

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.36	HORA 12.43
ALT. 0.64	ALT. 0.72

# 29

29 — Sexta-feira. — Santa Marta. — Feiras: Alcáçovas, Alvalade, Santa Maria (Penafiel).

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.32	HORA 19.52
ALT. 3.35	ALT. 3.49

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.01	HORA 13.20
ALT. 0.71	ALT. 0.82

# 30

30 — Sábado. — S. Rufino.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.19	HORA 20.40
ALT. 3.27	ALT. 3.36

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.50	HORA 14.03
ALT. 0.83	ALT. 0.96

# 31

31 — Domingo. — Santo Inácio de Loyola. — Feiras: Minda, Sant'Ana de Cambas, Vila Nova de Famalicão. — Quarto Crescente às 12 h 31 m.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.18	HORA 21.40
ALT. 3.17	ALT. 3.23

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.51	HORA 15.14
ALT. 0.97	ALT. 1.10



## *efemérides*

### MORTE DE SHELLEY

8 de Julho de 1822. Afunda-se ao largo de Livorno o barco de recreio **Ariel** pertencente ao grande poeta inglês Percy Bysshe Shelley. As condições exactas do naufrágio nunca foram descobertas. Uma tempestade? Um assalto de piratas? De positivo apenas esta conclusão: o cadáver de Shelley quando foi encontrado estava de tal modo irreconhecível que só os livros que se encontraram nos seus bolsos (**Sófocles** e **Keats**) tiraram todas as legítimas dúvidas.

Tragicamente morto aos trinta anos de idade, Shelley deixava atrás de si uma vida extremamente aventureira de paixões sucessivas e uma obra poética de beleza imorredoura. Perante o seu cadáver, Byron pôde dizer com perfeita sinceridade: «O melhor, o menos egoísta de quantos homens me foi dado conhecer!»

Da «Ode ao Vento Oeste», numa versão do Prof. Herculano de Carvalho, inserida em **Musa dos Quatro Idiomas**, transcrevemos a poesia seguinte:

Fosse eu folha mortal que pudesses levar,  
Fora nuvem veloz para voar igo,  
Onda que palpitasse em ti, a alhar

Teu forte impulso e fora apenas menos livre  
Que tu, ó indomável, pudesse eu  
Ser novo ainda e ter como já tive

Força para te seguir em teu vaguear no céu,  
Quando exceder-te em velocidade pelo ar  
Não parecia ilusão; nunca seria eu

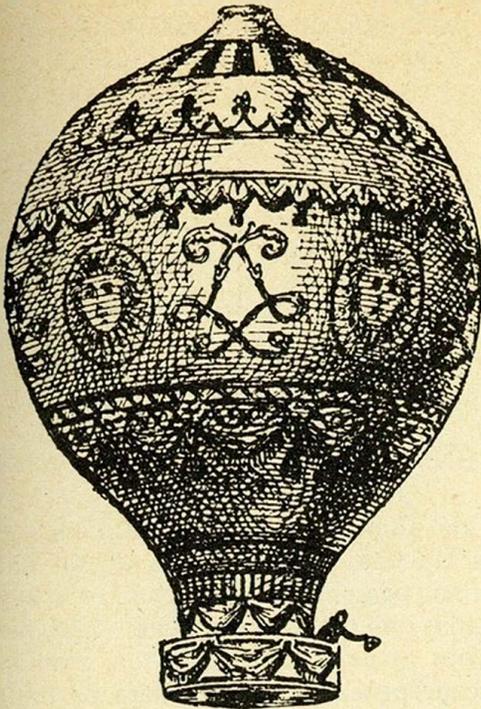
Miserável, e assim teu poder implorar!  
Qual folha, nuvem, onda, ó vento pega em  
[mim!

Nos espinhos da vida caio. Ando a san-  
[grar!

Um fardo de horas más vergou e traz cativo  
Alguém que é como tu: indómito e altivo.

### EXPEDIÇÃO PORTUGUESA À ETIÓPIA

9 de Julho de 1541. Parte de Massuá, onde ancorara a frota de D. Estêvão da Gama, uma expedição de quatrocentos homens comandados pelo irmão daquele, D. Cristóvão, com a intenção de ajudarem a rainha Sambla, da Etiópia, contra os muçulmanos. Cristã, embora não obedecesse à Igreja Romana, a rainha invocava as atrocidades do irmão de Zeila contra os cristãos e, servindo-se do prestígio mais ou menos lendário do Preste



## *julho* *através* *dos tempos*

João junto dos portugueses, procurava vencer assim as grandes dificuldades do seu reinado. Embora o irmão de Zeila tivesse prevenido os portugueses contra os ardis daquela «fraca mulher», os nossos sentiam-se obrigados a partir. A história desta expedição é a história dramática de uma terrível viagem através de caminhos desconhecidos sob um sol ardente, ou através de altas e perigosas montanhas, difíceis e profundos rios. As oito peças de artilharia que levavam dificultavam-lhes a marcha. Por outro lado tinham de se bater contra exércitos muito mais poderosos.

Reuniram-se os portugueses à rainha e invernaram, depois de muitas vezes terem batido o inimigo, na serra de Ofla. Entretanto o irmão de Zeila recebeu o auxílio de novecentos turcos e em 28 de Agosto de 1542, acabado o Inverno, travou-se um combate, tendo dele saído muito ferido D. Cristóvão, que acabou por ser aprisionado e degolado pelos homens do irmão Ahmad, tinha então vinte e dois anos de idade.

A morte do filho de Vasco da Gama não significou o fim da expedição portuguesa, que acabou por desafrontar a memória de D. Cristóvão, vencendo completamente o irmão de Zeila (que foi morto).

### PARTIDA DE VASCO DA GAMA

8 de Julho de 1497. Parte a armada portuguesa com destino à Índia. Era composta de quatro navios e comandada por Vasco da Gama, que levava Pêro de Alenquer como piloto, tal como havia sucedido a Bartolomeu Dias. Os navios haviam ancorado em frente da Igreja do Restelo e Vasco da Gama e os seus companheiros velaram nessa igreja a noite de 7 de Julho.

«Ao seguinte dia, que era sábado 8 de Julho, por ser dedicado a Nossa Senhora, e a casa de muita romagem, assim por esta devoção como por se irem despedir dos que iam na armada, concorreu grande número de gente a ela. E, quando foi ao embarcar de Vasco da Gama, os freires da casa, com alguns sacerdotes que da cidade lá eram idos dizer missa, ordenaram uma devota procissão, com que o levaram ante si nesta ordem: ele e os seus, com círios nas mãos, e toda a gente da cidade ficava de trás, respondendo a uma ladainha que os sacerdotes diante iam cantando, até os porem junto dos batéis em que se haviam de recolher. Onde, feito silêncio, e todos postos em joelhos, o vigário da casa fez em voz alta uma confissão geral, e no fim dela os absolveu (...). No acto foi

tanta a lágrima de todos, que neste dia tomou aquela praia posse das muitas que nela se derramam na partida das armadas que cada ano vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir: de onde com razão lhe podemos chamar praia de lágrimas para os que vão e terra de prazer aos que vêm. E quando veio ao desfaldar das velas, que os mareantes, segundo seu uso, deram aquele alegre princípio de caminho, dizendo «boa viagem!», — todos os que estavam prontos na vista deles com uma piedosa humanidade dobraram estas lágrimas e começaram de os encomendar a Deus, e lançar juízos segundo o que cada um sentia daquela partida. Os navegantes, dado que com o fervor da obra e alvoroço daquela empresa embarcaram contentes também, passado o termo do desferir das velas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos, e lembrando-lhe que sua viagem estava posta em esperança, e não em tempo certo nem lugar sabido, assim os acompanhavam em lágrimas como em o pensamento das coisas que em tão novos casos se representavam na memória dos homens. Assim que uns olhando para a terra e outros o mar, e juntamente todos ocupados em lágrimas e pensamento daquela incerta viagem, tanto estiveram prontos nisso até que os navios se alongaram do porto.» (João de Barros, Década I, Livro IV, Cap. III).

Teria sido então que — segundo Camões —

...hum velho d'aspeito venerando  
Que ficava nas praias entre a gente

C'um saber só de experiência feito  
Tais palavras tirou do experto peito.

Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama,

Dura inquietação d'alma e da vida  
Fonte de desamparos e adultérios,  
Sagaz consumidora conhecida  
De fazendas, de reinos, e de impérios!  
Chamam-te ilustre, chamam-te sabida,  
Sendo digna de infames vitupérios,  
Chamam-te Fama e Glória soberana  
Nomes com quem se o povo néscio engana.

A que novos desastres determinas  
De levar estes reinos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinas  
Debaixo d'algum nome preminente?  
Que promessas de reynos e de minas  
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometeras, que histórias?  
Que triumphos, que palmas, que vitórias?

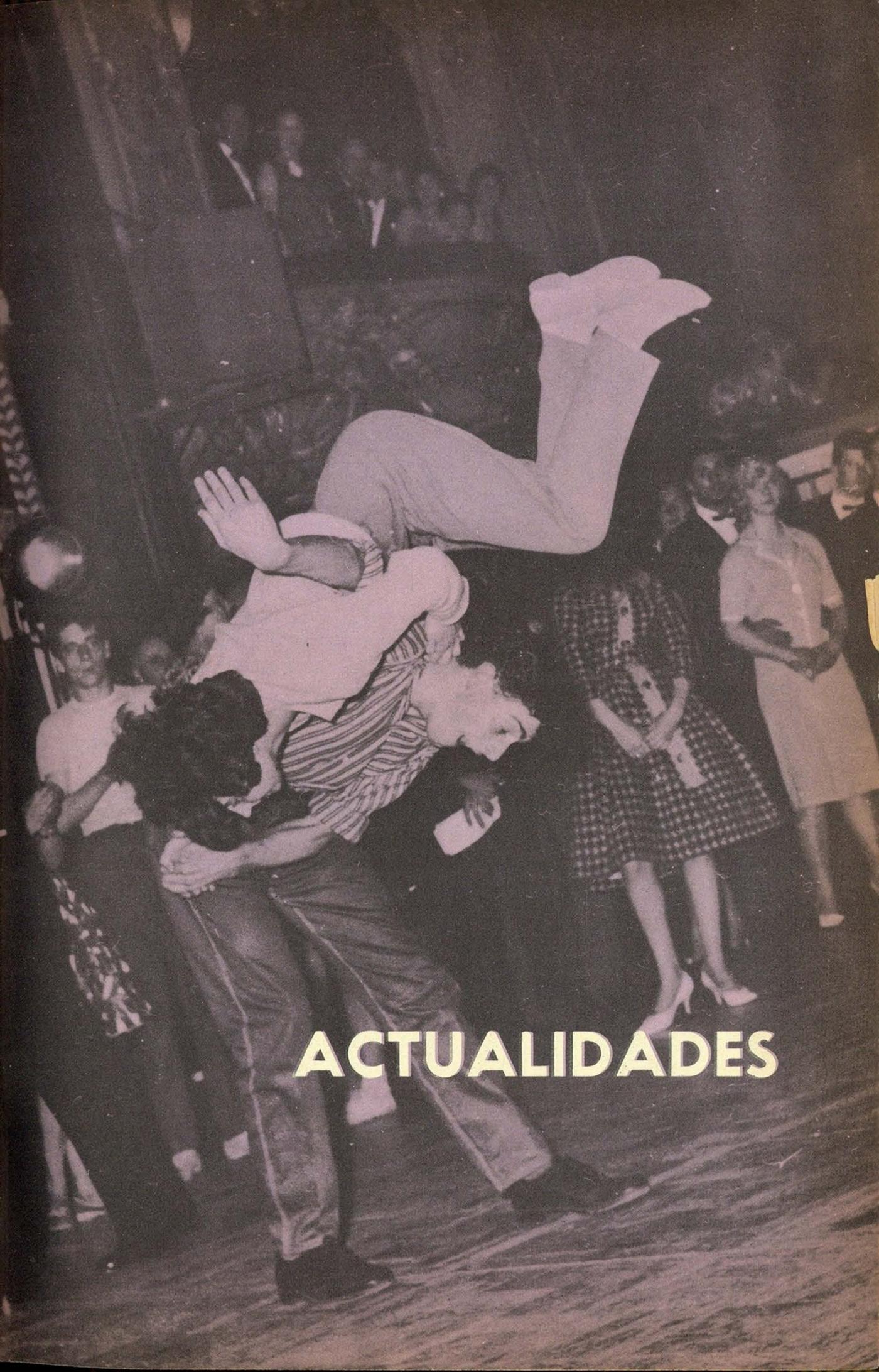
Ó maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vela pôs em seco lenho!

## RUBENS

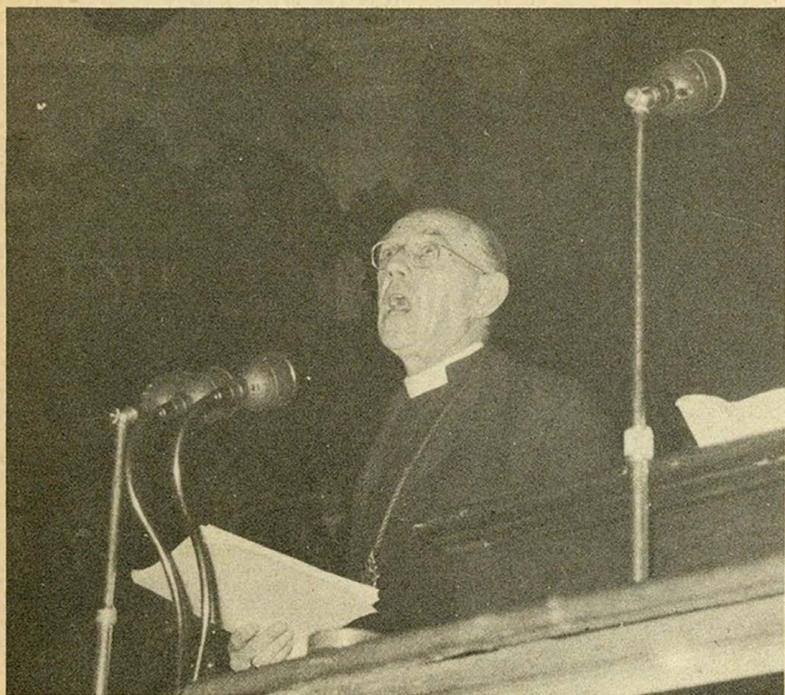
29 de Julho de 1577. Nasce Pedro João Paulo Rubens, o mais famoso pintor da escola flamenga. Pintor apaixonado de figuras femininas que não correspondem exactamente ao gosto actual. Rubens deixou escritas as suas concepções acerca da beleza da mulher: Segundo ele e de acordo com Platão «o círculo predomina na forma da mulher».

«O círculo e a forma arredondada são os elementos primitivos, causa e princípio de toda a beleza feminina, do mesmo modo que no homem o cubo e o quadrado são os elementos da sua força, grandeza e volume. Os elementos da figura humana são muito diferentes no homem e na mulher; no homem todos os elementos tendem para a perfeição como acontece com o cubo e o triângulo equilátero; na mulher, pelo contrário, tudo é mais frágil e pequeno. De onde resulta que a perfeição na mulher é menor, mas a elegância das formas é maior: em vez de um cubo encontramos nela um paralelogramo rectângulo de lados desiguais; em vez de um triângulo, uma pirâmide; em vez de um círculo, um oval. Inere-se de tudo isso que, quanto à perfeição das formas, a mulher ocupa o segundo lugar logo a seguir ao homem e está mais dependente do que ele da predestinação: a forma do homem não sugere qualquer outro animal, ela repousa sobre princípios autónomos: a ideia da beleza do homem é perfeita, provavelmente semelhante àquela que existiu primitivamente em Adão e em Cristo».

Em termos menos esotéricos diz Rubens que os pintores devem providenciar no sentido de que a mulher «de acordo com o seu elemento primitivo, que é o círculo, seja arredondada, delicada e flexível, completamente ao contrário da forma robusta e viril».



# ACTUALIDADES

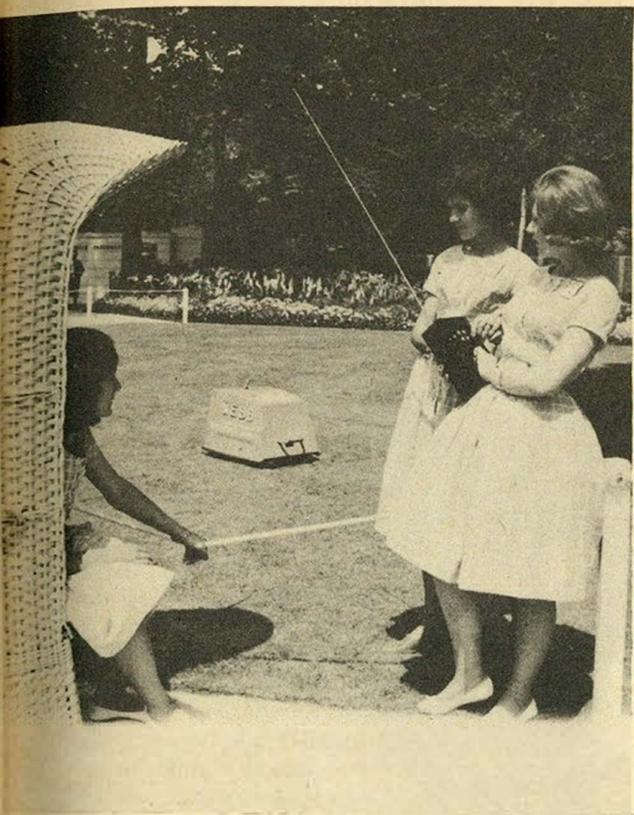


Na página anterior: Os campeões ingleses de «Rock'n' Roll» são Eric Winward e Sheree Bates de Bolton. Ganharam numerosos prémios e foram à final com mais 23 pares. Assim vai o mundo

Numa reunião pública no Center Hall de Londres, perante 2.700 pessoas, o Dr. Ambrose Reeves, Bispo de Joanesburgo, que se refugiou em Inglaterra para evitar ser preso, relata a actual situação na União Sul-Africana e a necessidade de pressões exteriores para terminar com as escandalosas medidas de segregação racial

A Emissora Nacional turca, tomada pelos revoltosos em Istambul. Um Pronunciamento militar pôs finalmente cobro naquele país ao governo autocrático e impopular do Dr. Menderes





O «Jardim de Amanhã». Em exposição nos jardins de Luxemburgo, em Paris, vários aparelhos destinados a facilitar a jardinagem futura. Aqui podemos apreciar um cortador de relva teleguiado

Aqui foi uma casa. Mãe e filha procuram, nos escombros, objectos familiares que a destruição não tenha atingido. A povoação chamava-se Puerto Monte. O país é o Chile

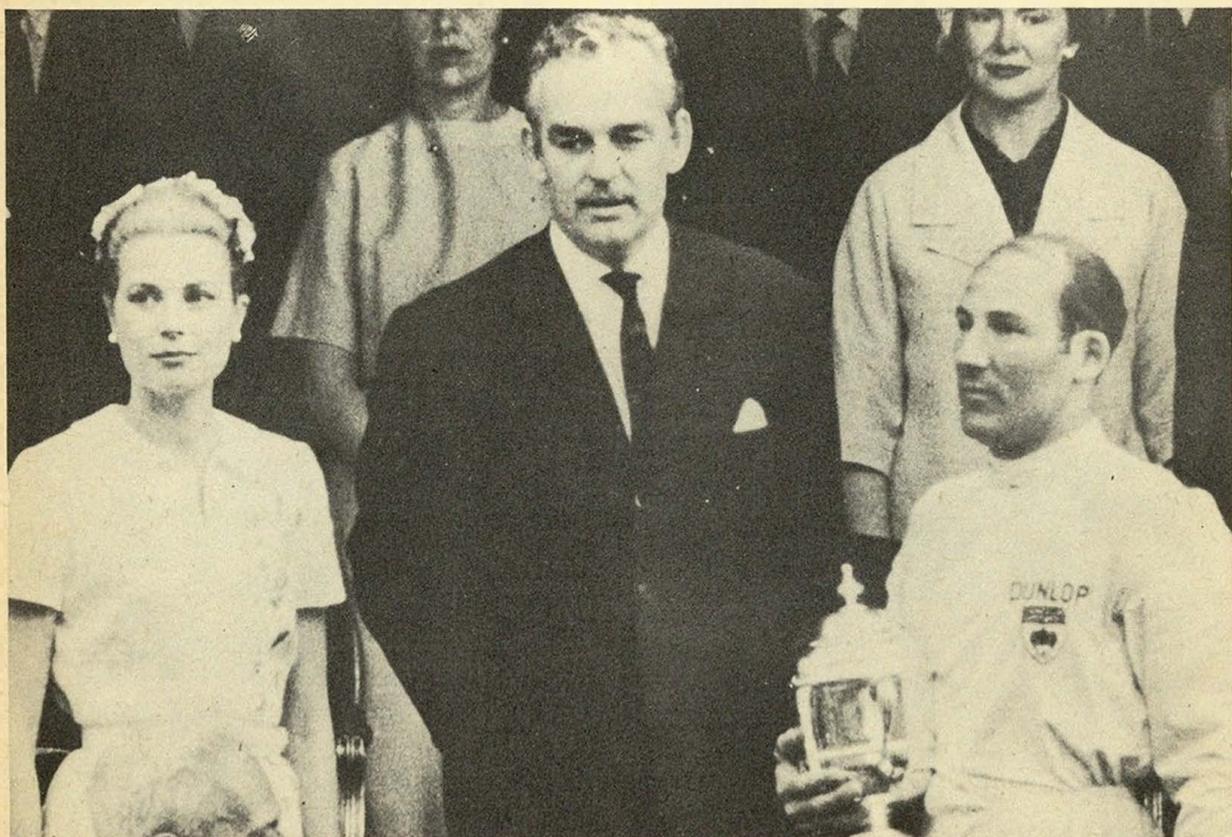




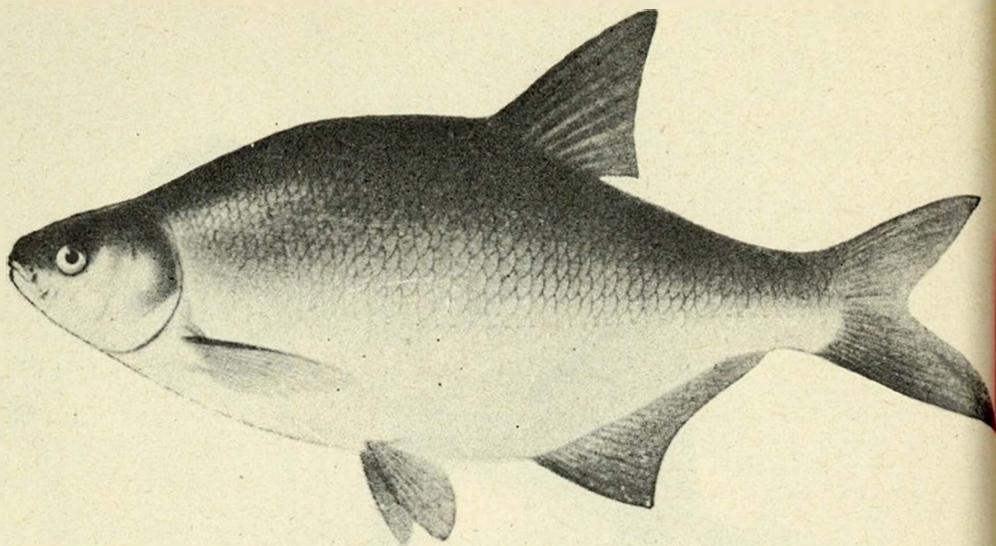
Sophia Loren numa cena do filme «Os Milionários» que está a ser rodado actualmente em Londres. Enquanto decorrem as filmagens, gatunos não identificados ainda, entraram na residência da actriz e roubaram jóias no valor de cerca de 15.000 contos. Tendo nascido pobre, Sophia, através de poucos anos de actividade cinematográfica, conquistou com o suor do seu corpo uma considerável fortuna

Stirling Moss, vencedor do «Grande Prémio de Mónaco», depois de ter recebido a respectiva taça das mãos do príncipe Rainier. Só 4 concorrentes, de 16 à partida, concluíram a prova, uma das mais difíceis do Campeonato do Mundo de Condutores

Nancy Walters, uma das esperanças da «Metro-Goldwyn-Mayer», deseja aos leitores do «Almanaque» umas férias felizes







Julho, como todos os meses quentes, é para os pescadores, regra geral, mais um pretexto para pôrem, perante si mesmos, à prova a sua inquebrantável «afición», do que um período para a colheita de grandes números.

No entanto, dando continuidade à teoria das regras e excepções, devemos considerar que, se é certo que na maior parte dos dias deste mês de calores e suadouros os «pobres» pescadores se sentem derreter, ansiando bem mais por uma sombra ou por meia dúzia de copos de cerveja geladinha do que por pescar, não menos certo é que naqueles poucos dias que constituem a consoladora excepção, esses mesmos pescadores, de nenhuma forma «pobres» nessas alturas, se podem desferrar à larga das limitadoras agruras da estival canícula.

Quer no rio, quer no mar, a regra é peixe miúdo.

Às rochas limosas, ou marisqueiras, pasto de sargas, russadas e tainhas, campo de caça das bailas e robalos, ocorre diariamente um interminável cortejo de comilões.

Mais perto ou mais longe, consoante as sollicitações da fome, as transferências da água e a força do mar, assim se quedam por vezes

sem se atreverem deliberadamente a iniciar o apetecido festim.

É a altura propícia de atraí-los com os mais variadíssimos engodos, mais ou menos excitantes, pondo-os em ponto de rebuçado para pegar no isco que hábilmente se lhes apresenta.

E às vezes... (nestas andanças da pesca há horas do diabo...) às vezes acontece que de mistura com essa arraia-miúda se apresenta algum famélico «grão-senhor» (comilão como todos os grãos-senhores) que se atira ao isco e nos faz viver belos momentos de luta e de emoção.

Um robalão, uma dourada, um pargo, uma anchova ou até mesmo uma corvina são **acidentes** que por vezes acontecem nesses prosaicos pesqueiros feitos mais para a «baía» e para, o «sentir» do que para quaisquer outras andanças.

Nas praias já o caso muda de figura. Um lançamento feliz pode colocar a isca ao alcance de algum respeitável cação, dourada ou corvina, que apanhados em aparelhagem média, poderão dar jus a meia dúzia de olímpicas fotografias.

# pesca

## **julho** **mês de banhocas** **e minhocas**

É aí que os «ases da sarrafada», aqueles para quem pescar se limita ao «atira e põe-te à espera» com o seu famoso 0,60, mais próprio para estender roupa do que para qualquer outra coisa, e uma cana que parece feita por medida para saltar à vara, passam por vezes dias e dias a fio dando azo a que os «mirones» possam dizer, com mal contido desdém: «para esta coisa da pesca o que é preciso é ter paciência».

Para os lançados, ligeiro, médio ou pesado, o mês de Julho pode sem favor considerar-se francamente desfavorável.

Na maior parte das costas o limo solto, grande e miúdo, é uma praga que muitas pragas faz rogar àqueles em quem a ligeireza da língua ultrapassa por vezes a barreira da decência.

E creiam que chega a fazer raiva sentirmos que o peixe anda ali. Veremos que o peixe anda por acolá... E nada sermos capazes de pescar ali ou acolá pela simples razão de que as nossas hélices, colheres, «devans» ou quaisquer outras ferragens não giram nem zaragateiam, completamente tolhidas pela li-malhada.

De barco, ao largo, onde os mares são fundos e os ares são arejados, onde o balanço mole adormenta e a reverberação do sol nas águas espelhentas nos faz semicerrar os olhos num esforço para não lacrimejar, podemos ter a dita de ver, sem grandes benemerências da sorte, esqualos e espadins, espadartes e atuns pavoneando-se indolentes nas ondulações calmas desses dias de calor.

E se bem que em 99,9 por cento desses dias nada de extraordinário aconteça, é sempre de tentar «tentar» tais brutos, que poderão tornar-se na causa de uma perda de voz, de uma gaguez precoce, de um ataque cardíaco, ou até mesmo de uma notícia mais ou menos estropiada em dois ou três jornais diários em que as adjectivações serão usadas à larguinha.

Mas quer na rocha, quer nas praias, quer ao largo, sem preocupações de nos intrujarmos a nós mesmos, o que é bem pior do que exagerar o tamanho dos peixes, teremos quase sempre de acabar concordando que o melhor da pesca geralmente foi a banhoca, o almo-cinho ou a deliciosa caldeirada... feita com peixe comprado.



## PESE TAMBEM AS VANTAGENS QUE LHE OFERECEM OS PRODUTOS MOBIL

Para maior prazer das suas pescarias...  
maior segurança na estrada ou na água...  
utilize os produtos MOBIL que assegura-  
rão ao motor do seu carro ou barco:

- FUNCIONAMENTO IMPECÁVEL
- PROTECÇÃO CONTRA O DESGASTE
- MÁXIMO RENDIMENTO
- ARRANQUES MAIS RÁPIDOS

EM RESUMO: VIDA MAIS LONGA PARA O SEU MOTOR



PRODUTOS DA MAIS ALTA QUALIDADE

3135

# flos-sanctorum

## SANTA COMBA

Em distância de um quarto de légua da cidade de Coimbra, para a parte do Norte, em um fresco e aprazível vale, coberto e cercado de muitas quintas, pomares e olivais, quase junto ao real Mosteiro de Celas, está uma ermida de grande devoção e concurso de gente. Veneram nele Santa Comba, virgem e mártir, com romarias e novenas, principalmente às sextas-feiras, em que mandam dizer muitas missas, e outras devoções que o povo cristão costuma fazer aos Santos que tem por advogados em suas necessidades. A tradição constante que o povo daquela cidade tem é que Santa Comba foi de ilustre geração e prosápia, filha de um conde ou régulo da Lusitânia, ainda que de nação tudesco, e de mãe portuguesa, da antiga Coimbra, e que padecera martírio de cruz pela guarda da fé e castidade, por mandado de um príncipe gentio, o qual a pedira ao pai para esposa sua.

É pois de saber que um capitão de algum troço de alemães dos que em tempo do imperador Gallieno entraram a roubar Espanha, se apoderou da antiga Coimbra e, entre os despojos que dela tirou, foi um deles certa portuguesa de ilustre geração e de tanta formosura que foi bastante a render o coração do gentio e a obrigá-lo a que de cativa a elege-se por legítima mulher, naturalizando-se na terra cujo domínio teve alguns anos. Correndo o tempo, sentiu-se prenhe esta senhora, com grande alegria do marido, que, esquecido da terra em que nascera, desejava naturalizar-se em Portugal, para conservar em seus descendentes o senhorio que possuía. Chegado o tempo do parto, teve aquela senhora

uma filha, a qual por ocasião de alguma doença causada do parto, ou por outra causa que a antiguidade ocultou, ou porque a Divina Providência assim o ordenava, deu-a seu pai a criar fora de casa a uma mulher nobre e casada, que a criou e teve em seu poder alguns anos: e porque era cristã, a fez baptizar em segredo com o nome de Comba, e lhe ensinou a fé que professava.

Cresceu com a idade na Santa menina tanto a graça com que o Espírito Santo a enriquecia, que, ornada com os dons do Céu, pondo sua vontade e pensamentos na mão de Deus, se fez muito devota, gastando o tempo em contínuas orações e vigílias e consagrando sua virgindade ao mesmo Senhor. Publicou-se neste tempo nas terras do império um édito do imperador Aureliano contra os cristãos; e o régulo pai de Santa Comba levado ou da superstição gentílica a que era dado, ou por comprazer ao imperador de Roma, ou por outra razão oculta, mandou publicar o mesmo édito naquela sua cidade e nas mais do seu domínio ameaçando com pena de morte aos professores da lei de Cristo; e andando os fiéis atemorizados com as rigorosas penas da lei, Santa Comba se alegrava muito, vendo que se lhe oferecia ocasião de derramar o sangue pela honra e amor de seu Divino Esposo, e com fervorosas lágrimas e orações, lhe pedia esforço para sofrer os tormentos do tirano pai, o qual, sabendo que a filha era cristã, e tendo para si que faria grandes serviços aos ídolos e seria sempre propício ao imperador, a chamou um dia e lhe disse: «Tenho alcançado, filha minha, que sem licença ou consentimento segues a supersti-

ciosa lei dos cristãos, que a ama, a quem por erro e ignorância minha te entreguei para te criar, te ensinou: e para que te possa chamar verdadeiramente filha, convém que não desdoires os dons de que te adornou a natureza, com o nobre sangue que herdaste de teus progenitores. Não queiras que me inveje agora alguma sorte contrária o contentamento de te ter por filha, nem permitas que para o ter perfeito me falte da tua parte o que como pai te peço, e é que, deixada a vaidade cristã, em que te criou tua ama, sigas a veneração dos deuses que adoram os imperadores romanos e a maior parte do mundo; e querendo esposo, to darei de sangue real, qual convém à tua nobreza; e quando te contente mais o estado virginal, te consagrarei ao serviço da deusa Vesta, e poderás deste modo conservar em ti a vida e em mim o gosto e honra, que perderei juntamente quando suceda outra coisa diferente do que espero». «O nome de pai e a obediência que como filha vos devo», respondeu Santa Comba, «me fazem desejar condescender com o vosso desejo, e o fizera em tudo o mais que não fora desamparar a lei e o amor de Jesus Cristo, a quem, como verdadeiro Deus e Esposo meu, tenho sacrificado minha vida e alma, esperando em satisfação, não as riquezas da terra, nem os reinos sujeitos a qualquer mudança da fortuna, mas um império onde o tempo são eternidades, os tesouros infinitos, o descanso livre de sobresaltos e a glória qual entendimentos humanos não podem alcançar. E como os ídolos que vós honrais, e me mandais venerar, sejam uns tronos sem vida, incapazes de dar castigo nem prêmio a seus adoradores, fora muito mais justo que, conhecendo vós a vaidade da sua veneração, vos convertêsseis, como prudente, ao verdadeiro conhecimento de um só Deus, que a troca deste pequeno senhorio que gozais, vos pode dar outros reinos da sorte que já ouvistes, em vez de persuadir-me com tanta eficácia a cair na mesma cegueira adorando estátuas de homens mortais e pecadores».

Indignou-se muito o pai com esta resposta tão determinada da filha: e parecendo-lhe que acabariam ameaças o que não podiam branduras, lhe jurou por Júpiter que, se não tomava seu parecer e sacrificava aos deuses, deixaria a brandura de pai e a faria morrer com tormentos esquisitos. Mas, vendo-a receber este ameaço com sinais de alegria, di-

zendo que estimava mais o martírio padecido por Cristo que os reinos da terra oferecidos pelo negar, mudou o rigor em brandura, dando-lhe algum tempo para se deliberar, crendo que, como era moça, se iria mudando desta opinião com o que visse e lhe dissessem, e se poderia evitar sua morte.

Retirada a Santa donzela da presença do pai, se pôs em oração a Deus que lhe desse constância nesta batalha e inspirasse o modo mais proveitoso para a sua alma e consciência. No fim da oração assentou consigo que, por não dar ocasião a que o mesmo pai que a gerara fosse ministro do seu martírio, lhe convinha ausentar-se daquela terra, confiando que, como a perseguição era geral por todas as partes de Espanha, não faltaria em qualquer terra a que chegasse quem, pela confissão da fé, lhe tirasse a vida: e pondo em execução o que tanto desejava, fugiu da casa de seu pai. Mas, sendo achada pelos que o pai mandou em seu alcance, tornou à sua presença; e depois de a tentar, ora com rigores, ora com branduras, vendo que nada bastava para mudar seu ânimo, que estava firme na santa fé que professava, resolveu-se a dissimular, por não perder sua filha, entendendo que o tempo a desenganaria: e assim teve a Santa virgem lugar de se dar à contemplação e obras de caridade, fazendo da casa de seu pai deserto para seu espírito, onde tinha muitas particulares consolações e favores do Céu.

Neste tempo veio um mancebo, filho de um príncipe gentio, pedir para esposa a Santa donzela; e vendo o pai quão bem lhe estava este casamento, tratava de lha dar. Entendendo a Santa virgem a deliberação do pai, e vendo e considerando o perigo que corria seu santo propósito se o casamento se efectuasse, recorreu a Deus, pedindo-lhe com muitas lágrimas e affecto da alma remédio para esta tributação; e inspirando-lhe o Senhor que saísse de casa, se pôs a caminho: e chegando ao lugar onde agora está a cidade de Coimbra, que todo era mato bravo, se escondeu ali por alguns meses, esperando que passasse a primeira fúria dos que a buscassem para então fazer sua jornada a terras mais remotas. Achou neste sítio uma gruta que ainda se vê junto da sua ermida, da parte de fora, na qual entrou e habitou, e nela se abriu milagrosamente uma fonte de água. Ali lhe depa-rou Deus uma pastorinha, que por aqueles

matos apascentava um rebanho de ovelhas, a qual lhe ministrava o necessário para a sua sustentação.

Grande foi a mágoa do pai sabendo a retirada da filha; mas a daquele príncipe, que a pretendia por esposa, excedeu a tudo; porque quanto eram maiores as esperanças em que o tinha posto a promessa do pai, tanto mais insofrível lhe foi a perda delas, e com a força desta dor quisera seguir-lhe o alcance, se o pai lho não impedira; porque conhecendo a constância da filha, e vendo a indignação do mancebo, entendeu o pouco fruto que se podia tirar desta jornada. E mandando pessoas de sua casa, que estranhassem à filha o modo da sua partida e a persuadissem a aceitar o esposo e deixar os pensamentos de cristã que a traziam alienada do respeito que devia a seu estado, fez com que o príncipe suspendesse a partida até os seus mensageiros tornarem com a resposta. Vendo, porém, que tornavam sem a filha, nem sinal algum onde estivesse, chamou o príncipe e lhe disse: «Eu vos aceitava por filho conhecendo quão bem empregadas estavam minhas riquezas em vossos merecimentos; mas a mulher que vos prometia, esquecida do muito que interessava em vossa pessoa e da obediência que me devia como a pai, enganada por uns cristãos que a criaram, me nega a mim de pai e a vós de esposo: creio que nem com perder a vida a mudarão deste intento: pelo que se o amor vos obrigar a fazer mais diligências para a alcançar, segui o que ele vos ditar; e se porventura o seu desprezo trocou o vosso amor em ódio, e guiado dele pretendeis vingança, em vossa mão está tomá-la da maneira que quiserdes sem por ela ficarmos inimigos; antes, tirando-lhe a vida, me dareis quietação à minha, por não sentir a mágoa de quem a não tem de minha honra.»

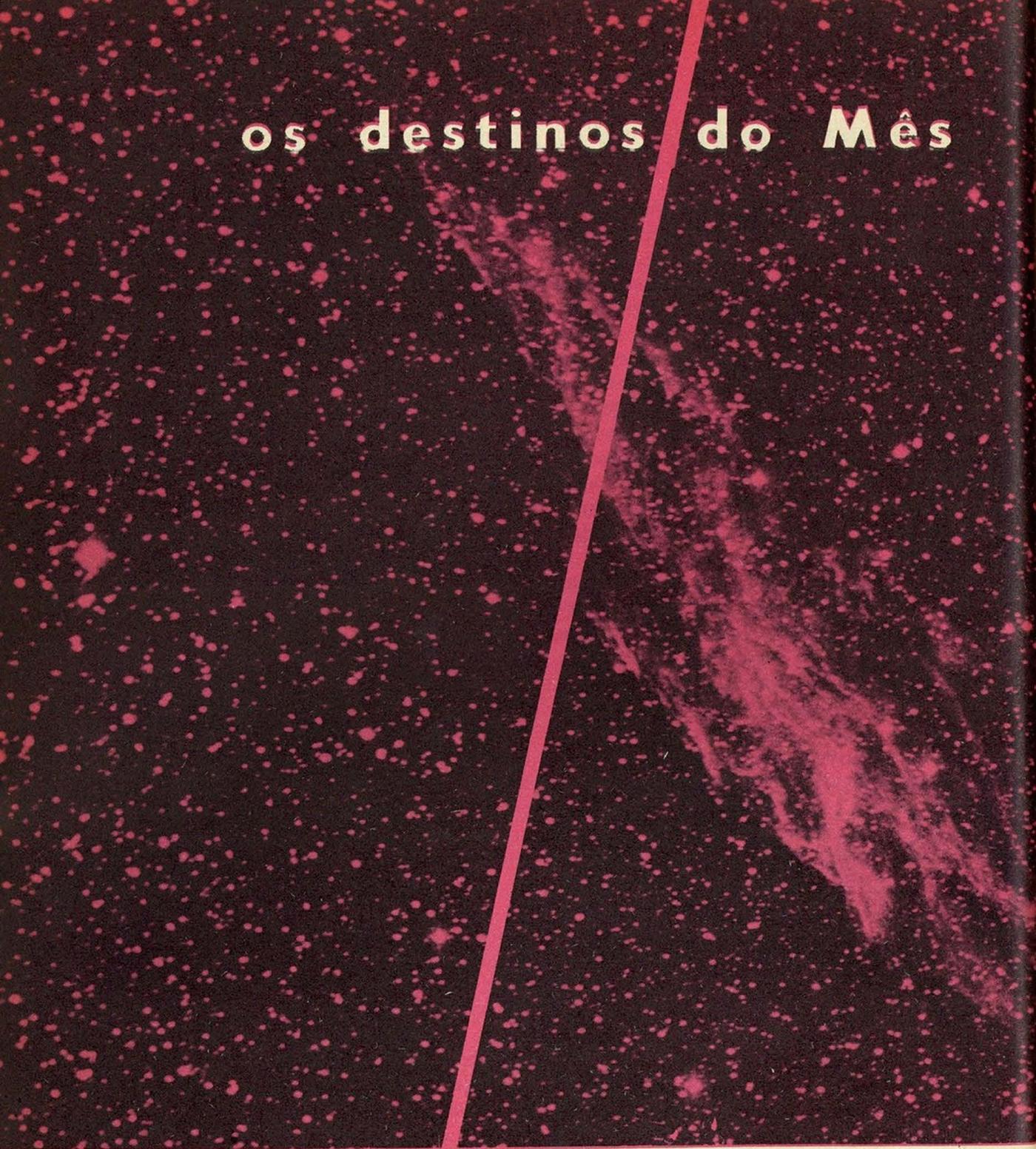
Com esta licença chamou aquele príncipe gentio seus criados e ardendo em cólera partiu com eles em seguimento de Santa Comba, não para a obrigar com rogos, como dantes fazia, mas para se vingar da afronta que sentia em se ver desprezado dela; e penetrando os mais espessos matos do sítio que agora é Coimbra, e alcançando indícios de estar ali escondida a serva de Deus, lhe mandou pôr o fogo, para que saísse deles, ou fosse queimada. Ateando-se o fogo pelo mato, passou por cima da cova onde a Santa estava em fervorosa oração, mais abrasada no fogo do

divino amor e lhe não lhe fez mal algum, mas ficou descoberta e foi achada do tirano príncipe. Então pediu a Santa virgem a seu divino Esposo que lhe mudasse sua formosura, de modo que, ou não fosse conhecida, ou causasse ao tirano ódio e aborrecimento, em lugar do amor que dantes lhe tivera, para que tratasse antes de lhe tirar a vida, por meio do martírio, que violar sua castidade. Concedeu-lhe o Senhor o que pedia; e vendo-a o tirano tão disforme e feia, lhe tomou tão grande ódio que, não tratando já mais que de lhe dar a morte, a mandou açoitar cruelmente, e depois crucificar em uma árvore, que a tradição tem por oliveira, com os pés e mãos atados em aspa aos ramos dela; e ajuntando a coroa da pureza virginal à preciosa auréola do martírio, deu sua pura alma a seu divino Esposo a 20 de Julho.

O corpo da gloriosa virgem Santa Comba foi depois achado milagrosamente daí a muitos anos naquele mesmo lugar do seu martírio, por um Santo abade e seus monges, que se chamavam de Santa Maria da Caridade, da Ordem do Patriarca S. Bento de Cluny, os quais viviam na igreja de Santa Justa, dos arrabaldes de Coimbra, e tinham sua habitação na claustra daquela igreja. Viram pois aqueles santos religiosos algumas noites um resplendor claro e formoso em forma de raio de fogo que chegava do Céu àquele bosque em que ela estava sepultada. Admirados do caso rogaram ao Senhor que lhes mostrasse a causa daquela luz e o que significava: e observando o lugar onde ela terminava e examinando-o com diligência, acharam o santo corpo e o trouxeram com muita devoção e respeito para a sua igreja, onde o colocaram em lugar alto e decente, e o veneraram dali em diante.

Estes santos monges, pelo decurso do tempo se vieram a extinguir, sucedendo-lhes na Igreja e Mosteiro de Santa Justa cónegos regulares com seu abade, que viviam em comum, conforme a regra e hábito de Santo Agostinho, os quais pouco depois da feliz morte do glorioso padre S. Teotónio, sendo bispo de Coimbra D. Miguel, que foi cónego regular do Convento de Santa Cruz, intervindo sua autoridade, deram e trasladaram o corpo da gloriosa Santa Comba para a igreja daquele real Mosteiro, e foi colocado na parede da nave direita da mesma igreja. Fez-se esta transladação pelos anos de 1170.

# os destinos do Mês



## o signo do caranguejo

pelo Prof. Carlos Radini

Ocupando a quarta casa solar da roda zodiacal, o signo do **Caranguejo** ou **Cancer** é simbolizado por aquele crustáceo tendo no dorso a letra grega Omega ( $\Omega$ ) significando o fim.

A legenda do signo é: «Pela Pátria e pela Família». Segundo a mitologia romana, o caranguejo está no Zodíaco em honra de Hércules. Sendo o caranguejo um atributo de Juno, lançou-o contra Hércules quando este combatia a Hydra de Lerna. Mordido num

pé pelo caranguejo, Hércules matou-o e Júpiter colocou-o na faixa zodiacal lembrando a esposa e o lar que Juno queria proteger.

Na tradição egípcia simboliza a ideia de refúgio e protecção. Os hebréus atribuem-no à tribo de Isaac. Em resumo: o signo do Caranguejo dá àqueles que nasceram sob os seus auspícios tendências para evoluir de acordo com os acontecimentos que se apresentem no futuro, por vezes de forma inconsciente, incitando as mulheres a serem boas mães e amigas do lar; porém, os seus argumentos lembram a **dentada que Hércules sofreu**, podendo considerar-se isto como uma deformação inconsciente do passado.

O **Caranguejo** é governado pela Lua, onde tem o seu domicílio. Tem Júpiter em exaltação, Marte em queda e Saturno em exílio.

Pela astrologia tradicional, o primeiro decanato (de 22 de Junho a 1 de Julho) era governado por Vénus; o segundo (de 2 a 11 de Julho) por Mercúrio; o terceiro (de 12 a 23 de Julho) pela Lua — portanto os nativos do terceiro decanato sofriam dupla influência da Lua.

Na moderna astrologia, denominada científica, os governantes dos decanatos são assim distribuídos: o primeiro, atribuído à Lua; o segundo, a Marte e Plutão; o terceiro, a Júpiter e Neptuno. Isto porque se encontram relacionados na emanação a que pertencem também **Escorpião** e **Peixes**, governados respectivamente por Marte e Plutão, Júpiter e Neptuno.

O **Caranguejo** pertence à emanação água, é feminino, móvel, nocturno, mudo ou tortuoso, fecundo e cordial. As cores: branco, claras e, também, o preto. Pedras preciosas: topázio, esmeralda, pedra-da-lua. Metal: prata. Animais: cisne, gato, coelho, vaca, crustáceos, caracóis, rã. Perfume: íris (lírio). Flores e plantas: nenúfar, belas-de-noite, lírio, papoilas, chá, tabaco. Números: 2-3-8-9. Dias favoráveis: 2.<sup>as</sup> e 5.<sup>as</sup>-feiras. Dias menos favoráveis: 3.<sup>a</sup>-feira e sábado.

**Características gerais:** — As pessoas de **Caranguejo** são, em geral, passivas, versáteis, afectuosas, por vezes indolentes, taciturnas, imaginativas, sensitivas, impressionáveis, possuindo a vagabundagem mental que é o dom próprio do planeta regente: o astro nocturno.

As qualidades são grandes pois podem aliar à assimilação a paciência e a bondade, apesar das tendências para o sonho e a fantasia.

De temperamento linfático e frio, predispondo a perturbações de olhos, garganta e ventre; à anemia, males da bexiga e também dificuldades psíquicas e cerebrais.

O carácter é sombrio e inconstante; por isso é raro que um **canceriano** se eleve a uma situação fixa, a menos que a profissão que exerça permita a instabilidade. Geralmente vivem ao sabor da «chance», porém, vegetarão se não forem afortunados.

As mulheres assinaladas por **Caranguejo** são quase sempre caprichosas, amorosas e devotadas, mas raramente satisfeitas.

## DECANATOS

1.º — Natureza sensível, sonhadora mas ambiciosa e amante da aventura. Espírito vivo, senso artístico muito desenvolvido e passional (de 22 de Junho a 1 de Julho);

2.º — Carácter impulsivo, tenaz com tendências ao exagero, à curiosidade, à ironia e à pretensão (de 2 a 23 de Julho);

3.º — Natureza impressionável mas com a idade virá o autodomínio. O carácter é hospitaleiro. Por outro lado, podem possuir tendências a susceptibilidades, a vagabundagem mental, a sonhos e à boémia. Muitos têm gosto pelas ciências ocultas. Pelas coisas misteriosas ou fantásticas.

## DESTINO

**Cancer** promete circunstâncias favoráveis à actividade escolhida, permitindo mesmo uma existência fácil a quem consiga dominar a natural timidez e as faculdades de mutação.

## PROFISSÃO

Os homens têm oportunidade em assuntos relacionados com a água, como marinheiros, etc., e também como viajantes, indústria hoteleira, comerciantes, ou melhor industriais, médicos, pintores, fotógrafos, cineastas, artistas, jardineiros, poetas, noctâmbulos, caçadores, etc.

As mulheres como enfermeiras, artistas e em obras femininas e sociais costumam alcançar notório relevo.

Sob a égide de **Caranguejo**, entre muitos outros, nasceram, Ascari, Charles Laughton,

Pierre Benoit, Eduardo Herriot, Pearl Buck, Marcel Cerdan, Gina Lollobrigida, Amália Rodrigues, etc.

### HOMENS DO SIGNO DE «CARANGUEJO»

De natureza tímida, são altivos, independentes e voluntariosos mas generosos. Podem alcançar êxito se persistirem no que começaram. A indústria e as artes são-lhes mais favoráveis que o comércio pròpriamente dito. O acaso conta em muito no decorrer da existência, tanto para bem como para mal. Impressionáveis, devem escolher cuidadosamente as amizades.

## astrologia

pelo **Prof. Carlos Radini**

### ASPECTO GERAL DO MÊS DE AGOSTO

O mês de Agosto encontra um ambiente astrológico dominado pela conjunção lunar que coincide precisamente com a passagem do Sol no solstício do Verão.

No sector intelectual não promete. Quanto às relações internacionais dá bons prenúncios nas investigações e no que se refira ao ritmo e à música.

A actividade apresenta-se com características práticas, particularmente no domínio da agricultura e das construções. No sector político internacional encontram-se oposições, sobretudo nos assuntos relacionados com o povo.

A ambição não tem aspectos totalmente benéficos, pois está sujeita a revezes muito embora seguidos de êxito.

### AS MULHERES DE «CARANGUEJO»

Vivendo entre a matéria e o espírito, deixam-se guiar através dos seus nervos ou da sua imaginação. Possuem acentuada tendência para o ciúme, orgulho ou teimosia. De espírito questionador, deixam-se por vezes ir atrás da sua sentimentalidade, mas as suas cóleras são facilmente apaziguáveis.

### AS CRIANÇAS

A maior dificuldade é formar-lhes o carácter. Vivem de reminiscências e têm inclinação para a glotoneria. São voluntariosas e normalmente preguiçosas, mas quase sempre são alegres.

Sentimentalmente, o período de Agosto é tenso, pois está sujeito a discórdias e a arbitragens.

De carácter pouco favorável, o próximo eclipse solar que terá lugar em Setembro, já em Agosto marcará seus efeitos no sector internacional. Segundo a tradição, afectará a África do Norte, Algéria, Judeia, Grécia, Bulgária, Índias, Lituânia, Síria e Baviera.

### SIGNO DE «AQUÁRIO»

#### RELEVO NO SECTOR SOCIAL



Segundo o meio em que viver, o sector social e o das profissões liberais encontra um bom clima astrológico, permitindo satisfações de amor-próprio. A vida mundana ou os divertimentos têm, durante o mês, lugar importante. Se evitar despesas desnecessárias poderá auferir resultados nos seus negócios.

### DISPOSIÇÕES SOBRE O FUTURO

A conjunção do Sol com o planeta governante do seu signo, em redor do dia 14 poderá incitá-lo a transformações quanto ao seu dia-a-dia, inclinando a mente a tomar

disposições visando o futuro. Evite o nervosismo, para assim anular quaisquer dificuldades que os outros possam ocasionar-lhe.

### SIGNO DE «PEIXES»



#### A ACTIVIDADE PODE RESOLVER OS SEUS PROBLEMAS

Marte, regente do seu sector de ganhos, permite-lhe no decorrer do mês resolver alguns dos seus problemas através do seu mérito. É mesmo provável que alguns assuntos pendentes fiquem arrumados. Por outro lado, o seu planeta governante incita-o a regressar a assuntos antigos ou a reviver coisas passadas, cujo interesse será muito relativo.

### OS AMORES EM EXPECTATIVA

Mercúrio e Lua, que regulam os seus assuntos sentimentais, não estão em posição favorável, podendo ocasionar desacordos de opinião onde o amor-próprio vence a razão. Seja prudente nas suas palavras para não ferir susceptibilidades.

### SIGNO DE «CARNEIRO»



#### AS RELAÇÕES HABITUAIS COM BOAS PERSPECTIVAS

As suas relações de trabalho ou vizinhança encontram um ambiente astrológico bastante favorável. É possível que alguns assuntos que venha tratando por correspondência encontrem o ambiente que ambiciona.

### OS ASSUNTOS DO LAR SUJEITOS À SUA PERSONALIDADE

Uma acentuada tendência para o exagero, indicada pelo planeta que governa o seu signo, pode criar complicações no seu lar. A imposição da sua vontade criará um falso ambiente que só prejudicará as suas relações sentimentais. Desde que saiba dominar estes impulsos, o mês é favorável neste capítulo.

### SIGNO DE «TOURO»



#### DINAMISMO IRREGULAR

O clima que Vénus, o seu planeta, imprime no decorrer do mês, inclina a obstinações e a obcecações que afectarão o seu dinamismo. Assim, todo e qualquer assunto deve ser ponderado e, antes de realizar, deve aconselhar-se devidamente.

### VIAGENS FAVORÁVEIS

As viagens curtas têm bons augúrios, porém, devem ser bem preparadas e não improvisadas. Desde que conduza qualquer veículo deve usar da prudência elementar.

### SIGNO DE «GÊMEOS»



#### AMIZADES AMBIGUAS E AMORES SEM GRANDE EQUILÍBRIO

Marte, regendo as suas amizades, encontra-se mal disposto quanto ao seu signo. A conjunção de Mercúrio e Urano no dia 23 não favorece a consolidação de amizades ou de amores.

### O SECTOR INTELECTUAL FAVORECIDO

O seu amor-próprio encontra um bom ambiente astrológico no que se refere ao sector intelectual e, por extensão, no que se referir à sua profissão.

### SIGNO DE «CARANGUEJO»



#### GANHOS E DESPESAS IRREGULARES

De certo modo, devido à sua personalidade os ganhos e despesas encontram-se num ambiente bastante duvidoso. Deve evitar empréstimos e controlar devidamente os negócios que porventura venha a tratar.

### SIGNO DE «LEÃO»



#### DINAMISMO AFECTADO PELA PERSONALIDADE

As condições planetárias não favorecem o seu dinamismo devido a excessos de personalidade, a generosidade excessiva e orgulho.

### HONRAS OU SATISFAÇÕES NO SECTOR MUNDANO

Marte, dominando o seu horóscopo, dá boas influências no sector mundano e na vida social.

### AS VIAGENS DEVEM SER ACAUTELADAS

O momento não é dos mais favoráveis para realizar viagens. Sobretudo nos dias 14 e 23 deve ser prudente.

#### SIGNO DE «VIRGEM»

##### DINAMISMO IRREGULAR



As suas actividades, devido a excesso de imaginação ou à vontade de enveredar por um caminho que não é de aconselhar, prejudica os seus assuntos pessoais.

### OS AMIGOS PODEM FAVORECER

As boas amizades têm um clima astrológico propício para ajudar a resolver os seus problemas.

#### SIGNO DE «BALANÇA»

##### ACTIVIDADE QUE JULGA EFICIENTE



A ocultação de Vénus pela Lua vem dar-lhe ideias erradas quanto à aplicação da sua actividade, sobretudo no domínio intelectual. A mente poderá estar activa mas os resultados serão medíocres quanto a realizações. Tendência para falar demasiado sem resultados práticos.

#### SIGNO DE «ESCORPIÃO»

##### DINAMISMO E LADO PRÁTICO DA VIDA PENDENTE



Saturno na sua marcha retrógrada não ajuda muito a resolver facilmente os assun-

tos de ordem prática. Deve usar da sua natural perseverança. O fim do mês traz os favores de Mercúrio, especialmente a partir de 23 de Agosto.

### AS VIAGENS ENCONTRAM UM CLIMA DUVIDOSO

As diferentes conjunções que se verificam durante o mês de Agosto não dão prenúncios totalmente favoráveis no que se refere a viagens, aconselhando prudência, em especial em actos que possam ocasionar acidentes.

#### SIGNO DE «SAGITÁRIO»

##### BONS PRENÚNCIOS EM FINS DE AGOSTO



A partir do dia 20, Júpiter, o seu planeta governante, entra em marcha directa no seu signo solar e, com excepção do dia 24, o mês é óptimo para realizações, podendo mesmo encontrar uma certa **chance** a que o imprevisto não será estranho.

### CUIDADO COM A SAÚDE

Todo e qualquer excesso vem prejudicar o normal funcionamento do seu organismo. Evite demasiadas comidas e bebidas.

#### SIGNO DE «CAPRICÓRNIO»

##### BOAS INDICAÇÕES PARA O SEU ESPÍRITO PRÁTICO



Neptuno, regendo a sua inteligência prática, encontra-se em boa posição astrológica para poder realizar alguns dos seus desejos, muito embora as condições astrais não permitam realizações imediatas.

### DIVERTIMENTOS, PRAZERES E AMORES...

A tendência marcada para prazeres não é favorecida, porquanto Marte tem má influência naqueles sectores, podendo ocasionar sérios aborrecimentos que podem atingir o domínio sentimental. Procure evitar discussões, que além de serem desnecessárias só lhe trarão complicações.

# quirologia

pelo Prof. Carlos Radini

## O DEDO INDICADOR, DEDO DE JÚPI- TER OU INDEX

As atribuições do dedo indicador ou de Júpiter são as que se relacionam com a ambição e sentimentos religiosos, a fé e o orgulho.

### DEDO INDEX NORMAL

Para que o indicador seja normal, não deve ser nem muito longo nem muito curto, nem grosso, nem delgado.

O indicador normal, direito e sem defeitos revela ambição e capacidade de decisão. Estas duas qualidades reunidas permitem esperar bons resultados na vida e possibilidades de ascensão social a ponto bastante elevado.

### INDICADOR LONGO E MUITO LONGO

O indicador comprido indica orgulho e religião. Muito comprido apresenta um indivíduo excepcionalmente orgulhoso, com avidez de autoridade e um desejo irremovível de ser considerado. No domínio religioso o index muito comprido indica fanatismo. Por outro lado é indicativo de paciência.

### DEDO INDICADOR CURTO

Quando o indicador é curto mostra falta de orgulho, muito embora não se seja totalmente isento de ambição. Uma das características é a vivacidade, a impaciência e mesmo a violência.

## DEDO INDICADOR FLEXIVEL

Duma maneira geral o dedo indicador flexível ou maleável indica uma natureza conciliadora, fina e diplomática.

Quando o indivíduo possui simultaneamente o dedo flexível e longo, indica grandes ambições, mas que agirá com circunspeção, prudência ou astúcia.

## INDICADOR RIJO

O indivíduo que possua um dedo indicador rijo, denota ter um carácter rígido e inflexível, seco e por vezes grosseiro. É também indicativo de ambição e orgulho.

Se o indicador é rijo e ao mesmo tempo longo, sobretudo muito comprido, revela um chefe «duro», e mesmo um ditador.

O dedo rijo indica um chefe autoritário, desejando que todos lhe obedeçam.

## INDICADOR ESPESSO

O dedo de Júpiter grosso indica ambições materiais e sexuais, desejos de bem-estar, de conforto e de prazeres.

Geralmente o indivíduo que possui o dedo indicador grosso não é demasiado orgulhoso e familiariza-se bem com a vida, sem preocupação das maneiras e das formas.

## INDICADOR SECO OU MAGRO

O index seco demonstra um temperamento sóbrio, pouco sensual e carácter pouco comunicativo.

Embora ambicioso, o indivíduo que tenha esta configuração do dedo indicador não possui capacidade de realização.

## INDICADOR MAL FEITO

O indicador mal feito, torto ou curto, revela uma ambição mal dirigida e tendência para procurar atingir os seus fins, sem olhar a meios.

## AS FALANGES DO DEDO INDICADOR

A **primeira** falange é a que possui a **unha**, a **segunda** a **intermédia** e a **terceira** a que se encontra **junto à palma da mão**.

As primeiras falanges dão indicativos de

ordem intelectual ou espiritual. A terceira falange revela as satisfações instintivas, sensuais e materiais.

### PRIMEIRA FALANGE DO DEDO DE JÚPITER

Longa: Indica religião ou filosofia;  
Curta: Ateísmo ou incredulidade;  
Grossa: Religião inconsciente e fatalismo;  
Seca: Fanatismo.

### SEGUNDA FALANGE DO DEDO INDICADOR

Longa: Revela realismo nas ambições e por vezes orgulho ou vaidade;

Curta: Insuficiência de espírito de reacção contra a sorte, e bem assim na vida material e conjugal;

Grossa: Indica atracção para os prazeres terrenos;

Seca: Denota sede de ascensão e de glória.

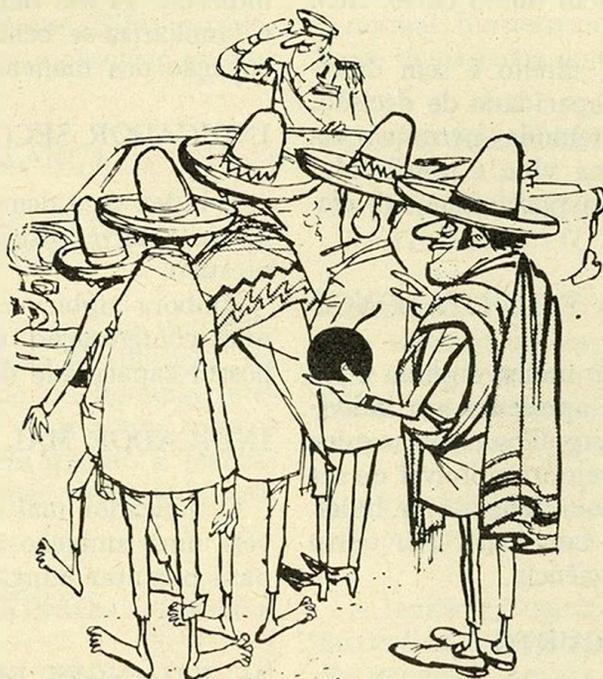
### TERCEIRA FALANGE DO INDEX

Longa: Orgulho e vaidade;

Curta: Insuficiência de ambição e mesmo timidez;

Grossa: Egoísmo, luxúria. Tendência à satisfação dos desejos corporais, materiais e instintivos;

Seca: Revela sobriedade em todos os domínios.



— Desculpe incomodá-lo! Podia dar-me lume, por favor!

## **COMO VIVEM OS GRANDES DA TERRA**



### **ISABEL II REINA SOBRE 539 MILHÕES DE HABITANTES**

A liberdade dos grandes deste mundo tem muito que se lhe diga... E ninguém sofre mais do que a rainha de Inglaterra. De facto os seus passos estão estritamente condicionados às regras do protocolo e às imposições da tradição.

O seu poder é puramente formal, simboliza uma grande comunidade constituída por cerca de 539 milhões de habitantes. Os ingleses adoram a sua rainha e, por isso mesmo, têm sempre os olhos postos nela. Assim se explica que Isabel II não possa proceder conforme os seus desejos do momento e tenha de se submeter àquilo que dela se espera. A sua liberdade de acção, a própria vida familiar, é estritamente limitada pelas suas obrigações oficiais.

Os críticos, quando aparecem, investigam tudo, nada lhes escapa; o modo como a rainha se penteia, como se veste, como fala, como gesticula, como pronuncia os seus discursos. A rainha deve ser conformista, mas moderna; reservada, mas audaciosa; deve conciliar o que é inconciliável, porque os costumes evoluem e os seus súbditos também não gostam que a rainha seja muito diferente deles.

### **ISABEL II SERÁ FELIZ?**

Pode considerar-se feliz a rainha de Inglaterra? Precisamos de não esquecer que Isabel foi educada para rainha e que nunca teve oportunidade para imaginar outro tipo de vida que não seja aquele. Já o caso do marido é diferente e não foram poucas as vezes que ele revelou a sua dificuldade em se submeter ao protocolo.

A rainha tem dias bastante trabalhosos. Levanta-se geralmente entre as 7 e as 8. Toma o pequeno almoço com o marido nos seus aposentos e, em seguida, lê os jornais. Depois responde, com o auxílio de Filipe, às numerosas cartas privadas, que constituem a sua correspondência. Em seguida arranja-se com o auxílio de duas camareiras para aparecer em público. Depois, pode gastar um quarto de hora com a filha antes que esta vá para as lições.

Entretanto o tempo passa e são dez horas da manhã... É o momento em que Isabel II inicia a sua visita oficial. E assim, começa por assinar numerosos documentos, no que é assistida por três secretários. Recebe depois, conforme as circunstâncias, ministros, governadores imperiais de passagem em Londres, diplomatas estrangeiros, etc. Dada a sua ti-

midez, a rainha sente-se sempre constrangida durante esses momentos. O hábito, a educação, a consciência do dever, permitem-lhe, todavia, superar essas dificuldades.

### UM DIA DE TRABALHO

Entretanto, chega a hora do almoço, que umas vezes se passa na intimidade da família, outras vezes decorre na presença de altas personalidades: homens de ciência, diplomatas, artistas, etc.

A tarde é normalmente dedicada a cerimônias públicas: visitas aos hospitais, às escolas, às minas, «gardens-parties», finais de futebol, etc.

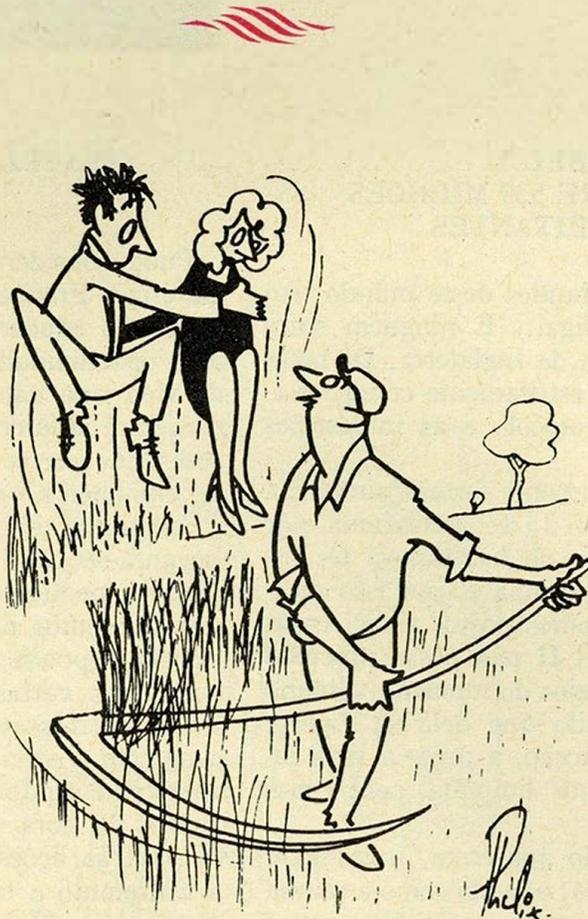
Isabel II janta quase sempre em família, ao

contrário do príncipe consorte, que costuma sair. Outras vezes, porém, tem de jantar com vinte ou trinta convidados.

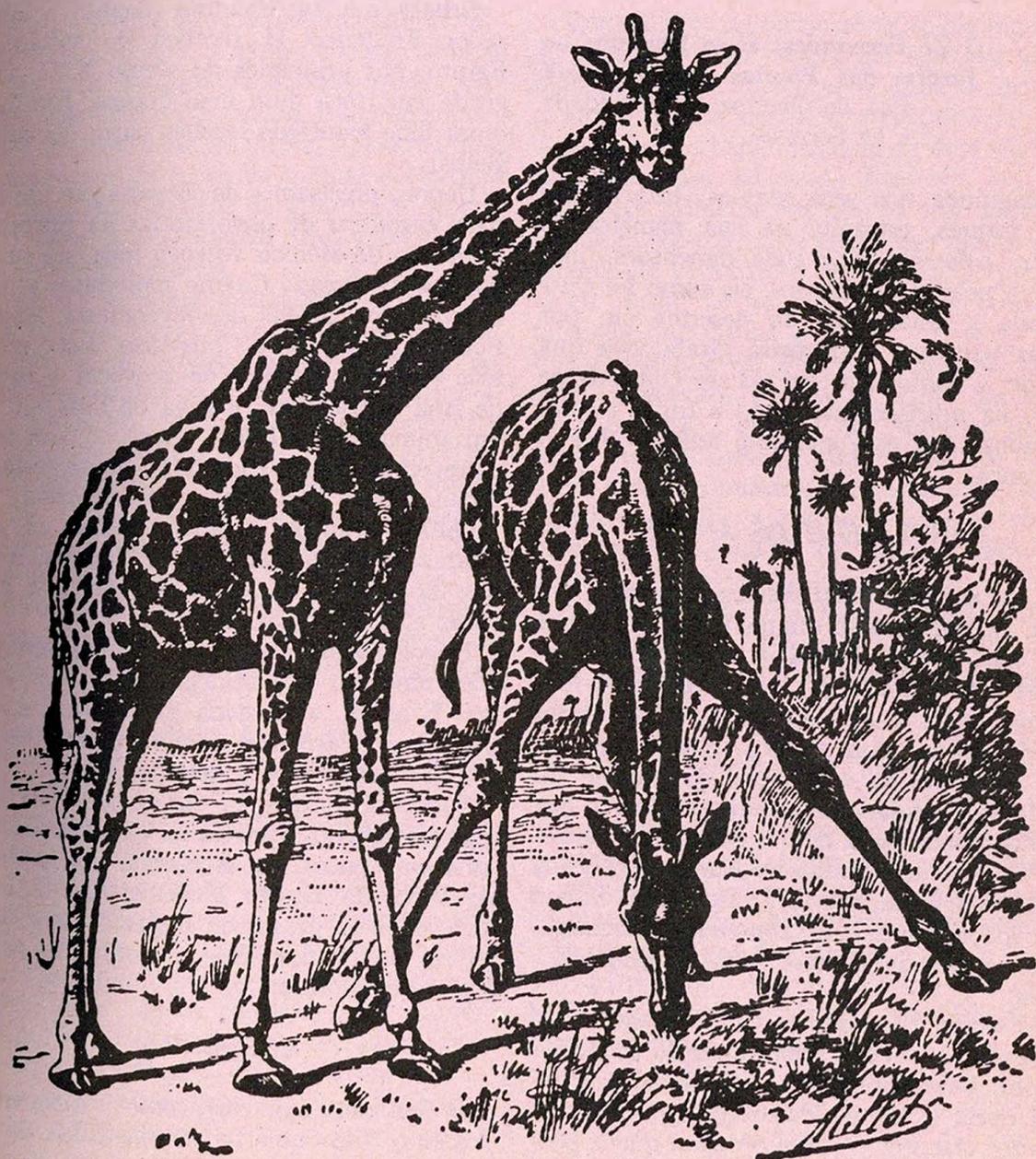
Depois do jantar, Isabel vai, certas noites, ao teatro.

Isabel II tem à sua disposição um «Rolls-Royce», três «Daimler», um «Rover», enquanto Filipe tem um «Lagonda», o aristocrático automóvel desportivo. O seu único entretenimento: os cavalos. Ela não se limita a ser proprietária, conhece profundamente tudo que se relaciona com cavalos.

Isabel recebe 60 mil libras por ano. Além disso recebe 185 mil libras para pagar ao pessoal, 121.800 para a manutenção da sua residência, e 95.000 para fazer face ao eventual aumento de custo.



o animal  
do mês



# A GIRAFA

## DA ABISSÍNIA AO JARDIM DAS PLANTAS

**Ó Zé Fernandes! E se fôssemos ao Jardim das Plantas ver a girafa?**  
Eça de Queiroz — «A Cidade e as Serras»

«Magnífica nos seus atavios, bizarra nas suas formas, estranha na sua maneira de andar, colossal pelas suas dimensões, inofensiva pelo seu carácter», eis como foi classificada a «maravilha do deserto» ou, por outras palavras, a primeira girafa viva que chegou a Paris. Foi em 23 de Outubro de 1826, há precisamente cento e trinta e quatro anos, que esse estranho animal chegou a França.

## VINTE SÉCULOS ANTES

E, no entanto, vinte séculos mais cedo, em 46 a.C., por ocasião dumas festas em honra de César, a velha Roma já havia travado relações com a girafa! E, será preciso dizê-lo?, o povo tinha ficado maravilhado. Ainda na cidade eterna, dois séculos mais tarde, em 247, aquando da celebração do milénio da fundação da cidade, apareceram no circo dez girafas: nunca mais, depois dessa data, houve um tão grande rebanho na Europa... Alguns anos mais tarde, em 275, figuraram várias no cortejo triunfal do imperador Aureliano, depois das suas vitórias sobre a rainha Zenóbia.

No século XI o imperador Constantino IX de Bizâncio recebeu uma girafa do sultão do Egipto. Posteriormente, o rei da Etiópia enviou outra a Miguel Paleólogo, também imperador bizantino, e este ordenou que a pas-

seassem pelas ruas para divertimento do povo.

Sabe-se que em Palermo (Sicília) o imperador Frederico II recebeu do sultão do Egipto, nos princípios do século XIII, uma girafa em troca dum urso branco. Em 1261 o seu filho Manfredo recebeu outra, do sultão Beibar.

Depois, precisamos de chegar ao século XV para encontrar de novo girafas na Europa... Lourenço de Médicis recebeu uma, do sultão do Egipto. Poggio Cajano reproduziu-a num fresco e dois poetas descreveram-na: Angelo Poliziano e António Constanzo. Esta girafa teve também a honra de provocar a inveja de Ana de Beaujeu, a filha de Luís XI. «É um animal maravilhoso, quem mo dera ter!» escreveu ela a Lourenço. Mas quando este recebeu a carta já a pobre girafa morrera.

Outros príncipes também tinham as suas girafas: o duque Ferrante de Nápoles, o duque da Calábria, o duque de Ferrara. E para todas elas houve pintores.

Depois passaram-se quatro séculos sem que mais ninguém se lembrasse de falar em girafas. E assim, a chegada do primeiro exemplar vivo a Paris teve a importância dum autêntico acontecimento histórico.

Sabemos, graças às declarações dos seus guardas egípcios, que ela foi caçada com uma irmã em Senaar, na Abissínia, por soldados do Paxá do Egipto Mehemet-Ali. O Paxá ofereceu uma ao rei de Inglaterra e a outra ao rei de França. Mas a girafa do rei de Inglaterra morreu.

## MARSELHA

O «bel animal du roi», como se dizia então, desceu o Nilo numa barca construída de pro-

pósito e embarcou num bergantim que a levou a Marselha. Acompanhavam-na o cônsul de França, quatro guardas africanos e três vacas que lhe forneciam os vinte litros de leite necessários à sua alimentação diária. De acordo com a lei, a girafa ficou de quarentena no lazareto e saiu na noite de 14 de Novembro de 1826 para evitar que o entusiasmo da multidão lhe causasse medo. Ela caminhou tranquilamente até uma das portas da cidade, mas quando chegou aí recusou-se a andar para trás ou para diante.

O embaraço foi geral. Então um homenzinho que havia precedido o cortejo num bonito cavalo, e que, entretanto, se deixara ficar para trás, lembrou-se de passar outra vez para a frente. Efectivamente quando voltou a ver o cavalo, a girafa reconquistou a sua anterior tranquilidade. Mas quem não estava tranquilo era o cavalo, que não suportava a familiaridade da girafa. Todos os dias ela caminhava do meio-dia às duas horas com uma imponente escolta de guardas e de polícias para a defenderem dos excessos da curiosidade marselhesa.

Conserva-se ainda a correspondência trocada sobre a girafa entre o governador de Marselha e os professores do **Muséum de Paris**, assim como as instruções redigidas por estes acerca do regime que melhor convinha ao simpático animal. Tudo está previsto nessas cartas. No caso de morte, o governador de Marselha devia guardar o esqueleto da girafa e mandar curtir-lhe a pele. Por outro lado, impacientes, os professores de Paris enviaram a Marselha um representante: Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, professor de Zoologia, que estudou as melhores condições para a viagem até Paris.

Saint-Hilaire decidiu que a girafa faria a viagem à pata e a caravana deixou Marselha em 20 de Maio de 1827, ao nascer do dia: os regedores das aldeias atravessadas pela girafa foram avisados.

O estranho cortejo era constituído por agentes da Polícia, três vacas conduzidas pelo negro Youseph e a própria girafa, é claro. À cautela tinham-lhe posto ao pescoço um amuleto com alguns versículos do Corão. Uma carroça conduzia os víveres: favas, centeio, trigo da Turquia. Completavam a caravana alguns outros animais raros destinados também ao **Muséum**.

A 6 de Junho estava em Lião. Mas, quando

era conduzida à Prefeitura, a girafa espantou-se com o latir dos cães, fugiu aos guardas e começou a correr à roda, assustando o público. Ficou cinco dias a recuperar as forças, ao fim dos quais prosseguiu viagem, à média de cinco léguas por dia. Chegou a Paris em 30 de Junho com uma grinalda de flores ao pescoço. Cuvier e os demais membros do Instituto e do **Muséum** foram recebê-la. Instalaram-na provisoriamente na Orangérie do Jardim do Rei (o actual Jardim das Plantas) antes de lhe arranjarem uma habitação condigna.

### A VISITA AO REI

Dez mil pessoas foram vê-la no dia seguinte ao da chegada! O próprio rei desejava vê-la, mas como o protocolo se opunha a isso, foi a girafa que se deslocou a Saint-Cloud, em 9 de Julho de 1827. Coroada de flores, acompanhada pelos sábios do Instituto, ela viajava pela primeira vez sem as três vacas do costume. Vestiram-lhe então um manto pintalgado de vermelho e negro para a apresentação oficial. Depois dos primeiros «cumprimentos» tiraram-lhe o manto. O rei, o del-fim e o duque de Bordéus, puderam finalmente observá-la à vontade. Uma das princesas deu-lhe a cheirar um ramo de flores, gesto que encantou a girafa. Por seu lado, o rei, que continuava a conversar com Saint-Hilaire, deu-lhe a comer pétalas de rosas. Entretanto a duquesa de Berry sujeitava o negro a um interrogatório completo.

E tudo acabou em bem: Saint-Hilaire e os professores do **Muséum** foram felicitados e os guardas da girafa receberam generosas gratificações.

### UMA REVOLUÇÃO EM PARIS

No regresso ao Jardim do Rei, ela atraiu as atenções da população de Paris. Durante a manhã ela ficava presa a um pinheiro manso que ainda hoje existe. De vez em quando dava um passeio perante a admiração do público. Ao meio-dia era conduzida à Orangérie e os visitantes, munidos de bilhetes especiais, podiam examiná-la mais de perto. A afluência foi tal, que em 1827 os serviços de portagem da ponte de Austerlitz ganharam mais 13.650 francos do que no ano anterior! O «Journal des Dames» contou

num só dia cem carruagens de luxo à porta do «Jardin du Roi».

As diligências traziam da província milhares de viajantes que iam a Paris de propósito para ver a girafa. A Companhia dos Transportes registou um aumento de 60.000 francos no mês de Julho e de 40.000 no mês de Agosto. (O leitor não deve esquecer-se de que no século XVIII o franco valia muito mais do que hoje).

A curiosidade pública estava tão excitada, que um eminente naturalista, Bory de Saint-Vincent, que se achava preso por dívidas, pediu a graça especial de sair por uns momentos para ver o estranho animal. Não permitindo a lei que um prisioneiro sáisse, foi a girafa que o visitou!

Ela inspirou muitíssimas notícias e brochuras, algumas redigidas por sábios. Por outro lado os **vaudevilles**, as canções, os calendários, os almanaques, as sátiras políticas, referiram-se-lhe abundantemente. E por toda a parte se vendiam retratos do belo animal, todos inexactos, mas muito bem coloridos.

A girafa fez a sua entrada nas decorações caseiras: pisa-papéis, aldrabas, etc.

E os próprios pratos tinham girafas pintadas no fundo! O **Museu Carnavalet** ainda hoje possui um curioso projecto de lampeões de gás em forma de girafa para uma das praças de Paris... Felizmente o projecto não foi aprovado.

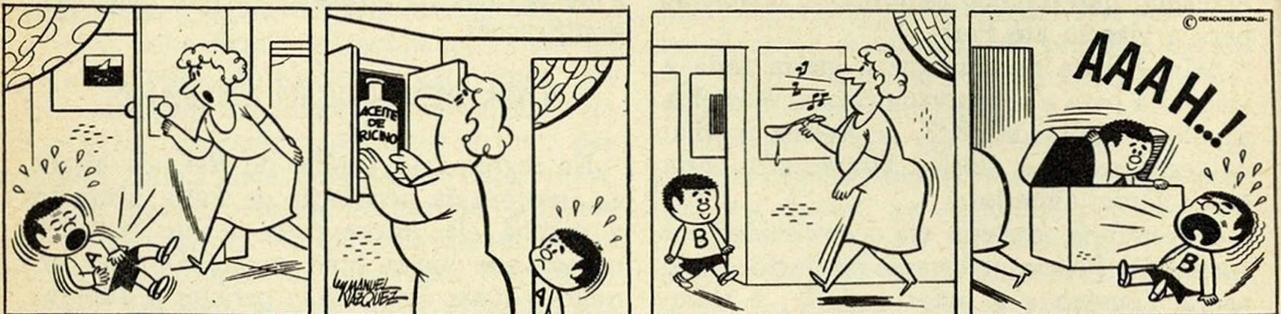
Mas foi sobretudo no domínio da moda que a girafa exerceu maior influência. De facto, ela reinou inteiramente nos anos de 1827 e 1828. Surgiram as cores **girafa** e **ventre de girafa**. Os colares, as sombrinhas, os sacos de mão inspiraram-se no «bel animal du roi». Dizia-se duma mulher que tinha olhos negros, grandes e doces, como os olhos duma girafa. E, durante muito tempo, tudo era «à la girafe». A sopa, o bife, a cerveja...

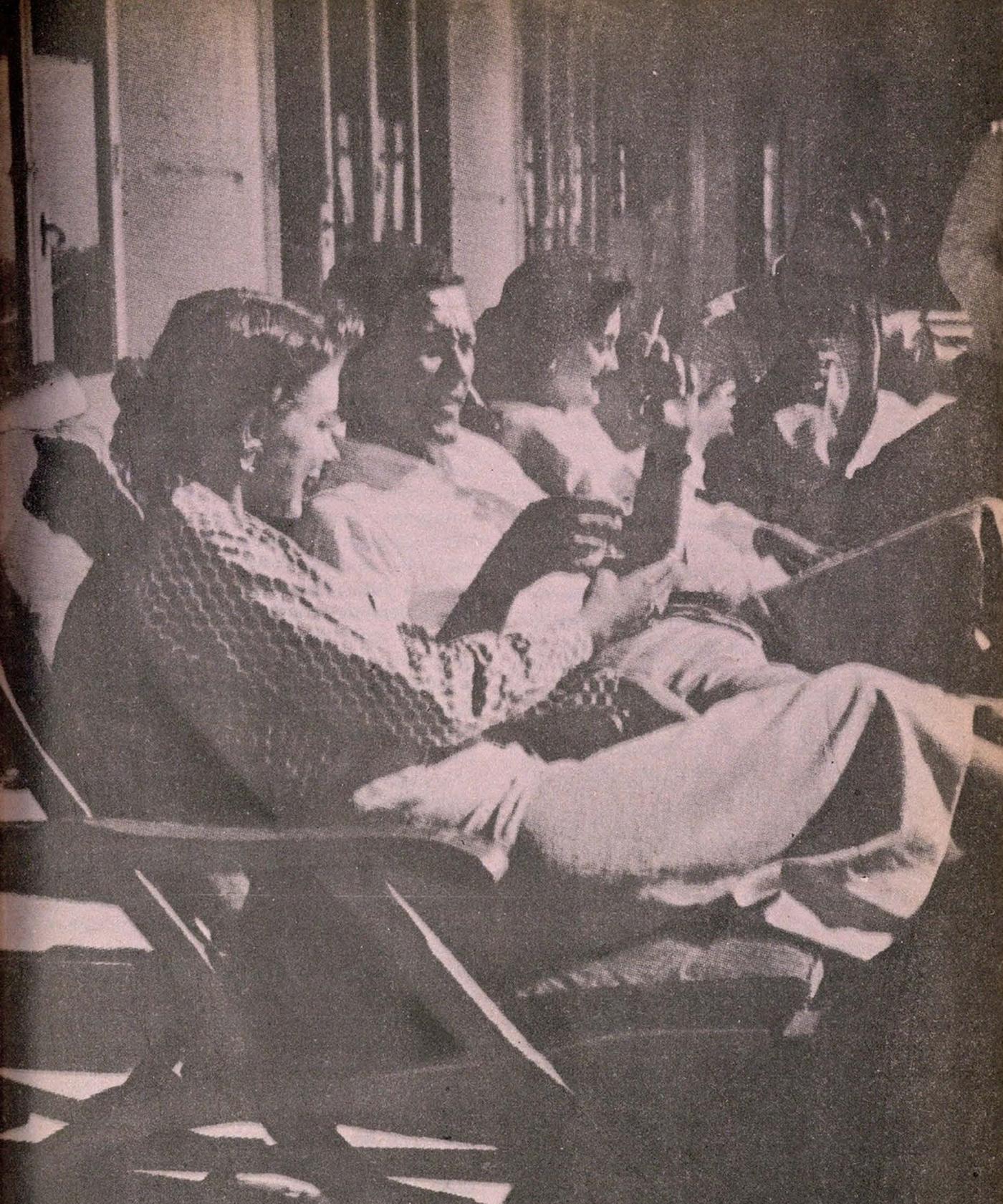
A sátira política também se serviu da «Illustre étrangère». Circulou em Paris uma litografia em que a girafa, com vestes suntuosas, se parecia com Carlos X. «La plus grande bête qu'on ait jamais vue», dizia a legenda.

Além disso uma medalha raríssima representava a girafa com uma paródia ao conde d'Artois: «Il n'y a rien de changé en France, il n'y a qu'une bête de plus».

A girafa exerceu também uma salutar influência no espírito da Câmara, que votou, sem dificuldades, importantes créditos que permitiram o alargamento do **Muséum**; assim a biblioteca e as galerias de Botânica e de Mineralogia foram actualizadas.

Sòzinha, a pobre girafa não teve descendência e morreu em 1845. Guardado o seu esqueleto no Museu de Verdun, ele foi destruído por um incêndio em 1898. Tivera um fim sem glória, aquela que durante tanto tempo exaltara as imaginações!





**a linha branca**

# conto policial por John Fergusson

McNab sentou-se na sala de jantar do «Magnificent». Era a primeira noite de viagem a bordo. Foi cumprimentado por uma voz feminina:

— Cá estamos de novo — disse «Mrs.» Westmacott. — E você está com sorte.

— Bem vejo — respondeu ele, fazendo-lhe uma cerimoniosa reverência.

— Vamos! Não vai imaginar que o digo pelo facto de estar junto de mim, espero!

— Pois bem: é essa a única circunstância que me pode causar satisfação. Além disso nada me ocorre que seja um índice de sorte.

— Ora essa, homem! Então dão-lhe a melhor cadeira para o espectáculo e você não lhe dá o valor devido! E havendo no navio quem trocasse o seu lugar por mil dólares! Que coisa mal empregada!

À mesa o silêncio era geral. A única nota alegre era dada pela cor dos vestidos garridos e o brilho das joias.

Mary Westmacott estava ansiosa por falar. Olhava à sua volta com um ar trocista e simultâneamente atento, como a indicar estar ali muito próximo o tal «pratinho» que a todos aguçava a curiosidade.

— Continuo a procurar a comédia de que me fala — disse ele.

— E não a descobre? — perguntou Mary. Curvou a cabeça e disse confidencialmente:

— Aí à sua frente... A rapariga de preto... entre os dois rapazes... Conhece?

— Francamente, não conheço. Espere, talvez...

— Pois claro! O retrato dela anda em todos os jornais. É Sally Silver.

— Ah. Sim?!

— Você é mesmo delicioso. Dava tudo para que ela o ouvisse!

— Devo ser espantosamente obtuso. Mas, por favor, fale-me dela.

— É a única filha de Henry Silver. O melhor partido de Chicago. Simplesmente, até

agora, ainda ninguém a conquistou. E, aqueles dois, junto dela, são os favoritos.

Na verdade a rapariga atraía todas as atenções. McNab olhou-a com interesse. Era quase bela. No entanto o rosto deixava transparecer uma inquietação e uma ansiedade ilimitadas. Talvez por isso, ao olhá-la, ele tivesse a sensação de que dentro de um ano ou dois, estaria destinada a tornar-se na «ruína» duma beleza que a sua vida agitada nunca deixara totalmente manifestar-se.

— As mulheres a bordo fazem apostas para ver qual deles ganhará a corrida. Se o da direita, a quem ele ouve atentamente neste momento, ou o da esquerda, que se vai entretendo a fazer bolinhas de pão com ar enfadado — disse Mary Westmacott.

— Não se pode duvidar muito quanto às possibilidades do vencedor...

Mary olhou-o quase com desprezo.

— Vocês, homens! — disse ela. — Imaginam que o vencedor é Jefferson Melhuish, apenas porque neste momento Hilary Harben parece posto de lado, não? Não vê que o facto de ser quase pobre e um pouco coxo desde que veio da guerra ainda lhe confere maiores possibilidades?

— Bem, pela expressão dele, o jovem Hilary parece partilhar da minha opinião.

— Claro, é homem. Simplesmente ela sabe que as apostas, ultimamente, têm sido favoráveis a Harben.

McNab ficou desconcertado.

— O quê! — exclamou ele. — Não me diga que essa gente tem andado a fazer apostas sobre isso! Seria demasiado indecente.

— Indecente! Eu gosto disto. Vocês ingleses apostam em cavalos. Sally Silver orgulha-se de saber que a América aposta neste caso que apenas a ela diz respeito. Quanto às possibilidades de Hilary continuo a não me arrepender de ter arriscado nele o meu dinheiro.

— Você, Mary, também apostou?

— Claro. Tudo o que a ela diz respeito é assunto de conversas. Só os brilhantes que, por saber serem o fulcro das atenções, ela deixa no camarote, custaram uma fortuna ao pai. Evidentemente, não os usa, pois sabe causar assim maior sensação.

E McNab teve ocasião de verificar que Mary tinha razão. A bordo pareciam umas crianças. Certo dia, quando fumava com um grupo de cavaleiros, tentou abordar o assunto. Nada havia que demonstrasse — tanto quanto ele podia ver — que Sally tivesse de escolher um dos dois e sobretudo durante aquela curta viagem. Mencionou o absurdo daquela pretensão e imediatamente se ergueram meia dúzia de vozes, oferecendo-se para apostar com ele sobre aquela possibilidade. McNab afastou-se, intrigado. Para ele aquela questão tinha um interesse muito relativo. Fazendo parte da Scotland Yard, aquele caso tinha o interesse que costumava dedicar ao estudo das inocentes fraquezas humanas nos seus momentos de ócio. Descobriu, entretanto, que todos os homens apostavam em Melhuish, que parecia estar perfeitamente a par desse facto. Tinha um ar altivo e um jeito de torcer o bigode que irritavam as mulheres. Estas estavam todas pelo lado de Harben.

Passaram-se três ou quatro dias e verificou-se uma mudança. Justamente na altura em que a vitória de Melhuish parecia completa e os homens estavam convencidos de terem as suas apostas garantidas, isto é, quando as mulheres quase começavam a duvidar e, portanto, o interesse principiava a morrer, Sally mudou de atitude. Muito cedo, na quarta manhã, ao passarem pelo tombadilho viram Harben e Sally lado a lado, de mãos dadas! À hora do almoço todos cochichavam pelos cantos.

À tarde, Mary dirigiu-se a McNab que conversava com o coronel Paylis.

— E então? — disse ela alegremente.

— Isto não vai durar! — rosnou irritado o coronel.

Ela vibrava, triunfante.

— Ouvi dizer que alguns cavalheiros já tinham tentado recuar. Ora, «nós» nunca fizemos tal coisa.

— Vão ver — repetiu o coronel. — Ela é esperta. Finge-se interessada em Harben para em seguida dar um tombo maior nas mulheres. Sabe que nenhuma gosta dela.

Mas ao jantar, naquela mesma noite o caso tomou outra feição. McNab viu-se obrigado a tomar parte activa no caso.

Como todas as noites, foi dar uma volta. Estava um luar delicioso e a calma era absoluta. Harben e Sally estavam de mãos dadas no tombadilho. Passou por eles, continuou o giro costumado e daí a pouco descobriu um facto que o divertiu. Sally continuava ali sentada, com um ar longínquo, mas «sôzinha».

McNab sorriu ao pensar na estranha situação: «Quem iria sonhar que o caso acabaria, não com Sally a abandonar Harben, mas pelo contrário este abandonando-a a ela?»

Ele era observador por instinto e officio. No entanto, a vida dos outros não lhe interessava. Voltou pra trás sem mesmo descer pelo outro lado do tombadilho, preferindo assim não passar ao lado da rapariga.

Ia a meio do caminho quando viu um homem sair de um dos camarotes e caminhar na sua direcção. Quando o viu, parou e hesitou um momento! Passou por ele de cabeça baixa e, na sombra, McNab reconheceu-o pelo leve coxear. — Era Harben. Talvez fosse pedir desculpas. Reparou que saíra do camarote n.º 13. Viu as horas e como já eram quase dez, desceu à coberta inferior. Já estava há mais de uma hora no salão quando um indivíduo entrou esbaforido.

— Ouviram a última novidade? — perguntou ele ofegante.

Imediatamente todos pensaram no caso Silver — Melhuish — Harben. McNab sentiu-se invadir por uma alegria esfuziante. — Até que ponto os homens podiam ser crianças! Ali estavam de boca aberta, suspensos dum assunto que passado numa cidade de província até seria impróprio para velhas solteironas...!

— O colar de Sally desapareceu!

— Desapareceu?

— É só isso? Foi bem feito! — resmungou alguém enfadado. Todos concordaram.

— Que outra coisa podia ela esperar... ficando até altas horas, lá em cima, com aquele indivíduo? — disse alguém. O coro que se seguiu a esta afirmação irritou McNab. Se a coisa tivesse acontecido quando Melhuish era o favorito, certamente a opinião teria sido completamente diversa.

— Isso é o resultado de ter escolhido o camarote n.º 13 por pura fanfarronice.

McNab não ouviu o resto. Saiu logo, pois precisava de pensar.

O camarote n.º 13! Era aquele de onde saía Harben. Naturalmente, havia a hipótese de ele lá ter ido buscar qualquer coisa a pedido de Sally — mas isso poderia ser facilmente esclarecido. O que McNab não podia esquecer era a hesitação e a maneira furtiva como deslizará pela sombra encostado aos camarotes. Claro que Harben não era um ladrão profissional. Se o fosse teria disfarçado a surpresa do encontro. Mas porque teria ele hesitado ao vê-lo?

De repente tudo lhe pareceu claro!

— Eu passeava de um extremo ao outro do tombadilho — resmungou. — Simplesmente da última vez ao ver a cadeira vazia voltei atrás. E quando ele saiu do camarote pensava estar eu já no outro lado. Que parvo que ele foi! Uma vez que «sabia» ter sido visto porque não foi repor o colar no camarote?

Talvez Harben não tivesse tido oportunidade de voltar ao camarote, ou julgasse não ter sido reconhecido pelo coxeiro, na semi-obscuridade da cena.

Foi para a cama a pensar no caso. Levantou-se tarde e ao sentar-se à mesa sentiu que algo de novo acontecera. Mary, vendo-o aproximou-se dele e sentou-se.

— Já ouviu a última novidade? — perguntou ela.

— Não. Que é?

— Dizem que o ladrão é coxo. Viram-no à saída do camarote. — McNab pulou da cadeira.

— Como? — exclamou. — Que diz você?

— Ah!, compreendo o que quer dizer, a bordo não há muitos homens que coxeiem, pois não?

— Até agora só vi um.

— Pois é. Você acredita ser possível?

— Achava ontem. Agora depois de ouvir isso da sua boca garanto-lhe que não foi ele.

— Que quer você dizer com isso?

— Parece estranho mas a explicação é simples: fui «eu» a única pessoa que viu alguém sair do camarote n.º 13 a coxeiar.

— E não mencionou o facto a pessoa alguma?

— Não, a não ser que eu falasse em sonho.

— E costuma fazê-lo? — perguntou ela ansiosamente.

— Não — respondeu o detective com um sorriso. — Aí está uma coisa que nos profibem expressamente na Scotland Yard.

A expressão dela mudou de ansiedade para espanto.

— Scotland Yard! Você é...?

— Pschiu! Dê-me a sua opinião. Quem julga poder ter sido?

— Melhuish — replicou ela prontamente.

— É ele o homem em questão!

McNab abanou a cabeça.

— Não combina. Nestes casos a primeira pergunta a fazer é «quem ganha»? Melhuish e Harben tinham um interesse em comum: Sally. Mas o motivo dos brilhantes seria igualmente tentador para um muito maior número de passageiros. É bom não confundir as coisas...

— E você de quem suspeita? — perguntou Mary.

— Suspeito de todos excepto de você. Por isso lhe peço o seu auxílio.

— O meu auxílio? Tenciona investigar o caso?

— Sim. Bem vê, esse malvado ladrão envolveu-me na «coisa». Serviu-se de mim. Porque o indivíduo ao imitar o andar de Harben esperava que eu dissesse tê-lo visto sair do camarote. Ou foi o próprio Harben, o que não acredito, ou alguém que o quis incriminar. É esse o problema a deslindar...

«E agora vamos architectar o nosso plano. Nada comunico do que vi, quer a Sally Sil-

ver, quer ao capitão. Fico calmamente no convés a ler um livro. Você vai investigando e logo que saiba qualquer coisa comunica-ma.

As onze horas chegou Mary com o primeiro relatório. Harben tentara visitar Sally e esta não o recebera. As onze e meia Melhuish e a rapariga conversavam no tombadilho superior. A última novidade chegou daí a meia hora. Tinham passado busca ao camarote de Harben e, evidentemente, nada fora encontrado.

— E sabe o mais engraçado? O criado de quarto de Harben queixou-se de que lhe tinham roubado um estojo de couro para colarinhos.

— Como?

Havia tal ansiedade nesta pergunta que Mary estremeceu.

— Um estojo de couro. Justamente o meio mais indicado para esconder o colar.

McNab recostou-se e fechou os olhos.

Esteve assim tanto tempo que Mary pensou que ele adormecera.

— De que cor é a porta do camarote de Harben? Vermelha ou verde? — perguntou ele de repente.

— Nenhuma delas: é branca — respondeu ela admirada.

— Ótimo! Você pode arranjar-me um novelo de lã branca?

— Claro que posso — exclamou Mary. — Mas qual é a sua ideia?

— Vou pregar uma partida ao ladrão. Você verá. Logo à noite depois da sessão de música vou esclarecer o assunto.

À noite a atmosfera era pesada. Tudo se precipitara tão rapidamente que as pessoas estavam um pouco desorientadas. Até Sally Silver sempre tão viva, apareceu pálida e abatida apoiando-se em Melhuish.

Quando as cadeiras se afastaram e todos se preparavam para abandonar o salão, o capitão bateu na mesa:

— Lamento muito mas ninguém pode abandonar o salão. Como sabem, desapareceu uma jóia de grande valor do camarote de uma passageira. Vamos dar uma busca geral e procurá-la... Custa-me muito ter de usar tal extremo...

McNab levantou-se de um pulo.

— Desculpe — começou ele calmamente.

— Mas não é necessário deter os passageiros

e desarrumar-lhes a bagagem. O colar está dentro de um estojo para colarinhos, no camarote do Sr. Hilary Harben.

Um silêncio tenso caiu sobre o salão. Repentinamente, todos pareciam ter suspenso a respiração. Então Harben, empurrando os homens que estavam à sua frente, com os punhos cerrados e o rosto pálido salientou-se.

— É mentira! — gritou. — Vou imediatamente fazê-lo engolir essas palavras. Como sabe o que está ou não está no meu camarote? Quem é o senhor?

— Sou a pessoa que viu a noite passada alguém que coxeia, sair do camarote de Sally Silver.

Um «Ah!» de espanto inundou o salão. Mary olhou atentamente para Sally. Viu-a mudar, de repente, de expressão e esconder o rosto nas mãos. Melhuish, de pé, ao lado do capitão, mostrava-se como os outros, muito atento às palavras de McNab.

— Eu não era esse homem, juro-o! — gritou ele desesperado.

Entretanto, o comissário chegou com o estojo que entregou ao capitão. Os olhares de todos iam do colar para Harben e deste para McNab.

— Juro que nada tenho a ver com isso... Não fui eu quem o tirou! — exclamou Harben, já num tom de quem não espera ser acreditado.

— Bem sei que não foi o senhor — disse McNab calmamente.

Melhuish, que avançara para receber o colar, voltou-se bruscamente.

— Já que parece saber tanto — disse o capitão — talvez nos saiba indicar o ladrão.

Sei — foi a calma resposta que eletrizou todo o salão. — Notem bem: A princípio julguei ter sido Harben quem encontrei, mas de manhã, quando ouvi dizer que alguém vira um homem que coxeava sair do camarote em questão, compreendi dever tratar-se de outra pessoa, pois que, eu não comunicara a «pessoa alguma» o que vira. Concluí que alguém tentara inculpar o Sr. Harben, pois que além de imitar a sua maneira característica de andar, também a seguir lhe roubara o estojo. Supus imediatamente que encontraria o estojo e o colar no camarote, o que efectivamente aconteceu.

McNab fez uma pausa que deixou toda a gente suspensa.

— Tudo isto foi fácil. A única dificuldade

consistia em descobrir o verdadeiro culpado. O ladrão não se arriscaria a entrar no camarote enquanto houvesse alguém à vista. Pois bem: preparei tudo e tal como supusera pessoa alguma o viu.

Mary Westmacott suspirou desesperada ao ver a calma e o à-vontade feliz de Melhuish.

O capitão parecia compartilhar dos sentimentos dela.

— Desculpe, nesse caso não poderá provar quem foi o ladrão?

— Não, pelo contrário. Eu «marquei» a pessoa em questão.

— Como?

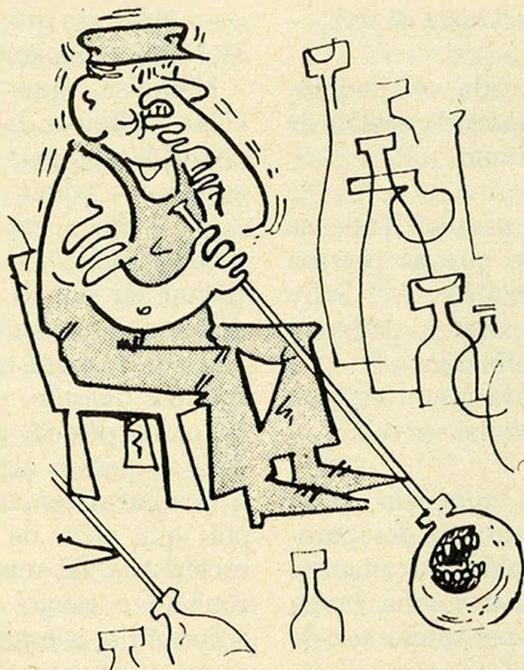
— A porta do camarote do Sr. Harben é branca. Estendi um fio de lã de um lado ao outro, a uma altura de um metro e se-

tenta centímetros, cobrindo-o com uma camada de pó de giz de modo a torná-lo invisível. Assim o homem que entrou no camarote deve ter, neste momento, um traço branco de giz na lapela da casaca, precisamente a uma altura de um metro e setenta do soalho.

Instintivamente Melhuish baixou os olhos. E viu o que todos viram: uma fina linha branca na lapela impecável da sua casaca. Não conseguira disfarçar. O silêncio foi cortado, de súbito, por um grito de mulher:

— Hilary, oh! Hilary! Como estou contente! tão contente!

As palavras em si poderiam nada indicar. No entanto o seu tom de voz era de tal modo elucidativo que os homens ao ouvi-la começaram a pagar as apostas sem se queixarem.



boémia de  
outros tempos

## AS PRAIAS DO SÉCULO PASSADO

por Lourenço Rodrigues

Será triste dizê-lo, mas a higiene dos portugueses nunca teve, em tempos idos, o rigor actual.

Os estrangeiros que nos visitavam, mencionavam nos seus livros de apontamentos o pouco escrúpulo dos lusitanos, mais valentes para o manejar das armas do que para a tepidez das águas.

Valentes para sulcar as águas dos mares a descobrir mundos, mas tímidos para procurarem nas águas das tinas, um conforto físico.

As praias do século passado, eram frequentadas mais por *snobismo* que por higiene. Lá se namorava na areia discreta junto ao mar, lá se batoteava, por vezes com a fúria, nos casinos tentadores e lá se valsava a preceito nos *clubs*, onde as músicas chorosas e lentas, ainda estavam bem longe dos *rocks* desenfreados e dos mambos trepidantes.

O convívio banhar originava combinações várias e assim, no Verão de 1837, há quase século e meio, de diversas conferências entre distintos aquistas, nasceu a célebre Assembleia Lisbonense que se inaugurou em meados de Agosto desse ano e de cujos corpos directivos chegou a fazer parte o estadista Rodrigo da Fonseca, ministro e parlamentar ilustre que foi alguém na política nacional.

A Assembleia Lisbonense, funcionou durante pouco mais de uma dúzia de anos num palácio da rua da Horta Seca que pertenceu a um sovina de alcunha *O Manteigueiro*.

Este homem estranho que foi aguadeiro em Lisboa, acabou por ser um grande capitalista, deixando uma sólida fortuna de 2.500 contos, que era uma verba fabulosa para o tempo.

Já que a oportunidade nos obriga a falar deste ex-aguadeiro, diremos que este homem original que chegou a ser fidalgo da Casa Real, mostrando que o poder do dinheiro, vence quase sempre a rudeza da condição, vivia na triste companhia de uma preta de avançada idade que lhe confeccionava menus miseráveis.

Certa noite, foi preso como gatuno, porque o viram com um pesado saco de peras às costas que ele fora buscar a uma das suas quintas. Era o seu divertimento dos domingos.

Avarento e excêntrico como poucos, o investigador Tinop descreveu este caturra Harpagão, nas intermináveis noites de Inverno a fazer envolucros de cem peças de ouro e amarrando-os a cordéis, dando-lhe a configuração de foguetes! Assim se divertia o argentinário.

Uma noite, a gatunagem sabedora da sua

fortuna, assaltou-lhe o Palácio e coseu-o a facadas. Tratado por um médico célebre, a certa altura não quis tomar mais remédios, alegando que eram *muito caros*... E em consequência desta resolução, a morte bateu à porta do pobre Domingos Dias que em 1787, mandou edificar o seu sumptuoso palacete com soberbos damascos nas paredes, espelhos de bom preço cobrindo as salas de alto a baixo e os sobrados de preciosas madeiras do Brasil.

Todas estas preciosidades foram vandàlicamente destruídas para ali se instalar, por iniciativa de um grupo de banhistas, a tal Assembleia Lisbonense onde dançaram algumas das damas mais elegantes da capital. Os seus concertos celebrizaram-se. Os melhores cantores, os melhores músicos por lá passaram. Os jornais citavam com frequência os acontecimentos da Assembleia, mas como tudo tem um fim, pouco mais de doze anos se manteve aberto.

Nesses tempos, os meios de transporte eram

deficientes e incómodos. As viagens colectivas estavam a cargo de uns inestéticos *onibus*, com 16 e 24 lugares que partiam do Largo do Pelourinho. Para Belém havia carreiras diárias, mas quem saía do Largo onde está a Câmara Municipal, para chegar à *aristocrática* praia de Pedrouços, precisava de duas horas de caminho ou mais!

Os chamados banhos do mar, eram na sua maioria tomados por indicação médica. O luxo das praias e a sua frequência por todas as classes, que hoje tanto se generalizou, começou muito mais tarde. Um escritor inglês que passou um dia pelo nosso país, escreveu: «Os lisboetas têm medo da água. É pequeníssimo o consumo de tinas. Parece que a maioria das pessoas lavam-se em bacias de cobre que, depois de bem areadas, servem para se cozer nelas a marmelada.»

Seria assim ou haverá exagero? Não sabemos.

A verdade é que o aspecto das praias do século passado, com senhoras engarrafadas



em desagradáveis fatos de banho, visto pelos olhos de hoje, é pavorosamente ridículo.

Ramalho Ortigão, o espirituoso autor das *Farças*, esse formidável libelo da sociedade portuguesa de então, já há perto de oitenta anos, chalaceava a respeito da frequência das praias, afirmando que a questão hidroterápica é por via de regra, um simples pretexto para a peregrinação das famílias alegres a sítios frescos.

A melhor praia portuguesa seria aquela que mais agradasse a quem a escolhesse como lugar de recreio.

E o cáustico Ramalho analisa as praias de Portugal, no tempo em que viveu, em duas ou três dúzias de linhas que vale a pena reproduzir, quer pelo seu valor literário quer pela agudeza de observação:

«Quem viu *Trouville*, as costas da Normandia e do Mediterrâneo ou as do Mar do Norte, com a água sulcada de botes reluzentes, a prancha dos mergulhos, o pequeno calção dos homens, a blusa das senhoras com um palmo apenas da saia e dois dedos de mangas, o lindo comércio do leite fresco, dos morangos e dos ramos de flores e depois vê as praias de Portugal, principalmente no Norte à hora do banho, repara que oferecem o aspecto lutuoso e funéreo de um país desolado, habitado por órfãos e viúvas que se vão deitar a afogar...

Não há uma simples bandeira nem uma flor. Não há um cacho de uvas a vender na praia. Também não há para alugar, um canapé nem uma cadeira de jardim. Dir-se-ia que toda esta população, anafada e dorida, renunciou sistematicamente a todos os cómodos e a todos os confortos da vida, no momento de vestir os negros crepes com que determinou precipitar-se nas ondas.

Comparado com este lúgubre espectáculo, o do Pére-Lachaise em dia de feriados, antolha-se-nos como um pacato baile campestre em que apenas não se dança, pelo motivo de consternação em que se acham os defuntos...»

Depois desta saborosa descrição, tudo fica dito sobre a vida balnear do século passado. A nossa linda Praia da Figueira da Foz foi durante muito tempo, frequentada por famílias espanholas que davam à cidade, o bulício e a animação que sempre caracterizaram os filhos da heróica pátria de Cervantes.

Um episódio curioso a que também está ligado o nome glorioso do citado autor da *Holanda*:

Eça de Queirós, que desejava terminar o seu romance *A Relíquia*, procurava um sítio sossegado para escrever com calma o seu livro. Mas antes, resolvera estar dois ou três dias na praia da Granja onde uma senhora lhe pediu que ele e os seus amigos do Porto, escrevessem um pensamento nas varetas de um leque. Os seus amigos eram então Antero do Quental, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins e Ramalho. E num alegre almoço de boa camaradagem, que se realizou no restaurante do Palácio de Cristal, Eça de Queirós apareceu com um pequeno leque que comprara num bazar. Era de cetim e tinha uma aguarela reproduzindo um grupo de cinco cães.

Todos concordaram em satisfazer o pedido da senhora da Granja e por cima da pintura dos cães, os amigos que também eram cinco, escreveram: «Os 5 autores.» Do lado oposto, Antero Quental iniciou a serie dos pensamentos e dos autógrafos escrevendo: «Quem muito ladra, pouco aprende. Antero.»

«Escritor que ladra não morde. Oliveira Martins.»

«Dentada de crítico, cura-se com o pelo do mesmo crítico. Ramalho Ortigão.»

«Cão livre, ladra à Lua. Cão filósofo abocanha um velho osso. Eça de Queirós.»

«Cão de letras — Cachorro. Guerra Junqueiro.»

E no resto das varetas escreveram a seguinte quadra:

«São cinco cães sentinelas  
De bronze e papel almaço  
De bronze para as canelas  
De papel para o regaço».

Eça de Queirós seguiu contente para a Granja com o leque precioso. Que será feito dele?

Em Lisboa ficou célebre e deu pasto a muito picarescas observações, uma pequena corrida de burros que cinco boémios alfacinhas levaram a efeito, partindo do Campo de Santana até à praia de Pedrouços.

Havia no Campo de Santana, um saloio de barrete que alugava burros a 480 réis por dia. 480 réis correspondia a um pinto. Ali foram os cinco esturdios, tantos como os escritores do episódio do Porto, prontos a rea-

lizar com a ajuda dos pobres animalejos, a corrida burrestre que realmente se efectuou.

Um jornal da época relata o sucedido, dizendo que dos cinco corredores, só três conseguiram atingir a *meta*, sendo o vencedor um tal sr. Guimarães que passou o resto da tarde a sustentar de cenouras o seu estafado companheiro de viagem...

O infeliz quadrúpede, bom e paciente, conquistara o primeiro lugar na prova violenta. Merecia pois esta compensação.

Os antigos «jogos de prendas» que chegaram até nós, também fizeram a sua época nas praias. Grupos de rapazes e raparigas, sentados na areia ou encostados às barracas, entretinham os seus ócios nesses jogos em que, quem se enganasse tinha um castigo variável. Começava numa palavra qualquer, o companheiro do lado tinha de continuar a frase e assim sucessivamente.

O primeiro que tivesse uma hesitação, era assediado pelos outros que logo gritavam:

«Pague prenda! Pague prenda!»

Começava por exemplo, um dos jogadores

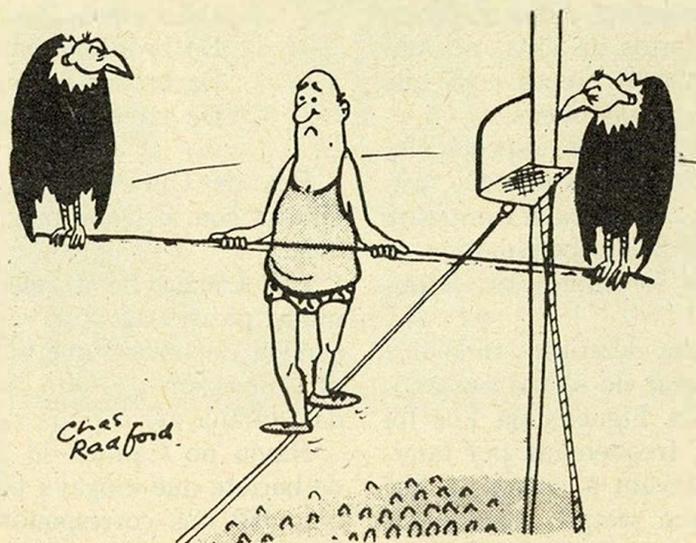
dizendo: «O passarinho fugiu da gaiola», o do lado continuava: «Que estava na mesa» e logo os outros: «Que havia na sala, que dava para a escada, que descia para o pátio, que pertence à casa que estava na Praça que dava p'rá rua aonde se via a cidade de Roma, etc., etc.

Aquele ou aquela que não respondesse imediatamente, pagava a prenda e tinha de sujeitar-se à sentença que era enfiar uma agulha, de olhos fechados, dizer um verso a rir e outro a chorar, dar um beijo, dar um abraço apertado e outras coisas filhas da fantasia de quem as decretava.

Dizem que estes jogos de prendas fizeram também furor nos conventos do séc. XVIII. As sentenças eram às vezes um tanto licenciosas. Já o Dr. Júlio Dantas em um dos seus livros, conta que este jogo vem de longe. Um dia a velha condessa de Pombeiro perguntou a um frade: «Que lhe parece a Vossa Reverência, estes jogos de prendas?»

E o frade respondeu de arremesso:

«Uma grande pouca vergonha!»



— Sem legenda

# os pais precisam de ir à escola



A experiência é geral: o professor pede ao aluno que lhe traga o exercício escrito ou o caderno diário assinado pelo pai, mas, no dia seguinte, a assinatura é da mãe.

— Porque não foi o teu pai que assinou? — pergunta-lhe.

O aluno dá uma desculpa qualquer. E assim — com a conivência da mãe — o papel do pai, reduz-se a pouco e pouco. De resto, muitas vezes, é o próprio pai quem se descarta das suas responsabilidades e encarrega a mãe de vigiar os resultados escolares do filho.

Cada vez mais, são as mães que vão aos liceus falar com os directores de ciclo e com os professores. Os pais têm a vida muito atarefada (o que de resto é verdade) e não podem ir. Casos há em que os professores insistem em falar com os pais, mas na maior parte das vezes, estes não aparecem... O velho **Pater familias**, sempre presente, impondo a sua autoridade, tende cada vez mais a tornar-se uma figura mitológica.

## A CHAVE DA CASA

E os filhos tendem, cada vez mais, a libertar-se dos pais. Ainda não há muitos anos a chave de casa era um símbolo. Os adolescen-

tes conquistavam-na pela maneira assisada como procediam. Era um prémio que o pai lhes dava. Hoje um número elevadíssimo de adolescentes entram em casa às horas que desejam, isto é: de madrugada. E que fazem esses jovens durante a noite e como ocupam o tempo?

Não basta o pai — por comodismo — dizer que os tempos são outros, declarar-se incapaz de perceber o que se passa...

Conversam os pais com os filhos? É muito comum estes queixarem-se de que o pai não lhes dá atenção, de que prefere ler o jornal a ouvi-los. Por outro lado é também frequente queixarem-se os pais de que não sabem conversar com os filhos porque não compreendem a linguagem deles. Mas esse abismo de linguagem, não foram os pais que o permitiram, que pouco a pouco o criaram?

## O PAI MODELO

E, no entanto, há muitos pais que, sinceramente, procuram ser verdadeiros modelos para os filhos. Pensam que basta oferecer aos jovens o espectáculo da sua própria honestidade. Pensam que perante tal exemplo os filhos têm a obrigação de ser educados e felizes... Mas é evidente que este método não

funciona numa sociedade que de ano para ano se transforma: a honestidade do pai vale para um certo número de problemas que são substancialmente diferentes dos problemas dos filhos.

É certo que nem todos os pais pertencem à categoria dos pais desinteressados. Alguns deles continuam a ser (ou pensam ser) pais à velha maneira. Na vida moderna são poucas as oportunidades de afirmar a personalidade. Trabalha-se em cadeia, trabalha-se integrado em grupo, um homem raras vezes pode realizar as suas capacidades. E sucede muitas vezes que os filhos servem de válvula de escape para as frustrações dos pais. Desse modo, castigam os filhos das maneiras mais absurdas («Amanhã, não vês televisão». «Hoje não vais ao cinema», etc., em vez de procurarem discutir compreensivamente os problemas dos filhos. Isto já não impressiona os adolescentes do nosso tempo: eles percebem muito bem que essa autoridade dos pais só existe em certas situações.

É isso limita o valor e a importância da intervenção «dura».

### MUITOS PAIS PREFEREM ABDICAR

Conscientes do que se passa, incapazes de se imporem aos filhos, muitos pais preferem abdicar. É nesse momento que a importância da mãe cresce e que a educação dos filhos se torna essencialmente afectiva. A mãe tende a proteger os filhos de tudo e de nada e o seu papel de educadora arrisca-se a ser puramente negativo. Quantas vezes ela diz: «É raro conversar com o meu marido. Ao menos resta-me o meu filho»? Esta mãe desvia para os filhos as suas frustrações de mulher. É no caso de não ter emprego, procura realizar com os filhos essa actividade que com trabalho fora de casa poderia absorver.

Ora é evidente que a influência da mãe na vida amorosa dos adolescentes é quase sempre inadequada nos rapazes. Para ela os filhos são eternas crianças. E nos momentos de crise não é fácil que os filhos procurem o auxílio e o conselho das mães. Nesse momento o apoio dos pais é essencial. «Enquanto eu era criança — confessa José S. — o meu pai gostava muito de mim. Brincava comigo, jogava à bola, éramos autênticos camaradas.

Mas quando cresci, desinteressou-se, nunca mais correspondeu aos meus anseios. A única coisa que me sabia dizer era que eu já era um homem e que devia assumir todas as responsabilidades. Foi o que eu fiz, muito à minha maneira...».

### PAIS SEM EXPERIÊNCIA

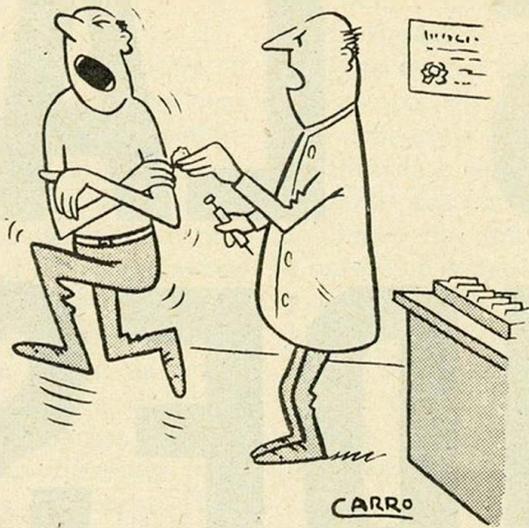
O problema dos pais complica-se também porque grande parte dos matrimónios do nosso tempo se realizam entre noivos muito jovens.

Homens muitíssimo novos, verdadeiros rapazes vêem-se dum dia para o outro com um ou dois filhos. No fundo, não têm a mais pequena experiência, nem mesmo nenhuma ideia acerca dum assunto tão difícil.

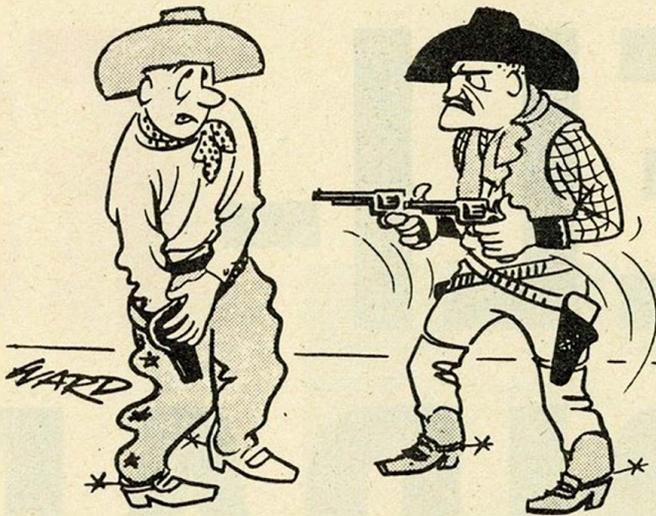
E, deste modo, o papel do pai vai-se reduzindo sempre e a educação é deixada à escola, uma escola que não está preparada para tamanho empreendimento. Mas não só à escola. A própria rua, já que entre a casa e a escola há um denso caminho a percorrer um caminho em que toda a espécie de influências se exerce sobre as crianças e os adolescentes.

É frequente ouvir queixas como estas: «Por que será que hoje é tão difícil educar os filhos? Dantes era tudo tão simples, os papéis estavam perfeitamente determinados, a educação dos filhos fazia-se naturalmente e sem conflitos». Claro que a frase não é completamente verdadeira. Mas admita-se que sim. Afinal o que se passa é o seguinte: os pais precisam de ser educados... Os pais e não apenas os filhos... Porque sucede com os pais e com a educação algo de muito semelhante ao que sucede actualmente em todas as actividades: passou o tempo em que não era preciso estudar, em que os problemas práticos eram fáceis de resolver. A forma «artesanal» da paternidade foi ultrapassada, Os pais têm de ser «profissionais» da educação. Na verdade, os filhos são, hoje em dia, um «produto» extremamente complexo que requer muitíssimos cuidados.

Assim, na estrutura da família moderna os pais arriscam-se a ser, num futuro muito próximo, os grandes ausentes. Para já, eles são uns microscópios presentes. Mas então, como podem eles queixar-se dos filhos?



Deixe-se de fitas — só lhe toquei com o algodão



— Diabo! Sei que tenho em qualquer sítio a minha pistola!

# AS LATI- TUDES DA

# FELI-FRANÇA CIDADE

As mulheres francesas são tolerantes, argutas e ciosas da sua independência. Amam a inteligência e detestam a hipocrisia.

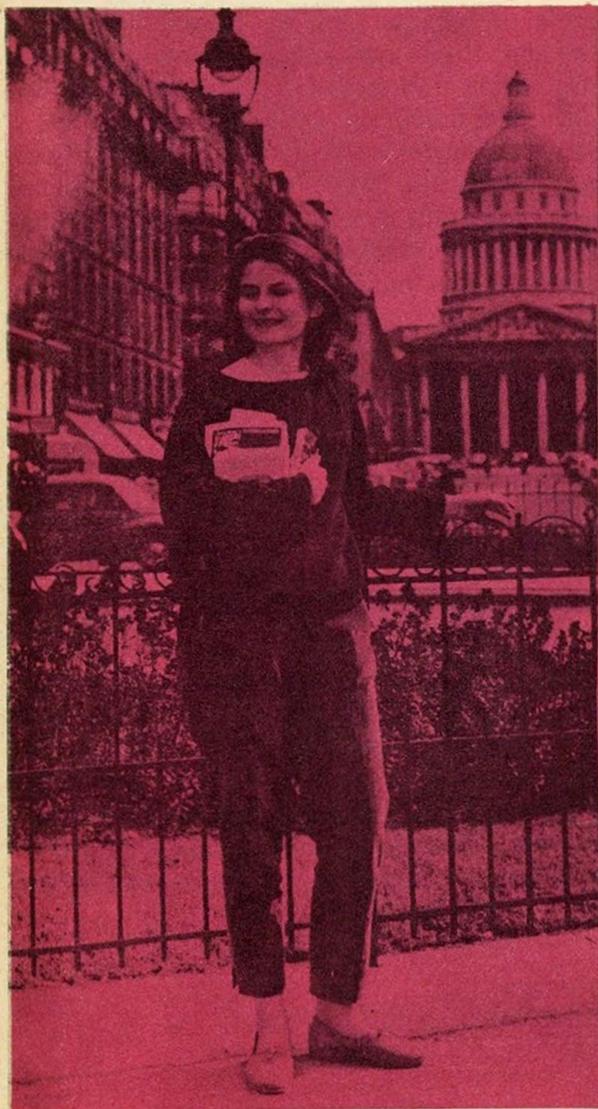
A parisiense: um mito que se mantém. É melhor deixá-la como a imaginação dos seus fans, através do mundo, a tem construído. Para quê insistir, por exemplo, no facto apontado pela estatística de ser Paris a cidade da Europa em que o consumo de sabão é proporcionalmente mais baixo? Há a parisiense com a face e o corpo de Brigitte Bardot (no filme «La Parisienne» a cena mais importante passa-se na casa de banho da muito parisiense Brigitte Bardot); há a cínica da comédia de Berque; há a rapariga apresentada em milhares de formas diferentes pelos pintores, de Van Dongen a Domergue. Há a parisiense de Prévert com a sua «fúria de viver» e há a que se mostra aos turistas nessa espécie de Jardim Zoológico que se chama Place Pigalle. Há a parisiense de cabelo comprido e roupas negras, à Juliette Greco, falando arrastadamente de folhas caídas e do ódio dos domingos, entre as ruínas sentimentais de Saint-Germain des Prés; há mais a representante da geração negra que

anda de «scooter» ou no *Jaguar* com rapazes em «blue-jeans»; a que segue a moda da última Lolobrigida; as gatinhas à Audrey Hepburn, ou à Marina Vlady, ou à Brigitte Bardot e ultimamente até à maneira das ninfas do Fragonard. Há a parisiense que calcorreia muitos quilómetros por dia, perfumada e vestida segundo a última e mais elegante das modas, diante das mais ricas mulheres do mundo, nos salões de *Haute Couture*, e a rapariga que, em salas muito mais pequenas, e diante de um público de homens se despe com a mais excitante lentidão. Podemos mencionar ainda a «midinette», que se aventura à noite, pelos vários bairros, e Mimi de *Bohème*, mas continuando no campo *Eros*.

Há, além destas, as centenas de milhares de parisienses que passam duas horas por dia no *metro*, comem *sandwiches* à pressa ao meio-dia, e não têm tempo para se dedicar a essa elegância pela qual são, erradamente, célebres. Há as parisienses que podem ser vistas abraçadas aos seus queridos nos lugares mais iluminados e desconfortáveis. Esta é uma das características. Pode até supor-se



Das ninfas de Fragonard à Brigitte Bardot — dois séculos de beleza feminina



Diane Portet, de vinte anos, pensa vir a ser professora. Estuda agora civilização francesa na Sorbonne. Vive num quarto alugado em Montmartre. Paga de renda 6.000 francos por mês e gasta cem em cada refeição. Os pais dão-lhe por mês 30.000, o que lhe chega

que há nisso um certo exibicionismo. Elas tomam a iniciativa, muitas vezes, talvez para afirmar a igualdade que conquistaram na luta dos sexos. Mas deve acrescentar-se que há outra explicação para esta profusão espectacular de beijos e abraços: Paris é um deserto. Tem-se a impressão de não ser conhecido de ninguém.

E, também, a famosa liberdade das parisienses — que pode não ser geral — tem algumas razões que nada têm que ver com a conquista da igualdade em relação ao homem. A independência das mulheres que trabalham, a exiguidade dos apartamentos que as obriga a sair, e a promiscuidade, são as razões que as tornam aptas para a luta, mais emancipadas e estratégicas na eterna batalha do amor. São, é verdade, extremamente astutas. Num estudo recente verifica-se que as palavras que a parisiense (e a francesa em geral) usa com os seus homens, são: *mon chéri, mon amour, mon chou, mon mignon, mon gentil, mon trésor, mon papa*.

Orgulham-se das suas vitórias. Atente-se nestas frases obtidas como respostas numa espécie de inquérito Kinsey recentemente levado a efeito: «O meu marido deixou a amante com quem vivia há cinco anos para casar comigo»; «Quando a minha mãe não tinha para onde ir, propôs-me que a recebéssemos em nossa casa»; «Acompanhou-me à missa quando tínhamos só duas horas para estar juntos — e não sendo religioso».

Do mesmo inquérito temos algumas respostas à pergunta: «Que faria se soubesse que o seu marido lhe era infiel?» «Pagava-lhe na mesma moeda», «Faria pior do que ele». No começo da vida conjugal as mulheres, como os homens, dizem que estão dispostos a serem fiéis. Mas, dizem as conclusões do inquérito, «Sabem que um dia serão obrigados a dar um ao outro uma certa liberdade, cujos limites não podem fixar». 58 por cento dos maridos e 50 por cento das mulheres consultadas toleram que outro homem ou mulher «goste» do consorte desde que «não abuse».

«Os homens têm o sentido da propriedade muito mais por respeito próprio que por amor, e consideram a infidelidade mais como um ultraje à sua honra que como um golpe

nos seus sentimentos. As mulheres são mais tolerantes, algumas consentem em ser enganadas desde que não o saibam e que a aventura do marido não se transforme numa relação permanente». E mais: «A mulher não se rende ao homem que tenta conquistá-la. Espera ser tratada com entusiasmo e ternura. Não é impulsiva. Serve-se da cabeça e não do coração. Domina a sensualidade com a *coquetterie*. O que mais aprecia é a inteligência. O que mais detesta a hipocrisia».

Mas não vale a pena continuar a apreciar a parisiense pelas estatísticas, que nunca são completamente verdadeiras, até porque nos arriscávamos a quebrar o retrato ideal que os «fans» de todo o mundo dela fizeram.

Fiquemos satisfeitos em vê-las passar, em grande pressa pelos *boulevards*, dançar ao

longo do Marne, que Renoir tanto amou, passeando aos domingos diante dos cafés dos Campos Elísios, perdendo-se nas pequenas áreas do Bois de Boulogne, interrogando friamente os passageiros de dentro das bilheteiras do *metro*, sorrindo do canto de um *bar*, passando nos seus trajes de *hospedeiras do ar*, movendo-se nas centenas de palcos de Paris, «posando» diante de milhares de objectivas, comendo vorazmente *sandwiches*, oferecendo ramos de violetas aos turistas acompanhados por senhoras; usando as *toilettes* das Folies Bergères, sorrindo estereotipadamente aos homens nos pontos estratégicos de Paris, procurando conquistar um homem solitário numa *boite de nuit*. Vivendo, em resumo. Sem pensar no inquérito Kinsey nem nas leis da beleza grega. Paris, como todo o mundo, é maravilhoso porque é variado.

Josseline Coiat, vinte e três anos, classe média, séria e previdente. Está noiva e quer casar. Para juntar dinheiro suficiente trabalha numa barbearia dos Campos Elísios. A maior parte do ordenado destina-a a comprar mobília



Laurence Mallet, vinte e dois anos, quer ser actriz. A sua vida não é fácil, mas mesmo quando não tem dinheiro tem esperança. Dedicou-se ao fabrico de cerâmica no estúdio de um amigo e às vezes vende as suas peças. Estuda arte dramática e vive num apartamento que uma tia lhe dispôs



# cartão de identidade da rapariga francesa

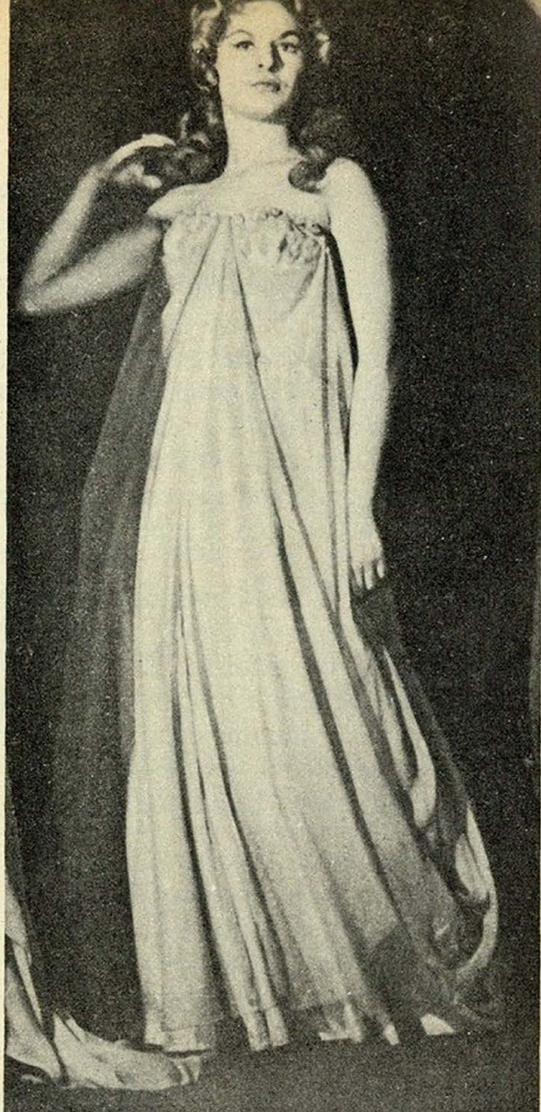
## É ROLIÇA

Não sabemos como se pode chegar a fazer uma ideia definida da rapariga francesa média quando há raparigas de Marselha que parecem irmãs de Pupette Maresca, quando algumas alsacianas têm ainda no cabelo o ouro do Reno, de Wagner, quando certas mulheres normandas parecem ter desembarcado na véspera dos barcos dos seus antepassados; e bearnesas que dir-se-iam ir representar a *Carmen*.

Na média, a rapariga francesa mede 1,57 m e pesa 56 quilos. Estas medidas e as seguintes aparecem numa tese discutida há anos na Sorbona e cujo título era «Investigações sobre a antropologia da mulher francesa». Tem de peito 84 cm, de cintura 57 cm, e de ancas 78 cm. Como se pode ver por aqui é bastante roliça. A autora da tese diz que as medidas da mulher francesa seguem as leis da beleza grega. Têm as mãos longas e expressivas, pés compridos e finos e as pernas medem 77 cm. Tendem a ficar mais altas. Em 1900 mediam 1,55 e em 1911, 1,56.

## TRABALHA

34,3 % das mulheres francesas têm uma ocupação profissional. Na França há sete milhões de mulheres assalariadas. Esta particular condição de independência material explora muitas coisas, por exemplo: a tendência ao matriarcado. Numa população de 42 milhões e meio de habitantes, há em França, 22 milhões de mulheres. Em cada quatro chefes de família, um é mulher. Célie Bertin, escreveu: «Nos últimos cinquenta anos fizemos mais pela igualdade dos sexos do que nos quinze mil anos precedentes».



Depois de algumas aparições na Rádio e na TV, Laurence Mallet deixou de ser uma desconhecida e vai agora entrar num filme com Tótó

Michèle Balaz pretende conseguir um pequeno apartamento em Paris, que seja dela e não alugado. Michèle é empregada de mesa num «bar». Começa a trabalhar às 8.30 da manhã e sai às 6 da tarde. Gosta de ir a concertos de música clássica e ao cinema

## É LIVRE

Geralmente, aspira a tornar-se material e espiritualmente independente. Frequenta obrigatoriamente a escola até aos dezasseis anos. A partir daí procura tornar-se independente.

Diz-se que a liberdade da mulher destruiria o matrimónio e até o amor. Pelo contrário, o número de casamentos aumentou e casa-se hoje em idade mais jovem. De 1946 a 1954 a percentagem de estudantes casados passou de 9 % para 12 %. Em 1954 nasceram 770.000 filhos legítimos e 54.800 filhos ilegítimos.

## POUPA DINHEIRO

O dinheiro é muito importante para a mulher francesa e ela sabe administrá-lo. Quando casa governa muitas vezes o dinheiro familiar. Dos sete milhões de mulheres assa-

lariadas, seis vivem sós. (2,5 são solteiras, 3 viúvas e 0,5 divorciadas).

## QUEREM CASAR

98 % das raparigas francesas querem casar. 97 % desejam ter filhos. Querem um marido enérgico, inteligente, compreensivo, terno e rico.

## DIVORCIAM-SE

Dez casamentos em cem, em Paris, e oito e meio na província acabam em divórcio. Um médico parisiense disse que, em 15 casos de divórcio, três maridos e uma mulher são homossexuais e duas mulheres são frígidas. À parte a infidelidade que é a principal causa de divórcio, as outras são o alcoolismo, o mau feitio, a paixão pela caça, os vícios, a falta de atracção física, a diferença de posição social, a coabitação com os pais, a falta de filhos, o excesso de filhos.



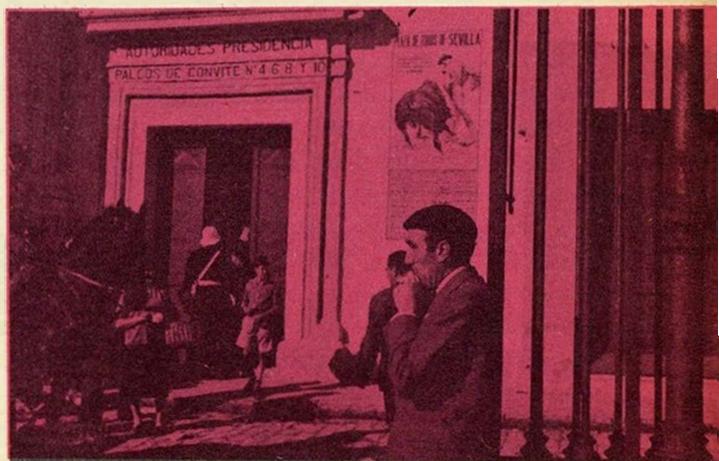
# SOMBRA E SANGUE

Andei a guardar Sevilha para um dia em que pudesse estar à vontade com Federico Garcia, o poeta das minhas dores maiores, passeando-me com a sua sombra por estes bairros de Triana e da Macarena por onde os seus olhos vagabundearam, ombro a ombro com Anunciación, **madre de cien dinastías**, com ciganos Camborios e outros, **morenos de verde luna**, bebendo **una copa**, ouvindo cantos flamengos, para acabarmos, à noite, nas margens do rio da Cidade da Graça, onde **voces de muerte sonaram cerca del Guadalquivir**. Foi Lorca que me apresentou ao Arcanjo São Gabriel, o bisneto da Giralda e gostava de me encontrar com eles, à vontade, evocando histórias já antigas e tão vivas, tão vivas como Goya, a fumarmos os três, encostados a uma dessas reixas de ferro forjado por onde espreitam flores e olhos verdes.

*Verde que te quiero verde,  
verde viento, verdes ramas...*

Fui eu que faltei, vindo aqui antes de tempo, embora não entrasse nos locais que escolhera para conversarmos os três. Fiz a volta dos turistas, sem ser turista. Estive no pátio das Laranjeiras da Catedral, por ali me sentei com fotógrafos à volta, cansei-me de tesouros guardados em naves e em sacristias, enchi-me de reminiscências mouriscas no Alcázar e na Torre da Giralda, farejei a Torre de Oro e os jardins de Murillo, ali pelo bairro de Santa Cruz, todo apinocado para os forasteiros e tão desumanizado agora, que só estive bem na pracita de Santa Marta, onde os filatelistas sevilhanos se encontram aos domingos de manhã, para confrontarem álbuns e trocarem selos.

## por Alves Redol



Vê lá tu, Federico, se, a caminho dos cinquenta, um homem é capaz de ficar fiel às promessas da juventude!

Este pobre barro humano leva tanta volta, mexem-lhe tais mãos — e que mãos, às vezes, caramba! — que se um espelho já nos diz pouco do rosto que tivemos, os gostos ainda nos dizem menos da alma para aqui arrecadada. Talvez por isso mesmo. Arrecadada em demasia, com este jeito de flor introvertida, de pétalas para dentro, a roerem-se e a julgarem que estão vivas, as pobres. Vivas de doença e de morte, dando às vezes, certas coisas bizarras e esquisitas que estão debaixo da terra, como as grutas de Aracena, por exemplo, que parecem maravilhosas e não chegam à beleza de uma árvore, de um sobreiro, vamos lá, aberto ao sol e ao vento, torturado mas bem vivo. Que coisas terríveis, e belas, podem architectar

as gotas de água, como esse salão da «Tragédia» com um tecto de 42 metros de altura, e lagos, e luzes indirectas, e frio, que frio!, com um cicerone meio bêbedo, meio artista de circo, a correr à nossa frente, a falar para ali, interessado em saber, por causa da gorjeta, se eu estou contigo ou contra ti. Até em Aracena, no ventre doente e espantoso da Serra Morena, um homem precisa de arrecadar a alma.

Sei bem as perguntas que me estás a fazer, Federico, e por isso eu guardava Sevilha para uma altura em que pudéssemos olhar-nos bem nos olhos, sem confidências, sem estes castiços de uma feira a desviarem-nos das fundas verdades humanas, mas também de maneira a que na minha alma não se tivessem criado grutas com salões e lagos interiores, com pedras que parecem órgãos, e não são órgãos, porque estão sem música, e rostos humanos,

e sexos espantosos, infecundos, flores e vulcões, e santas aparecidas, de mistura com mimos de horta e carnes de cevado, tudo de pedra trágil, choro de águas, que choram gota a gota, por nós, grutas tristes e sinistras deste mundo.

E isto vale a pena, apesar de tudo, para que nos vejamos bem por dentro. Depois deste espectáculo das grutas pálidas, talvez sejamos capazes de voltar para o ar livre, comovendo-nos e aderindo às coisas simples, terrivelmente simples, muitas vezes, mas que precisamos de saborear como estes sevilhanos pobres, mais ricos de alma do que nós, em certas horas, quando vivemos com o estômago no hotel, onde a Soraya se instalou para ver Sevilha, e o coração nos pátios míseros do bairro de Triana.

Pois deixa-me dizer-te, também, que andei por El Real a ver as amazonas e os cavaleiros, de curto, com meninas da grande sociedade cosmopolita, mascaradas com os antigos trajes **gitanos**, todos colorido e graça, cravos no cabelo e no peito, ali na garupa dos belos cavalos da planície andaluza, ou em cachos, em verdadeiros ramos, nas carruagens puxadas a duas e a três parelhas, a moerem as avenidas e as ruas, enquanto não chega a hora da corrida.

Ah é verdade! Estou agora aficionado da festa de toiros... Aficionado é como quem diz; os toiros agora doem-me. São coisas do coração, calcula tu, quando há gente a quem a corrida de toiros horroriza pela mesma razão irracional.

Doem-me os toiros e não ando lá, embora vá às arenas de Espanha sangue meu.

Nisto é que preciso de falar contigo, Federico, que foste amigo de grandes toureiros, pois os meus amigos daqui não devem entender bem como posso eu harmonizar dentro de mim coisas tão opostas.

Sou ribatejano. Brinquei aos toiros quando era menino. Fui cavaleiro por causa de um casaco de veludo lavrado que minha mãe me fez. Nenhum outro rapaz da minha rua se parecia assim tanto com um cavaleiro. Escarranchava-me num pau com uma cabeça de cavalo enfiada na ponta, fazia as cortezias com grande dignidade, e arranjei certa arte, e algum desembaraço, a cravar farpas em canastras de sardinha, empunhadas por rapazes varinos que não poupavam colhidas a quem os defrontasse.

Mais tarde, descí no escalão da gente toureira, passando a moço de forcados. Fui homem da unha, como se dizia na minha terra. E famoso. Não tanto por causa do meu tio Luís Venâncio, pegador de toiros profissional, o que podia ser uma razão, mas por outra variante, talvez menos meritória, mas realmente espantosa. Entre os rapazes que faziam de toiros nas nossas corridas, algumas delas, as mais famosas, pagas e bem pagas, com cinco e até com dez botões por cada entrada, havia um, o Mário, um gigante para a nossa idade, que dava sempre espectáculo de bicho pouco nobre. Cortava terreno aos cavaleiros e aos bandarilheiros, colhendo-os quase sempre, e, quando o artista estava no chão, não lhe poupava as marradas e até alguns coices. Como antigamente em Espanha, em que se ia às praças para ver os toiros em primeiro lugar, assim havia miúdos, em Vila Franca, capazes de pagarem vinte botões de ceroula só para verem uma corrida com o Mário.

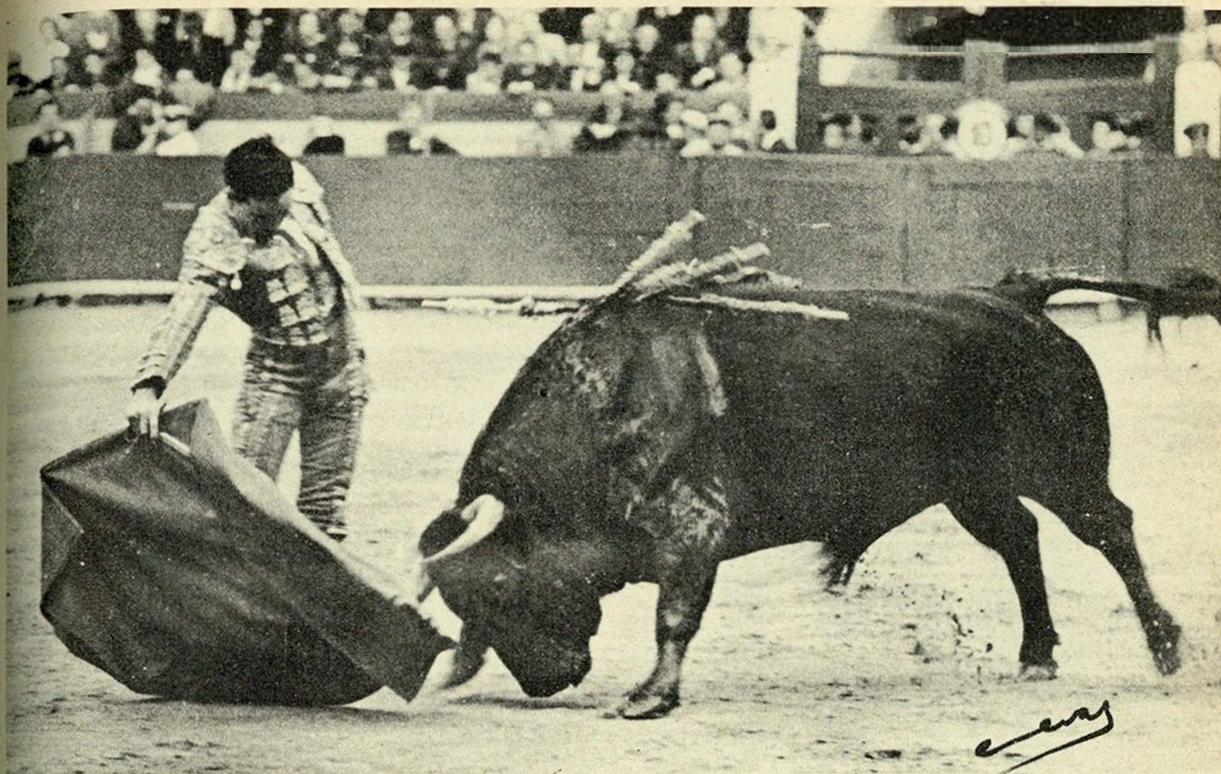
O Mário tornava famosa uma toirada. Era assim um Miura, um Pablo Romero ou um Palha Blanco.

Mas se com as farpas era malesso, só marcando pela certa, quando chegava a hora de trocar a canastra pela tourinha com dois chavelhos autênticos, o Mário tornava-se num pavor, num verdadeiro diabo. Punha a arena vazia, escarvava o chão, e os forcados olhavam-no de longe, entre a algazarra desdenhosa e os assóbios da assistência.

Andava com ele na escola da Marouca. Eu era mais novo três anos, franzinote e já calado. Fui sempre assim mazombo. O Mário gostava de ir nadar para a Areiazinha e era eu que o acompanhava, guardando-lhe o fato na margem. Um dia veio o cabo do mar. Apareceu de chibata, a gritar, e não me atemorizei, agarrando na roupa do meu companheiro e indo esperá-lo lá mais longe, para onde ele se meteu a nadar, abrigado pelos canaviais da margem do Tejo. Ficámos grandes amigos desde esse momento. E pelo caminho, com espanto meu, o Mário põe-me a mão no ombro e convida-me para eu ser cabo de forcados, sempre que ele fosse toiro.

Fui assim o mais famoso homem da unha, em corridas pagas com botões.

Depois cresci, estive para entrar numa corrida de beneficência como andarilho, e fiquei-me por aficionado, o que esmaeceu em



mim com as andanças da vida. Uma vez por outra ateava-se a labareda e lá ia a uma tourada, confesso que sem lamúria pelos «pobres animais», talvez porque no Ribatejo a gente sabe desde menino o que é um toiro. E há coisas que o berço dá e só a tumba as leva.

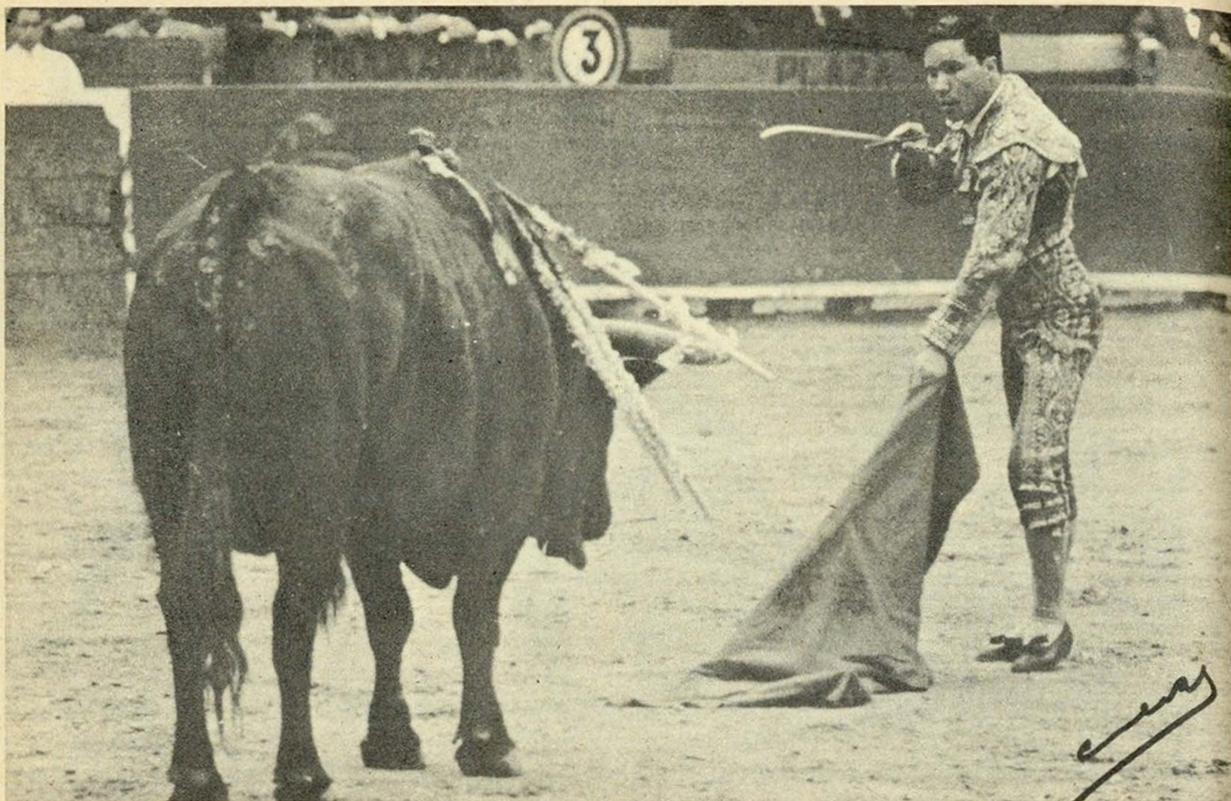
Pois estou aqui, em Sevilha, por causa de um toureiro que é de Vila Franca e se chama José Júlio.

José Júlio Venâncio Antunes, sobrinho-neto daquele Venâncio que pegou toiros, e filho do Júlio Antunes, um dez-réis de gente, em cujo corpo não cabia toda a sua coragem, e que foi bandarilheiro. A história do matador não vem agora para aqui. É uma história longa, de treinos e touradas clandestinas, antes da nossa família saber das ganas e das bonitezas do rapaz para a arte.

A hora em que chegou a «maestro» é daquelas que ficará, por certo, assinalada na história do toureio. Cansado o público de **martingalas**, com bezerros para os matadores e toiros feitos para os novilheiros, acomodadas as grandes figuras à espera do comparsa ideal, e não do toiro para lidar e dominar, chegou, por fim, a reacção retardada, e azeda, portanto, do aficionado velho que se lembrava ainda dos cornúpetos com toda a

barba, autênticas catedrais de carnes, nervos e chavelhos, dos **tios**, como lhes chamavam. Pois aí estão os **tios** com mais de meia tonelada de peso, broncos na maioria, que só aprendem depressa, numa viagem de ida, o que já não-de fazer na viagem de volta, isto é, procurar o vulto do toureiro, hastifinos, sem arranjos, virando picadores e montadas, como se lhes dessem papel para brincar, desventrando pencos, mesmo com as defesas almofadadas, e enchendo a arena de pânico, como ontem vi, estando lá Manolo Vásquez, António Gonzalez e Curro Romero.

Esqueceu-se o velho aficionado de que nesse tempo, de toiros com barba, o toureiro andava longe. Chegava-se um pouco nos quites, para a fera ir às varas dez e até vinte vezes, quando o público de agora assobia se picam o toiro mais de quatro, jogava com ele às escondidas, se dava em bandarilhá-lo, e depois pespegava-lhe umas trapalhas com a muleta para o quadrar e despachar. Era a época dos matadores. As praças eram assim matadouros enfeitados com magarefes vestidos de seda e oiro. Pagava-se o bilhete para ver o toiro, a sua casta e a sua agressividade — como e quantas vezes investia com os cavalos e quantos destroçava.



O matador só corria verdadeiro perigo no momento de se lançar com a espada sobre o inimigo.

Mas o toureio evoluiu, como tudo neste mundo dos homens. E fez-se arte verdadeira com a pintura de Gallito e a escultura de Belmonte. E logo foi música romântica com os toureiros ciganos, até chegar à sinfonia decantada de Manolete. Mas aqui já o toiro era tela mais pequena, para que maior se tornasse a paleta do toureiro, obrigado a colocar-se na fronteira do país inimigo, ou indo mais além ainda, quando era preciso trazê-lo ao convívio do capote e da muleta. Variaram-se os passes, embora alguns de'os fossem mero barroquismo, mas o homem pôs-se mais cerca da morte, decantando o jogo dos braços, o ritmo da faina, o domínio da investida. Correr toiros passou a ser tourear, uma arte com regras, mas com inspirações pessoais, uma arte própria onde também havia pintura e escultura, música e teatro, poesia e drama, menos o bailado, pois aquela arte exigia pés firmes e mando, repouso.

De repente, porém, o aficionado velho quer ver tourear comboios. Eles aí estão. E a arte?!

É por saber isso que estou aqui em Sevilha, à porta da Maestranza, depois de ter

debandado uma multidão de mulheres que veio para ver a Soraya, talvez por se lembrar da tua **Yerma**, meu chorado amigo. Acendo um cigarro, encostado às grades, vendo dois militares a cavalo junto à porta das autoridades.

*Los caballos negros son.*

*Las herraduras son negras...*

Doem-me agora as toiradas por causa desse jovem que já detem o maior galardão dado a qualquer matador português — uma orelha em Madrid... **Vaya por el torero!**

Fico cá fora com os pobres que não têm pesetas para ir aos toiros, e os vendedores de tudo que por ali aparecem. Hoje não sou um aficionado. Venho ouvir uma corrida de toiros com Manolo Vásquez, António Ordoñez e José Júlio. O sol afogueia tudo. O relógio move-se nas cinco e meia da tarde e ele está no pátio das quadrilhas, de boca um tanto seca, com os seus olhos verdes um pouco velados pelas responsabilidades da competição. Saem com ele dois dos maiores «maestros» de Espanha.

Estranha coisa esta — ouvir e seguir uma corrida de toiros pela música, pelos aplausos,



pelos apupos e pelo relógio. Sei que lá dentro não podia ficar sentado; as emoções sacodem-me quando o vejo, e movo-me, e falo — sei lá o que digo quando o vejo citar e quedar-se em terrenos que me alarmam!

A banda começa uma marcha garrida, e lá caminha ele, de cabeça erguida, sorriso aberto e corpo dominado, a pisar a areia doirada da Maestranza. Vem de azul-celeste e ouro, o traje novo que vi há dois dias no Manfred, e traz sobre o ombro esquerdo, cingido ao busto, o capote de passeio azul-petróleo que Vila Franca lhe ofereceu. A praça rasga-se de aplausos quando irrompe aquele luzeiro de estrelás e de flores. É uma toirada de Primavera na Cidade da Graça. Toiros de Cobaleda. **Que teria dado o sorteio dos toiros?**

Apagam-se os aplausos e a música. Fica um burburinho indefinido. Os clarins soam e os três matadores estão com os olhares na porta grande do curral. Por cima o peso do toiro que vai sair — quase quinhentos quilos.

Pelas minhas contas faltam cerca de três quartos de hora para o seu primeiro. Não, não me aguento aqui esse tempo todo. Atravesso a avenida e vou debruçar-me sobre o

Guadalquivir. Parece um lago morto. Lembro-me outra vez de Lorca.

*Un bello niño de junco,  
anchos ombros, fino talle,  
piel de noturna manzana,  
boca triste y ojos grandes,  
nervio de plata caliente...*

Só a boca não é triste. Talvez agora tenha aberto o seu capote de percal para um quite. Preciso de me esquecer por mais três quartos de hora e sigo pela margem do rio. A cantar passa um grupo de raparigas. Vão todas de flamenco, a repicar castanholas, recordando coplas da romaria del Rocío.

*La Virgen del Rocío  
se queda sola;  
Reina de estas marismas  
donde es Pastora*

À desfilada, num meio galope, acorda-me um cavalo alazão que leva um par consigo. Uma mulher de cabelos loiros, grandes argolas e cravos vermelhos, que cinge com um braço o peito do companheiro, em traje campero. Parece-me que a conheço. É uma de

olhos verdes que bailou toda a noite naquela caseta, em despique com uma morena, um nadinha ancha, mas alegre, alegre, que nem falta faziam as violas para ambas bailarem **seguidillas, soleás e farrucas**. E ambas com falta de par, caramba! Uns tipos para aii, sem salsa nenhuma, a bailarem ao som de um realejo, tão realejo como eles. Lembrou-me, de repente, daquele moço vestido de negro, bailando junto do monumento a Cid, o Campeador. Nunca falta gente a bailar à volta do Cid, toda a noite, toda a noite, — vão e vêm grupos e grupos, por ali riem e por ali se amam...

Andei, fui andando e desandando, e cá estou junto da praça, do lado das casas onde a Maestranza se encrava. É uma pequena romaria, de sevilhanos do povo. Entro numa taberna, quero beber qualquer coisa... **Una manzanilla**. Ainda não bebi deste vinho branco, um pouco seco, este é um pouco seco. Vai também uma **tapa** para fazer boca. Chocos fritos, **calamares**, de mistura com um cigarro que fumo e sopro quase com raiva.

Sei que a corrida de hoje é importante para ele. Bom sinal é estar aqui nestes cartazes, como estive em Valência e estará nas feiras de Santo Izidro, na de Pamplona e de Bilbao, aonde só vão os matadores de primeiro plano. Mas o ano é duro, vai ser duro, nunca foi tão difícil, nunca, coragem e arte não lhe faltam, mas é muito jovem ainda. Está agora entre esta dúzia de grandes toureiros com que se compõem as feiras maiores da Espanha, mas por isso mesmo...

Ja cansei o relógio de o mirar. Volto a erguer a manga do casaco. Podia arregaçá-la, tantas vezes repeti este movimento. O Manolo Vásquez deve estar no fim do seu toiro. Pago e saio. De repente receio chegar atrasado. Que tenho eu com as mulheres que vendem jogo, os rapazes que apregoam bandarilhas, caramelos, tabaco e amêndoas! **No, no quiero**, que hei-de dizer a esta gente?...

Estou já no mesmo sítio. As mulheres que aguardam a Soraya abrigaram-se numa sombra. Os guardas, a cavalo, conversam em voz baixa e sorriem. Passaram quarenta minutos, lá de dentro vêm aplausos, frouxos. Afinal ouve-se mal — ou sou eu que não consigo ouvir? Deve ser agora. Quando soar o clarim.

Fica-me uma ausência na alma, um vazio,

e deve ser o contrário — estou saturado de esperar e de fazer interrogações sem resposta. Ninguém me diz nada. Não temos neste momento as mesmas preocupações.

Recebo o rasgão do clarim a meio do peito, um pouco sobre o lado esquerdo, e doi-me o braço. A mão pesa-me. É por isso que não estou lá dentro. Há um uivar de vozes, e assobios, assobios, o público apupa o toiro. Deve ser o toiro que entrou, meia tonelada com certeza, e o Andrécito — que companheiro! — está a corrê-lo na ponta do capote para que o seu matador, o meu matador, veja como tem de o tourear. Ele aí está. O burburinho de agora é do seu capote aberto, bem aberto nas mãos; cita-o, aproxima-se, desafia-o outra vez, e o inimigo investe, olés e mais olés, passa outra vez — seria bom que estivesse a toureá-lo à verónica, de pernas abertas, como ele sabe. Há um alarido maior. Que foi?!... O toiro deve ter arrancado para o cavalo. O picador sangra-o. O Zé tira-o dali para o recrear um pouco, parece uma pintura viva que mal toca na arena, e aí está outra vez com o toiro em sorte. Assobiam o picador; sim, é o picador, com certeza. Depois aplausos, mais aplausos. Acho que estão a aplaudir pouco. Há bocado com o Manolo Vásquez não foram mais calorosos, isso não.

A praça anima-se, deve ser com ele, só pode ser com ele, e os cigarros queimam-se nas minhas mãos. Novo burburinho. E depois o clarim toca para mudarem de tércio. Lá vão os dois picadores, lentos e desconfiados, a caminho da porta que se abriu. O Zé já agarrou num par de bandarilhas; pôs-se a ver-lhe os bicos. Sevilha sabe como ele bandarilha, já o viu, já lhe deu triunfos, e pede música. Música, então a música?

Da arena só chega silêncio.

José Júlio está a mostrar-se ao toiro, para que o veja bem; pula-lhe de longe, de braços erguidos, bem levantados, e aí vem ele, lento, um passo e outro passo. O toiro baixa a cabeça e ele alegra-o com a voz e com o corpo. Agora, é agora. Correm um para o outro, e depois só oiço um rugido da multidão, logo seguido de palmas quentes, que saem em cogumelo da concha da praça. Aí está o homem! Não tenho tempo para imaginar o par seguinte, porque os aplausos caem-me em cima.

Sorriso. Só agora reparo que um velho está



a seguir-me as expressões, e sei lá se os movimentos! Não tira os olhos de mim. Voltolhe um pouco as costas e penso num enorme par a câmbio, mesmo no centro da praça, daqueles que fazem dizer aos críticos que ele é o número um a bandarilhar, aguentando ali, de poder a poder, como o faziam Frascuelo e Gallito.

O clamor das ovações atordoame. Está a caminho do triunfo. Hoje é tarde grande, como as outras que aqui teve em novilheiro. Já percebi bem como Sevilha o admira, como todos lhe querem. Vê-se na rua e nas casas onde entrámos. Agora há quase dois dias que o não vejo. É a inibição do contacto com os seus, porque hoje tourear não é guardar cabras nem fazer passar badanos pelos alamares.

Está já com a muleta na mão. Aplausos, olés, silêncio. E uma ovação frenética. Deve ter-se cingido, nesse misto de festa e drama que ele tão bem sabe imprimir ao que faz. Quebrando um pouco pelos rins, levando o bicho embebido no trapo vermelho até onde o braço chega, e trazê-lo novamente para si, de pés quietos e firmes. O toiro não deve humilhar e ainda bem. Depois há um grito que faz uma ferida no ar, e sobressaltome por instantes. Mas já lá vêm os olés e as palmas. Que teria sido?!... Algum recorte no terreno do toiro para o obrigar à muleta. Quero adivinhar ainda, mas os ruídos da praça são confusos. Sou eu que estou fatigado desta tensão a que me deixo chegar.

Agora aplausos francos, sim, são aplausos. Já teria acabado? Oiço o campainhar ao longe das mulas do arraste, e pressinto que o êxito não subiu aonde queríamos. Há uma ovação. Sóbrio, deve estar a agradecê-la; nunca aceita os triunfos fáceis.

Agora serão mais três quartos de hora de expectativa. Talvez o segundo toiro lhe saia melhor. Preciso de dar uma volta para abrandar esta emoção que não se pára dentro do meu sangue. Onde conseguirei passar este tempo? Voltome para o Guadalquivir. E se fosse a Triana?

Começam a chegar carros puxados a parelhas ajaezadas à andaluza. O povo agora aproxima-se também por causa da saída da praça; já estão na segunda parte, e o tempo para eles passa depressa. Há também a Soraya, e mulheres bonitas, e cavalos, e toureiros. O Sol fez-se ameno e não hostiliza.

Afasto-me em passo lento, vou ao acaso, cuidando não ir para muito longe. Se agora pudesse ler qualquer coisa?... Acabo por comprar amêndoas. Encosto-me à esquina de uma rua qualquer a ver passar gente. Uma cidade está sempre nas suas ruas. Sevilha tem o Murillo, bem mais de meia centena de obras do seu pintor, que vive um pouco por toda a parte, sem querer lembrar a luz e a cor da cidade que se agarraram ao seu pincel e à sua paleta. E com ele, Zurbarán e El Greco, Valdés Leal, um pintor quase desconhecido para mim, e Goya também... Mas o povo nas ruas...

Uma sereia aflita fura por entre o burburinho. Vem das bandas da praça de toiros. Há gente que corre. Instintivamente corro também. Que foi? Então que foi?!... Não me percebem. Os espanhóis têm orelhas moucas para outras vozes, e eu sou um forasteiro com ar de poucas pesetas. Percebe-se com facilidade.

— Si, José Júlio, el portugués... Herido!

Falam uns com os outros e eu interrogo-os outra vez, e interrogo-me: — Ferido como?!... Não pode ser. — Ando para ali atordoado. Levaram o meu toureiro para uma casa de saúde, é o que me dizem. Deve ser grave, mas ninguém deu por isso. O toiro era defeituoso de córnea, não valia um passe, por isso o assobiaram quando saiu do curral, e **el niño, lleno de ganas**, compôs a figura como se estivesse à frente de um toiro nobre, sacando-lhe dois passes em redondo; logo ao terceiro o **Cobaleda** empitonou-o por uma perna, junto ao joelho, e o matador ficou na mesma, sem drama, não teatralizando como muitos que dramatizam sustos, e continuou a buscar a faena, porfiando, sempre sereno e digno. E só depois de agradecer aplausos, foi pelo seu pé, sem coxear, a caminho da enfermaria.

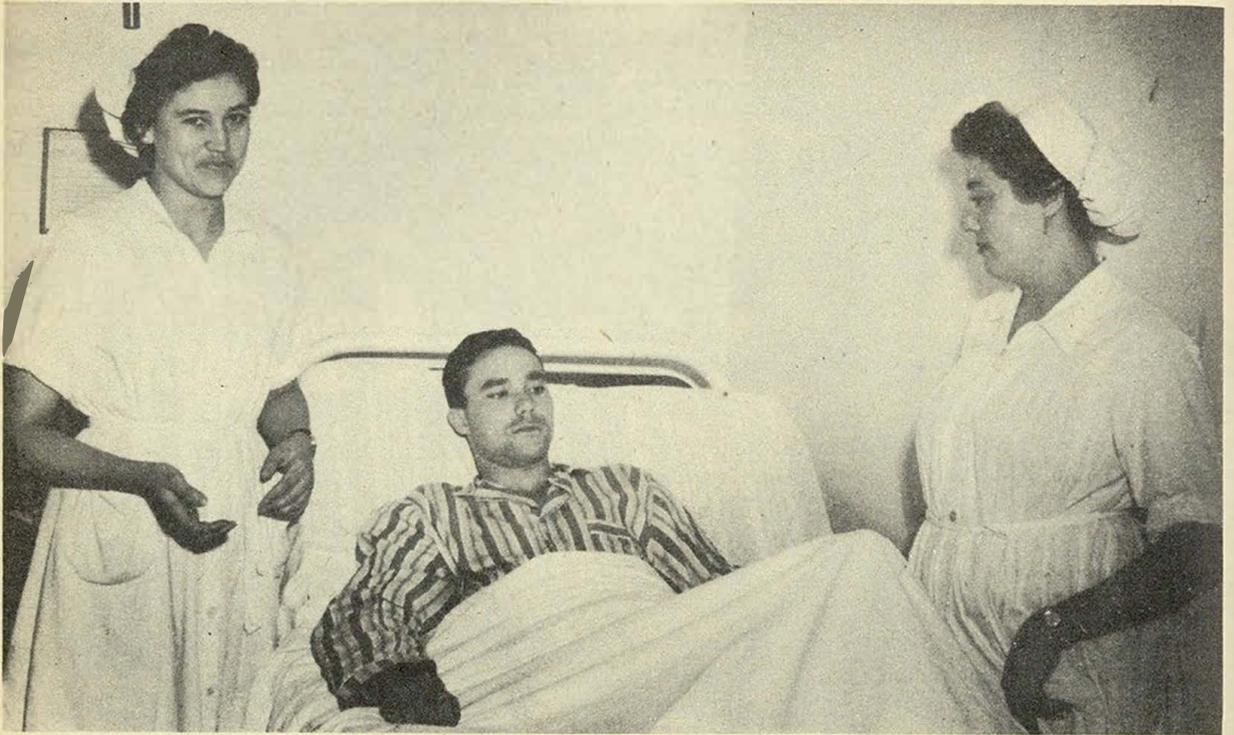
E agora a sereia da ambulância leva-o. Para onde o levam?!...

Um começo de época triunfal e hoje uma ambulância. Uma cornada de um toiro que não valia um passe de capote. E podia valer uma vida. Aquela arte escreve-se com sangue. É um poema dramático escrito com sangue. Mas é preciso ainda que o tributo se pague com a dignidade de quem não regateia preço para chegar ao cimo.

À noite, na redacção do seu jornal, Remígio Ruiz escrevia sobre o matador portu-



*Handwritten signature or mark in the bottom left corner.*



guês: «Inteligente, sereno y artístico, estuvo en su primer enemigo este valiente espada portugués. Tan valiente que pagó con su sangre cuanto se esforzó por sacar partido a un enemigo que no merecía un sólo muletazo. José Júlio lo saludó con unos lances ajustados muy valientes y escuchó muchos aplausos. En el tercio de banderillas tomó los palos y tras vistosa y artística preparación prendió tres monumentales pares que el público premió con cerradas ovaciones, viéndose obligado a saludar desde el tercio para corresponder a los aplausos de la multitud. Su enemigo llegó a la muleta peligrosísimo. José Júlio lo toma con unos muletazos bajos muy buenos, pisando terreno comprometido. Se le aplaude. Luego tomó la derecha y muy ajustado y tirando superiormente de la res, instrumentó dos derechazos extraordinarios y al dar el tercero, el difícil enemigo le prendió por la pierna derecha, dándole un revolcón. Se levanta encorajando y continúa valentísimo sobre la derecha. Nada hacia pensar que estuviese herido, pues José Júlio no hizo el menor gesto de dolor. Cuando igualó al animal dejó un pinchazo y estocada. Se pitó al toro en el arrastre. Y después, por sus pies, entre clamorosas ovaciones, pasó a la enfermería para no volver a salir...»

Também cheguei à noite à cabeceira da sua cama. Os corredores e as salas estão

cheias de toureiros, de mulheres e de admiradores anónimos que vêm saber o que se passa. O telefone não deixa de tocar.

— Então? Perguntei-lhe.

Responde-me com uma sombra nos olhos verdoengos.

— Era um toiro difícil, acrescentei. — Difícil e baixel... Devias tê-lo despachado.

— Os toiros, respondeu, encarando-me, não são para despachar mas para tourear. Há que parar-lhes na frente...

Enco!ho os ombros e vou até à janela. Ao longe, milhares de luzes da feira atiram labaredas para o céu de Sevilha e recortam a silhueta da Giralda. A noite parece um cartaz.

E a sombra de Federico passa entre um grupo de ciganos que vai a reboque de um tocador de viola.

*... En el aire conmovido  
mueve la luna sus brazos  
y enseña, lúbrica y pura,  
sus senos de duro estaño.*

*— Huye luna, luna, luna.  
Se vinieran los gitanos,  
harían con tu corazón  
collares y anillos blancos...*

Que fariam os ciganos com o sangue de um toureiro?!

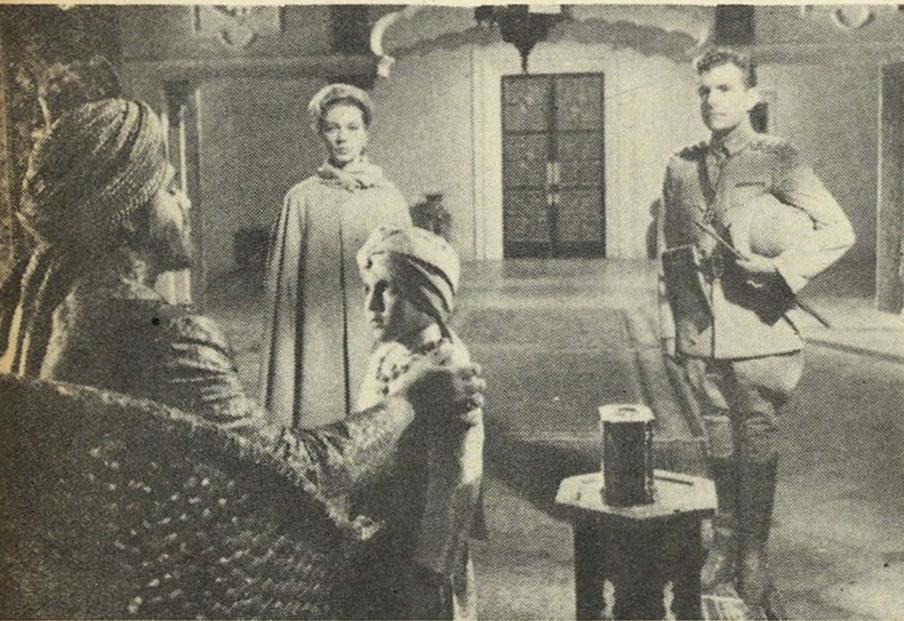


**kenneth moore  
laureen bacall  
herbert lom em:**

**«sangue sobre a índia»**

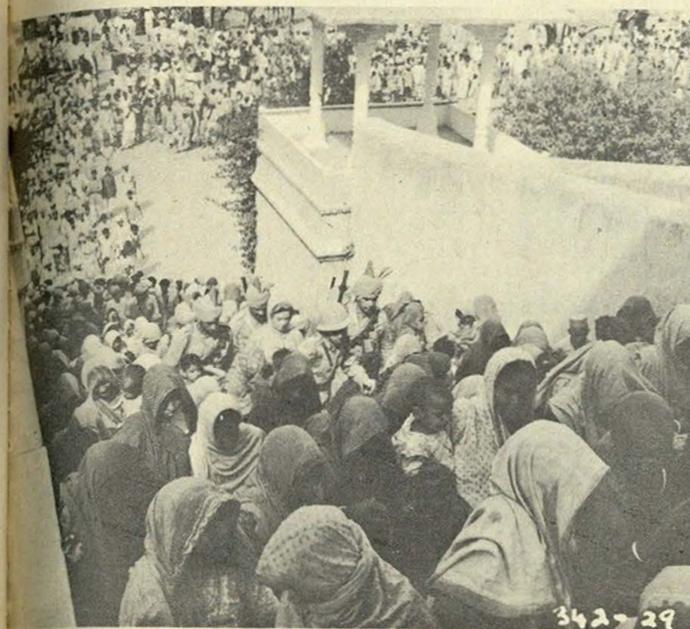
**um filme da organização rank  
cinemascope  
eastman colour**

## o filme do mês

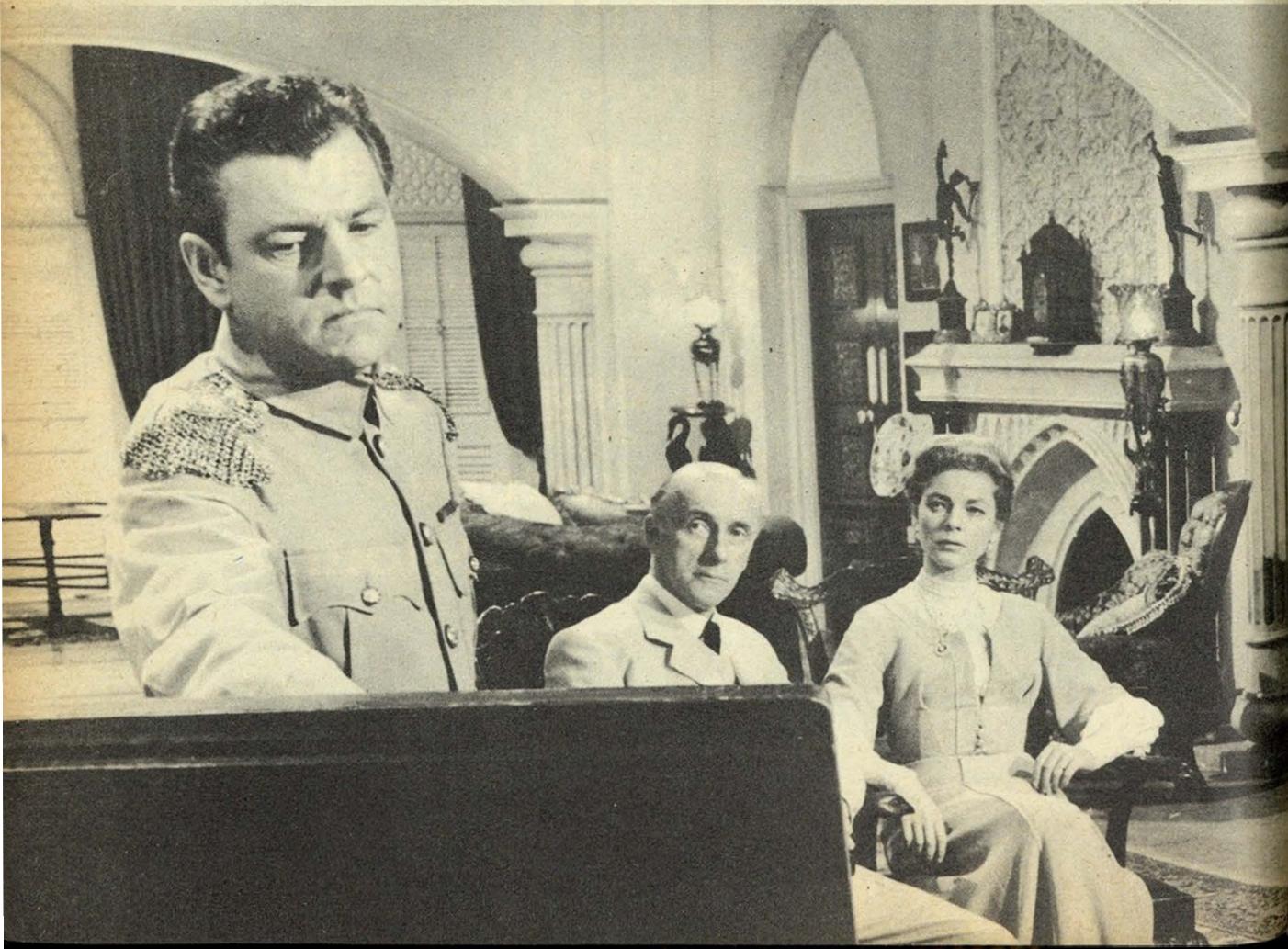


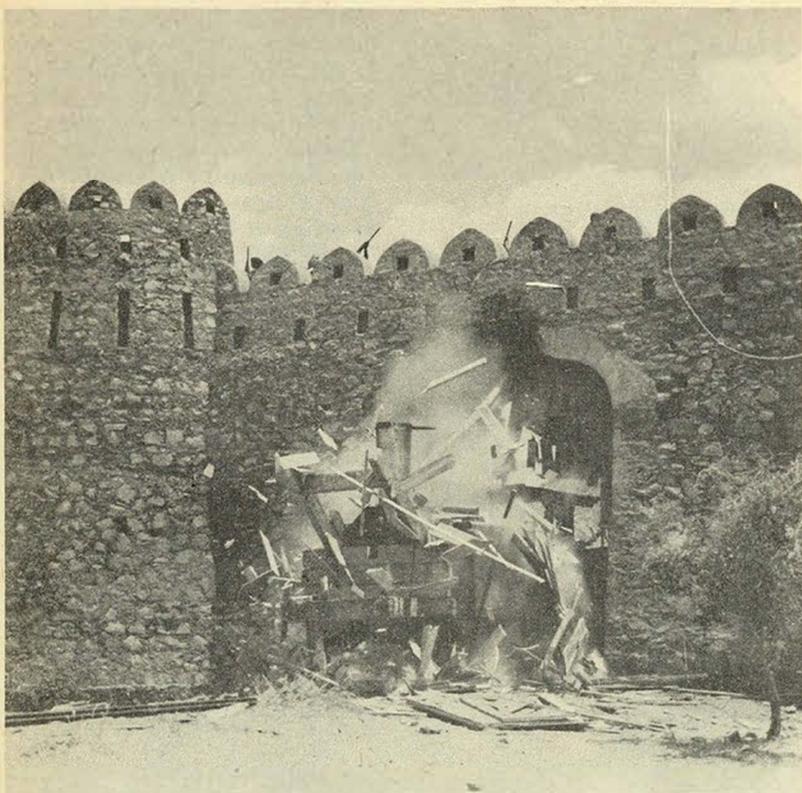
No palácio o marajá despede-se de seu filho Kishan (Govino Ross) de cinco anos de idade. O momento é urgente. O capitão Scott (Kenneth More) foi enviado pelo governador inglês da Província com o fim de levar para lugar seguro o pequeno príncipe e a sua governanta americana Catherine Wyatt (Lauren Bacall). Correm rumores sobre uma revolta entre as tribos. Enquanto Scott e os seus homens levam o príncipe e Catherine para as montanhas, o ataque é desencadeado. O marajá, demasiado orgulhoso para fugir aos seus inimigos, é morto

No meio da onda de refugiados procurando encontrar segurança em Haserabad, o capitão Scott, Catherine e um punhado de soldados indianos conduzem o príncipe Kishan



No palácio do Governo, o governador «Sir» John Windham (Ian Hunter), na extrema direita, explica que recebeu ordens para enviar o príncipe Kishan para Kalapur, a 500 quilômetros de distância. Kishan é agora o chefe político e religioso de centenas de milhares de hindus, e, enquanto for vivo, nenhuma rebelião pode legitimar-se. Mas o último comboio partiu e a cidade está cercada. Scott organiza um plano de fuga. Há uma velha locomotiva de manobra quase inutilizada nos barracões da estação, chamada «Imperatriz da Índia». Com um pouco de sorte talvez possam romper com ela as linhas rebeldes. Na sala do governador, Scott explica o seu plano a Bridie (Wilfrid Hyde White), segundo à esquerda, Peter (Eugene Deckers) quarto à esquerda, «Lady» Windham (Ursula Jeans) e o brigadeiro Ames (Jack Gwillim)





Com o príncipe Kishan, Catherine, «Lady» Windham, Peters, um jornalista chamado Van Leyden, Bridie, Gupta, o maquinista, e dois soldados indianos, Scott rompe através das linhas rebeldes, na velha «Imperatriz da Índia»

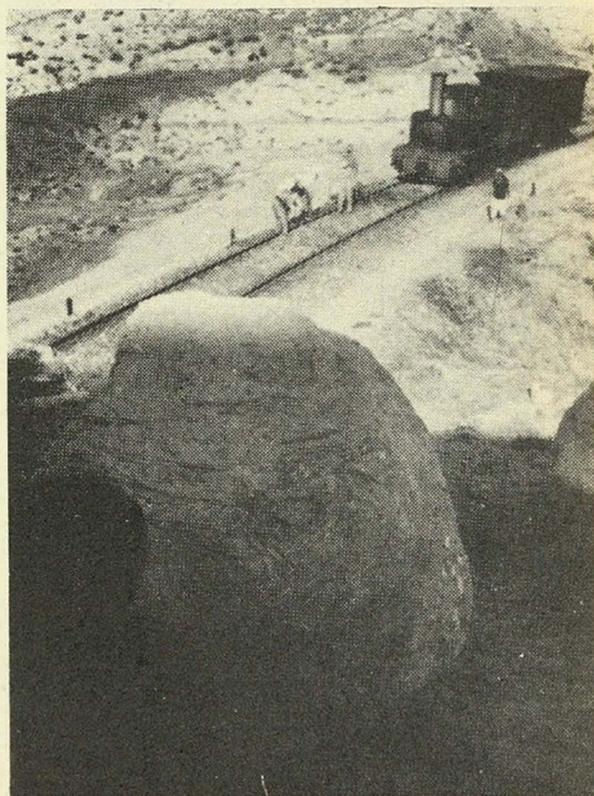
Durante a viagem, Scott e o seu grupo passam pelo último comboio de refugiados a deixar Haserabad. Todos os passageiros foram massacrados pelos rebeldes, com excepção de um pequeno bebé indiano que Catherine encontra entre os mortos

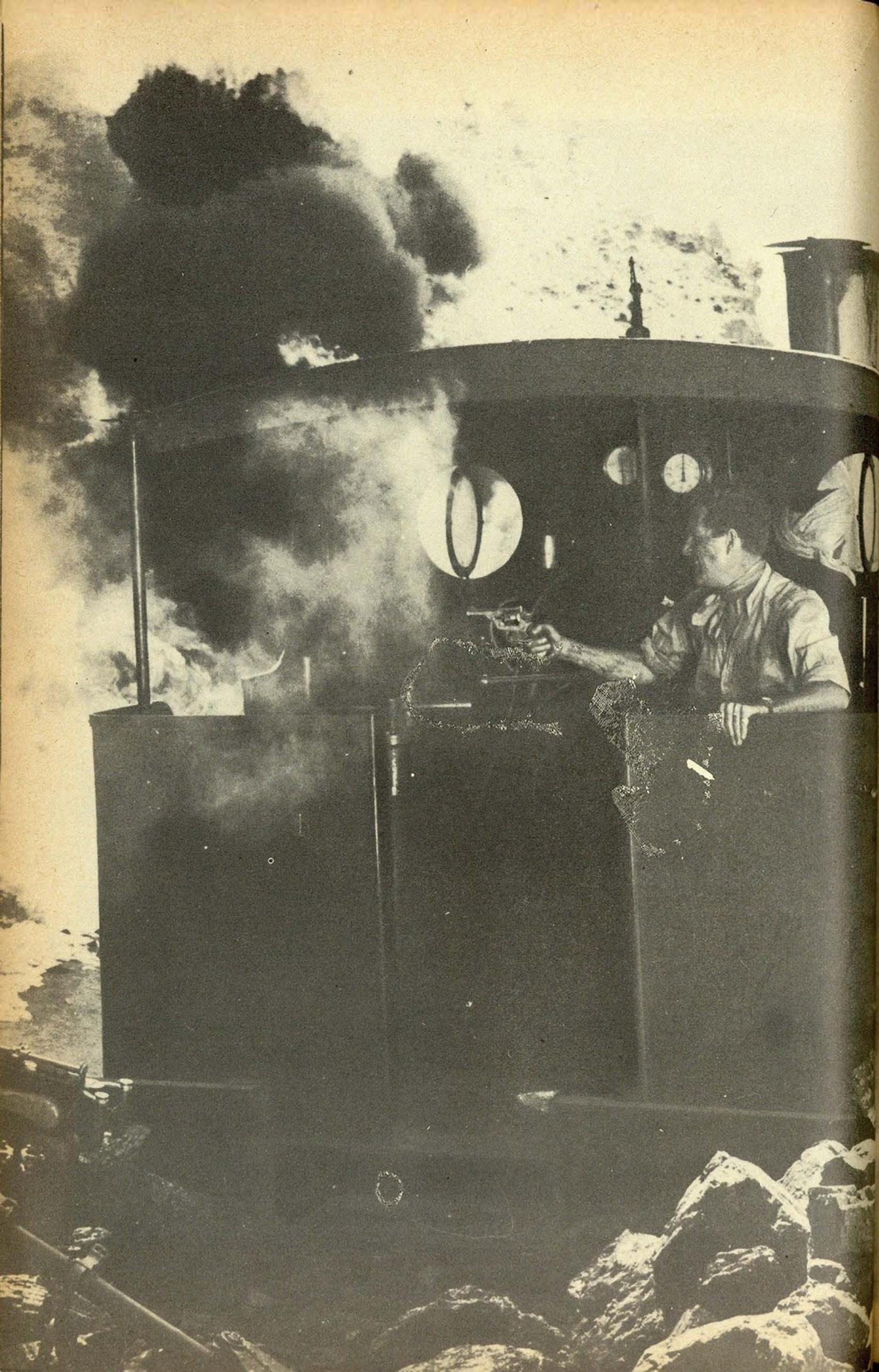




O comboio pára diante de um troço de via que se encontra avariado. Scott diz a Peters que vai reparar a linha de maneira a que o comboio possa seguir viagem. Van Leyden (Herbert Lom), Catherine e «Lady» Windham observam

Enquanto Scott e os seus companheiros reparam a via, um grupo de rebeldes espera escondido para assassinar o príncipe Kishan, logo que ele abandona o comboio







Quando Scott tenta pôr-se em marcha com o comboio, os rebeldes atacam. Gupta, o maquinista, espalhou bidões de parafina à volta do comboio e Scott incendeia-os para manter os inimigos a distância enquanto faz pegar a locomotiva



A cavalaria rebelde ataca a «Imperatriz da Índia» mas as descargas de Scott e dos companheiros mantêm-na a distância

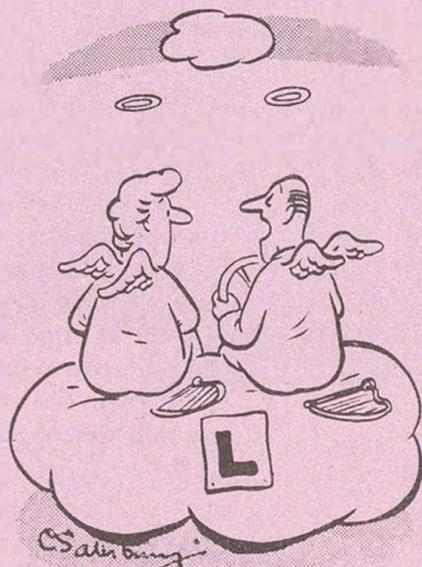
Van Leyden, que era afinal muçulmano, tenta assassinar o jovem príncipe. Quase o consegue mas Scott impede-o de o fazer. No tejadilho do comboio lutam um com o outro; Van Leyden puxa do revólver e vai matar Scott, quando Catherine toma ânimo e abate o homem que pensa ser sua missão divina assassinar o príncipe



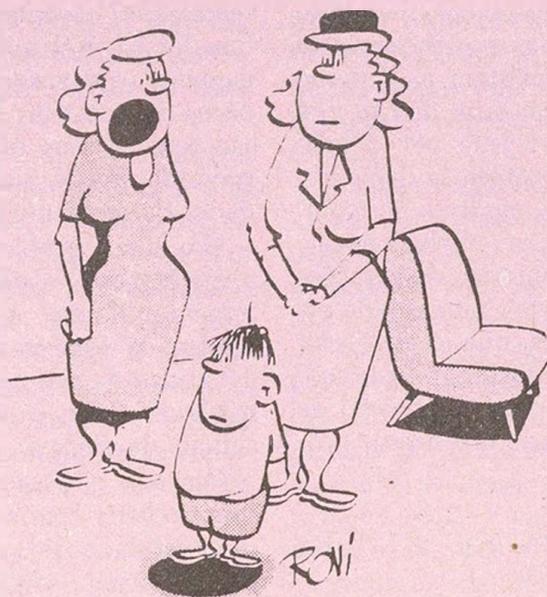
Gupta, o maquinista (I. S. Tohar) fica ferido por uma bala rebelde e Scott tem que tomar o comando da locomotiva. Todos estão tristes, e, para os animar, Scott canta uma velha canção inglesa

A terrível viagem terminou. O pequeno grupo de Scott chegou são e salvo a Kalapur. O príncipe está em segurança e um coronel inglês recebe os viajantes com manifesta satisfação





— Como eu ia dizendo antes daquela insólita interrupção...



— Nós não nos demos ao incómodo de o baptizar. De qualquer forma ele não viria quando o chamássemos!

Entre o crânio que se vê ao centro e o senhor que se vê à direita, correram, muito provavelmente, 600.000 anos.

O crânio pertenceu ao chamado homem de Olduvai, que os antropologistas consideram o primeiro representante do «genero» Homo; o homem é o arqueólogo inglês L. S. Leakey, que o descobriu.

# 5.260 bilhões de homens

Quantos homens terão existido desde que a espécie humana surgiu neste vale de lágrimas que é a Terra? À primeira vista a pergunta parece ociosa. Dir-se-ia uma pergunta para teólogos medievais que se preocupassem em saber quantas almas existem no Inferno ou no Paraíso. Mas, ao contrário do que poderá parecer, a pergunta é feita por cientistas preocupados com os problemas demográficos e com os problemas relativos à evolução. Na verdade, pensam os evolucionistas, seria interessante saber o número de gerações e de indivíduos que existiram numa dada espécie. E assim se explica que o professor Wilhelm Winkler, conhecido sábio austríaco, tenha posto mãos à obra com a intenção de contar o número aproximado dos nossos progenitores.

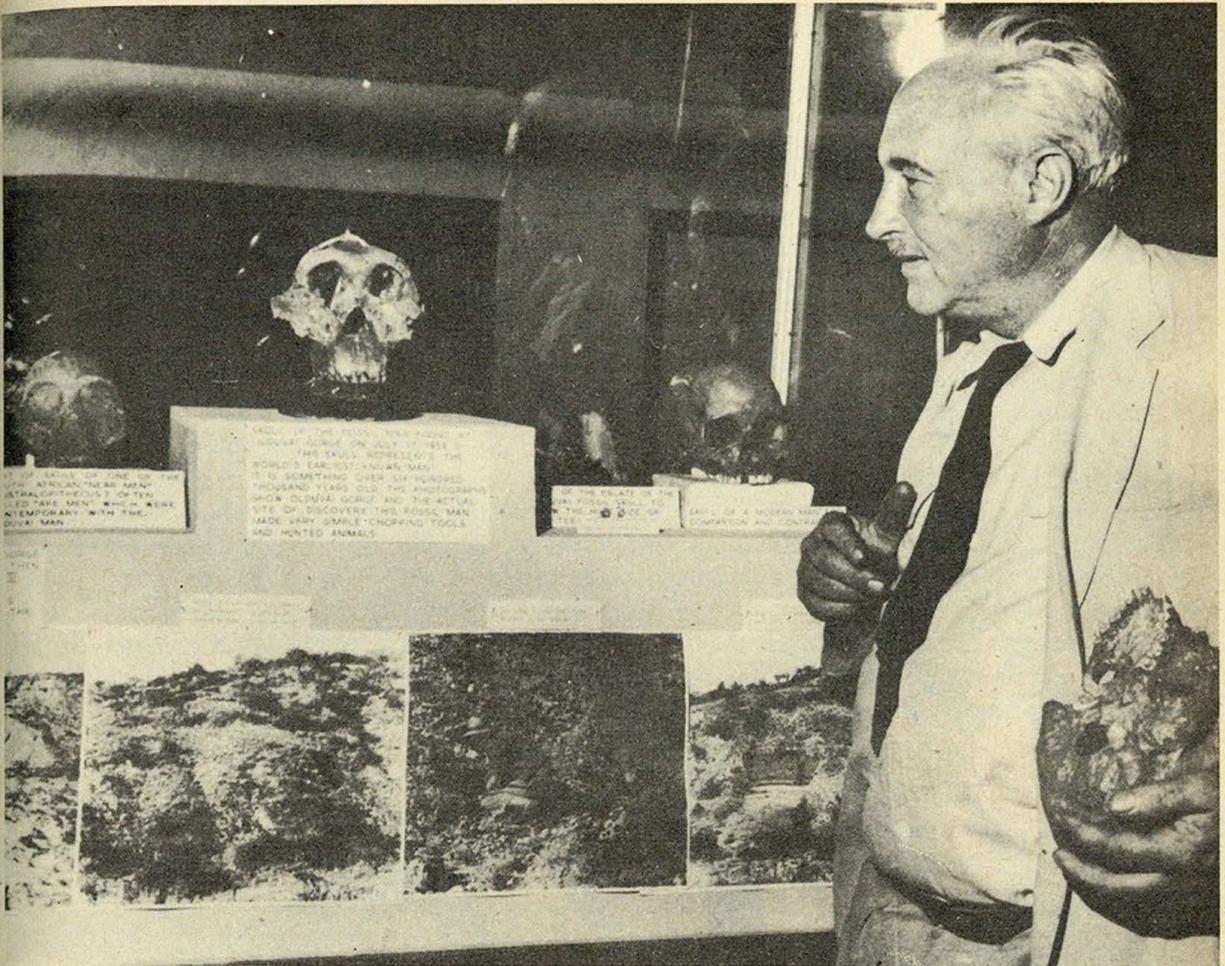
## O HOMEM NASCEU HÁ 600 MILHÕES DE ANOS

A primeira dificuldade a resolver era esta: qual a data do aparecimento do homem? Embora ninguém tenha a pretensão de saber exactamente o momento preciso em que

os homens pela primeira vez viram a luz do dia, há fortes razões para determinar, graças aos restos fossilizados, a época de tão sensacional acontecimento. Winkler pensa que foi há 600 milhões de anos, aproximadamente, que surgiram os primeiros seres capazes de construir instrumentos, de comunicar com os seus semelhantes e de utilizar a própria experiência para vencer as dificuldades do ambiente.

Um novo problema é este: todos os homens descendem dum único par ou têm uma origem múltipla? A questão da origem monofilética da espécie humana é uma das mais debatidas da antropologia. E, deve dizer-se, qualquer delas é compatível com os dados actuais da ciência.

Por isso o Prof. Winkler prefere não se comprometer com nenhuma das teses e admite a validade de todas. Assim ele resolve o seu problema, admitindo três hipóteses diferentes. E pergunta: quantos homens terão existido, admitindo a tese monofilética? E admitindo que descenderão de cinquenta casais coevos? E de mil? Trata-se evidentemente de números escolhidos arbitrariamente,



a fim de avaliar não já o número rigoroso de seres humanos que existiram mas números aproximados que possam servir de base para um estudo.

Não conhecemos, claro está, as condições de vida do homem nos primeiros cem mil anos, o que dificulta os nossos cálculos acerca do aumento de população. Por isso mesmo o professor austríaco prefere não discutir o problema da sobrevivência dos nossos longínquos antepassados e limitar-se a admitir que o número de indivíduos cresceu em progressão geométrica. Consoante se admite uma ou outra das três hipóteses antes consideradas, assim terão vivido mais ou menos seres humanos.

Na primeira hipótese (se todos eles descendem dum só casal) existiram 3.390 biliões de indivíduos.

Na segunda (descendência de cinquenta casais) o número teria subido a 4.350 biliões.

Na última: 5.260 biliões.

Trata-se, em qualquer dos casos, de números dificilmente imagináveis, mas Winkler

procura torná-los acessíveis graças a um artifício. Suponha-se — escreve ele — que nenhum desses homens morreu. Qual seria a densidade populacional da Terra, presentemente?

A superfície terrestre é de 500 milhões de quilómetros quadrados, dos quais os continentes e as ilhas ocupam 150 milhões. Destes, apenas 100 milhões são habitáveis. Isso significa que, consoante se aceite esta, aquela, ou aquela outra das hipóteses consideradas pelo Prof. Winkler, assim a densidade de população seria de 33.900, 43.500 ou 52.600 pessoas por quilómetro quadrado. Se pensarmos que a densidade média da população actual é de 27,5 pessoas por quilómetro quadrado, poderemos ter uma ideia do carácter astronómico daqueles números.

#### A POPULAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

Note-se, todavia, que as cifras do Prof. Winkler se referem a pessoas nascidas e não, necessariamente, a pessoas que tenham atin-

gido a idade adulta. Nunca devemos esquecer que a mortalidade infantil era tal, nas velhas eras, que só um verdadeiro atleta poderia ultrapassar os cinco ou seis anos de idade... Isto significa que a média da vida humana subiu de uma forma extraordinária nos últimos séculos (ou melhor: no nosso século), graças à higiene e aos colossais progressos da medicina.

Na Idade da Pedra (para não vir mais perto) a selecção natural agia com terrível severidade e só uma pequeníssima parcela dos seres humanos atingia a idade adulta e se reproduzia.

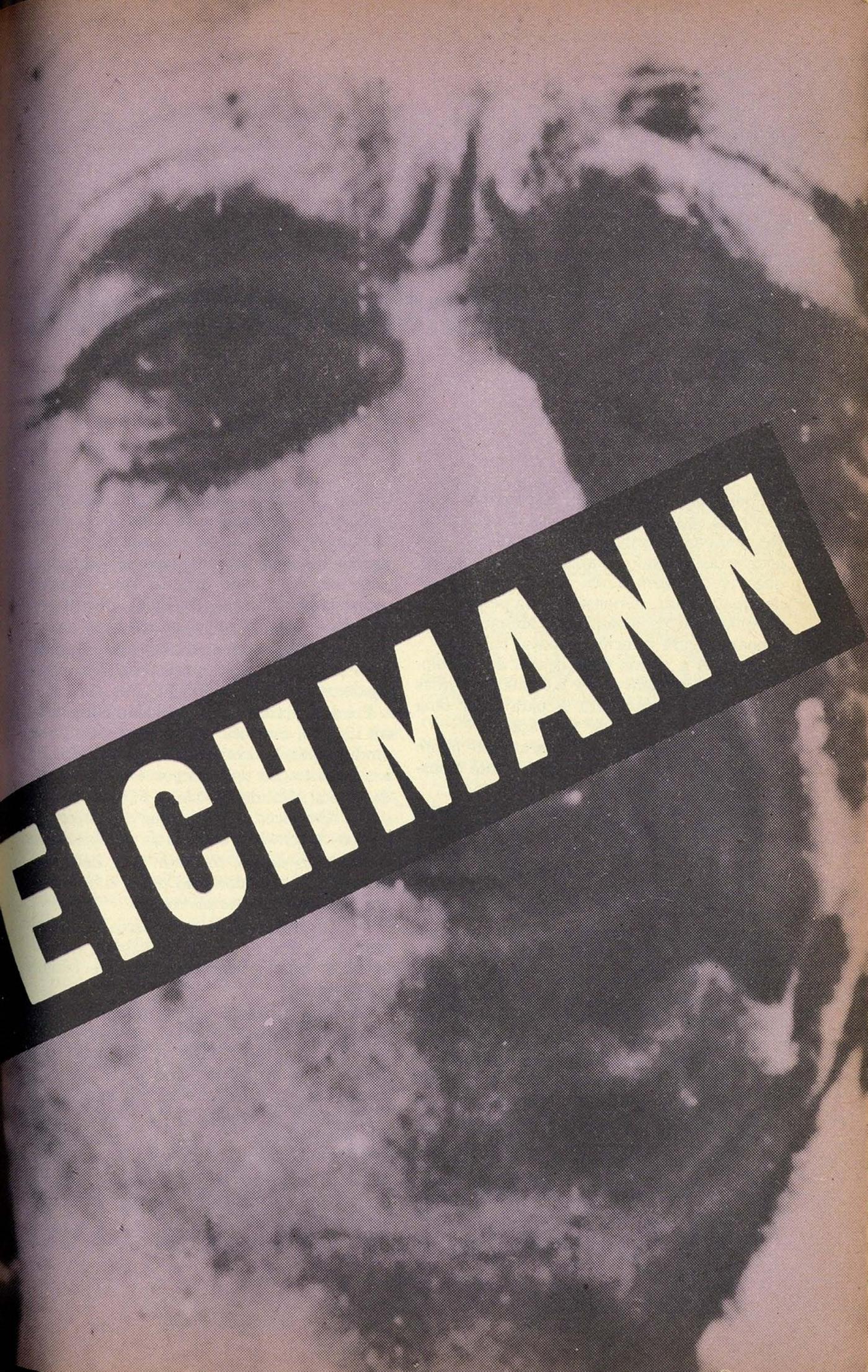
Alguns cálculos têm permitido verificar o aumento mais ou menos crescente da população mundial. Sabe-se que no momento em que Tibério foi eleito (14 A. C.) a população do Império Romano estava avaliada em 54 milhões. Nesses mesmos territórios vivem hoje nada menos do que 300 milhões de habitantes; isto é: seis vezes mais. Se essa po-

pulação tivesse crescido com o ritmo actual em vez desses 300 milhões, viveriam hoje dentro das fronteiras do Império Romano 300.000 biliões de seres humanos!

A comparação desta cifra com as cifras calculadas pelo Prof. Winkler revelam que a média do crescimento no passado foi nitidamente inferior à actual. Como não é de admitir que a fecundidade dos nossos avós fosse inferior à nossa teve de se concluir que foi a mortalidade prematura a grande responsável. O número de indivíduos que ao longo destes 600.000 anos contribuiu para o aumento de população foi extremamente reduzido. Os heróis fisiológicos foram poucos!

Nos últimos decénios, essa situação alterou-se. A biologia e a medicina deram aos homens as armas para fugirem em grande parte à selecção natural, facilitando deste modo o acesso à idade adulta. Mas, como é evidente, este crescimento demográfico levanta também graves problemas.





**EICHMANN**



## considerações sobre um criminoso de guerra

Pode um homem ser responsável pela morte de seis milhões dos seus semelhantes? Responsável sozinho, sem cúmplices, sem comparsas lutando contra a sociedade em que vive? Poderá assim existir esta espécie de super-landru, responsável pela perpetração de 6.000.000 de assassinios? Mesmo que se suponha figura principal e possa ter dito:

«Saltarei a rir-me para dentro do túmulo, porque a impressão de ter 6.000.000 de vidas humanas na consciência é para mim uma extraordinária fonte de satisfação?»

Convém não fechar os olhos até este ponto — não pode existir, assim, semelhante monstro.

Convém não esquecer que durante anos este landru foi obedecido e respeitado, que foi um dos senhores e mestres que presidiam ao destino de um dos mais poderosos países do Mundo, que o massacre de seis milhões de seres humanos foi um «negócio de Estado» conscientemente preparado, metódicamente organizado, cientificamente realizado.

Maquinistas conduziram os comboios que levavam as vítimas para os campos de morte, reservistas do exército vigiavam as vias férreas, passantes ouviam os gemidos e os gritos que partiam dos vagões, soldados vigiavam um gado humano por detrás das cercas de arame farpado, dentistas arrancavam os dentes de ouro, abrindo as bocas dos cadáveres.

E a construção dos gigantescos fornos crematórios de Auschwitz foi confiada à firma Topf und Söhne, de Erfurt (encomenda de 3 de Agosto de 1942 — LI480/42/BI/H.).

Vieram técnicos, explicaram-lhes de que se

tratava. Reflectiram, calcularam. Eram homens sérios que conheciam o seu ofício. Desenharam os seus planos e os operários construíram excelentes fornos, capazes de queimar cada um deles e de uma só vez (façanhas realizadas em Agosto de 1944) 24.000 corpos. Esta façanha valeu, de resto, ao serviço dos crematórios uma recompensa especial: meio litro de Vodka para cada um destes corajosos «padeiros».

Foi a «Fábrica Testa», de Hamburgo que, em 1942-43, forneceu vinte e sete toneladas do produto químico libertador de gás «Cyclon B» à administração dos campos SS. De Agosto de 1943 a Abril de 1944 foi a Fábrica de Produtos Químicos «Azot» que abasteceu o campo Auschwitz. Burocratas receberam as encomendas da SS, tomaram nota delas; entregaram a mercadoria no prazo combinado. Foram pagos. Passaram recibos.

De Auschwitz partiram os sacos (cada um pesava 20 quilos) cheios de cabelos de mulheres destinados à manufactura de mantas e cobertores.

Os ossos, a partir de 1943, foram vendidos à Casa Strem para fabricação de superfosfatos. Em Auschwitz fazia-se com eles cola. Caixas com dentes de ouro eram enviadas às empresas que os fundiam em barras.

Massacrar seis milhões de pessoas — em tão pouco tempo — exige um exército inteiro de funcionários, de carrascos, implica despesas consideráveis em material, provoca avalanchas de circulares, ordens, relatórios, imensa papelada.

Existiu a dactilógrafa que passou à má-

quina o relatório de Hoess, comandante de Auschwitz, em que este indicava aos seus superiores que «se o gás estivesse convenientemente concentrado nos quartos disponíveis poderiam ser mortos 800 homens de cada vez».

Existiu esta dactilógrafa. Obedecia às ordens de Hoess, que obedecia às ordens de Himmler, que obedecia às ordens de Hitler, que obedecia, dizia ele, à «Providência»...

E toda esta máquina em movimento, que fabricava o horror e a morte, chamava-se Alemanha nazi. Eram «loucos» diz-se. Mas não, bem pelo contrário, eram seres bastante razoáveis muito precisos, muito maníacos. Se alguma vez a «razão» triunfou no decurso da história foi sem dúvida na Alemanha enquanto Hitler lá reinou. Basta declarar que o judeu é «maléfico», infecto, étnicamente degenerado e psiquicamente contagioso. Basta esta primeira proporção «cientificamente» estabelecida e passionalmente aceita para que, a partir daí, na lógica e na razão, a máquina comece a funcionar com a impassibilidade e a inocência das máquinas.

E assim, Eichmann está inocente. É impossível ser culpado do assassinio de seis milhões de seres humanos. Eichmann não é um assassino psicopata do tipo Weidmann ou Landru e, certamente, desde o dia em que se evadiu de um campo americano, não estrangulou, queimou, nem abateu ninguém. Eichmann, o miserável e solitário indivíduo Eichmann, que aparecerá à paisana no banco dos réus dum tribunal israelita, não será afinal tão louco quando se declarar «nicht gültig» (não culpado).

Quem é afinal culpado deste imenso genocídio? Uma política posta ao serviço dumna ideologia, que todo um povo recebeu e de que uma parte deste povo aceitou ser instrumento. Explicar todo este processo faz parte da História.

E seria um erro grave apreciar psicologicamente quem foi Adolf Eichmann.

Poderia chegar-se assim, em boa lógica, a declarar: seis milhões de judeus foram massacrados mas o culpado, apanhado por fim, vai receber o devido castigo. Seria perfeito. Não se pensaria mais nas razões profundas que tornaram isso possível.

— Um milhão de judeus? E que é que eu faço deles? Onde é que os meto? declarou Lorde Moyne, ministro inglês no Egipto, em 1944, quando Joel Brand, enviado por Eichmann, veio negociar a troca de um milhão de judeus, ainda sobreviventes, por dez mil camiões novos.

Quando por decisão dos ingleses, esta negociação a que Brand, chefe das organizações sionistas húngaras, fora enviado por Eichmann em 1944 — os nazis resolveram a questão e um sexto milhão de judeus tomou o caminho das câmaras de gás. E agora, se através de Eichmann não pomos primeiro em causa o sistema de que o coronel SS não foi senão um zeloso servidor; e agora se Eichmann capturado e castigado, tornamos a mergulhar no nosso sono; e agora se a nossa boa consciência encontra repouso... os demónios que possuíram um povo e Eichmann podem reviver e recomeçar a fabricar no meio de nós, novos monstros — grandes e pequenos.

os grandes contistas

# UMA MADRUGADA NO MATO

Com «Uma Madrugada no Mato», Doris Lessing aparece pela primeira vez em língua portuguesa. E já era tempo. Desde a publicação, em 1950, do seu primeiro romance, «The Grass is Singing», (a aparecer brevemente em Portugal) que Doris Lessing ocupa um lugar de primeiro plano entre os jovens romancistas de língua inglesa.

O conto que segue (tirado do seu primeiro volume de contos: «This was the Old Chief's Country»), epitomiza, de certa maneira, algumas das suas qualidades mais salientes: uma sensibilidade afinadíssima, a captar constantemente as vibrações da Natureza que cerca os seus personagens; uma percepção aguda das pequeninas mutações psicológicas que as pessoas, particularmente as jovens, estão permanentemente a sofrer no toma-lá-dá-cá da vida quotidiana; uma simpatia profunda por tudo que vive, e portanto sofre, que um

«decoro» de estilo, de tom quase clássico, impede de cair no sentimentalismo; uma segurança de estruturação, que funde a realidade humana dos seus personagens com a realidade sociológica dos seus ambientes, numa unidade estética cuja coesão e equilíbrio nos fazem lembrar o melhor de Jane Austen ou George Eliot; e, finalmente, uma firmeza de convicções e uma coerência de princípios que, aliadas a uma grande ânsia de compreender e, se possível, perdoar, dá a tudo que escreve um ar de segurança que é raro encontrar fora dos grandes mestres.

É costume jornalístico incluir Doris Lessing no «Grupo» inexplicavelmente apelidado de «Angry Young Men». A esse grupo pertence somente pela idade e por aquela «capacidade de indignação» que Mary MacCarthy considera a pedra-de-toque de todo o verdadeiro

artista; se contribuiu para o «Symposium» em que alguns desses jovens expuseram os seus pontos de vista, fê-lo mais por solidariedade para com a sua geração, que por concordância com os seus pontos de vista; e a sua contribuição é de longe a mais equilibrada e construtiva desse volume famoso («Declaration»).

Em 1953, o prémio Somerset Maugham (dado ao seu volume de novelas, «Five») veio conferir à sua já notável reputação uma «respeitabilidade» que a não inutilizou, como galardões semelhantes têm inutilizado a tantos.

Da sua irreverência e capacidade de indignação, do seu inconformismo, muito esperam a jovem literatura britânica e o povo do seu país adoptivo (a Rodésia do Sul) onde essas mesmas qualidades lhe custaram a proibição de entrada (bem haja!).



por  
**Doris  
Lessing**

**D**URANTE todo aquele Inverno, noite após noite, dissera em voz alta para a escuridão da almofada: quatro e meia! Quatro e meia!, até sentir que o cérebro tinha agarrado bem o sentido das palavras e as dominava completamente. Só então o sono tombava sobre ele, como uma cortina que se fecha, e o deixava prostrado, com o rosto virado para o relógio, para o poder ver imediatamente, logo que acordasse.

E todas as manhãs acordava às quatro e meia, pontualíssimamente. Triunfante, antes que o relógio tocasse, premia o botão do despertador, que a metade submersa da sua consciência ludibriara mantendo-se vigilante pela noite fora, a contar subterrâneamente as horas, enquanto o corpo se descontraía mergulhado no sono; aconchegava-se um pouco mais sob as roupas mornas, a brincar com a ideia de se deixar ficar na cama, uma vez sem exemplo. Mas brincava com a ideia pelo puro gozo de reafirmar ser aquela uma fraqueza que podia vencer sem esforço; pela mesma razão que o levava, todas as noites, a regular o despertador, antegozando o momento deleitoso em que acordaria sem o seu auxílio, estiraria os membros, sentiria os músculos distenderem-se, enquanto, pensava: até o cérebro — o próprio cérebro! Comando à minha vontade cada pedacinho de mim mesmo!

Luxo de corpo quente e repousado, onde braços, pernas, dedos, aguardavam, como soldados bem treinados, uma voz de comando! Alegria de saber que aquelas horas preciosas tinham sido entregues voluntariamente ao sono! — porque uma vez ficara acordado três noites a fio, para provar a si mesmo que era capaz; e depois trabalhara o dia todo, recusando-se mesmo a admitir que estivesse cansado; desde então, considerava o sono como um servo seu, a quem dava as suas ordens, cujas exigências lhe era dado ignorar.

O rapaz estirou a ossatura o mais que podia, até tocar com as mãos na parede da

cabeceira, e com os dedos dos pés no espaldar da cama; depois saltou para o chão com um pulo, como um peixe a saltar da água. E cá fora estava frio, muito frio.

Vestia-se sempre à pressa, ansioso por conservar no corpo o calor da noite até que o Sol se erguesse, duas horas mais tarde; mas enquanto se vestia, as mãos entorpeciam-se-lhe, e era a custo que segurava os sapatos, que não podia ainda calçar por medo de acordar os pais, que nunca chegaram a saber a que horas se levantava.

Mal pisava a verga da porta, as plantas dos pés contraíam-se-lhe ao contacto com a friagem da terra, e as pernas começavam a doer-lhe de frio. Era ainda noite; as estrelas tremeluziam, as árvores erguiam-se negras e quietas. Espiava prenúncios do dia: um acinzentar de rebordo de pedra, um clarear de céu onde o Sol se havia de erguer, mas ainda nenhuns havia. Atento como um animal, esgueirava-se em frente da janela perigosa, e, durante um momento de orgulhoso preciosismo ali ficava em equilíbrio instável, com as mãos no peitoral, a perscrutar a escuridão abafada do quarto onde os pais dormiam.

Tacteando com os dedos dos pés descalços a beira relvada do carreiro, metia a mão por outra janela aberta, um pouco mais adiante, onde na noite anterior tinha deixado preparada a sua carabina. O aço estava gelado, e os dedos entorpecidos escorregavam ao longo do cano; tinha de a segurar na curva do braço para a não deixar cair. Depois, pé ante pé, dirigia-se à casa onde os cães dormiam, receoso que se tivessem tentado a partir antes dele; mas lá estavam à sua espera, de coxas relutantemente encolhidas contra o frio, orelhas e caudas a abanar numa saudação, extáticos de ver chegar a espingarda. Os seus avisos a meia voz mantiveram-nos cautelosos e calados até a casa ficar uns cem metros para trás: então, dispararam pelo mato, saltando ladridos excitados. O rapaz imaginava os pais a virarem-se na cama e a resmungar: Lá estão os cães outra vez!, antes de se afun-

darem de novo no sono; e sorriu desdenhosamente. Antes de ultrapassar um grupo de árvores que lhe taparia a vista da casa, olhava sempre para trás, por cima do ombro: parecia tão baixa e pequenina, ali agachada sob o céu alto e brilhante; depois voltava-lhe as costas, e esquecia-se dela e dos dorminhocos bafientos que continha.

Tinha de se apressar. Tinha de se afastar quatro milhas antes que a luz se tornasse demasiado forte, e já uns vislumbres de verde apareciam na concavidade de uma folha, e o ar cheirava a manhã, e as estrelas esmoreciam.

Atirou os sapatos sobre os ombros, rijos sapatões engelhados e endurecidos pelos orvalhos de cem madrugadas. Precisaria deles quando o chão se tornasse quente de mais para as plantas dos pés nus. Mas agora sentia a poeira gelada entrar-lhe por entre os dedos e deixava que os músculos dos pés se alastrassem e adaptassem às formas do terreno; e pensava: com pés como estes posso marchar cem milhas! Posso marchar um dia inteiro, sem nunca me cansar!

Avançava àgilmente pelo túnel escuro da folhagem, que durante o dia era uma estrada. Invisíveis, os cães exploravam os meandros baixos do mato; ouvia-os ofegar. Por vezes sentia junto às pernas um focinho frio, antes que os cães desaparecessem de novo, em busca de uma pista a seguir. Não eram cães treinados, mas companheiros livres da caçada, que por vezes se cansavam da longa carreira mesmo antes dos últimos tiros, e que desapareciam a seu bel-prazer. Em breve os poderia ver, pequenos e selvagens na luz selvagem e estranha, agora que o mato estremece no limiar da cor, à espera que o sol pintasse de novo a terra e a vegetação.

A erva subia-lhe à altura dos ombros; das árvores tombava uma chuva ligeira e prateada que o encharcava: um arrepio constante contraía-lhe o corpo.

Uma vez curvou-se sobre a estrada onde se viam os trilhos recentes de um animal; mas

endireitou-se logo, com certa pena, lembrando a si mesmo que os prazeres de seguir pistas tinham de ficar para outro dia.

Começou a correr ao longo da beira de um campo, reparando espasmódicamente na película de teias novas que o cobria, como se uma renda de cinzento cintilante estivesse estendida sobre as longas filas de torrões negros. Caminhava com o trote que aprendera observando os indígenas, que consiste em mudar o peso do corpo de um pé para o outro, num ritmo lento de balancé, que nunca cansa nem encurta o fôlego; sentia o pulsar do sangue ao longo das pernas e dos braços, e a exultação e orgulho físicos que lhe enchiam o peito obrigavam-no a cerrar os dentes com força para abafar o desejo violento de gritar o seu triunfo.

Em breve ultrapassou a parte cultivada da fazenda. Atrás de si o mato estendia-se, rasteiro e negro. À sua frente abria-se um lameiro longo com hectares de erva comprida e pálida, que reflectia para o céu de cetim uma luminosidade irreal. Perto de si, grossos feixes de erva curvavam-se para o chão sob o peso da água, e gotas de orvalho coruscavam em cada fronde, como diamantes.

A primeira ave acordou-lhe aos pés e uma revoada levantou-se imediatamente a anunciar com estridência a chegada do dia; de repente, o mato acordou a cantar atrás de si, e longe, à sua frente, podia já ouvir os chamados estrídulos das pintadas; planavam agora dos seus altos poisos nas árvores a buscar cobertura na erva basta; e à cata delas viera; tarde de mais. Mas não se importou; esqueceu-se até de que viera para caçar. De pernas bem afastadas, a espingarda segura horizontalmente em ambas as mãos, uma agarrando o cano, a outra a coroa, levantava-a bem acima da cabeça, e baixava-a de novo à altura das coxas, num exercício improvisado; ao erguer os braços, deixava descair a cabeça para trás, descansada na almofada dos músculos do pescoço, e observava

as pequenas núvens rosadas a flutuar num lago d'ouro.

De repente, aquilo cresceu-lhe lá dentro, numa erupção incontrolável. Pulou no ar, soltando berros selvagens e irreconhecíveis. Depois desatou a correr, não de maneira metódica, como até ali, mas numa carreira louca, como um bicho do mato. Estava louquinho de todo, a berrar doidamente a sua alegria de viver, a superabundância da sua juventude. Precipitou-se pelo lameiro abaixo, sob o tumulto de carmesim e ouro, enquanto todos os pássaros do mundo cantavam à sua volta. Corria em grandes saltos, gritando enquanto corria, sentindo o corpo subir na frialdade do ar, e retomar com segurança nos dois pés firmes; por um breve instante passou-lhe pela mente a ideia de que se arriscava a quebrar uma perna na erva basta e emaranhada, mas sem realmente acreditar que tal lhe pudesse acontecer, a ele. Negociava arbustos como um antílope saltava rochas; e acabou por parar abruptamente onde o terreno se precipitava a seus pés em direcção ao rio. Correria mais de três quilómetros através da erva que lhe chegava aos quadris; ofegava, incapaz agora de cantar ou gritar. Equilibrou-se numa rocha a olhar para a água, que rebrilhava por entre os ramos das árvores curvadas sobre o rio e lembrou-se, de repente, de que tinha quinze anos! Quinze! Era como se ouvisse aquela palavra pela primeira vez, e ficou-se a repeti-la surpreendido, numa excitação crescente. Era como se estivesse palpando os anos da sua vida, como quem conta berlindes, cada um uma unidade separada, uma coisa brilhante e maravilhosa. Aquilo era ele: quinze anos daquele solo rico, daquela água, daquele ar que cheirava como um desafio, tanto quando era quente e abafava na hora do meio-dia, como quando era picante como água gelada, como agora.

Nada lhe era impossível, nada! Ali parado teve uma visão, como quando uma criança ouve pela primeira vez a palavra «eternidade» e tenta compreendê-la, e o tempo se apossa do seu cérebro. Via a vida que se estendia à sua frente como uma coisa grande e maravilhosa, uma coisa que lhe pertencia; com o sangue a subir-lhe à cabeça, disse em voz alta: «todos os grandes homens do mundo foram como eu sou agora, e não há coisa alguma que me esteja vedada, que me seja impossível alcançar; não há lugar no mundo

que não possa tornar parte de mim mesmo, se tal me aprouver. O mundo está contido em mim. Posso fazer dele o que quiser. Se me apetecer, posso mudar todo o curso do que há-de acontecer: o futuro depende de mim, depende daquilo que eu agora fizer».

A urgência, e a verdade, e a coragem, do que a sua voz ia dizendo, faziam-no exultar, e começou de novo a cantar, em altos brados; o som repercutia-se ao longo da garganta do rio. Calou-se à espera do eco; cantou outra vez; calou-se; gritou. Aquilo era ele! — Cantava se queria; e o mundo tinha de lhe responder.

Ali ficou alguns minutos, a berrar e a cantar, à espera dos belos sons turbilhantes do eco, de forma que os seus próprios pensamentos, novos e fortes, voltavam para si e banhavam-lhe o cérebro, como se alguém lhe respondesse e o encorajasse; assim continuou até que o vale ficou cheio de vozes sussurradas que, por sobre as águas, se entrechocavam de rocha em rocha. Pareceu-lhe então que uma nova voz se lhes misturara. Ficou à escuta, admirado, porque aquela voz não era a sua. Inclinou-se para a frente, com todos os nervos alerta, imóvel: algures, bem perto de si, havia um som que não partia nem da voz de ave jovial, nem do tinir de água corrente, nem do movimento pesado de

Lá estava outra vez, a quebrar repetidamente o silêncio profundo da manhã, aquele silêncio que continha todo o seu futuro e todo o seu passado; era uma espécie de grito abafado, como se a alguém, ou a alguma coisa, faltasse o fôlego para gritar. Voltou a si, olhou à volta, chamou os cães. Mas os cães não vieram ao seu chamado: tinham partido à revelia, a seu belo talante; estava só. Toda a loucura desaparecera deixando-o perfeitamente sóbrio. Com o coração a pulsar apressado, por causa daquele grito angustiante, desceu com cuidado da rocha e dirigiu-se para um grupo de árvores. Avançava com cautela, pois não havia muito topara com um leopardo naquele mesmo lugar.

No limiar do bosque parou à espreita, com a espingarda engatilhada; avançou, olhando à volta, os olhos atentos. Depois, de repente, estacou, no meio de uma passada, como quem tropeça, ficou-se quedo com uma expressão pasmada. Impaciente, abanou a cabeça, como se duvidasse da própria vista.

Ali, entre duas árvores, contra o fundo negro de rochas descarnadas, topou com uma figura de pesadelo; uma besta estranha, cornuda e cambaleante; uma besta como nunca vira, ou sequer imaginara. A coisa, lá o que fosse, tinha um ar esfarrapado; parecia um corço pequeno com tufos de pelo negro eriçados irregularmente por todo o corpo, e manchas de carne viva pinceladas aqui e ali... Mas as manchas de carne viva, desapareciam rapidamente sob os tufos móveis de negrume, para logo reaparecerem algures; e aquela criatura lamentava-se, em curtos queixumes espasmódicos, saltitando de um lado para outro, como ébria, como cega.

Então o rapaz compreendeu: era mesmo um corço. Aproximou-se mais, e de novo estacou, travado por um medo novo. À sua volta a erva estava viva e ciciava. Todo o solo à sua volta e a seus pés estava negro de formigas, enormes e activas, demasiado ocupadas para nele repararem, que se apressavam, atarefadas, na direcção daquela forma convulsa, como uma água negra e brilhante a escorrer por entre a erva.

Reteve a respiração, tomado de piedade e terror; então, o animal tombou e o choro calou-se. Não se ouvia coisa alguma senão o canto de uma ave isolada, e o crepitar ciciado das formigas a moverem-se.

Inclinou-se a espiar aquela negrura que se contorcia, que estremecia convulsivamente ao ritmo dos espasmos nervosos. As convulsões abrandavam. Só de vez em quando um pequeno espasmo fazia estremecer aquela massa que ainda mantinha vagas parecências com a forma de um pequeno animal.

Pensou em dar-lhe um tiro que lhe acabasse o sofrimento; levou a arma à cara, mas voltou a baixá-la. O corço já não sentia; o vago estrebuchar era um simples protesto mecânico dos nervos. Mas não fora a certeza disso que o fizera baixar a espingarda. Fora uma sensação crescente de raiva, de infortúnio e de protesto, que se expressava neste pensamento: se eu aqui não estivesse teria morrido desta mesma maneira: que direito tenho eu de interferir?

No mato, tragédias como esta acontecem constantemente; assim a vida se garante, através da morte angustiada de coisas vivas. Entalou a espingarda entre os joelhos, experimentando nos próprios membros a miríade

de pequeninas dores individuais que o animal já não podia sentir; cerrou os dentes, foi repetindo baixinho: «não posso evitá-lo, não posso evitá-lo; nada posso fazer».

Animava-o o conhecimento de que o corço perdera a consciência, de que o sofrimento já passara; essa certeza dispensava-o da necessidade de tomar a decisão de o matar, quando estava a sentir com todo o corpo: é assim que as coisas acontecem, é assim que a vida se prossegue.

*E estava certíssimo*, — ia pensando e sentindo, — *certíssimo; nada, jamais alteraria à regra.*

Enfrentava conscientemente, pela primeira vez na vida, a presença da fatalidade, do que tem de ser; tal presença deixava-o incapaz de qualquer movimento mental ou físico; vazio e inerte, excepto pela repetição dentro do seu cérebro da frase obsessiva: «Pois, pois. A vida é isto.» A *obsessão* penetrava-lhe na carne e nos ossos, infiltrava-se até aos mais recônditos recantos do seu cérebro, e jamais o abandonaria. Naquele momento teria sido incapaz de praticar qualquer acto de misericórdia, por mais simples, sabendo como sabia, depois de ter vivido toda a sua vida na estepe vasta, inalterável e cruel, que a todo o momento poderia tropeçar numa caveira descarnada, ou pisar o esqueleto de qualquer pequeno animal.

Pesaroso, de alma doente e irada, mas ao mesmo tempo gozando a satisfação resignada que lhe conferia a posse desse novo estoicismo, ali ficou encostado à carabina, a ver o monturo negro e brilhante diminuir de tamanho. A seus pés as formigas escoavam-se de volta ao formigueiro, com fragmentos de carne rosada nas pinças vorazes. Chegava-lhe ao nariz um cheiro acre de morte; dominou com severidade os inúteis movimentos convulsivos dos músculos do estômago, relembrando-se a si mesmo: as formigas também precisam de comer! Mas ao mesmo tempo dava-se conta das lágrimas que lhe escorriam pelas faces, e das roupas encharcadas pelo suor que lhe causava a dor daquele outro ser.

A forma tornara-se mais pequena, e deixara de ter qualquer aparência reconhecível. Não sabia quanto tempo levava o adelgaçar da massa negra, até se verem grandes áreas brancas a rebrilhar ao sol — sim, lá estava o Sol, acabado de nascer, a brilhar por entre

rochas; a cena não podia ter durado mais que uns escassos minutos.

Desatou a praguejar, pragas que ouvira a seu pai, como se a própria brevidade do tempo durante o qual as coisas aconteciam fosse em si mesma insuportável.

Avançou mais uns passos, esmagando formigas a cada passada, escovando-as do fato por onde subiam, até ficar mesmo junto ao esqueleto, ali estirado à sombra de um arbusto. Estava limpinho. Podia ter ali estado há anos, excepto pelos pequenos fragmentos rosados de aponevrose pegados aos ossos aqui e ali. A maré de formigas ia-se escoando por entre os ossos, com as pinças cheias de carne.

O rapaz olhou para os insectos enormes, negros e horrendos. Alguns estavam parados e pareciam olhar para ele com os pequenos olhos brilhantes.

«Raspem-se!», ordenou-lhes com frieza. «Eu não sou para vocês, pelo menos por agora. Desapareçam.» E chegou a parecer-lhe que as formigas lhe voltavam as costas e se iam embora ao seu mandado.

Inclinou-se sobre o esqueleto e tocou as órbitas da caveira; ali tinham-se anichado os olhos, pensou com incredulidade, recordando os olhos escuros e líquidos de um corço. Depois, flectiu o cúbito esbelto, segurando-o horizontalmente na palma da mão.

Nessa mesma manhã, talvez há apenas uma hora, aquele pequeno ser caminhara orgulhoso e livre pelo mato, sentindo na pele a frialdade do ar, que o estimulava como o estimulara a ele. Pisara a terra orgulhosamente, sacudindo no ar os cornos, abanando a pequena e bonita cauda branca, cheirando o ar fresco da manhã. Caminhando como um rei ou um conquistador, pisara o matagal livre, onde cada folha de erva crescia só para si, onde a água do rio corria, pura e cristalina, só para o dessedentar.

E depois — que acontecera? Um animal tão ágil e de pé tão seguro não se deixaria, com certeza, aprisionar num simples formigueiro...

Curioso, o rapaz voltou a inclinar-se sobre o esqueleto e verificou então que a pata traseira, que ficara por cima, esticada pelo estrebuchar da morte, estava quebrada a meio da coxa, o osso partido inútilmente encavalitado. Agora percebia! A coxear, metera-se no meio das formigas, e fora incapaz de fugir a tempo uma vez que sentira o perigo. Mas

como partira a perna? Talvez uma queda? Impossível; um corço, leve e gracioso, não parte assim uma perna numa simples queda.

Talvez um rival invejoso lha tivesse quebrado com uma marrada?

Que teria acontecido? Talvez os indígenas, à pedrada, como tantas vezes o faziam à caça de carne. Devia ter sido isso.

Enquanto imaginava a multidão de indígenas, a correr e a gritar, as pedras voando, e o corço a saltar espavorido, um outro quadro se lhe formou no cérebro. Via-se a si mesmo, numa daquelas manhãs joviais, bêbado de excitação, a disparar sobre um corço mal entrevisto por entre os troncos. Via-se com o sol baixo, a pensar se teria errado ou não o alvo; e a pensar, por fim, que já era tarde, que queria o pequeno almoço, e que não valia a pena seguir durante quilómetros a pista de um animal que, ao fim e ao cabo, o mais certo era acabar por se lhe escapar.

Durante um momento recusou-se a encarar o quadro. Voltara a ser o rapazinho casmurro, a pontapear teimosamente o esqueleto, de cabeça baixa, recusando-se a aceitar a responsabilidade.

Depois endireitou-se, olhou os ossos com uma expressão estranha de desânimo, vazio de toda a cólera anterior. O cérebro estava oco; à sua volta carreiros de formigas desapareciam por entre a erva, com um som seco e breve, como o restolhar de uma pele de cobra abandonada a estremecer na brisa.

Por fim pegou na espingarda e começou o caminho de volta. Dizia para si mesmo, em tom de desafio, que queria almoçar, que a manhã estava a aquecer, que em breve estaria quente de mais para andar a vaguear pelo mato.

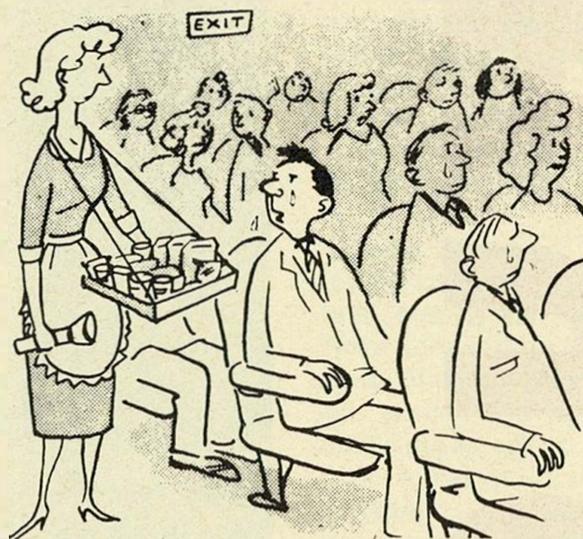
A verdade é que estava cansado. Caminhava pesadamente, sem olhar onde punha os pés. Quando chegou à vista da casa, parou, de sobrolho franzido: havia ali um problema que tinha de ponderar. A morte daquele pequeno animal dizia-lhe respeito; havia muito que pensar antes de poder dar o assunto por arrumado. Enquanto o não fizesse, lá o sentiria, como um peso, no fundo do cérebro.

Muito em breve, logo na manhã seguinte, havia de se afastar de toda a gente e de se esconder no mato a meditar.

(Tradução de *A. Neves-Pedro*)

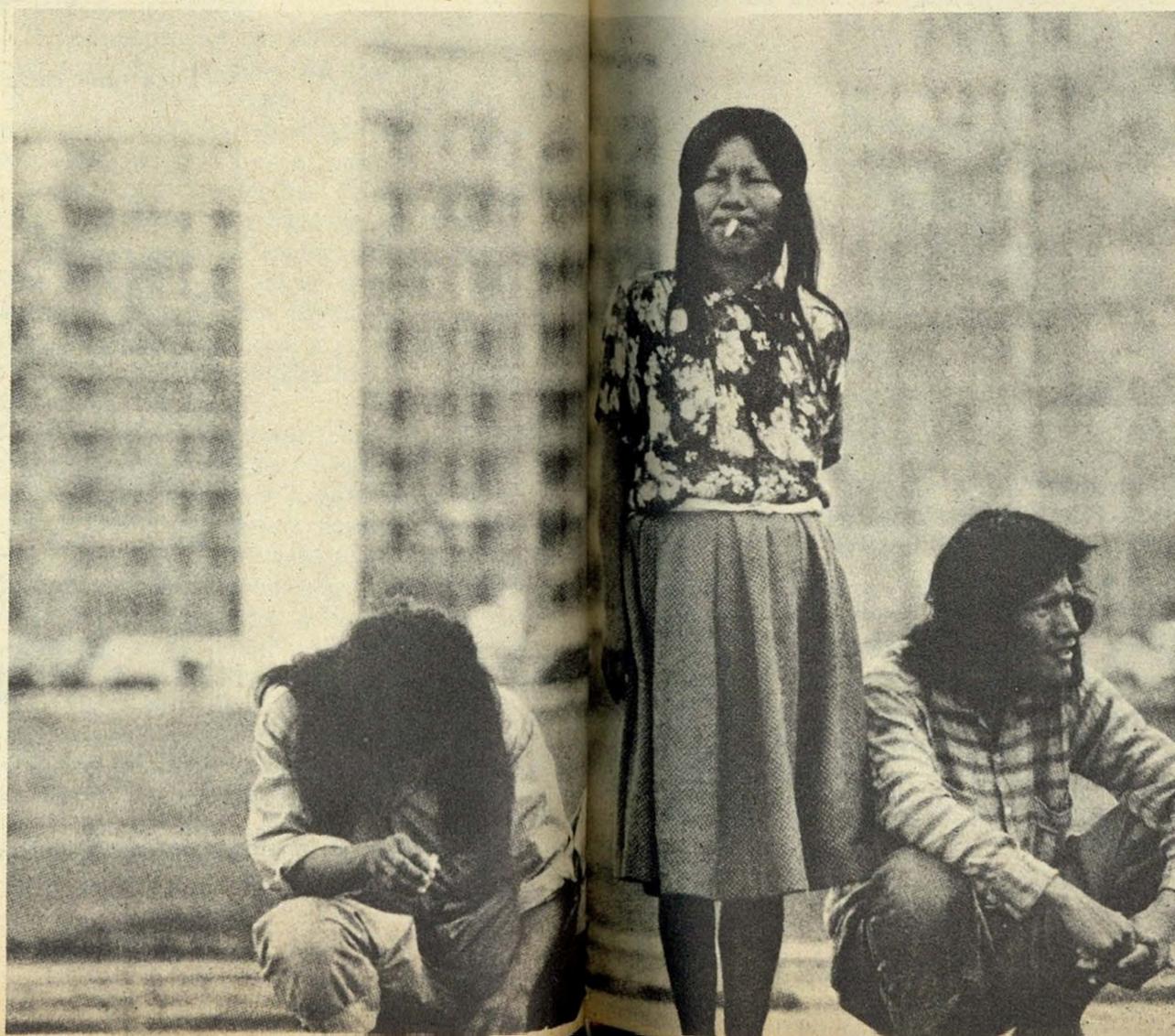
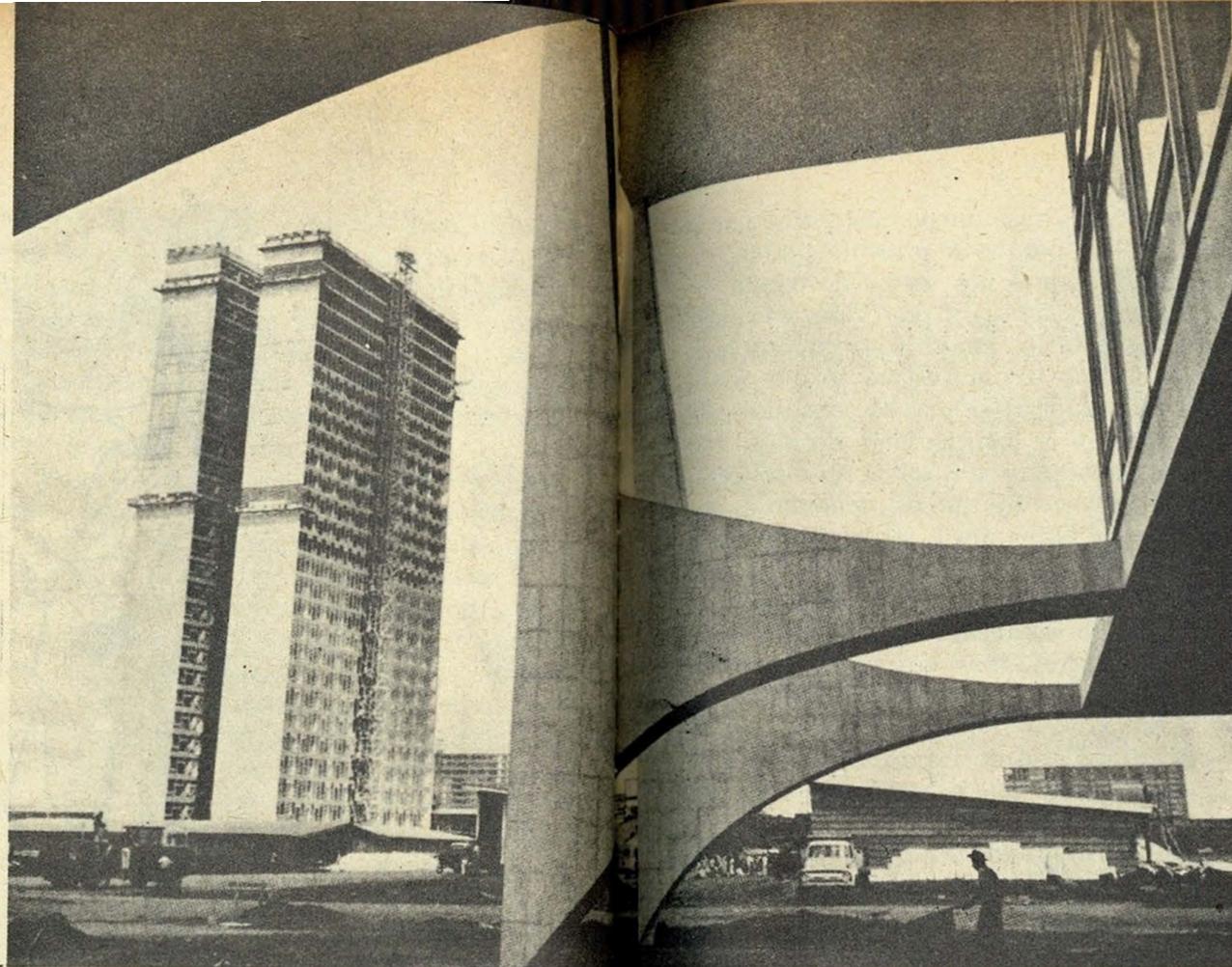


— Faça uma carta ameaçadora, menina!



— A menina tem aí alguma coisa que nos tire a ideia do filme?

# BRASÍLIA



## a cidade repensada

Em 1925 a arquitectura brasileira abandonou a tradição barroca e enfrentou os problemas do seu tempo.

Brasília é o produto dessa revolução que vem afectar todos os homens, mostrando-lhes o que é possível quando à vontade se liga a honestidade intelectual, quando o homem vivo constrói para o homem vivo, quando o presente reconhece ser pertença exclusiva do presente.

Com Brasília — a cidade de hoje virada para o dia de hoje — o Brasil despede-se do Passado. Fazendo-o, garante a sua presença no Futuro.

Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e os restantes construtores da Brasília vão influenciar tudo que se vai construir em Londres, em Nova Iorque e no Cabo durante os próximos anos. Mais importante do que essa influência, porém, é a lição de Brasília, é o chamamento às armas simbolizado por essa cidade actual que transformou o sertão...

Quando as nossas cidades «suaves» e as nossas construções de compromisso se fizerem apenas notar pelo seu duvidoso pitoresco e pelo que têm de historicamente ridículo, os nossos bisnetos olharão para Brasília e julgarão seus avós.

Já cá não estaremos para pronunciar humildemente:

Mea culpa

Mea culpa

Mea culpa

ou com mais honestidade ainda:

Não fomos capazes;

o que é trágico, porém, é que nem sequer seremos capazes de morrer dignamente, levando connosco todos os vestígios da nossa própria impotência e da nossa incapacidade de largarmos um mundo que não fizemos e que nos não serve.

Quando as crianças da Brasília passearem no mundo novo que lhes está construindo o homem de hoje, os nossos bisnetos brincarão entre os mostrengos que lhes vamos deixar e não se esquecerão de que não soubemos enfrentar a realidade do nosso tempo.

Talvez então sejam capazes de nos reduzir à nossa verdadeira proporção e de nos ver tal como somos: fotografias velhas e amareladas, que há muito andam esquecidas no sótão da história.

Talvez sejam mesmo capazes de se libertar de nós e de construírem, eles; as Brasília

por que todos suspiramos mas a que não temos direito, porque o presente pertence ao homem de hoje e nós somos de ontem.

Os historiadores do futuro «explicar-nos-ão», é certo, através das circunstâncias históricas que fizeram de nós o que somos. Seremos «explicados» mas os construtores do mundo novo, os homens vivos do nosso tempo, não carecerão de o ser porque souberam romper as correntes que os prendiam às suas limitações e aceitaram a responsabilidade de serem homens de hoje no mundo de hoje. Esses estão a fazer a própria história. Brasília não sobrecarregará os descendentes dos seus fundadores, mas nós continuaremos a ser um peso morto que os nossos bisnetos terão de carregar sobre os ombros.

No vocabulário do futuro, Brasília significará que houve quem se libertasse de seus pais.

Que o novo mundo dos nossos bisnetos seja a Brasília que a nossa falta de coragem nos impede de construir para nós.

Que ao menos esses se salvem.

Luís de Sttau Monteiro



## curiosidades

— No local onde foi construída a Catedral do Rio de Janeiro (concluída em 1811) existia, desde 1734, uma capela que, arruinada pelo tempo, teve de ser substituída.



— No istmo de Telmantepec existe uma flor lindíssima, que é ao mesmo tempo um relógio «botânico».

Pela manhã é branca, ao meio-dia é encarnada e pela noite torna-se azul.

— Na Grécia, a invenção das carruagens atribui-se a ERICHTON, quarto rei de Atenas.

Eram de duas e quatro rodas e puxadas por cavalos ou mulas.



— O esqueleto da estátua de D. José I, que em 27 de Maio de 1755 foi colocada no seu pedestal no Terreiro do Paço, é feito de grossas vigas de ferro pesando 100 quintais.

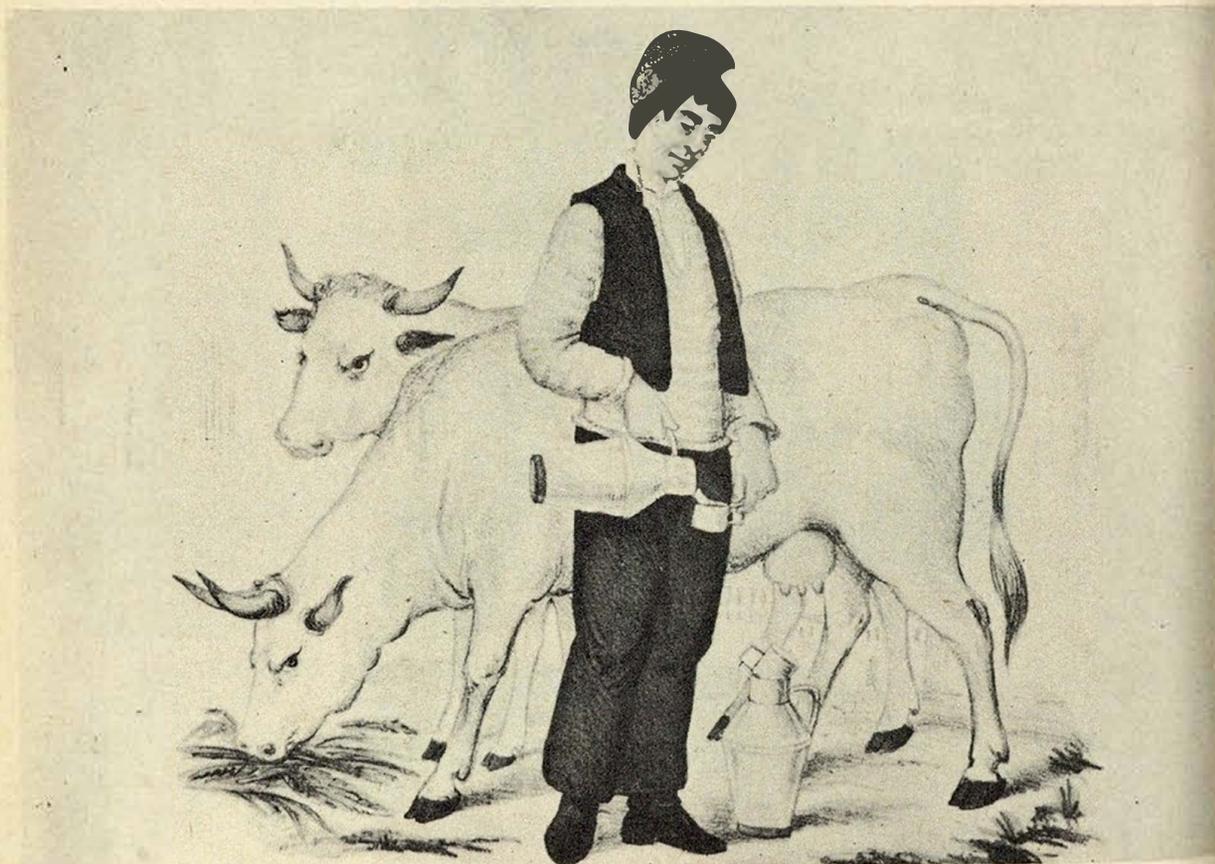


ANTIQUARIUM

# LISBOA DOS PREGÕES

por Manuel Deslandes

leiteiro



Ainda tão recente e já tão longínqua! Lisboa sem os seus modernos bairros, menos vasta mas mais pitoresca! De manhã cedo ao entardecer, lá iam os vendedores ambulantes espalhar pelas ruas com a música dos pregões, a excelência dos seus produtos.

Rompe a alvorada. Lá se ouve: **fava rica!** Era o despertador da cidade. De seguida, pancadas na porta da rua e a voz nasalada do leiteiro: **leite!** Estava a cidade desperta. De todos os lados se ouviam cantares. Franzino e apressado, corria o ardina: **Diário de Notícias, olha o diário, Século, olha o diário!** De cinta fina saracoteando as ancas com a canastra à cabeça, vinha a varina: **vivinha da Costa!** À frente de um burro com as cangalhas a abarrotar de hortaliça e de enferrujada balança no braço, ouvíamos o saloio: **salio!** Saia rodada, bota de tacão, blusa, garrida, lenço de casimira, xaile aos ombros, cesto de verga no braço coberto de pano de imaculada brancura, apregoava a jovem queijeira: **queijo fresco, quem merca o queijo saloio!**

Água canalizada, que luxo! Ajoujado ao

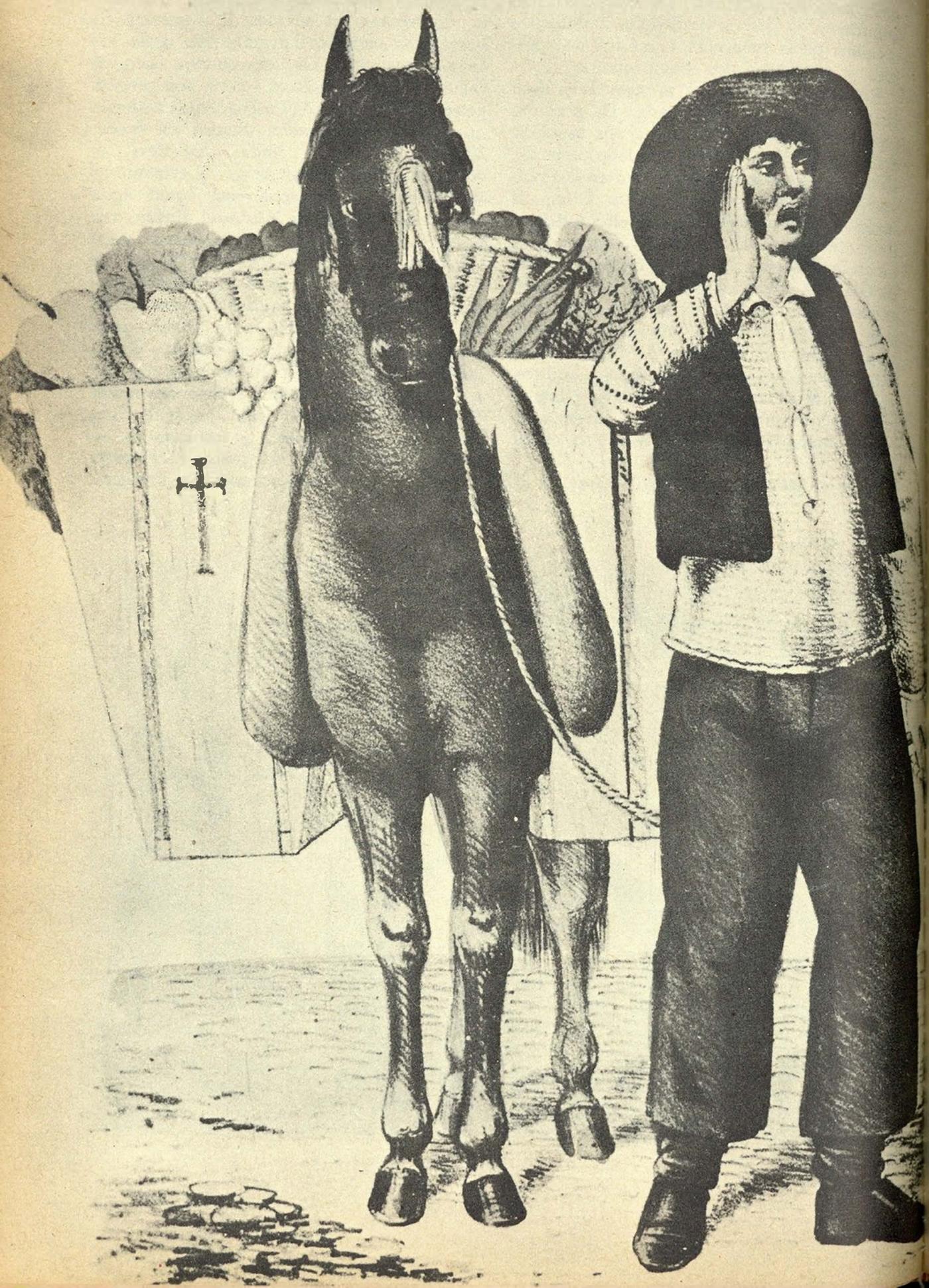
peso do barril, passos vacilantes e incertos, com a voz modulada pela carga, ouvíamos o aguadeiro: **ahuuuu!** Entardece. Um som agudo fere-nos os ouvidos. É a corneta do homem do petróleo. Levando pela rédea um cavalicoque que puxa uma carroça cheia de bilhas de petróleo, fazia soar o seu pregão: **petróliin!** Domingo de Páscoa. Anda a alegria no ar. Touros! Primeira tourada da época. Vistasas carruagens, lindas «toi'ettes», e, como não podia deixar de ser, lá estavam os vendedores: **capilé, copo com água! Água fresquinha! Torrão de Alicante!** Enfim, um nunca acabar de refrescos e guloseimas, para satisfação dos aficionados. Quinta-feira de Ascensão! Senhor da Serrá, Senhora da Rocha. Romarias, que na maioria das vezes, acabavam à paulada! Contudo, antes deste triste desfecho, por entre os cantares e bailaricos dos romeiros, podia-se ouvir: **ai jorzelim e alfeloa! Jorzelim e amêndoa doce! Pãezinhos quentinhos com linguça! Fava torradinha! Quem merca o raminho de espiga!** Santo António, São João e São Pedro, Santos populares. O povo saltava a fogueira,

mulher da fava rica



aguadeiros







vendedeira de laranjas



mulher das castanhas

e queimava fogo de artifício bailando e dançando até altas horas. Mas, por entre o bulício: é o vasilho de manjerico! Alcachofras! Verão. A canícula aperta e, aos domingos, o alfacinha de garrafão debaixo do braço, parte para as hortas dos arredores de Lisboa, onde o vai encontrar o seu habitual companheiro: merca o par de melancias, merca o par de melões! Cabaz de peras, quem me acaba o resto! Outono. O ar está húmido anunciando chuva. Pelas esquinas, acoradas junto dos fogareiros, agitando os assadores de barro, apregoam as vendedeiras de castanhas: quentes e boas! De bóina ao lado, empurrando um carrinho de uma só roda muito alta e assooprando uma gaita de beijos, vem o galego amolador de tesouras e navalhas, que também é mestre no concerto de guarda-chuvas: é o amolador de techouras e cuchilas! Alguídar de barro à cabeça, gritava a mulher das azeitonas: trinta réis o salamin, quem quer azeitonas novas! Enfim, principiava e aca-

bava o ano, e sempre os pregões: ferro-velho — quem tem trapos ou garrafas que queira vender! Hrrrr, hrrrr mexilhão! — Ostras!

Leitor amigo. Ainda hoje podes ouvir alguns destes pregões. Para isso levanta-te cedo. Abstrai-te das tuas preocupações e da vida intensa que levas. Acompanha-me por exemplo ao popular bairro de Alfama. Sim, Encosta-te a esse portal e espera. Lá vêm! Não os ouves? Sim, tens razão, já não têm aquele calor nem o à-vontade de outrora. O eco silenciado pelos modernos barulhos da cidade, já não os repercute. Contudo, por e'les, podes fazer ideia do que eram noutros tempos. Uns, altissonantes como o das regateiras, outros, agudos como o do vendedor de petróleo, ou baixos como o do aguadeiro. Enfim, um conjunto de sons que eram bem a sinfonia da cidade. Se se cultiva o folclore do País, por que não incluir nesse culto os pregões de Lisboa que tão bem definiam a sua personalidade?



**AS FÉRIAS**

**do português que trabalha**



*artigo de*  
**MÁRIO VENTURA**  
*fotos de E. Gageiro*

**Definição clássica de férias:** espaço de tempo em que se deixa de fazer o que habitualmente se faz, a pretexto das fadigas de um ano.

A maioria esmagadora dos portugueses que trabalham não se desloca do local onde habitualmente reside e trabalha, para gozar as suas férias, para descansar o corpo e o espírito pela novidade do contacto com outro ambiente e outras pessoas, ou pela possibilidade de ficar completamente imóvel até conseguir esquecer a rotina do seu dia-a-dia.

Donde não se pode concluir, naturalmente, que o português é um sedentário, embora, relativamente a certas camadas da população quase se seja tentado a afirmá-lo.

Por exemplo. Tive um tio que era agricultor e, na sua mediania, um dos mais desafogados da região de propriedade parcelada onde se situam os seus terrenos. Veio a Lisboa, pela primeira vez, com cinquenta anos de idade, a fim de livrar um filho do serviço militar. De cada vez que o visitávamos, respondia à nossa insistência para nos acompanhar, dizendo que a altura não era propícia pela urgência de qualquer trabalho agrícola. Nunca chegámos a saber em que época do ano ele estaria realmente livre. Agora, compreendo que o meu tio dava demasiado valor ao dinheiro que ganhava àrduamente para se dispor a gastar a'lgum com uma passeata a um sítio que não lhes despertava o mínimo interesse. E continuou a trabalhar até aos setenta anos, idade em que morreu serenamente sem assistência médica.

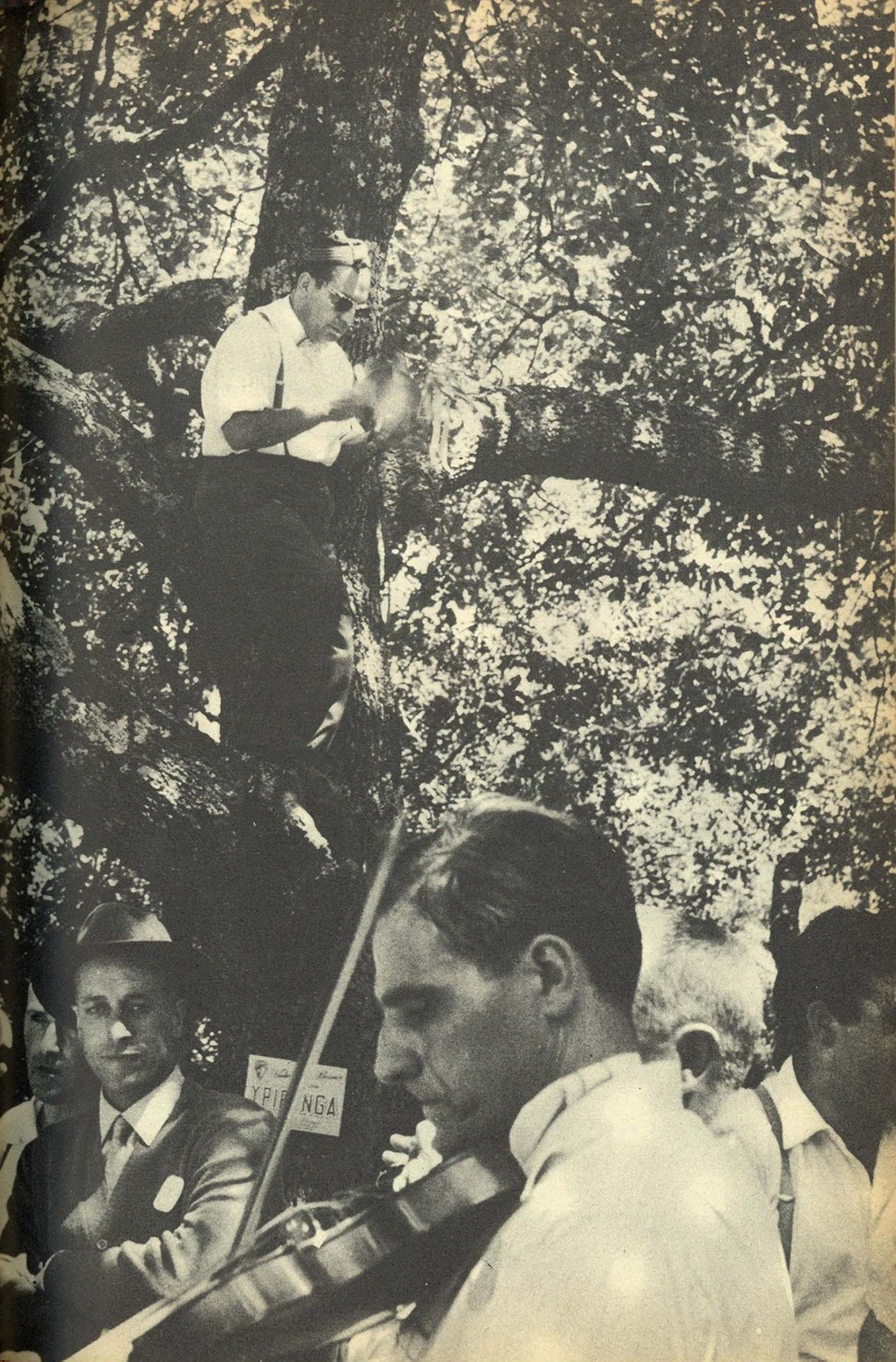
Mas o filho do meu tio, embora tenha sido

dispensado de todo o serviço militar, não sucedeu ao pai nos trabalhos agrícolas. Aprendeu o ofício de alfaiate e veio para Lisboa onde se estabeleceu. As suas férias passa-as nas propriedades — as que ainda não vendeu — que estão arrendadas a estranhos.

Apesar de não ter ao meu dispor as completas estatísticas que são a principal razão de muitos dos mundialmente famosos — embora por diversas razões —, artigos de Raymond Cartier publicados no «Match», posso dizer, sem receio de equívoco ou desmentido, que 99 por cento da nossa população de pequenos proprietários e trabalhadores agrícolas procedem como o meu tio: não se deslocam para gozar férias nem têm sequer este delicioso interregno que o cidadão espera sempre com bem justificada ansiedade. E como o nosso País é «essencialmente agrícola...».

#### TER OU NÃO TER FÉRIAS

Convém, desde já, definir o que sejam exactamente as férias para quem trabalha. Parte-se do princípio de que não cumpre o seu verdadeiro fim, o período de descanso anual que é passado no local da residência, e se caracteriza somente por uma interrupção nas ocupações profissionais. Não é em escassos dias ou semanas que qualquer pessoa



recupera as energias perdidas durante um ano, sobretudo se continuar a dormir no mesmo quarto, a comer à mesma mesa, a frequentar o mesmo Café. Entende-se, pois, que, quando se fala de férias, se faz referência a um período de tempo passado em local propício ao repouso do corpo e do espírito; e onde uma saturação longamente acumulada possa desvanecer-se e permitir que se recomece outra etapa.

Eis porque a definição clássica de férias, colocada no alto da página, é absurda e obsoleta.

Contudo, este é precisamente o primeiro óbice ao estudo objectivo do problema, tal como ele é posto acima. No que se refere, naturalmente, apenas às populações citadinas, pois, como já se viu, as populações estão fora de causa, facto que simplifica notavelmente o nosso trabalho (1).

(1) Este segundo assunto dá, aliás, motivo a um novo inquérito, de que o autor se ocupará quando tiver férias.

É que muitas pessoas não possuem sequer aquilo que comumente se denomina férias (Vidé definição no início), facto que se pode atribuir a diversas causas. Uma, por exemplo: o marçano que vem trabalhar para Lisboa só pensa em tornar-se um dia patrão, e o homem de quem depende agora não lhe lembra os seus direitos. É um caso, mas há outros, e bem mais significativos.

Vejamos o que nos diz Emília D., funcionária de uma empresa manufactureira do Estado:

— Estou empregada há dois anos mas só terei férias quando completar cinco anos de casa...

Como ela, existem muitas pessoas que têm de trabalhar ininterruptamente durante vários anos, para conquistarem o direito de descansar.

Outros, porém, e o seu número atinge a casa dos milhares, sobretudo operários de determinadas empresas particulares, são despedidos no fim da «quarentena» que lhes é imposta e readmitidos um dia depois, na mesma

situação do empregado que entra pela primeira vez na firma, e sem as regalias que tinham conquistado e passariam a gozar daí em diante.

Recomeçam então a contar os dias, os meses, os anos para obterem as suas férias mas, decorrido o prazo estabelecido, a cena repete-se.

E a necessidade da subsistência diária sobrepõe a necessidade de férias...

E, naturalmente, o que entre os vinte e os trinta anos parece infame e incita à revolta, torna-se depois daquela idade um hábito resignado que não oferece sequer motivo de discussão.

### TRABALHAM DURANTE AS FÉRIAS

— A empresa onde sou empregado concede-me vinte dias de licença para gozar conforme deseje... — diz-me José S., um jovem de vinte e sete anos, casado e pai de dois filhos. Prossequindo, declara:

— Assim, tenho «gozado» um dia hoje,

outro amanhã, quando me surge qualquer trabalho extraordinário que posso fazer em casa. Férias, propriamente ditas — a frase é sua —, não as tenho há muitos anos, pois o orçamento não me permite fazer economias nem tão-pouco despesas extras.

Acresce o facto de que o trabalho durante esses dias de «férias» acumulado na repartição não pode deixar de se fazer. Eis o que nos diz a esse respeito António G.:

— Gozei vinte dias intercaladamente. Isto é, tive direito a deixar de assinar o ponto durante vinte dias, mas o serviço que me é normalmente distribuído juntou-se em cima da secretária e tive de o despachar assim que voltei, com serões que ninguém me pagou, até cerca da meia-noite, durante duas semanas.

E o entrevistado acrescenta, para que não haja uma interpretação errada das suas declarações:

— Mas prefiro esta forma de gozar férias, pois só assim posso fazer alguns trabalhos que me permitem aumentar o meu orçamento.





Como o leitor deve ter compreendido, estes dois entrevistados constituíram já família que têm de manter. Mas um seu colega, bastante mais novo, respondeu assim à pergunta sobre a forma como goza as suas férias:

— Vou quinze dias para a praia, mas porque sou solteiro, naturalmente. Se tivesse família a sustentar não podia sequer pensar em férias...

Propositadamente, não lhe pergunto se alimenta o desejo de contrair matrimónio...

Um motorista de táxi meu amigo — agrade-me a franqueza desassomburada das suas afirmações, comum, aliás, a quase todos os seus colegas —, conversa longamente comigo sobre o tema deste inquérito, durante uma corrida a meio da madrugada.

O que é curioso registar é que a maior parte das pessoas com quem falei, reagiu, primeiramente, às minhas perguntas, com uma exclamação de espanto: «Férias?!...», como se o assunto fosse estranho e descabido, impróprio para motivo de conversa.

O motorista de praça meu amigo teve, pe-

rante a minha pergunta, a mesma exclamação e, depois de uma breve pausa, um comentário mais reflectido mas não menos excitado:

— Sim, tenho férias... Mas como quer você que eu as possa gozar?!... O meu filho frequenta o curso industrial e todos os tostões que ganho são poucos para ele. Como as minhas férias são pagas, em vez de as gozar, trabalho durante elas e, assim, o patrão dá-me dois ordenados. Estou sempre à espera que chegue a altura de receber esse dinheiro!

Hesita um momento e recomeça:

— Imagine que só depois da minha pleurisia é que comecei a descansar nas folgas...

## FÉRIAS E DOENÇA

Mas nem só a necessidade de auferir um lucro extra pode impedir que as férias sirvam o seu verdadeiro fim. Também a doença o pode fazer. Artur P. esclarece-nos sobre esse ponto:

— Este ano só tenho direito a treze dias de férias, pois em 1959 estive doente durante uma semana.

Com efeito, na empresa em que Artur P. está empregado, para se gozarem vinte dias de férias, seguidos ou intercalados, é preciso não se ter adoecido durante o ano anterior o que, a verificar-se, se revela um luxo bastante caro. E é com uma certa amargura que um outro entrevistado declara:

— Na casa onde trabalho punem-se os empregados que tiveram a infelicidade de adoecer, tirando-lhes as férias, precisamente quando mais necessidade tinham delas.

Eis, assim, como as férias podem depender da doença...

Examinemos, agora, as férias de dois elementos característicos das classes trabalhadoras, que nos permitem a visão de um vasto panorama.

Noémia L.: empregada de balcão de uma grande casa de modas de Lisboa, de dezoito anos de idade, é solteira e vive com os pais. Empregou-se aos dezasseis anos e ganha setecentos e cinquenta escudos mensais.

Roberto M.: operário de uma fábrica nos arredores da capital, onde também reside, tem quarenta anos de idade, é casado e pai de dois filhos quase homens, também operários. Trabalha há vinte e seis anos na mesma empresa e ganha vinte e cinco escudos por dia.

Ela: tem seis dias de férias por ano.

Ele: o mesmo.

Ela: durante as suas férias do ano passado foi todas as manhãs à praia e assistiu a três «matinéas» de cinema. Lamenta que o seu pequeno ordenado não lhe tenha permitido deslocar-se a uma conhecida estância de turismo.

Ele: gozou as férias da seguinte forma: fez concertos num pequeno pombal construído por suas mãos, foi um dia à pesca à linha, fez uma patuscada com uns amigos que estava combinada há vários meses, e ao quarto dia lamentou não poder recomeçar imediatamente a trabalhar.

Ela: para com as colegas — ela própria o reconhece —, exagera sempre um bocadinho o panorama das suas férias e as sensações felizes que estas lhe proporcionaram.

Ele: regressa ao trabalho com alegria.

Mas uma outra jovem, Emília C., também com dezoito anos, tem já dois anos de ser-

viço numa empresa que só ao fim de cinco anos de trabalho lhe concede férias. Diz-me o seguinte:

— Não calcula como me sinto quando chega o Verão, sabendo que não terei férias. É angustiante a certeza de ficar ali fechada estes meses todos, chegar depois ao Outono, sem nenhuma espécie de consolação, e sempre no mesmo sítio, sem qualquer intervalo, a conferir aquelas estúpidas guias. Chego a sentir-me doida, e as minha colegas, sobretudo as que vão para férias, é que sofrem a minha má disposição. Mas não julgue que sou só eu a reagir assim... Os domingos não os posso aproveitar, pois tenho de tratar da minha roupa, trabalho que detesto, como deve calcular. Namorei um rapaz, que me visitava duas noites por semana e nas tardes de domingo; mas eu mostrava-me de tal forma irascível e impaciente que ele deixou de aparecer. Não procedeu bem, mas reconheço que tinha razão para o fazer. Mas não julgue que tudo isto é apenas consequência de um péssimo feitio. As colegas na minha situação procedem da mesma forma. As que têm férias, embora atormentadas por outros problemas, passam os dias a esperar esse abençoado tempo e a fazer projectos; nós passamos os dias a pensar que não as teremos. Mais do que a falta de férias, é o pensamento de que não as podemos gozar que nos faz mal.

E a jovem finda as suas declarações com um desabafo:

— Se eu pudesse ver-me livre disto... Se alguém me dissesse o que devo fazer...

## O PRAZER DE NÃO TER FÉRIAS

Oscar P. tem a mesma idade de Roberto M. e é encarregado na fábrica onde aquele é operário. Tem um ordenado de sessenta escudos diários, e uma casa cedida pelos patrões, no recinto da empresa.

— Férias?! — exclama à minha pergunta. — Para quê? Nunca precisei de férias e não é agora que vou precisar. O meu trabalho diverte-me o suficiente. Eu podia lá estar quieto alguma vez...

— E os domingos?...

— Passo-os na fábrica! Há sempre que fazer...

Este exemplo é bem característico de uma série de pessoas que não gozam nunca férias

embora tenham, em geral, amplas possibilidades financeiras. Um outro caso, colhido entre vários — mas sem entrevista, pois a tal espécie de pessoas repugna, quase sempre qualquer forma de publicidade —, mostra-nos um homem de meia-idade, proprietário, cujo tempo decorre na ociosidade, com mulher e um filho.

Podia gozar as suas férias em qualquer ponto do País ou em viagem pelo estrangeiro. Nunca saiu, porém, do local onde reside, não encarando sequer a hipótese de o vir a fazer.

Embora este homem não seja um exemplo do «português que trabalha», escolhi-o por se tratar de uma pessoa que criou uma situação desafogada ao longo de muitos anos de trabalho árduo, detendo-se sempre, talvez por esse mesmo motivo, perante a tentação de gastar dinheiro senão no que considera essencial. Como ele, há muitos para quem as férias, entre outras coisas, continuam a ser um luxo caro e dispensável.

Calcula-se — embora esse aspecto do problema não diga respeito ao nosso inquérito —, o efeito que tal procedimento pode ter no ambiente familiar, sobretudo quando nos outros membros reina um espírito mais esclarecido.

## FÉRIAS EM VIAGEM

Há bem poucos anos ainda, uma forma de gozar férias começou a adquirir grande popularidade entre os portugueses que trabalham: as excursões. Alguém viu, primeiramente, na organização de viagens económicas, uma fonte segura de rendimento e, na verdade, não faltaram os turistas em embrião dispostos a descobrir o País e, até, regiões além fronteiras, continuando sempre o seu número a aumentar.

São essencialmente constituídos por duas espécies de pessoas os excursionistas que gozam as suas férias viajando: operários de modestos proventos ou outros de condições de vida idênticas; e os empregados de escritório — pelos primeiros vulgarmente denominados «os gravatas» —, chefes de secção, caixeiros das boas lojas de modas, e semelhantes.

Aqueles começaram por fazer passeios de um dia (a «região dos três castelos», «peregrinação a Fátima», «as areias da Nazaré»),

e inscrevem-se agora em excursões de oito e mais dias («roteiro do Norte», «as amendoeiras em flor no Algarve»).

Os segundos, em geral, iniciaram-se nos passeios aquém-fronteiras de uma semana, e passaram depois às excursões por Espanha e, eventualmente, por França ou Norte de África. O empregado de uma companhia de seguros, com quem troco impressões, diz-me ter ido já, em viagens anuais, cinco vezes a Sevilha e uma a Madrid...

Um parêntesis: (os factos registados, embora reflectam a tendência das maiorias, não permitem, como se deve calcular, um panorama exacto ao ponto de se considerarem as excepções e os casos particulares. O repórter, apesar de se ocupar também da estatística, não pode, naturalmente, ter a eficiência de um organismo da especialidade).

As duas classes de excursionistas empregam, em geral, o mesmo processo de participar nas viagens organizadas: começam a quotizar-se semanalmente no fim de um ano, para uma excursão que se realiza em Setembro do ano seguinte. Ao princípio, eram os operários de uma mesma oficina ou os empregados de uma companhia que tomavam a iniciativa de um passeio e o delineavam em todos os pormenores. Hoje, porém, com a existência de uma agência de viagens em cada quarteirão... (passaportes, viagem e estadia em hotéis de 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup>), o processo primitivo tende a desaparecer.

Quanto à forma como decorrem essas viagens — que só por si justificariam um detalhado estudo —, pode fazer-se uma ligeira ideia se se falar do seu final, na véspera do dia em que quase todos os excursionistas recomeçam a trabalhar. «Estafados, pois claro» — diz-me um turista feroz — «mas desejosos de que chegue o ano seguinte para nova passeata!».

Mas há outra forma de viajar durante as férias, e que se vai tornando também muito frequente. Um exemplo característico...

António S., de 44 anos, é chefe de escritório de uma importante firma de Lisboa. Tem um ordenado mensal de quatro mil e quinhentos escudos, um automóvel utilitário de baixo consumo e um filho que está a cursar engenharia. Não tem grandes disponibilidades financeiras e, em meses mais difíceis, utiliza o carro apenas aos domingos, para pequenos passeios. Gosta de ler e tem



o culto de Paris, que considera a «capital espiritual do mundo». Faz economias desperadas durante o ano e, quando chegam as férias, embarca com a mulher no «Sud Express» e vai estar três dias em Paris. Regressa, e passa as restantes três semanas de ociosidade no Café, a falar aos amigos dos adoráveis passeios nas margens do Sena, dos museus e dos americanos que enchem Paris.

### FÉRIAS CAMPISTAS

Contam-se já por milhares os portugueses que gozam as suas férias fazendo campismo. É económico, mas exige um temperamento especial que nem toda a gente possui. Se assim não fosse, transformar-se-ia no recurso de toda a gente que não tem possibilidades de gozar férias. Com muita dificuldade um chefe de família que se considera respeitável — embora o ordenado não lhe permita manter a respeitabilidade —, se disporá a vestir

calções, dormir no chão e lavar a loiça do jantar para ajudar a mulher.

Operários, empregados com ordenado por vezes inferior ao daqueles e estudantes, contam-se entre os principais adeptos daquela modalidade. Muitos, porém, criam uma mentalidade «sui generis»: esforçam-se por ser campistas perfeitos, segundo os preceitos dos manuais, fazendo campismo pelo campismo e não pela necessidade de repousar. Mantêm no acampamento uma intensa actividade e chegam a desperdiçar energias, cumprindo assim o lema: «cansados mas felizes».

O campista rico, não muito vulgar, é dos mais curiosos que nos é dado observar. Embora possa hospedar-se no melhor dos hotéis, prefere suportar as fadigas saudáveis que o campismo lhe proporciona. Não lhe falta uma única peça de material, possui a melhor tenda de campanha, desloca-se de automóvel e não carregou nunca com o saco campista. No acampamento procura instalar-se num local

tanto quanto possível afastado dos que lá se encontram. Pertence a uma fauna muito especial, solenemente desprezada pelo campista comum.

Por vezes, embora mais raramente, outro género de pessoas lança mãos do campismo, também como um recurso. Por exemplo: dois rapazes e uma rapariga, ou duas raparigas e um rapaz, arrumam roupas e utensílios de cozinha em duas vulgares malas de viagem, pedem uma tenda emprestada e vão passar férias para um parque de campismo. Em geral, a sua conduta escandaliza os restantes campistas, pois passam a maior parte do tempo encerrados na tenda.

### FÉRIAS DOMINGUEIRAS

O leitor deve perguntar, agora, depois desta breve passagem em revista pelas férias do português que trabalha, quem são as pessoas que enchem as praias dos arredores de Lisboa, pagando alguns contos de réis pelo aluguer de uma casa durante a época de verão.

São, na sua maioria, comerciantes, pequenos industriais, professores — mas nem todos —, engenheiros e médicos com bons proventos, negociantes — poucos, pois a maior parte vai para a Figueira —, funcionários superiores de empresas particulares, etc. O que não quer dizer, naturalmente, que famílias de condição modesta não procurem as praias onde as férias custam caro. Fazem-no, por vezes, com efeito, utilizando um processo que, aliás, é já corriqueiro em Lisboa: juntam-se duas ou três famílias e alugam uma casa de três divisões...

Está a generalizar-se, entre muitos milhares de pessoas que não têm férias ou não as podem gozar, na sua maioria de condição modesta — embora outras não desdenhem de o adoptar —, o hábito das férias domingueiras. Quem trabalha ininterruptamente, aproveita os domingos para repousar debaixo das árvores de Montes Claros ou dos pinheiros da Encarnação.

Dantes, ia-se para a Cruz Quebrada, Paço de Arcos ou Carcavelos; agora vai-se também para Monsanto. É mais barato e não exige o incómodo dos apertos nos comboios. Além disso, diz-se cada vez mais que os «ares do campo são muito saudáveis, melhores até que os da praia».

Uma família de três pessoas escolhe quatro metros quadrados de terreno e apossa-se deles pelo espaço de algumas horas. Por vezes improvisa uma tenda com um cobertor, outras limita-se a dormir sobre o mesmo cobertor. Comem-se farnéis, bebe-se com certa abundância, e não falta quem improvise um festival de canções. Quando as crianças correm por entre os grupos ouvem-se vozes irritadas. Para os vendedores ambulantes de refrescos, o domingo é sempre um dia de bom negócio.

Mas até esta forma de gozar férias — ou, precisamente, de não as gozar —, corre o risco de crise para os que, por temperamento ou por força das circunstâncias, as preferem. É que estes consideram-se de certa forma lesados, quando junto dos pinhais vêm estacar automóveis pequenos ou de luxo e deles saem os que consideram intrusos no seu ambiente, com bancos, cadeiras de repouso e até colchões-camas. E o inevitável acontece: os segundos inibem os primeiros de expandir totalmente os seus sentimentos...

### PROGRESSO... OU OUTRA COISA?

Um caso bastante curioso e significativo, completa esta reportagem sobre as férias do português que trabalha.

João R. tem vinte e três anos, um curso de Letras incompleto e está empregado numa empresa inglesa, onde ascendeu rapidamente pelas suas qualidades de trabalho. Ganha três mil escudos por mês, quantia que a grande maioria dos chefes de família que trabalham não recebe. Vive desafogadamente, pois não tem família a seu cargo. Perguntou-lhe como goza as suas férias.

— Em geral, no estrangeiro. Conheço já uma parte da Europa...

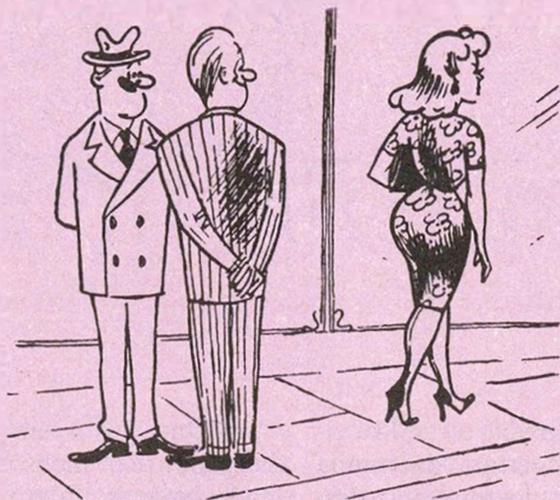
— O seu ordenado é suficiente para todas as despesas?

— Sim. Mas recebo também um subsídio de férias...

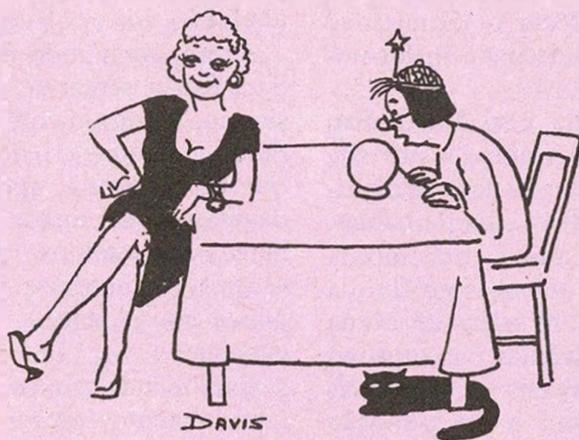
Hesita um pouco e prossegue depois com trejeito de aborrecimento:

— Só lamento que os patrões não me deixem dividir as férias. Preferia viajar para o estrangeiro em duas épocas do ano...

Sinal dos tempos, sem dúvida, o problema deste jovem. Que pensarão dele os outros — são ainda milhares —, que não têm férias ou são forçados a trabalhar durante elas?...



— Considerando que o corpo humano tem 90% de água — é admirável o que ela consegue fazer com os 10%, não acha?



— Diabo! Mas que escuro que isto se está a pôr!

Edita Morris

## AS FLORES DE HIROSHIMA

Tive um descuido, que podia ter sido evitado com um pouco de esperteza da minha parte! Poderia ter encontrado qualquer desculpa para que o nosso hóspede se demorasse um pouco mais e se não encontrasse com o nosso velho amigo, o pintor Maeda-San! Mas vivo agora num rodopio para tornar agradável a estadia de Haro-San. Estou de pé desde que abro o «Fusuma» de manhã até que me enfio à noite no meu «Futon». Deve ter sido por isso que confundi as horas.

Ai! As vezes desconsolo-me tanto comigo mesma! Prudência e bom-senso são as virtudes básicas das mulheres japonesas, mas eu falho miseravelmente nos meus esforços para ser tão simpática como era a minha Mamã-San e tão sensata como é a tia Matzui. Serei frívola por natureza? Gostarei de mais de palrar, de cantar, de tocar o «Samisen»? Deus meu, êste meu descuido pode custar-nos novos hóspedes!

Logo que abri a cancela e vi Maeda-San e as minhas três vizinhas, sentados em fila no banco da nossa casa de banho, lembrei-me de que hoje é quarta-feira, dia de banho.

A nossa cancela de bambu está morna ainda dos últimos raios de sol, mas eu sinto-a gelada quando lhe toco. Paciência! Nada mais posso fazer senão vénias, ao aproximar-me, sorridente, e repetir as fórmulas tradicionais requeridas para a apresentação de pessoas.

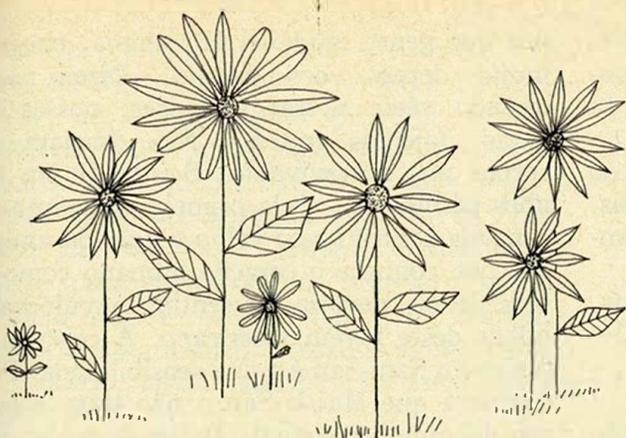
Embora faça um sinal ao meu hóspede para lhe indicar que entre dentro de casa comigo, os meus esforços não dão fruto — para usar uma bela expressão poética do Ocidente! Maeda-San volta-se para o estrangeiro com um dos seus incomparáveis sorrisos.

— Que gosto em conhecer o respeitável hóspede dos meus amigos! — Maeda-San pode apenas falar num rouco sussurro mas o olhar com que acompanha as palavras faz esquecer as suas pobres cordas vocais tão mutiladas. O que terão de especial certas pessoas boas e dedicadas que, seja qual for a sua aparência, cativam logo os outros? Maeda-San, que é pintor, considera-se um jardim — um pequeno jardim para ser cultivado intensamente. Todos os dias muda um canteiro, cava-o e planta sementes no solo amanhado de novo. À sua maneira, doce e persuasiva, já me tem insinuado que eu deveria fazer o mesmo. Se assim não fizermos, na opinião de Maeda-San, o nosso ser interior não passará de um terreno bravio, com serpentes venenosas e ervas daninhas que tudo abafam.

Agora, sacudindo o pó do banco, convida Sam-San a sentar-se e este aceita com entusiasmo. Naturalmente! — Quero eu dizer que Sam-San é o género de pessoa que pressente o que Maeda-San é, apesar da sua voz rouca e da sua pele arruinada. Depois de nova vénia, Maeda-San senta-se a seu lado, enquanto as três mulheres se ajoelham na relva um pouco mais longe, à distância prescrita pelo costume.

Escondendo o meu alarme sob um sorriso especialmente prazenteiro, dirijo-me para casa. «Peço-lhes que me desculpem, mas tenho de preparar o jantar do nosso hóspede» digo. Não entro, porém, na cozinha — nunca tencionei fazê-lo.

Uma mulher ajuizada não deve deixar uma situação difícil sair-lhe das mãos, ensinou-me a tia Matzui. Fico à escuta, atrás do «Sho-



ju», preparada para ir buscar o meu hóspede se a conversa de Maeda-San se tornar franca de mais — quero dizer, perturbadora de mais.

Ao princípio, porém, tudo corre bem; Maeda-San limita-se às triviais delicadezas prescritas pelas boas maneiras. «Muito satisfeito de saber que vai a Myajima no domingo. Vou também em companhia de outros amigos. Espero encontrá-lo lá, sr. Willowghby.»

— Caladinha, D. Fafe, por favor. A voz de Maeda-San é tão rouca que quase não oiço o que diz. Custa-me bastante tentar ouvi-lo, com a sua cantoria, meu rico! Não quer que eu gaste os tímpanos, pois não?»

— Também o espero, senhor. — A voz de Sam-San é forte e vibrante, tão diferente dos murmúrios estranhos de Maeda-San, e parece não poder tirar os olhos, do nosso amigo.

Na lapela do seu quimono cinzento, o velho pintor tem a sua costumada flor e no seu rosto, aquele bom sorriso que faz tão parte dele como o queixo bem talhado e o nariz fino e direito.

— É entusiasta de ofuro? — pergunta a Sam-San e eu agradeço aos céus ele ter recolhido um assunto tão seguro. Quando o meu hóspede responde que ainda não teve o prazer de tomar um banho japonês, Maeda-San pergunta se ele gostaria de ser iniciado no seu ritual.

— Se gostava! Quero saber tudo a respeito desta terra — declara o Har-San, que também tem a sua dose de encanto, à maneira estrangeira.

Maeda-San que é exigente em matéria de pessoas, gosta dele, segundo o que vejo.

— Bem. Nós, japoneses doidos por água

quente — explica Maeda-San. — Americanos, doidos por cocktails. Ingleses doidos por chá. Japoneses...

— São conhecidos como a gente mais asseada do mundo — acaba Sam-San.

— Certamente, verdade — comenta Maeda-San sem falsa modestia. — Pois bem, meu amigo, primeira coisa importante a saber a respeito nosso «Ofuro» é que água de banho não é para lavar.

— Não é para lavar?

— Não. Lavar, cá fora. Banheira destina-se a aquecer, descansar corpo. Exemplo, amigo, cerimónia segue assim: primeiro, chefe família salta dentro banheira, salta fora. A seguir filho salta dentro, salta fora. Depois Mamã-San.

— Quer dizer que a mãe toma banho depois do filho? — Sam-San pergunta perplexo e eu sinto-me corar por detrás do meu «Shojiu». Que pensarão os meus amigos da pergunta grosseira do americano? Como simpatico com o meu hóspede, apetece-me ir a correr defende-lo dos pensamentos pouco generosos que os outros indubitavelmente vão ter a seu respeito.

— Naturalmente! — Maeda-San responde, em seguida. — Filhas trepam banheira cheia água quente e saem. Depois criado humilde. Se família se orgulha de possuir um pequeno cão, este toma banho último.

— Valha-nos isso!

— Perdão?

— Nada — diz Sam-San constricto.

Maeda-San ergue uma mão esguia, manchada de tinta. Julga que igual às mãos de todos os pintores. «Mais uma coisa! Antes tomar banho, meu amigo, lembre-se sempre fa-

zer vénia funda à família, dizendo «Ho Furo-roni» — Vou banhar-me. Quando sai faz outra vénia e diz «Horo Furo Mashito» — Já me banhei. Entende?»

— Ho Furo-roni — grita o nosso impetuoso americano, dando um salto. Parece feliz, como se na verdade simpatizasse com o companheiro.

— Diga-me, no meio dessa etiqueta toda, quando me cabe a vez de tomar banho? Depois do cão?

Maeda-San sorri maliciosamente.

— Antes de todos, já se vê, pois é honrado hóspede. Estamos esperando que água aqueça. Estas três senhoras, vêm tomar banho como eu. — Maeda-San indica as nossas vizinhas, ajoelhadas sobre a relva, nos seus «mombes» engordurados (Oh, como os seus pobres fatos de trabalho estão uma desgraça!)

— Compreende? Falta meios impede estas senhoras terem sua casa de banho própria, de maneira que Yuka-San e eu convidamo-las para nossas casas duas vezes por semana. Tudo muito diferente de tempo antes da guerra; agora excluídos banhos públicos de modo...

— Excluídos!?

Ah! Já sabia: chegou o momento que eu tanto temia. «O chá está pronto» grito alegremente, saindo do «Shopi», venha para dentro, por favor».

Eu devia saber que a teimosia de Sam-San, que já conheço, escolheria este momento para se transformar em rebelião. Ignora-me e persiste, com insistência «excluídos, porquê?»

— Por causa, nossas cicatrizes... Nossas cicatrizes keloidicas (1). Não sabia estava a falar com vítimas da bomba-H, meu amigo?»

Agora, Maeda-San despejou o saco, como dizem os do Ocidente. O que é mais, julgo que o fez de propósito. Com o tacto que lhe é habitual, não teria decerto sido desagradável para com o hóspede, se não tivesse uma razão especial para o fazer.

— Nós fomos, Yuka-San e eu e estas senhoras, cinco das cem mil pessoas sobreviventes da bomba atômica — continua Maeda-San. — Alguns horrivelmente queimados, não falando em lesões internas mais graves. Razão

por que gente saudável Hiroshima, chegada muito depois, nos evitam. Dizem *ugh!* quando vêem nossas cicatrizes, nossas ásperas, nojentas crateras. Não desejam ver corpos nus sobreviventes Bomba-H em banhos públicos. — Pela primeira vez sinto-me zangada contra nosso velho e querido amigo. Ele que conhece o coração humano como os seus dedos, deveria ter sentido a vulnerabilidade deste jovem americano. A coisa mais óbvia em Sam-San é a sua sensibilidade! Porque será que Maeda-San o não trata com a sua delicadeza habitual? Tenho de tentar salvar a situação.

— Querem que leve o chá lá para fora? — grito em desespero. Ninguém me responde, mas eu corro à cozinha e precipito-me para o jardim com o tabuleiro do chá. O chá verde fica bonito nas minhas chécaras lacadas de encarnado, mas as minhas visitas-de-banho cumprimentam-me com delicadeza ao aceitarem a minha hospitalidade. Não estão à vontade. Tento encontrar os olhos de Maeda-San para o prevenir e ainda consigo pôr o dedo diante da boca, mas vejo, com espanto que ele abana a cabeça.

Compreendo nesse momento que a maneira de ver de Maeda-San é diferente da minha e que ele deseja resolver o caso à sua moda. De repente evapora-se a minha zanga e sinto até certo alívio.

— Harara-San, ali, vítima típica bom A — continua o velho pintor, trocando um olhar com uma das nossas três amigas, ajoelhadas na relva atrás dele. «Ela pede não se aflija com sua cara feia. Achatada. Ficou assim quando estação caminho ferro desabou e por sorte lhe caiu em cima. Digo sorte, porque cimento protegeu Harara-San de radiação mortal. Ah! meu amigo, Harara-San teve experiências terríveis. Tinha bonita escola arranjo flores. Perdeu. Tinha filhos simpáticos. Perdeu. Perdeu marido, perdeu saúde, perdeu beleza num minuto, famoso dia seis Agosto. Agora, registada jornaleira Camara Municipal, como muitos sobreviventes. Trabalha nas estradas.»

Sam-San está pálido, debaixo da pele queimada pelo sol; deita um olhar rápido a Harara-San e depois parece não saber onde fixar os olhos.

— Agora, Harara-San levanta-se na madrugada escura, anda léguas sobre pernas inchadas — continua Maeda-San. — E eu vejo

(1) Queimaduras provocadas pelas radiações atômicas.

que ele projecta dizer tudo a Sam-San. Depois trabalhar como escrava todo o dia arrasta-se até à praia para procurar mariscos comíveis ou sobe aos montes apanhar ervas. Salário trabalhadora não chega para comprar arroz suficiente sustento para viver. Também faz «arubeit», sentada muitas horas noite, para ganhar alguns yen, ou rasga bacalhau salgado, com dedos, para bacalhau lascado restaurantes. Trabalho muito pesado e solitário, lascar bacalhau na escuridão da noite!

«Já se vê é apenas uma de dezenas de milhares! Ah!, meu amigo, muito tempo desde que Harara-San se riu do fundo do coração!»

Maeda-San cala-se e eu respeito Harara-San. Lá está aquela expressão de espanto e de angústia que eu receava e que sabia inevitável uma vez que ele soubesse a verdade a nosso respeito e a respeito da nossa rua.

Olho em seguida para Harara-San e, de repente, o meu hóspede já não conta! Como isto é estranho! Tenho feito tantos esforços, para o enganar!

Atravesso a relva com o meu tabuleiro lacado e ajoelho-me em frente de Harara-San.

«Chá?», pergunto. «Doso?» Harara-San toma a tijela lacada e quando as nossas mãos se tocam, uma corrente de ternura passa entre nós duas. Ah!, como eu gostaria de apertar Harara-San nos meus braços, como vi

uma vez fazer a duas ocidentais na Estação de Tokio! Mas a tristeza japonesa tem de permanecer escondida. Os nossos olhos comunicam, no entanto, e o vapor que sobe do chá encobre misericordiosamente as suas pobres feições desfeitas. Uma coisa extraordinária acontece então, de repente. Por entre o vapor que sobe do chá, vejo Harara-San tal como era, antes de que a bomba atómica lhe tivesse desfeito as feições: Jovem, linda e amada! Harara-San inclina-se para a frente e nas pupilas dos meus olhos vê a imagem verdadeira do que é. Pelos lábios tristes passa-lhe um sorriso de gratidão. Dá uma gargalhada leve, juvenil. «Arigato» murmura ao beber o chá — obrigada.

Por sobre o ombro de Harara-San, vejo a cara de Sam-San. Que aflição revela o seu olhar! Agora, sabe a verdade. Irá ele fugir de nós, da nossa miséria e deixará de nos recomendar aos seus amigos?

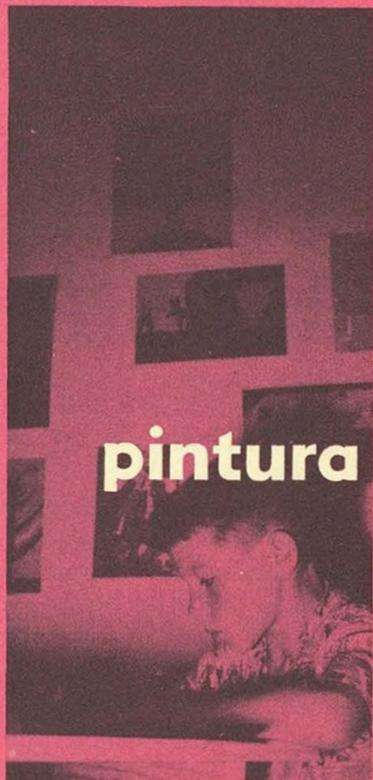
Pois bem. Se quiser deixar-nos, que o faça!

Esta, é a *minha* gente.

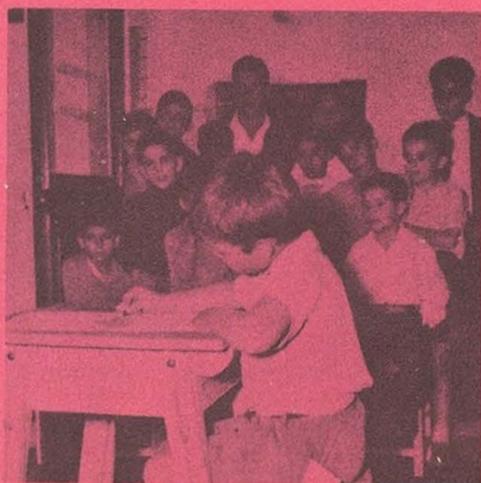
Toda a *minha* atenção, todo o meu amor, pertencem a Harara-San. Vendo-se ainda nos meus olhos tal como era, sorri-se. E sorriu à minha amiga, através do vapor que sobe, leve, da xícara lacada.

(Do livro: «As flores de Hiroshima»)





## pintura infantil



## olhos novos para ver o mundo



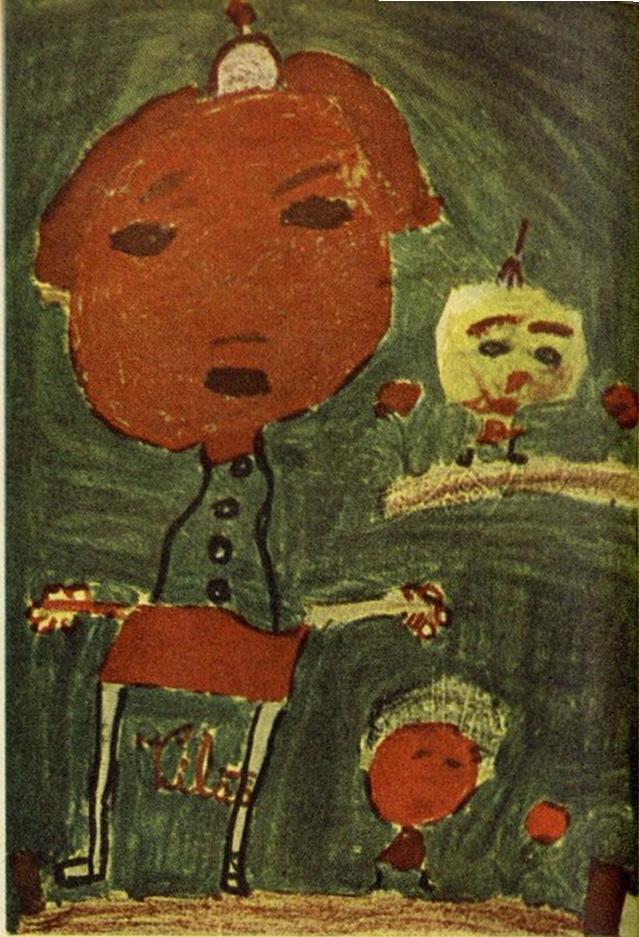
Em geral nós outros, portugueses, só começamos a ser idiotas — quando chegamos à idade da razão. Em pequenos, temos todos uma pontinha de génio.

(Cartas de Inglaterra — Eça de Queiroz)

O Centro Artístico Infantil do Funchal, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigido pelo Prof. Cruz Correia, levou à pouco tempo a efeito no S. N. I. uma exposição de pintura de crianças dos 7 aos 16 anos que o frequentaram durante o período de um ano — 1959-1960.

«Almanaque» tem a satisfação de apresentar algumas dessas pinturas acompanhadas de notas extraídas do catálogo da exposição e de pinturas realizadas por crianças submetidas ao tradicional e estiolante ensino de desenho. Da comparação entre ambos se pode concluir sobre a utilidade de cada um.

MARIA DO ROSÁRIO — 7 anos  
Vilões da Madeira



1 — A frequência do Centro Artístico Infantil, caracterizou-se, particularmente, por rapazes cujas idades, na sua maioria, oscilavam entre os 10 e os 15 anos. É de salientar a presença dos chamados rapazes da rua, que pelo seu entusiasmo, exuberância e comportamento particulares, dão aos seus trabalhos uma característica especial, de que a nossa exposição é testemunho evidente.

Apresenta-se igualmente nesta exposição uma colecção solta de trabalhos das crianças que, frequentando o Centro, eram alunos do liceu, escolas industriais e escolas primárias.

2 — Embora a escolha dos trabalhos para esta exposição se tivesse feito em primeiro lugar, entre as muitas centenas existentes no Centro Artístico, sobre a qualidade «Estética» dos trabalhos obtidos, não é sobre essa qualidade que devemos julgar os métodos de acção, mas sobre o que esses métodos desenvolveram nas crianças e o que lhes deram ou tiraram.

3 — Desta exposição, ou de quaisquer outras exposições da mesma natureza, não se deve ajuizar da arte infantil em relação ao adulto **mas em relação à criança.**

A criança quando pinta obedece a razões realistas, mas brincando com elas. Esta dificuldade faz com que a sua linguagem se liberte das servidões do realismo; trata-se, não de um meio convencional de «representação» mas sim de um meio de «expressão» do mundo afectivo.

O adulto, prisioneiro do seu conformismo, é igualmente incapaz, no estado de plena consciência, de fazer mais do que **representar.**

A criança, não se encontrando embaraçada pelas mesmas considerações, jogando com o realismo, põe a figuração ao serviço da «expressão». Assim, é capaz de dar uma forma visível dos seus sentimentos: o medo, a alegria, o desejo, concretizam-se nos seus quadros.

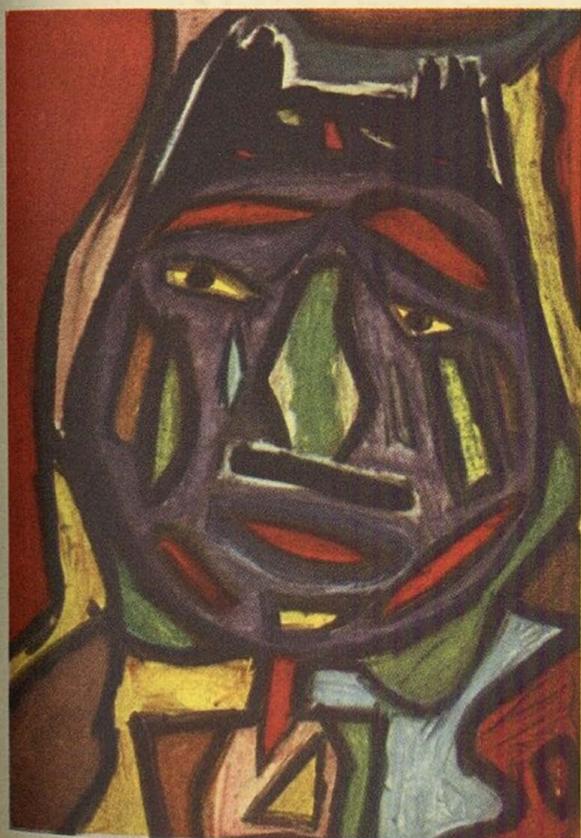
Mas se é voluntariamente que a criança procura a representação das coisas, é inconscientemente que ela nos dá, nas suas representações, um conteúdo sentimental, por vezes dramático.

4 — Na educação artística não existem notas, recompensas, classificações, nem, sobretudo, competições.

Conquanto o espírito de competição esteja enraizado nos costumes, poucos são os edu-



**RUI CORREIA — 13 anos**  
pintura



**VÍTOR GIL G. ROSADO — 12 anos**  
o retrato do professor

cadores, que avaliem os seus efeitos perigosos! O concurso falseia o espírito de criação: a criança não deve criar para «ganhar». Pela sua criação ela fica consciente da sua personalidade. **Pintar é viver inteiramente.**

Se a criação artística livre dá confiança, o concurso retira-lha.

A educação artística livre permite, em certos casos, reencontrar um equilíbrio deficiente. Os seus efeitos fazem-se sentir até no trabalho escolar e no comportamento social.

5 — No «Atelier», a criança é livre na escolha do **assunto**, das **formas**, e das **cores** da sua obra, assim como também no **ritmo** da sua execução. São condições essenciais ao seu trabalho e nenhuma deve ser descurada. Há leis muito restritas no manejo dos pincéis, obrigações sociais, porque todos os utensílios são colectivos. Neste trabalho, portanto, o individual e o social alternam constantemente e equilibram-se. Um é necessário ao outro, a fim de que, por um lado, uma liberdade não suprima a disciplina indispensável, e que, por outro lado, uma demasiada grande importância dada às obrigações da colectividade não entrave ou não limite o desabrochar da personalidade. Na «escola da facilidade», a criança fica abandonada a si própria. Faz apenas o que quer. Mas a criança não quer estar só durante muito tempo e, deste abandono a si própria resulta um empobrecimento progressivo das suas criações. A criança não se deve sentir

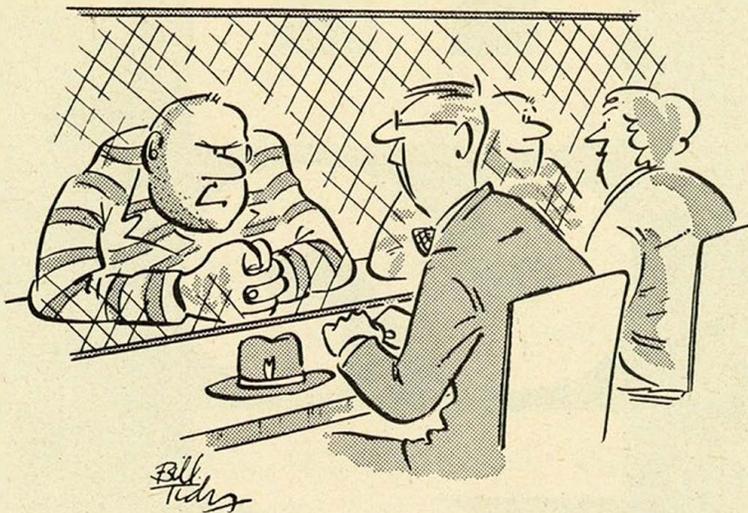
reduzida a si própria. Deve ter o seu lugar num grupo e sentir uma disciplina, no interesse de todos.

Se o grupo é indispensável à criação da criança, a educação artística não deve ser, no entanto, o pretexto para uma educação social. O fim da educação artística, ainda que sendo a adaptação social do ser, é, antes de tudo, **a expansão da personalidade.** É por isso que a criação se realiza na colectividade com uma utilidade colectiva, mas é em si própria estritamente individual.

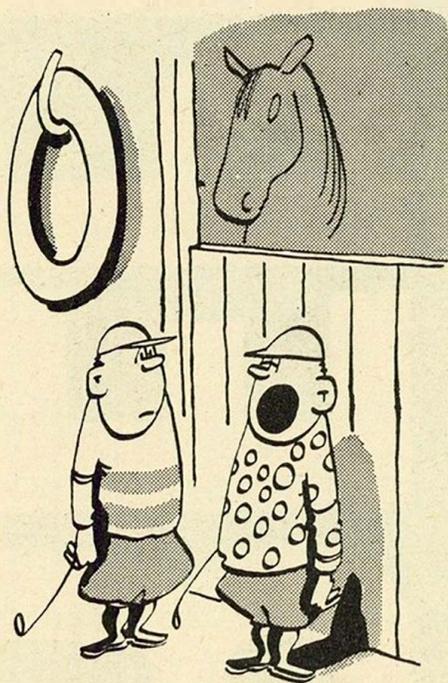
O «Atelier» é o mundo. É determinado por um ambiente particular e não é, para a criança que o descobre, comparável a qualquer outro lugar.

6 — Na frequência do «Atelier» podemos distinguir duas categorias de crianças: os que, **hábeis ou desajeitados**, não têm dúvidas em se exprimir livremente e os **deformados** que já não são livres porque o seu espírito criador se encontra obstruído por imagens feitas. É preciso «desintoxicá-las» daquilo que as caracteriza, perdendo-se em sábias pesquisas de efeitos de sombra e perspectiva. Alguns profanos vêm na precisão dos seus desenhos e na diferença com os outros, uma marca de personalidade. Não é nada disso. São crianças a que um mau ensino destruiu as suas verdadeiras qualidades, frustrando-as nas suas possibilidades de expressão da sua idade para lhes dar a ilusão de possuírem já um pouco de habilidade de adultos. Que erro!





...e sem ser perseguido pela Polícia, você pode sustentar a minha filha da maneira a que ela está acostumada?



— Fiz grandes projectos para quando crescesse— mas nunca cheguei a realizá-los!

# REFRESH

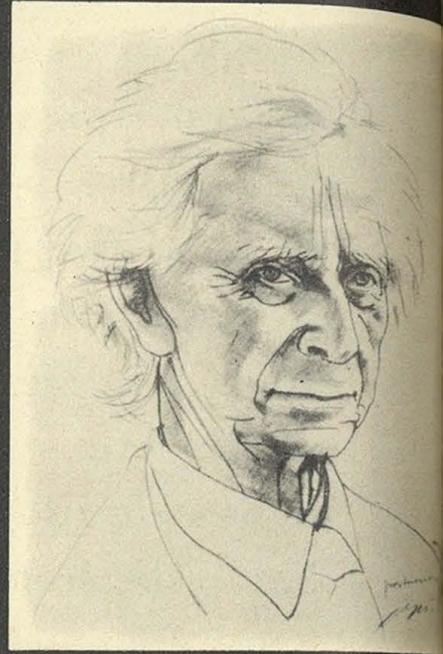
Se alguma coisa caracteriza a Civilização Ocidental é a possibilidade que confere, àqueles que nela vivem, de a negarem. O progresso nela tem sido feito por quem, não aceitando inteiramente os valores herdados, os REPENSOU criando contra eles novos valores. Assim para os sofistas, para S. Francisco de Assis, para Galileu, para Descartes, para Freud, e para tantos outros.

Pensar já foi uma necessidade, passou depois a ser um luxo, hoje em dia é um dever. Perante os progressos das ciências físicas, materializados nas armas termonucleares, as alternativas que põem ao mundo são a aniquilação ou uma coragem esclarecida que encara, de frente, a realidade.

Bertrand Russel, matemático, filósofo e escritor inglês, prémio Nobel da Literatura e um dos mais penetrantes espíritos contemporâneos, escreveu, especialmente para Almanaque, algumas páginas que inauguram uma série de artigos subordinados ao tema REPENSE. O Almanaque tem ainda o prazer de apresentar neste número, artigos do pensador Prof. Vieira de Almeida, da romancista Fernanda Botelho, do Arq. António Sena da Silva e do estudante universitário Vasco Pulido Valente, cada um dizendo de sua justiça sobre, respectivamente, a filosofia, o romance, a habitação e os problemas da juventude.

Para que o leitor leia, pense, repense,  
e se lhe aprouver — DISCORDE.

Reproduzido com autorização  
de Hans Erni e de Rathdon  
Books, Ltd.



**PENSAR**

**OU**

**MORRER**

## por Bertrand Russell

(Tradução de A. Neves-Pedro)

O perigo da guerra é daqueles que preocupam toda a gente que pensa, mas, infelizmente, nem toda a gente está de acordo quanto aos meios de a evitar. A opinião mais corrente de ambos os lados da «Cortina» é a de que a melhor maneira é manter a superioridade de armamentos do seu próprio campo. Esta superioridade, no entanto, só pode ser alcançada por um dos lados em qualquer momento dado e, para que o homem da rua se resigne às enormes despesas necessárias para entrar na corrida, é preciso manter a hostilidade mútua permanentemente ao rubro. É evidente, para quem quiser dar cinco minutos de atenção ao problema, que este método acabará necessariamente por levar, mais tarde ou mais cedo, a uma explosão, e que, se queremos evitar a guerra, é necessário encontrar medidas mais drásticas e mais originais.

Na minha opinião, é claríssimo que a única solução definitiva se encontra numa forma de governo mundial. Tal governo, se pudesse ser criado, teria evidentemente a estrutura de uma federação, que deixasse aos seus membros uma liberdade ampla, excepto em questões que afectassem a paz e a guerra e questões que pudessem constituir perigo de guerra. Seria necessário que esse governo mundial tivesse o monopólio das poderosas armas de guerra, de forma a evitar os riscos de guerra civil. Seria necessário que cada unidade fosse composta de homens de muitas nações para que os preconceitos nacionais colectivos não influíssem nas suas decisões. Todas as disputas entre os diferentes Estados seriam julgadas pelo governo mundial e resolvidas judicialmente, se possível, por meio de arbitragem.

Os argumentos lógicos a favor da ideia do governo mundial são exactamente os mesmos que se empregam para justificar o governo nacional de cada Estado. Dentro de um único Estado, a lei não tolera o assassinio privado. E não há melhores razões para tolerar o assassinio entre Estados diferentes, que para tolerar o assassinio de compatriotas. Mas para

que se aceite verdade tão comezinha é necessário que se opere uma grande mudança na opinião pública. De momento, se se mata um compatriota, é-se um criminoso; mas, se se mata um estrangeiro às ordens do governo, é-se um herói e um patriota; e se se consegue matar um número suficientemente grande, talvez se obtenha um monumento público. Isto, é claro, é absurdo. Mas não é fácil de ver como se pode mudar tamanho absurdo enquanto os vários Estados retiverem o direito de declaração de guerra.

Na sua forma mais simples o argumento a favor do governo mundial é este: as disputas, quer surjam entre indivíduos, quer surjam entre Estados, não devem ser resolvidas pela força, mas por meio de decisões legais suportadas pela força colectiva dos que não estão interessados na disputa. Do ponto de vista doméstico, tal princípio é universalmente reconhecido; internacionalmente, continua a ser uma aspiração irrealizada.

Haverá quaisquer medidas que possamos tomar agora para que esta aspiração se torne realidade? Parece-me que sim, e parece-me que as condições actuais do mundo dão uma força especial aos argumentos a favor de tais medidas.

Considere-se o mundo em que vivemos como ele poderia aparecer aos olhos de um marciano desinteressado. Encontraria os seres humanos divididos em três grupos a que podemos chamar A, B e C. A e B odeiam-se mutuamente. Cada um deles está persuadido de que ama a paz e a liberdade, enquanto o outro só sonha com guerra e escravidão. Cada um está persuadido de que o único método de fazer abortar os maléficos designios do outro é produzir armamentos que lhe permitam exterminá-lo completamente em poucas horas. Cada um está persuadido de que tais armas se devem manter num tal estado de alerta, que podem, a todo o momento, ser usadas em resultado de um simples erro de julgamento. Parece que aqueles que decidem da política de cada um dos grupos conside-

ram o extermínio da raça humana um mal menor que a vitória do outro grupo.

Entretanto, o terceiro grupo — C — observa a cena com pasmo. Não participa dos ódios que animam A e B. Deseja com simplicidade, que lhes consintam que continuem a existir. A e B consideram tal atitude com desespero; ambos dizem: «Não vês tu que o meu grupo representa a justiça, enquanto o outro personifica tudo que é pecaminoso? Se não podes ver isto, não mereces viver, e se, na nossa luta com o grupo rival fores acidentalmente exterminado, não me parece que isso seja razão para hesitarmos na nossa defesa de uma causa tão nobre». Parece-me perfeitamente possível que o nosso observador marciano fique um tanto ou quanto duvidoso quanto à validade dos argumentos tanto de A como de B. Para abandonar estas abstracções alfabéticas, aquilo a que temos chamado «C» é o grupo das nações neutrais constituído como pouca gente se lembra, por muito mais de metade da raça humana. Para as nações neutrais há dois factos evidentes: em primeiro lugar que, se a presente orientação política continua, uma guerra nuclear é quase inevitável mais tarde ou mais cedo; em segundo lugar, que no caso da eclosão duma guerra nuclear, uma larga proporção das populações de países não-beligerantes perecerá. Portanto, os países que não alinharam nem na frente comunista, nem na frente anticomunista têm um interesse verdadeiramente vital na prevenção de um conflito nuclear.

Vamos desenvolver estes três pontos. Em primeiro lugar, quanto à probabilidade de uma guerra nuclear seria um desastre inimaginável que deve ser evitado a quase todo o custo — desde que esse custo não constitua uma vantagem, mesmo que infinitesimal, para o outro lado. Os governos pretendem que o jogo da ameaça pode prosseguir durante dezenas de anos sem que se produza uma explosão. Não é essa a opinião dos peritos que não estão a soldo de qualquer dos governos. Tenho lido uma grande quantidade de estimativas cuidadosas e científicas das várias espécies de riscos contidas nas presentes directivas políticas. Todos chegam à conclusão de que existem constantemente riscos de se desencadear uma guerra nuclear por engano, e que durante um período de anos esta acumulação de riscos constitui uma

quase certeza. Não encontrei jamais uma opinião contrária expressa por qualquer perito, excepto por aqueles cujos interesses financeiros obrigam a dizer o que qualquer dos governos desejam que eles digam. Quanto sofreriam os neutrais em resultado de uma guerra nuclear? Os dados para responder a esta pergunta são-nos fornecidos pelas medições de «cinzas» radioactivas resultantes de explosões nucleares experimentais. O País de Gales do Norte, onde vivo, fica muito longe de qualquer dos lugares onde se têm efectuado explosões experimentais e, no entanto, mesmo aqui, tem-se verificado um aumento notável de estrôncio e de outros elementos radioactivos letais, na água, no solo e nos alimentos. Os dirigentes políticos fazem por ignorar tais factos, dizendo que as «cinzas» encontradas até agora não causarão mais de umas centenas de milhar de cancro e de nascimentos anormais, e que isso é uma bagatela com que os estadistas sérios não têm de se preocupar. Os mesmos estadistas «sérios» esquecem-se também de considerar o que hoje se sabe serem os efeitos prováveis da radioactividade se eclodir uma guerra nuclear em grande escala. Segundo os dados hoje conhecidos, parece altamente provável que a vasta maioria da raça humana pereceria, e que os sobreviventes ficariam genéticamente danificados de forma perdurável enquanto existisse a raça humana — o que, possivelmente, não será por muito tempo. Aqueles que não têm interesses criados nem no campo comunista, nem no anti-comunista, têm portanto, as razões mais prementes para tentar induzir os dois grupos rivais a permitir a sobrevivência dos que não pertencem nem a um nem a outro.

Que poderão fazer os povos neutrais nesta situação horrível? Há, parece-me, uma coisa que eles podem fazer imediatamente e que pode constituir um primeiro passo para algo de mais fundamental. Penso que os membros neutrais da ONU se deviam constituir num grupo organizado com vistas a facilitar negociações entre o Ocidente e o Oriente. O primeiro passo que as nações neutrais poderiam dar com proveito seria apelar para ambos os campos para que se abstivessem de quaisquer atitudes que pudessem conduzir à guerra, durante um certo período de tempo, de forma a dar às nações neutrais a oportunidade de formular propostas que pudessem servir de

base para futuras negociações. A necessidade para tal apelo é urgente. Desde o falhanço da Reunião de Alto Nível as negociações directas entre os dois grupos tornaram-se extremamente difíceis e parece-nos que, pelo menos de momento, talvez seja possível aos negociadores neutrais atingir o que parece impossível aos contendores. Gostaria de ver uma pequena comissão permanente estabelecida pelos países neutrais que estudasse todos os pontos de discórdia que separam o Oriente do Ocidente; que se pronunciasse o mais cedo possível sobre os problemas actuais e que, de aqui em diante, fosse analisando novas dificuldades conforme estas surgissem. Ao procurar tais soluções o fito seria o de evitar dar a qualquer dos lados vantagens definidas, e evitar tudo o que qualquer dos lados pudesse considerar uma humilhação. O ponto mais importante a considerar seria a aceitabilidade para ambos daquilo que haveria a propor, condição que, é claro, requer a mais estrita imparcialidade da parte dos proponentes. Seria lícito esperar que as propostas enunciadas por tal grupo de nações neutrais viriam a constituir um núcleo à volta do qual a opinião moderada de ambos os lados se poderia reunir, e que poderia, em devido tempo, adquirir uma autoridade moral tamanha que os governos teriam dificuldade em resistir à sua pressão. No estado actual das coisas é difícil a qualquer pessoa, tanto de um lado como do outro, mesmo com a melhor das boas vontades, formar uma opinião genuinamente imparcial. Estão ensurdecidos pelos vitupérios que nos fazem lembrar rapazio zangado; um a berrar «tu és um malandro», o outro a retorquir, «e tu és outro». Tais atitudes não conduzem a resultado algum. Eu — e, como eu, estou certo, muitos outros — receberia com alegria, qualquer opinião neutral bem informada que pudesse aceitar como racional e justa.

Esta imparcialidade organizada que tenho vindo a sugerir poderia, se fosse bem sucedida, vir a constituir a semente de onde germinaria uma autoridade mundial. Ter-se-ia de reconhecer que muitos assuntos, especialmente armamentos, que até hoje têm sido considerados da competência exclusiva dos Estados a que os armamentos se destinam, são de facto assuntos que afectam o mundo inteiro. E acima de tudo, a paz e a guerra, desde que se inventaram as armas nucleares,

respeitam vitalmente a toda a humanidade e não só os Estados desavindos que se preparam para se destruir mutuamente com a maior das irresponsabilidades.

Recapitulando: está a tornar-se lamentavelmente claro que os países da OTAN e do Pacto de Varsóvia são incapazes de aplanar as suas diferenças sem auxílio externo. Nos interesses da humanidade inteira é da maior importância que tais diferenças sejam aplanadas. É possível esperar que as nações neutrais possam vir a alcançar os resultados que os disputantes, por si sós, se têm mostrado incapazes de atingir.

Em conclusão, quero sublinhar uma vez mais a incrível gravidade dos problemas em causa. Desejam que os vossos filhos e netos morram de uma morte horrível? Desejam condenar à morte aquela maioria da raça humana que não alinhou com nenhum dos lados no conflito entre o Oriente e o Ocidente? Desejam que o nosso planeta se torne um pedaço de rocha sem vida, destituído das ideias, aspirações e vida imaginativa que tornaram a nossa espécie digna de ser conservada, apesar das suas selvajarias e loucuras, e que, se persistirmos, será deixada como um legado de escuridão residual e evanescente? Se não desejam estas coisas, digam aos estadistas que acordem e que dêem pelo menos alguns minutos de pensamento, em cada mês, à consideração do problema mais grave que a raça humana jamais teve de enfrentar — o da sua sobrevivência — em vez de se preocuparem tanto com o prestígio nacional. Algumas pessoas pretendem que o problema é complexo e difícil. Não é. É dos problemas mais simples. O problema é este: vale a pena exterminarmo-nos a nós mesmos só porque não sabemos dominar os nossos nervos, ou será preferível compenetrarmo-nos da futilidade dos ódios que nos dividem e debruçarmo-nos sobre os assuntos em que todos os homens têm interesses comuns? Se conseguirmos que a consciência dos interesses comuns da espécie se sobreponham às cóleras e disputas fúteis que dominam agora a cena internacional, será possível esperar um mundo novo. Um mundo esplêndido de felicidade, onde acordemos com alegria do pesadelo aterrador que é esta Era de escuridão e insensatez.

*Bartrand Russell*

# REPENSE AS FLORES EM SUA CASA

por Lúcia de Sttau Monteiro

Não conheci até hoje uma mulher, verdadeiramente mulher, que se não interessasse pela sua casa, e raramente tenho conhecido alguma, que não deseje ir introduzindo melhoramentos no seu arranjo.

Muitas vezes, porém, consideram impossível concretizar esses melhoramentos; umas, porque julgam ser necessário muito dinheiro para a sua execução, outras porque têm poucos conhecimentos de matéria decorativa.

A maior parte das vezes, contudo, nem é preciso fazer despesas, nem estudar decoração a sério, para se conseguir o efeito desejado.

Bastaria que as donas de casa **repensassem** as suas casas e fizessem trabalhar a sua imaginação.

Não me refiro, é claro, às que têm «manias» e que, sem gosto seguro, se apaixonaram ontem pelo estilo ultramoderno e hoje só toleram o mais puro Luís XVI! Para essas, se não forem milionárias, para assim fazerem transformações ao sabor da fantasia, o caso é insolúvel.

Refiro-me às pessoas médias, que arranjaram as suas casas com o que tinham e, apesar de gostarem ainda do que têm, já não estão satisfeitas com o seu arranjo geral.

Nestes casos, raramente são precisas mudanças radicais, que acarretam muitas despesas e envolvem conhecimentos técnicos de certa importância para que se não repita o mesmo «desconsolo» passado pouco tempo.

A maior parte das vezes, bastará que façam uma revisão cuidadosa do seu mobiliá-

rio e dos seus acessórios, agrupando uns e outros dentro do mesmo espírito; que substituam os que não condizem, dando talvez uma demão de cor diferente à sala, mudando-lhe a disposição dos móveis — mas é preciso eliminar do seu arranjo todos os objectos que sejam francamente feios, sem o receio de que ela fique vazia. Vale mais ter uma cómoda sem qualquer adorno do que colocar-lhe em cima um **bibelot** que dela destoe.

Uma jarra de flores pode sempre substituí-lo e, frequentemente, com vantagem.

As flores (e o seu arranjo em situações desta natureza) é o assunto fundamental deste pequeno artigo, mas antes de o abordar, quero ainda enfrentar um outro problema que, com maior frequência do que imaginamos, preocupa muitas pessoas. Este problema não depende de meios financeiros ou de falta de gosto e constitui uma espécie de complexo sentimental, a que deixam tomar, a meu ver, proporções excessivas — por convencionalismo ou por falta de raciocínio corajoso.

Refiro-me aos que, tendo herdado objectos que acham detestáveis, não ousam gastá-los ou modificá-los por falso respeito à memória de quem lhos deixou.

Não me parece que haja uma razão séria de pensar assim. Qual é a verdadeira razão por que havemos de manter tal qual era a credência de mogno vidrado, cheia de arrebiques, que nos deixou uma avó muito querida, mas cujo gosto — o da sua época — se

**Arranjos de flores  
secas permanentes**



tornou obsoleto? Porque não a raspamos nós, cortando a ornamentação excessiva ou grosseira e deixando-a na cor da madeira? Se esta for feia, porque se não há-de pintar numa cor baça, que nos convenha? Se a pintarmos da cor da parede, ela confundir-se-á com o fundo e deixará de nos incomodar. Se, por outra hipótese, a pintarmos de branco baço, com subcapa, avivando-a num dos tons da divisão a que a destinarmos, obteremos certa originalidade e um novo «espírito romântico». Porque havemos, também, de colocar na sala, a fazer um triste «pendant» com o lindo retrato séc. XVII, pendurado sobre a cómoda D. Maria, a fotografia do avô de meio corpo (mas em tamanho natural) com a sua farta bigodaça e os seus «pendentes» na grossa corrente de ouro?

Será indispensável pôr em relevo, a contrastar com a reprodução do quadro de Vieira da Silva, de que tanto gostamos, a colecção dos maus estudos, pintados a óleo sobre vidro, representando papoilas e malmequeres, por aquele amor de tia, que morreu tísica aos vinte anos?

Eu não desprezo, de modo algum, as recordações deixadas pelos que nos foram queridos. Vou mesmo mais longe: entendo que um objecto, se tem «sentido real» para nós, não obstante ser de qualidade e de valor artístico inferiores, tem sempre lugar e vem sempre a propósito, na nossa casa. São as coisas pessoais, com significado especial,

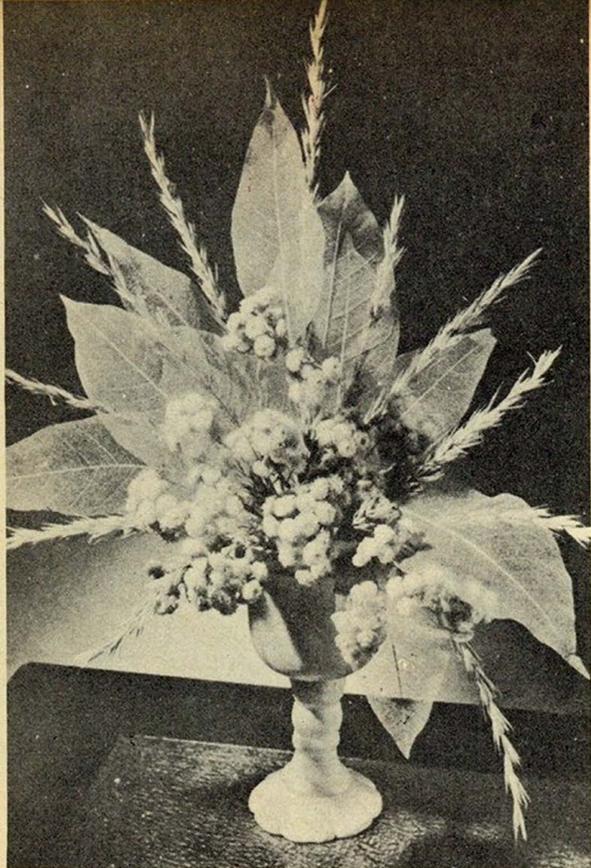
mesmo que à primeira vista pareçam disparatadas, que transformam uma casa num lar e lhe dão um ar vívido, pessoal e íntimo.

Mas, na minha opinião há coisas — e coisas. Razões — e razões. A verdade é que, se a avó voltasse agora ao mundo, seria a primeira a não admitir que o seu móvel monstruoso aniquilasse um harmonioso conjunto.

Se o avô vivesse ainda, raparia o bigode, ou deixaria crescer a barba para ficar à moda — e se a tia pudesse apreciar o triste efeito dos seus imaturos esforços artísticos, envergonhar-se-ia certamente de que estivessem em exposição!

Porque não havemos então de escolher lembranças menos tenebrosas, dos que nos foram queridos? O lenço perfumado a violetas que a nossa avó segurava na mãozinha frágil, coberta de anéis — naquele gesto, «tão seu» que a faz reviver aos nossos olhos. O livro de Missa pelo qual a tia pedia a Deus a continuação das suas esperanças, cortadas tão cedo, e que guarda ainda, entre as páginas amareladas pe'lo tempo, o amor-perfeito espalmado, símbolo talvez de um romance que não teve tempo de desabroçar!

E porque não havemos de mandar reduzir o retrato do avô, com bigodes, berloques e tudo, para tamanho de miniatura? Eles — os nossos antepassados — não sentiam complexos desta natureza. Encheram os sótãos com os móveis herdados dos «seus», sem contemp'ação por valores sentimentais



**Arranjo permanente de folhas transparentes, erva seca e sempre-vivas pálidas**

ou artísticos, para acompanharem a moda do seu tempo. Comiam em faiança estampada, com as suas iniciais entrelaçadas com «mysotis» e pintadas sobre supostos bilhetes de visita pintados no canto — e mandavam para a cozinha os pratos da China, com o brasão da família!

Seremos nós então mais antiquados do que eles, que viveram, cada um, à maneira do seu tempo, seguindo-lhe a moda, aproveitando-lhe as inovações, ao teimarmos em manter uma tradição sem existência real e sem razão de ser?

Não deveremos seguir o exemplo dos nossos avós e renovar as nossas ideias, absorvendo o espírito da «nossa época»?

Em qualquer caso, porém, seja qual for o problema decorativo oferecido por uma casa, ou mesmo que não haja problema algum, uma coisa é certa: um ramo de flores, arranjado com gosto, colocado em lugar apropriado, tem uma influência primordial no conjunto e pode «acordar» uma sala adornada.

Supõe-se que as flores são muito caras e que só quem tenha jardim se poderá dar ao luxo de ter a sua casa florida. É evidente que nas lojas da especialidade, situadas em bairros onde se pagam grandes impostos e que se dedicam a flores caras ou novidades, elas atingem, por vezes, preços muito altos.

Não teremos, porém, necessariamente de recorrer a estes estabelecimentos, nem teremos dificuldade em enquadrar a despesa a fazer com a compra de flores dentro das nossas possibilidades financeiras, se organizarmos um plano e o seguirmos com método.

A primeira coisa que temos a fazer é o estudo dos sítios, nas nossas salas, onde julgamos indispensável um ramo de flores naturais, frescas e também aqueles onde poderemos colocar um ramo permanente, que dura meses e anos, e que, embora deva ser considerado apenas como elemento decorativo, pode em certos casos, substituir as flores frescas mais dispendiosas. Falarei neste assunto em seguida.

Aconselho a fixar o sítio onde faremos os nossos arranjos, não só porque desta maneira podemos de antemão avaliar o volume do ramo a fazer (o que nos auxiliará para calcular a quantidade de flores a comprar) mas também porque os olhos procuram instintivamente a beleza que se habituaram a encontrar em determinado lugar. A não ser para dias de festa, não aconselho a ornamentação de flores em mesas de comer. Esses arranjos têm de ser cuidadíssimos, por estarem as flores tão perto de nós, e a sua substituição permanente se tornar caríssima. Um bibelot (terrinas, frutos ou pássaros de loiça



Arranjos modernos inspiração nórdica-oriental

de prata ou de vidro), resolvem o problema de todos os dias, se o formos mudando para se não tornar monótono.

É a sala onde mais se vive, um corredor ou uma entrada por onde se passa constantemente, que devem merecer a nossa atenção especial. Determinado o local onde queremos as flores, há que escolher as jarras adequadas ao mesmo.

Devemos escolher pelo menos três jarras — duas grandes, para arranjos diferentes e uma pequena para aproveitarmos as flores que nos crescem de um ramo fresco ou para aproveitar as que crescem quando este é substituído. Poderemos pô-la a um canto da mesma sala ou noutra qualquer.

Faremos então o orçamento do que poderemos gastar com os nossos arranjos semanais.

Considero que estes arranjos devem ser sempre simples. Isto por duas razões: a primeira é porque um arranjo complicado, além de levar bastante tempo a fazer, requer flores de que não precisamos para mais nada, o que fica caro. A segunda provém da dificuldade da substituição das flores que murçam, sem estragar a linha do arranjo.

Um ramo de quaisquer flores — esporas, por exemplo, em qualquer ou em todos os seus tons, cor-de-rosa, lilás, e azul, arranjado com elegância é mais do que suficiente para

satisfazer a nossa ambição. Por isso aconselho que, de um modo geral, nos limitemos a fazer os arranjos, para a vida de todos os dias, com uma — o máximo duas — espécies de flores, à qual acrescentaremos um pouco de folhagem, se for preciso.

Se a nossa casa estiver arranjada em estilo antigo, deveremos contar fazer uma despesa mais elevada, porque teremos de seguir, mais ou menos, o estilo da sala, nos nossos arranjos de flores, o que nos obriga a maior requinte.

Se a sala for de estilo contemporâneo, a não ser em casos especiais, não precisamos de muito dinheiro — e se a casa não tiver estilo definido o problema deixará de existir porque não há regras especiais a seguir ou limites impostos à nossa imaginação.

Partiremos então para a praça ou para o florista do bairro (no fim de termos feito as outras compras para que as flores estejam o menos tempo possível fora de água) e ali escolheremos as flores, dentro das cores desejadas, conforme o seu preço e o seu tempo de duração. Devemos comprá-las sempre frescas.

Em Julho e Agosto, por exemplo, há muito por onde escolher e dou aqui uma lista com o nome de flores que existem nesses meses e com a vida aproximada de cada espécie indicada.

ESPECIES	DURAÇÃO
Gladiolos Jarros Agapantos	Cerca de 8 dias, se lhes mudarmos a água e no meio da semana cortarmos um centímetro a cada pé.
Zínias Cravos	O mesmo tempo (se não tiverem folhas dentro de água, e se forem tratadas da mesma forma).
Hortensias	Uma semana se tiverem estado em água fresca, até à cabeça umas horas antes de se arranjam e se lhes tiver sido esmagado o pé com um martelo.
Dálias	4-6 dias, se forem refrescadas <b>pela-flor</b> e se lhes tivermos selado o pé, metendo-o em água a ferver um minuto antes de serem arranjadas, ou em estearina quente.
Saudades «Bluets» Espiras Estrelas do Egipto Amores-perfeitos	5-7 dias, tendo a jarra sempre bem cheia de água fria.
Petúnias «Martinetes» «Eilezia» Melindres	2-4 dias, tratados da mesma forma.
Gipsofila (para usar sòzinha) Miosótis	6-7 dias se os pés forem despidos das folhas e a água mudada com frequência.
Rosas: achatadas, chamadas de quinta	Uma semana, cortando-se-lhes uma vez um centímetro ao pé e refrescando-as pela flor.
Botões de rosa modernos ou rosas muito estilizadas	2 dias 3-4 dias
	Tratados da mesma forma.

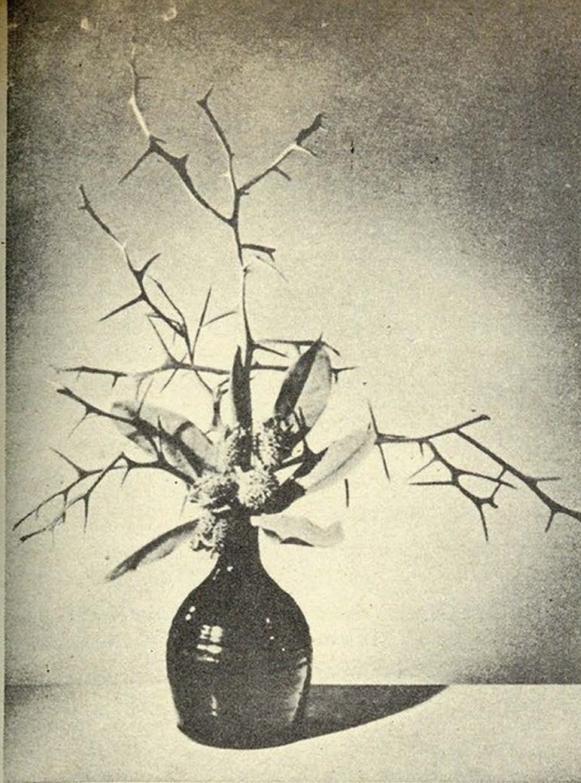
É impossível dar uma ideia exacta dos preços de todas as flores, pois estes variam conforme o dia, a loja onde são compradas, a quantidade que haja de cada espécie. Mas, à parte as rosas, nenhuma flor é muito cara durante a estação e algumas, que nos parecem caras de entrada, justificam o preço pela sua duração.

Nas lojas dão sempre um molho de folhagem pequena e um ramo de folhagem de árvore, grande, é sempre barato.

Avalio que, para um arranjo médio-grande, de qualquer ou de conjunto de estas flores, se deve calcular gastar entre 20 a 40 escudos por semana — (menos na Primavera e no Outono do que no Verão e Inverno). Poderemos comprar a meio da semana meia dúzia, apenas, das flores de que precisamos para refrescar o ramo semanal (veremos aqui a vantagem de não fazermos arranjos com

grandes misturas); na semana seguinte, porém, embora possamos aproveitar algumas flores para uma jarra pequena, deveremos mudar por completo o espírito do novo arranjo.

Ao chegar a casa deveremos meter imediatamente as flores até ao cálice dentro de água fria, pelo menos durante duas horas. Uma vez arranjado o ramo, deve encher-se a jarra de novo até à borda, repetindo-se esta operação umas horas depois e conservando-a fora da corrente, do ar e da luz excessiva. Num capítulo da série de artigos que está a ser publicada nesta revista e que foi interrompida para o deste número, explicarei mais concreta e extensamente o tratamento especial a dar a cada espécie de flores e a maneira prática de arranjar um ramo, conforme a linha que desejamos dar-lhe.



Ramo de espinheiro sem folhas. Folhas de nespeira ou magnólia e cabeças de cardo



Arranjo permanente de flores plásticas

Concretizemos: com método e uma média de Esc. 100\$00 por mês — menos na Primavera e no Outono — poderemos ter a nossa casa ornamentada com flores, se tirarmos delas todo o partido possível.

Referi-me há pouco a arranjos permanentes. Podem estes ser de dois tipos: 1.º — Ramos de flores naturais e de folhas secas, arranjadas por nós, com flores secas por nós,

susceptíveis de acrescentamento com algumas folhas naturais (tornadas transparentes por meio especial) e que julgo poderem encontrar-se na Sociedade Inglesa de Decorações e Antiguidades (Renaissance) na Rua da Emenda, 26, 1.º.

Podem formar-se estes ramos com as seguintes espécies, por exemplo:

ESPÉCIES	DURAÇÃO
Hortensias	De folha de flor larga: compradas em Sintra no Outono, quando começam a empapelar (são baratíssimas então). Secam-se de cabeça para baixo, com os pés despídos de folhas, em sítio quente mas seco (cozinha, marquise), cobertas, separadamente, por um trapo escuro.
Semprevivas (perpétuas) Flor de Macela	Secam-se sempre de cabeça para baixo, em ramos pouco apertados.
Cabeças de Cegonho Hastes e caule de papoilas dobradas (Papaver) Folhas de cardo	Secam-se sempre de cabeça para baixo, em ramos pouco apertados.
Espetos castanhos	Compram-se na praça, no Outono e estão prontos a usar.
Folhas de feto; grandes	Apanham-se nos pinhais. Secam-se, bem direitas debaixo de um tapete.



Um lindo ramo de flores concebido para o aproveitamento duma salva de prata império

A segunda hipótese a que me referi é dos ramos de flores plásticas. Porque tenho uma verdadeira paixão por flores verdadeiras, cujo encanto é inigualável para mim (mas cuja vida é tão efémera como é subtil a sua beleza), «*Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses — L'espace d'un matin...*» eu não posso aconselhar um arranjo de flores de plástico senão como elemento puramente decorativo — e nunca com flores na proximidade de flores naturais.

Pode-se, no entanto, obter um efeito bonito e original, se arranjarmos um ramo de flores plásticas e o colocarmos num nicho ou sobre uma mesa ou coluna simples no topo de um corredor, a meio de uma escada, na entrada — nas divisões onde precisamos de uma nota de cor, mas onde os veremos apenas de passagem.

Na casa de jantar, se tivermos um pequeno nicho, ou uma parede vazia, um arranjo de frutos e de flores de plástico pode substituir o quadro que nos falta e, sobretudo, em casa de estilo contemporâneo, produzir um efeito artístico, original e moderno.

Ilustramos o texto com algumas fotografias apenas a título de sugestão, que se podem aplicar a qualquer estilo. Estas fotografias foram amavelmente cedidas pela casa de decorações Renaissance, assim como o primeiro arranjo de flores secas.

Levanta-se às vezes o problema das jarras que, na minha opinião (a não ser em casos especiais), devem ser simples de linha e com poucos ornamentos ou pinturas. Num outro artigo refiro-me extensamente ao assunto.

Basta dizer aqui, que um copo de vidro, uma urna de faiança, uma terrina sem tampa, uma caneca de cobre — e para arranjos modernos — um prato ou uma travessa rasos, servem para o efeito.

Encontram-se jarras deste género em muitas lojas de Lisboa e do Porto. Em Lisboa tenho encontrado uma grande variedade e de preço moderado na casa Caniche, na Rua Borges Carneiro; na Viúva Lamego (ao Intendente); na Fábrica de Santa Ana, no Largo Barão de Quintela e numa loja de loiças de que não sei o nome, na Rua da Conceição.

Qualquer destes arranjos, de inspiração diferente, podem adaptar-se a qualquer estilo, o que é importante.

As leitoras que se interessem por arranjos de flores e que leiam os pequenos artigos, que, sob o título de Floricultura, estão a ser publicados nesta revista, desde o mês de Maio passado, encontrarão, a seu tempo, a explicação da maneira de construir os seus ramos, assim como a lista dos poucos utensílios necessários para esse fim.

Este artigo — «Extra-série» por assim dizer — tem o único fim de lembrar às mulheres de hoje, que desejem dar maior encanto às suas casas, que podem e devem «Repensar» os seus pequenos problemas, afastar ideias preconcebidas em matéria de decoração e inspirar-se nas ideias decorativas da sua época, aproveitando-as e adaptando-as ao seu gosto, para imaginarem e realizarem, por si, pequenos momentos de beleza.



a cidade que nós fizemos



## pelo Arq. António Sena da Silva

As nossas cidades estúpidas, as nossas casas feias e o cenário medíocre da nossa vida de todos os dias podem ser o resultado de um momento histórico com determinantes técnicas e justificações económicas, mas são sobretudo aquilo que merecemos. As casas e as cidades exprimem o que pensam os homens a quem elas se destinam e que de certo modo as fizeram. Se a nossa cidade é feia e a nossa casa inabitável, é porque não sabemos o que queremos, e se viver é — em português — sinónimo de habitar, creio que não sabemos viver ou que, pelo menos, não tentámos tomar consciência do que nos é determinado por uma posição histórica e por aquilo que há de permanente nos sentidos e nos actos dos homens. Na aridez da cidade nova, não é com uma enxurrada de conceitos subordinados à obsessão do imediato ou da ostentação que encontraremos a nossa cultura, de onde vão resultar a nossa maneira de habitar e viver e — em última análise — a nossa casa. Não deixe que os outros pensem por si: **pense e repense** no interior da sua casa, nos seus móveis, no prédio onde mora, na rua onde mora, no local onde trabalha. **Pense** no que haverá de absurdo no seu esquema de vida, nas dependências inúteis e estereotipadas, nas mobílias de quarto e casa de jantar em estilo qualquer coisa que lhe impingiram. A maneira de viver é a mais concreta e universal das manifestações de cultura e todo o absurdo da cidade nova não é mais que o sintoma duma regressão de cultura, de não se saber o que se quer, de coisas feitas sem se saber para quê!

Foi o alheamento de cada um, a aceitação dos critérios dos outros que permitiram que a

casa onde moramos seja — exclusivamente e desde o início — uma aplicação de capital; que você seja apenas um conto e cem ou três contos e quinhentos por mês, uma parte dos 8% de juro de determinado investimento, e não uma pessoa que gosta de olhar para o céu ou para o rio, que gosta de ver o sol de manhã e ter na casa o canto onde se sente bem a ler ou a ouvir música... A culpa é de cada um que aceita os móveis obsoletos, em estilo de Luíses ou Joões (ou modernísimos) pela preguiça de pensar, pela ausência de um gosto próprio ou de uma noção clara de necessidades.

... ..

É curioso notar o grande número de jovens casais que procuram casas antigas, móveis antigos, estampas antigas, etc. (1). Os antiquários e os fabricantes de antiguidades multiplicam-se. Os decoradores contemporâneos, depois de breves incursões à procura de um estilo do seu século, do seu ano ou do seu mês, vão aceitando pouco a pouco formas de um passado próximo ou distante que procuram integrar nos espaços lisos que conceberam.

É claro que tudo isto são modas...

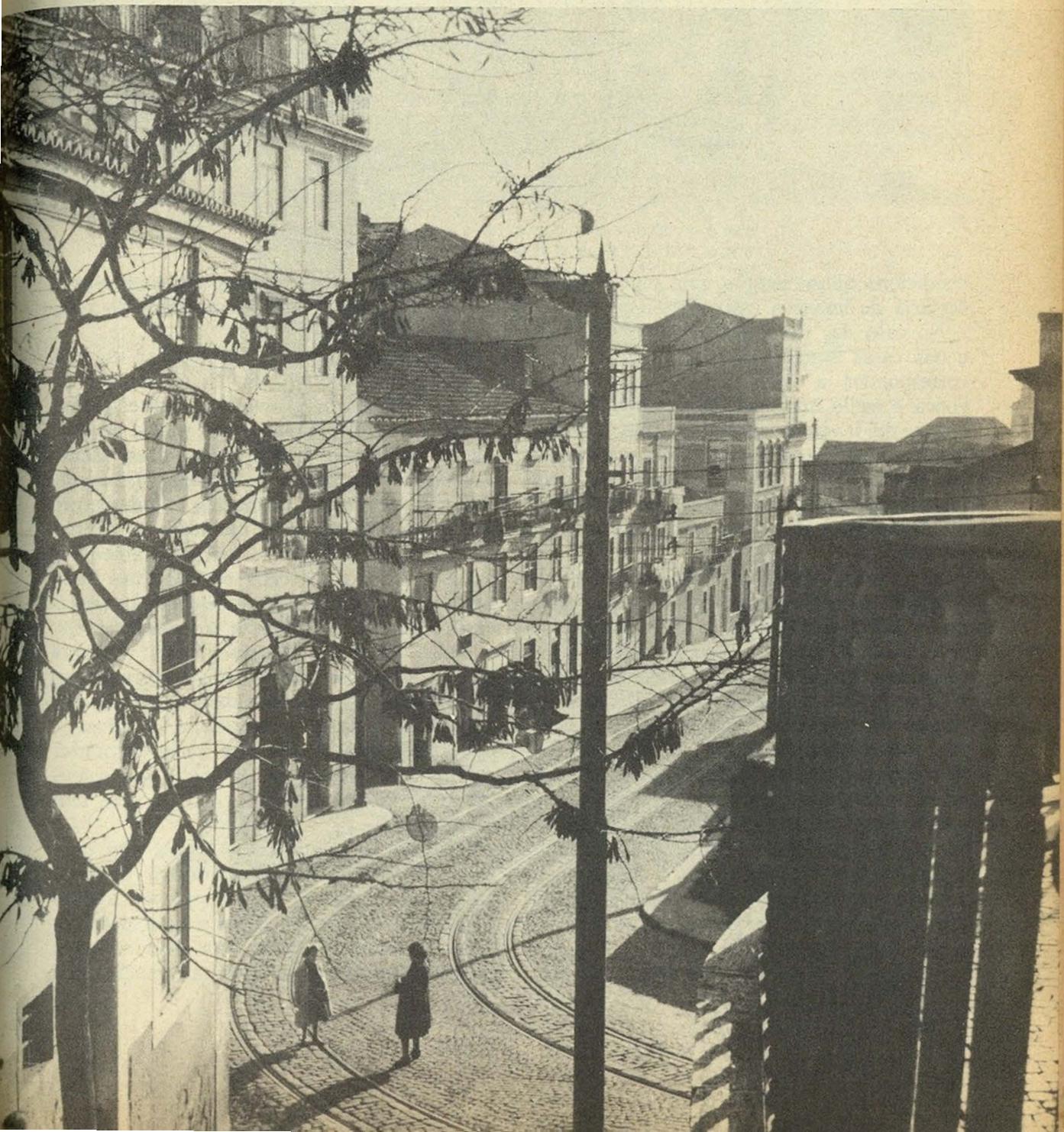
No entanto, as modas resultam de instintos ligados em determinados momentos a conceitos muito respeitáveis. O exemplo mais imediato é a maneira de vestir das mulheres, que — embora subordinada no nosso século à sobrevivência de uma vasta indústria —

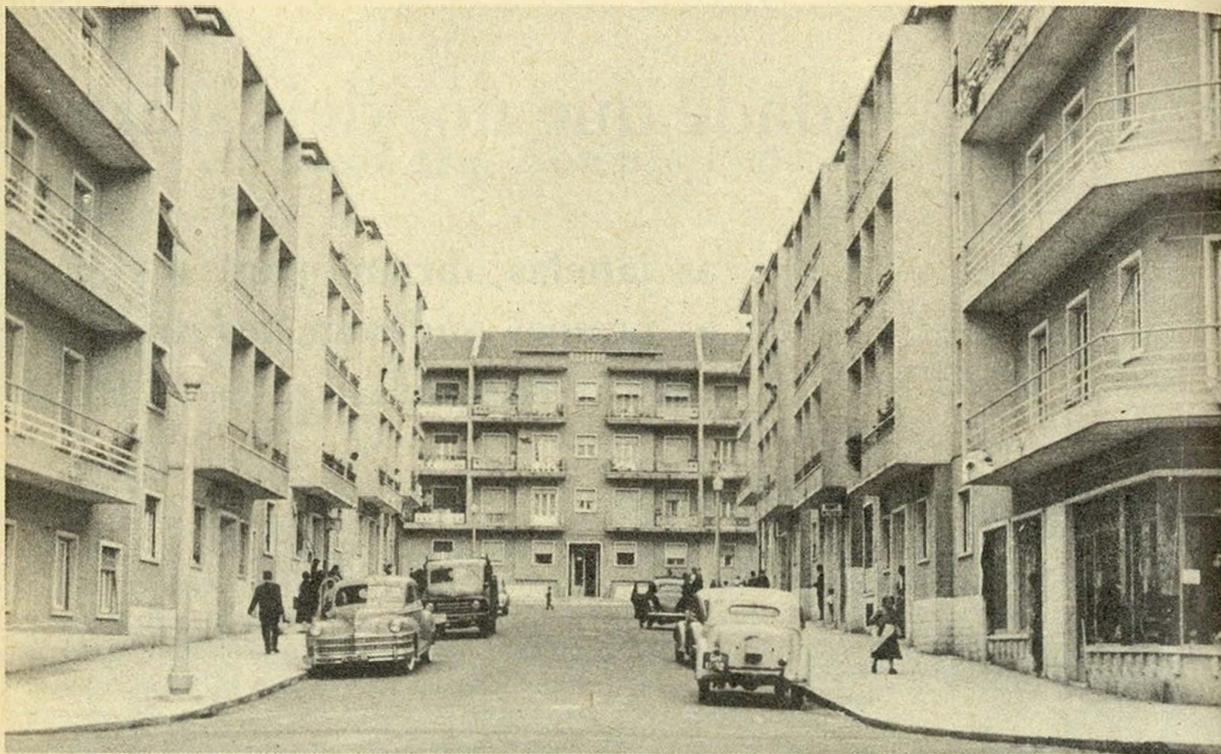
---

(1) Distinguímos — como é uso — «antigas (coisas até meados do século XIX) de «velhas» (coisas até Junho de 1960).

esta era a cidade que nos deixaram...

as janelas abriam para o rio...  
as pessoas andavam na rua  
com ar natural...





condiciona quase sempre uma renovação necessária de imagens estético-eróticas.

No caso das decorações, das antiguidades e das casas antigas, a moda de agora deve corresponder à falência dos conceitos de época e estilo improvisados à força, na tentativa de inventar um novo estilo inteiramente redesenhado. (Ainda hoje é frequente encomendar-se ao arquitecto uma casa completamente nova, com mobílias completamente novas, tudo inventadinho do princípio ao fim...).

Se pensarmos um pouco, veremos, por exemplo, que «inventar» uma cadeira pressupõe um longo trabalho de observação e crítica que só será justificado quando a cadeira que os nossos pais nos deram deixou — por qualquer motivo — de satisfazer algumas das premissas a que deve obedecer para nós a ideia de «cadeira».

A mutação das formas do equipamento da nossa casa fez-se, portanto, através de um processo contínuo de aceitação de formas anteriores que se mantinham válidas e da alteração ou invenção de outras formas com o objectivo de as fazer corresponder melhor a novas necessidades de utilização ou a novos meios de execução.

A euforia dos estilos, como meio de pro-

paganda de certos reinados, transmitiu-se à civilização maquinista, numa febre de reinvenção.

Assim, em vez de se encaminhar um critério de evolução de formas no sentido de as adaptar progressivamente às necessidades da vida contemporânea e aos meios de produção industrial, levamos quase um século a «inventar» milhares de objectos disparatados, plásticamente medíocres e falsamente funcionais, em nome de um estilo do século. Demos oportunidades a todos os amadores irresponsáveis e a todos os cabotinos para trazerem a sua vistosa contribuição às nossas casas absurdas e às nossas cidades incríveis.

Pense um pouco. **Repense** depois: verá que há coisas que servem e outras que não servem, umas que lhe agradam e outras que lhe não agradam e — por amor de Deus — não entregue a sua casa a certo decorador da moda a quem diga: «Faça o que entender... o Sr. é que sabe... o Sr. é que tem bom gosto...».

Não se limite também a aceitar sem pensar — só porque lhe agradaram à primeira vista — as sugestões do «magazine» francês ou americano que lhe chega a casa pontualmente todas as semanas. Toda esta imprensa só contribui para acelerar a rotação das





modas do nosso tempo: «Jardin des Modes», «House and Garden», L'Art et la Mode», «L'Art d'Aujourd'hui», «Décor d'Aujourd'hui», «L'Architecture d'Aujourd'hui», «La Femme d'Aujourd'hui», «La Ville d'Aujourd'hui», etc.

A partir de aqui começa a estabelecer-se uma confusão lamentável entre os «shantungs», as fórmicas, os tafetás, os «livings», os «tweeds», os «moderfolds», os «kimonos», os «kirshs», os «shorts», os «Le klints», a linha trapézio e a linha da felicidade.

O prédio de rendimento é o elemento concreto mais importante no condicionamento do nosso modo de habitar. Essas imensas folhas de contabilidade construídas em cimento armado, ajanotadas com carinho para deleite dos capitalistas empreendedores, que — num mimo de ternura — entre os mármores sarapintados da entrada, lhes ferram com um comovente lustre de vidrinhos, constituem o único modo de alojamento ao alcance das classes relativamente favorecidas.

Desde que nos seja possível pagar a nossa modesta parte nos juros do capital investido nessas vistosas edificações, temos um tecto garantido nesta cidade nova das fotomontagens e dos bilhetes postais ilustrados, urbanizada a capricho. Não faltam os tais capitalistas empreendedores, as sociedades de construções e urbanizações para «urbanizar» tudo que lhes caia ao alcance: talhões, quarteirões, lotes de todos os tamanhos, três inquilinos por piso, três casas assoalhadas, cozinha, casa de banho e «marquise», Senhor En-

genheiro, Senhor Arquitecto, Senhor Presidente, Vice-Presidente, Adjunto, Interino, Director... Urbanizemos, construamos rendás livres, rendas limitadas, cêrceas, índices, gabinetes... sociedades de empreendimentos para o fomento da construção e do urbanismo: «Urbacol», «Construrbal», «Habitol», «Edifil», «Urbital», «Soconstrol», «Predurbal», «Predicol», compra, venda, hipoteca, administração... tudo reformado, velhice garantida, é só assinar recibos...

Ali tem para escolher: cada uma de sua cor para deleite dos olhos e alegria do País. Lisboa e arredores, todos urbanizadinhos: não houve quinta nem horta que escapasse... É só escolher, por algumas centenas de contos tem ao seu dispor todas as delícias da propriedade...

É a casa para si?...

Avenidas, alamedas, ruas de todos os doutores, casinhas de um lado e de outro, todas direitinhas, muito bem alinhadas, com vista para o vizinho da frente.

...É os namorados vão desaparecer da cidade nova, e fazem-se janelas porque o regulamento manda, mas as janelas não são para os namorados, nem para as meninas feias, nem para as velhinhas ociosas: nesta cidade pinoca esquecemo-nos das pessoas... chegamos à janela e vemo-nos ao espelho, começamos a pensar se não estaremos vestidos com o casaco de pijama às riscas verticais do tal vizinho da frente...

**É chegado o momento soleníssimo de repensar!**

# NEC TEMERE NEC TIMIDE

pelo Prof. Vieira de Almeida



A quem estude história da Filosofia põe-se um problema de conciliação, difícil mas inevitável: o do respeito pelos investigadores que até hoje percorreram as vias da especulação, compatibilizado com a independência e liberdade do pensamento próprio, já que repensar é «apropriar-se de» já porque pode ser igualmente «discordar» do duvidoso ou prosseguir na criação.

O respeito tem de traduzir-se, antes de mais, na busca fiel e minuciosa do conteúdo do texto. Não são raros os exemplos de inteligência errada de um filósofo por outro. Aristóteles, apesar do seu grande mérito, falseou involuntariamente na sua crítica a Platão certos pontos da teoria das ideias. Além de esta atitude prévia e elementar, esse respeito impõe um duplo confronto: o da estrutura das ideias de um filósofo em função do que ele podia conhecer no seu tempo e portanto do verdadeiro significado de suas teorias relativo ao seu ambiente mental, e a perda total ou parcial de sentido, relativamente ao nosso.

As hipóteses da escola de Mileto têm sentido perfeitamente explicável no conjunto do saber contemporâneo seu; são hipóteses científicas, mas inadmissíveis no conhecimento de hoje, e podem por isso considerar-se marcos miliários de uma interpretação actual, incomparavelmente mais complexa e rica. Se, por exemplo, Anaximandro pensa que o Sol é vinte e oito vezes maior do que a Terra, pode objectivamente ser hoje contraditado por qualquer estudante do liceu, que no entanto se fosse contemporâneo do grego é muito provável achasse ridícula pelo exagero e contra-senso aquela modestíssima e ingénua proporção.

Se Anaximandro diz que o ar é a substância fundamental, pode a qualquer homem, com alguma noção do saber actual, a afirmação parecer disparatada; mas se as suas no-

ções forem mais aprofundadas e ele puder julgar da necessidade e aspiração a que respondiam, ela parecerá apenas inexacta, mas de grande interesse histórico.

E há ainda — e muito importante — o significado das palavras que representa às vezes considerável obstáculo, ora pela materialização ora pela sublimação do conteúdo, e pelas ideias e imagens que formam constelação em torno de cada uma. Se as expressões «para baixo» e «para cima» tivessem sentido absoluto e correspondente à imaginação dos que as empregavam, o argumento contra a existência de antípodas seria válido.

Mas há o aspecto correlativo — o da independência mental, que nenhum respeito deve limitar nem limita algum respeito inteligente. **Ab Aristotele Verecunde Dissentio** era fórmula tradicional. O **Verecunde** era desnecessário; o que verdadeiramente importava eram as razões da discordância; se válidas não havia desrespeito em aduzi-las; se falsas ou fúteis, a vergonha era apresentá-las. E se se tratava de afixar cartaz de modéstia, não valia a pena fazê-lo. Nem Aristóteles se ofendia ou diminuía, nem a questão era com e'e, mas com certas razões suas; e ao respeito por Aristóteles bastava tentar por todos os modos pôr à prova as ideias e argumentos próprios com o saudável e ininterrupto medo de errar, pois que tantos e dos maiores têm errado.

Se Leão Chestov pôde afirmar que a dúvida deveria circular-nos no sangue, mostrava a sua repulsa pela estagnação, navegadora e esterilizadora de toda a actividade mental. Não que tudo tenha de pôr-se em dúvida, o que, ainda quando fosse tal o nosso objectivo, seria irrealizável. Trata-se de permanente recomeçar; e na história até os erros têm sido às vezes fecundos; mas sempre que uma constante passa a variável, em certo sentido o trabalho recomeça.

# o problema do romance

«Romance» é uma palavra trágicamente melodiosa, atraente como toda e qualquer armadilha, pronta a seduzir a inocência de quem, absorto ou distraído ou persistente, está disposto a dar um passo em falso numa floresta que só raro teve a graça de libertar, salvo, quem nela se embrenhou por vocação de explorador. O homem é curioso e, por vezes, na «floresta-romance» eis que se encontram os simples cultivadores da planície fértil, os pacientes cultores da mágica flor rara, os que buscam nas riquezas do subsolo a própria fortuna-seu-motivo ou a própria razão-sua-desgraça; quem, pacífico, tira nabos duma horta, quem, vegetariano, colhe frutos do pomar.

Imagem parcial dum mundo inconsequente que se deleita em sua esquivada pluralidade. Quão grande deverá ser o fardo dum autêntico explorador até se considerar apto para a dura empresa, seu arrojo: o desbravamento da floresta inclemente.

Nas bíblias caseiras consta que todos têm o seu «destino». Existe até, por vezes, uma «marca de fogo». Porém, em parte alguma se fala de quem a torne visível (a «marca de fogo») ou de quem lho esclareça (o seu «destino»). E desta forma, por via de tal escassês, acontece que raros são os que encontram, febril à sua espera, o seu destino obediente, o seu fogo definitivo. Interpretando então o tristemente aceitável pacto en-

tre nós e as coisas que se nos deparam (tão alheias a nós como nós a elas, no fim de contas), chamou-se-lhes «o destino» e arrumou-se a questão por meio dum silogismo discutível que é uma solução de facilidade.

E a «marca de fogo?» Prestar-se-á a tão precipitado arrumo? Não. Impossível ignorá-la quando ela seja autêntica e se tenha manifestado, anátema ou glória, acepipe ou mixórdia, fonte de ignomínia ou coroa de louros, torre de cristal ou caixa de fósforos.

No caso particular do romance, que venha essa «marca de fogo!» Que surja viva e reconduza, pela senda ignota, os tocados com seu ferro! Que o mundo os reconheça, conforme as crianças ilustradas reconhecem, apontando-a com o dedo, a magnífica estrela Polar das noites iluminadas!

Após esta introdução, praticamente lírica, que pretendeu sobretudo exprimir um voto de expurgação, rigorosamente selectiva, entre as falanges assás concorridas dos cultores do romance (há os que o são deveras e há os que o não são) — voto que é já um «repensar» no futuro dessa aliciante forma literária, numa, porventura infrutuosa, tentativa de resguardo à sua pureza — entremos no assunto, sem mais nos determos junto ao Muro das Lamentações.

A metamorfose sofrida pelo romance não é apenas uma função da sua essência, da

por Fernanda Botelho



problemática que levanta ou resolve como depoimento ou tese, da simples «diversion» ou da esgotante documentação descritiva-explicativa.

Para cada época, um mesmo tema exige um tratamento diferente de acordo com a afluência de um determinado número de incidências inerentes à época, quer dizer: as condições humanas, sociais, políticas, morais, a predominância de certos valores positivos ou negativos, diversas formas de expressão, etc. São elas, estas incidências, que determinam o tratamento do tema no romance, a que chamarei «técnica».

A técnica, por este amplo sentido que se lhe atribui, discricionário embora, resumirá, pois, o próprio romance, na medida em que é o seu destino. E sendo dado que nenhuma técnica é aleatória «pode ser que sim, pode ser que não», mas antes, e seriamente, a «mise-en-oeuvre» de um longo processo de adaptação, de acomodação, entre o visto e o relatado, entre o recebido e o comunicado — mais convincente se torna o argumento da importância primordial da técnica.

Conseguido este equilíbrio (equilíbrio-harmonia entre duas coisas, nos pratos duma balança imaginária), vereda se abriu, serena e receptiva, nos meandros difíceis da floresta-romance, ao eleito que traz em si a «marca de fogo».

De tais investidas é muito possível que

saia o Romance (note-se que tem uma inicial maiúscula), essa exploração sempre em decadência, às vezes animada por um ou vários sopros de revivescência.

O romance continua a ser a mesma intriga pluralizada, ora divergente ora convergente, numa unidade que a supera e concentra num determinado número de páginas comunicadas.

A lei da sobrevivência obriga a uma revisão total do romance. Será conveniente recuar no tempo e, do que foi feito, esperemos se aproveite o melhor. Nunca será de mais frisar a necessidade duma linguagem correcta, é por vezes aconselhável o recurso a um descritivo opulento, e a velha fórmula «a arte ao serviço da realidade, a realidade ao serviço da arte» convém admiravelmente ao romance.

Actualmente, nestes nossos tempos, em que a realidade, heróica ou apagada, grandiosa ou mesquinha, oferece ao romance uma potencial sùmula de assuntos cheios de interesse, não espezinemos, para salvaguarda do romance, os dons inefáveis da tradição. Porquanto existe uma técnica inefável que, sem contrariar o património herdado, poderá, por si só, determinar em profundidade as características e a originalidade duma qualquer época.

FERNANDA BOTELHO

## da cultura e da juventude

Será pretensioso falar de um sector interessado e culto e, portanto, de um sector inculto e desinteressado, ao falar de juventude, estabelecendo entre os dois uma divisão nítida? Creio que é, pelo menos, inevitável. O segundo, não o conheço e farei por isso silêncio a seu respeito. Do primeiro tive algum conhecimento e tentarei descrevê-lo, sem prevenções de qualquer ordem.

### 1. A propósito de poesia — Um romantismo?

Tenho defronte alguns poemas, publicados num jornal universitário, de que vou transcrever breves passagens:

«Depois vieste  
falaste de melodias  
e de casas dispostas sobre estacas  
em cidades fluviais  
(...) e falaste de rios e de montanhas e de  
|um lago...»

«Falemos de rios, de montanhas  
de tuas mãos que não têm nada de humano  
(...) porque, contavas, há cactos,  
cactos e plantas: nenhuma flores»

«...o teu corpo e falaste de árvores e de flores  
e de crianças de olhos febris...».

Poder-se-ia continuar indefinidamente, bastaria dizer: «Há...» ou «Falaste» (contavas, respondias, afirmavas...). Os trechos repro-

duzidos parecem, sem sombra de dúvida, do mesmo autor, até do mesmo poema, e, no entanto, o primeiro e o terceiro passo pertencem a um só poema, no qual o passo intermediário se inscreve, sem quebras de ritmo, tom, estilo ou vocabulário. Dois poemas: ambos autênticos e ambos apócrifos. Moralidade: má poesia?

Não; a tendência retórica e evasivista de alinhar palavras atrás de palavras, que rigosamente nada significam, visto nem sequer formarem um sentido lógico ou serem susceptíveis de encerrar ideias. As palavras são semelhantes (flores, montanhas, rios, mãos...) e constituem uma espécie de linguagem cifrada de que se perdeu a cifra. Percorra-se a literatura do género e observar-se-á o dito fenómeno, uma só pessoa poderia tê-la escrito toda.

A falta de autenticidade poética é talvez, no fundo, uma falta de autenticidade humana; não pode ser por acaso que, perante um problema semelhante (escrever um poema), dezenas de indivíduos reajam de maneira idêntica, lancem mão das mesmas frases, prefiram nada dizer, escondendo que nada têm a dizer, sob a capa de sons agradáveis e inúteis. Dezenas de indivíduos, digo bem, que ao tratar os assuntos mais banais e concretos resvalam num ardor lírico despropositado, constante, fale-se de cinema ou literatura, teatro ou qualquer assunto diverso. Assim se pôde ver numa Faculdade de Letras, durante uma conferência, aplaudir as tiradas melhor sonantes, confrangedoras de



## por Vasco Pulido Valente

**Nasceu em 1941. Frequentou a Faculdade de Direito e está à espera que chegue Outubro para se matricular em Filologia Românica onde espera formar-se.**

**Uma vez obtida a utilíssima licenciatura faz tenções de emigrar para o Brasil.**

significado e de banalidade, os períodos bonitos, interrompendo o conferente a cada minuto. Assim se pôde ver um professor universitário prestando-se a usar de retórica poética para gáudio do auditório.

Resumo: Sentimentos aprendidos de cor e ideias feitas. A noção da fragilidade do conteúdo que conduz a uma uniforme e desinteressante mascarada. A ilusão romântica de que a improvisação, o «je suis une force qui va» é válido. Menosprezo pela disciplina, pela objectividade que, porque não dão lugar a subterfúgios e não valorizam a aparência exterior, exigem uma atitude de honestidade difícil de se assumir.

### **2. A propósito de citações — Um pedantismo ou uma fraqueza?**

Num jornal universitário, certo artigo de uma página principiava com uma citação, cerca de dez linhas de Brecht, e terminava com duas outras, uma ainda de Brecht e outra de F. Pessoa, mais ou menos quinze linhas. Folheie-se uma publicação universitária ou para-universitária, igual delírio de referências nos chocará. O supramencionado Brecht, Camus, Sartre, Éluard estão entre os que mais frequentemente aparecem; dos portugueses, além de Pessoa, Sá-Carneiro e Eça. Metade dessas transcrições não vêm sequer a propósito, nada acrescentam, nada sintetizam; a outra metade apenas com muito boa vontade se poderá considerar vagamente relacionada com o texto.

Das duas, uma: Ou este fenómeno revela uma lamentável falta de confiança que cada um deveria ter no seu juízo pessoal e é, como na Idade-Média, uma invocação de autoridade. Silogismo: Sartre (ou Camus, ou Vailant ou Gide...) afirma que os homens são racionais. Sartre tem sempre razão. Logo, os homens são racionais e eu posso também dizê-lo, sem risco de ser contraditado.

Ou assiná-la um pedante exibicionismo cultural. Citar-se-ia, então, para mostrar boas leituras, para colorir a respectiva prosa com o prodigioso espectáculo de uma memória ágil.

Facto seguro é que não há ninguém que, depois de ter lido meia prateleira da biblioteca familiar, resista à tentação de fazer algumas colagens literárias, por escrito ou em conversa, ninguém que, tendo aprendido cinco nomes de pintores, músicos e escultores, se não ache obrigado a pronunciá-los sempre que tem uma oportunidade. A escolha entre a coloração artificial e os métodos mais produtivos de austeridade, digamos de jansenismo intelectual, que, feita no mau sentido, leva a arriscar palavras sobre assuntos desconhecidos, porque a transcrição, não exigindo elaboração, é um método que pode levar a tudo. Se existem só duas ou cem maneiras de o interpretar, não importa.

O que importa: Sempre a facilidade de aceitar e retomar o que os outros fizeram; ainda a manifestação de que as leituras, em vez de se assimilarem, se incrustam à superfície. A recusa de um esforço (trabalhoso e

pouco espectacular, na verdade) de repensar, de retransmitir dum modo pessoal. Aceitação de um personagem vulgarizado que leu bibliográfica, mais ou menos actualizada. A impossibilidade de verdadeira criação (artística, jurídica, científica...), no meio desse jogo perigoso de influências não reduzidas a meios de expressão próprios.

### 3. A propósito do hermetismo e da profundidade — Um equívoco?

A obscuridade tem passado por uma consequência inevitável da profundidade, ou melhor, tem passado por sua causa necessária. Nos programas dos cineclubes, nas análises pretensamente filosóficas sobre escritores ou sobre jazz, o sistema de complicar, retorcer, usar uma terminologia tanto mais confusa e invulgar, quanto possível, mereceu um êxito assinalável.

O processo típico de raciocínio: Como os pensamentos profundos pela sua complexidade são por vezes obscuros, todos os pensamentos obscuros revelam complexidade e são forçosamente profundos; portanto, sejam herméticos e seremos geniais.

Para servir estas intenções nada mais aconselhável do que a divisão do mundo, das criaturas, das ideias ou das obras de arte em compartimentos estanques, a cada um dos quais se dará um nome e um dialecto privados. Num caso determinado, bastará localizar o assunto no seu sítio e verter a retórica de lugares comuns e de adjectivos arrevezados que se lhe refere. Coisa nenhuma se adianta, mas não interessa. A frase, o dito, o período ganhou um aspecto suficientemente redundante, para nem sequer precisar de ser compreensível.

Raciocina-se por fórmulas pré-estabelecidas, passando-se do geral ao particular, sem qualquer hesitação ou cambiante. A partir de um esquema estéril e definitivo, que não admite transgressões, vai-se abstraindo cada vez mais do caso concreto, até planar numa região que com ele nenhuma afinidade tem e onde, depois, se pode divagar a bel-prazer, gratuitamente. Assim se percebe que sejam chamados a respeito de um filme banal, correntes filosóficas, científicas, o «Hamlet» e, muitas das vezes, doutrinas político-económicas. Assim se criam equívocos (ex.: a admiração por Dassin e Aldrich) pois

que poucas frases dúbias de um simbolismo ingénuo permitem infinitas variações, que se atêm contudo ao quadro original.

Concluindo: A busca forçada de profundidade, como se viu adentro de quadros fixos, impede que se consiga chegar a qualquer observação original, seja a que respeito for, visto que tudo o que transgrida as regras estabelecidas e não caiba num dos compartimentos está, por definição, errado.

Nota final: Curioso observar que quem emprega esta língua vazia, quase de calão, passa geralmente por um defensor e paladino da modernidade cultural ou desse modo se apresenta. Porém, para os que têm estreita aquela parte da cabeça destinada às coisas pouco claras, uma linguagem sem sentido é apenas uma linguagem sem sentido. Exemplos propostos: Boletim do C. U. J., Boletim do C. C. C., Boletim do C. C. U. L....

### 4. A propósito de tarefas concretas e de organização — Uma incapacidade?

Imagine-se um caso modelo. Passou pelas experiências habituais, anteriormente descritas, formou as suas opiniões nos vícios característicos e tornou-se num fantoche pretensioso, idêntico aos irmãos e culturalmente mal individualizado.

Entregue-se a este indivíduo, a um grupo destes indivíduos a tarefa de, tanto faz, efectuar numa Faculdade a divulgação do livro português. Que sucederá? A história divide-se em cinco partes:

1.<sup>a</sup> — Os participantes conhecem-se. Dizem: «Não entro se tu entrares ou se ele entrar». Discutem e, ao fim duns dias, concordam sobre quem ajudará à divulgação do livro português. Marcam uma reunião e adiam. Marcam segunda e faltam. Marcam terceira e comparece metade dos que se comprometeram a vir. Com eles se começa;

2.<sup>a</sup> — Na reunião trata-se do fim da divulgação do livro português, das perspectivas, condições, obstáculos. A conversa generaliza-se ao plano nacional e internacional. Escolhe-se, e não sem muitas dificuldades, o nome do movimento para a divulgação do livro português. O nome: Movimento para a divulgação do livro português ou M. D. L. P., por iniciais. Estão corridos quinze dias;

3.<sup>a</sup> — Debate-se a organização com extremo cuidado, teme-se ferir susceptibilidades pessoais; adopta-se por um Director-Geral, três secretários, um tesoureiro, uma comissão de cinco membros e dez delegados. Ao serem providos estes cargos, outra metade dos entusiastas que restam, despeitados, abandonam, criticando o M. D. L. P. ou, por extenso, «Movimento para a Divulgação do Livro Português». Surgem as raias e as inimizades. Passou-se um mês;

4.<sup>a</sup> — A quarta fase demora a divulgação pròpriamente dita. As energias gastaram-se em discussões prévias, o que se faz é escasso ou ainda menos. Na melhor das hipóteses, vendem-se quinze livros. Passaram quatro meses;

5.<sup>a</sup> — Por último dissolve-se o M. D. L. P., invocando mau funcionamento e funda-se o mesmo movimento, com as mesmas pessoas e nova organização. Nascem grandes esperanças de que essa nova organização venha resolver o problema.

Este género de sucessos repete-se constan-

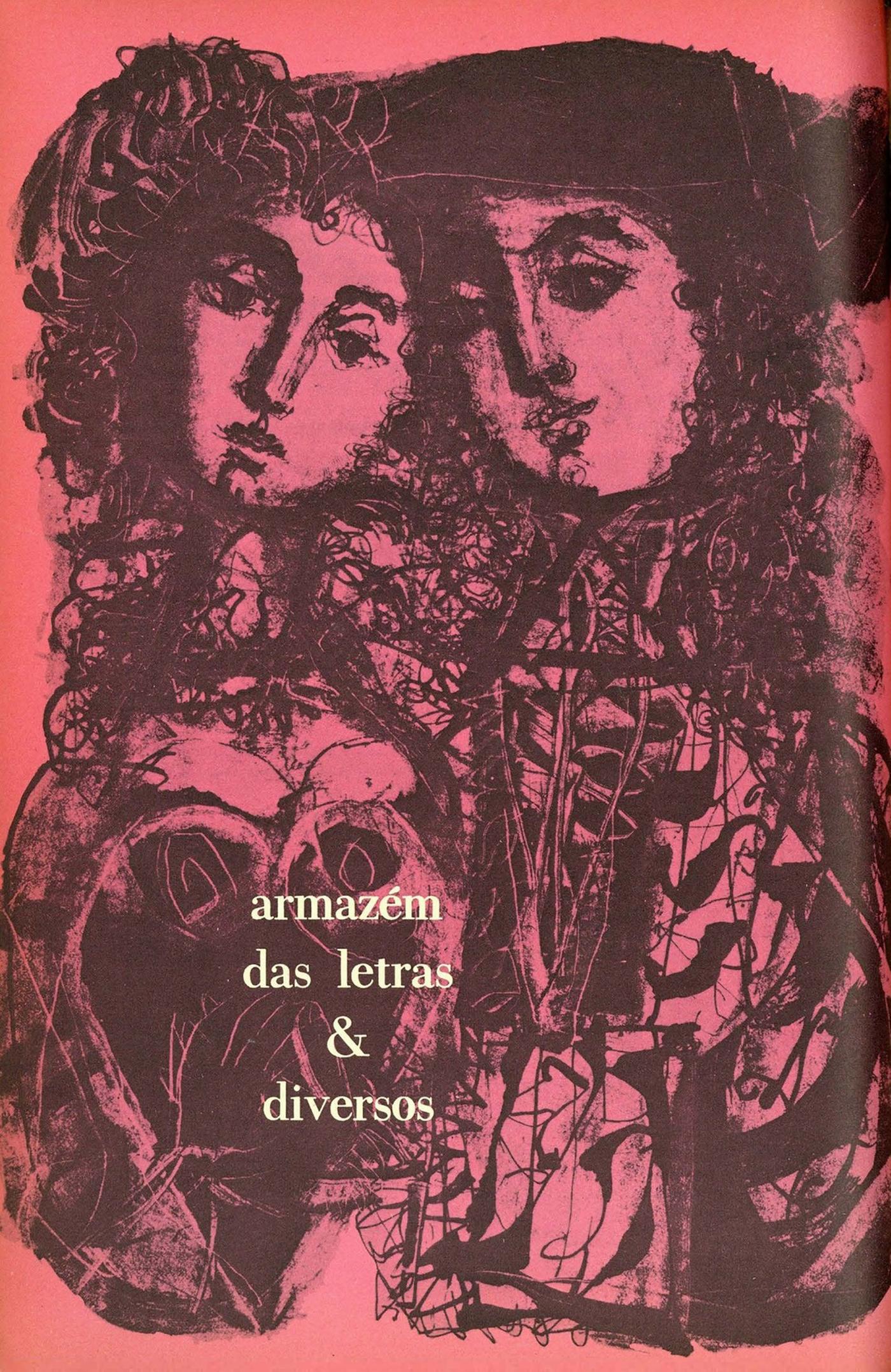
temente e, atravessando as maiores oposições, os raros eficientes devem ainda lutar com os outros que, além de incapazes, são intronizados.

O livro português e respectiva divulgação dão pretexto a toda a espécie de derivações delirantes. A extraordinária facilidade de que deram provas a fazer retórica, transformou-se numa dificuldade invencível para resolver problemas concretos, por mais simples que se apresentem, numa impossibilidade total para raciocinar com o mínimo de eficácia sobre dados objectivos.

### 5. Apontamento — Uma fatalidade?

Quem ler os clássicos portugueses, de Fernão Lopes a Verney, de Eça a Sérgio, encontrará a crítica aos mesmos defeitos, do gosto pela divagação à tendência para a citação e o plágio. Desde o «Leal Conselheiro» à «Campanha Alegre» aparece de nós igual imagem pouco lisonjeira. O temperamento lírico da raça portuguesa? Uma fatalidade?





armazém  
das letras  
&  
diversos

## conto do mês



por Manuel Ferreira

Manuel Ferreira nasceu na Gândara dos Olivais (concelho de Leiria) em 1917. Diplomou-se com o curso de Farmácia pela Escola de Farmácia de Nova Goa. Tendo vivido alguns anos em Cabo Verde onde se relacionou com os problemas locais, passou a abordá-los nos seus livros. Deste fecundo convívio do escritor com as ilhas africanas resultaram: «Morna» (contos de Cabo Verde) 1948; vários ensaios sobre temas cabo-verdianos, e «Morabeza» (mais contos de Cabo Verde) 1958, que recebeu o Prémio Fernão Mendes Pinto, da Agência Geral do Ultramar. Publicou também «Grei» (contos) 1945 e «A Casa dos Motas» (romance) 1956. Tem colaborado em «Vértice», na página de Artes e Letras do «Diário de Notícias», no «Comércio do Porto», «Revista de Portugal», etc. Pensa publicar muito brevemente um romance e um volume de ensaios.

# TERRA DA PROMISSÃO

O capitão do veleiro, um sujeito escuro, bem apessoado, de gestos decididos, quando arribou ao porto da ilha de São Nicolau — e deu com aquela gente espriada pelo cais — destroços de que batalha! — a erguerem-se, depois, cadáveres errantes, para o embarque, sentiu, como nunca, a tragédia que abrasava a sua terra, de lés a lés.

Era o veleiro mandado por Deus Nosso Senhor. Que levaria aquele povo para a ilha distante e abençoada onde todos encontrariam abrigo e protecção. Lá não tinha fome. Lá a cachupa chegava para os mais necessitados e os mais perseguidos pela estiagem. Gente, Son Vecente tinha o Porto Grande, tinha navios que vinham de toda a parte do mundo e ali deixavam trabalho e comida! Son Vecente tinha a tropa que enchia a barriga de todos nós!

A cairem de fracos, à uma, encaminharam-se para o veleiro que aportava por mandado do Governo, levando-os à terra da promessa.

«Eh, bocês, esperem um pouquinho aí! Barco não foge, gente!»

E o capitão, sem pressas, explicou direitamente. Sentia muita pena, mas como levá-los a todos? Só os que constassem da lista, era bem de ver. Só a esses e a mais ninguém. Era a ordem do Governo. E compreendia-se, não é assim? Esses, os únicos que lá em São Vicente eram esperados por quem se prontificara a tomar conta deles. Os demais, por ora, tinham que se resignar. Ele, de modo nenhum, poderia contrariar as ordens que recebera.

De resto, se se aventurasse ao mar com toda aquela tropa dentro, à primeira rabanada de vento, o veleiro ia-lhe a pique, sem terem tempo de dizer ai.

«Tenham paciência. Não teimem. Os que

não vêm na lista afastem-se. Senão, pior é. Oçam. Governo há-de mandar outros veleiros e levá-los a todos vocês».

Teriam acreditado nessa frouxa e imprecisa promessa? Pròpriamente nela acreditaria o capitão? A verdade é que nem um sequer arredou pé, fascinados todos, como estavam, pela presença do palhote. E chegado o momento do embarque agarraram-se à ideia de partir, não interessava para onde, como último reduto a que poderiam lançar mão. São Vicente vivia no anseio de todos os que resistiam à fome e o «Nossa Senhora das Areias», velho amigo do arquipélago, era o mensageiro da vida. Como deixá-lo perder, ali tão juntinho a eles, a sorrir-lhes de esperança?...

«Maria de nha Antoninho Duque!»

«É mim!»

Todos punham os olhos na felizarda.

«Djon Fernandes!»

«É mim! — E lá ia.

«Dinha Miranda!»

...respondiam três, quatro, à compita, e furavam a disputar a primazia, procurando iludir o seu nome de baptismo.

«É mim!»

«É mim!»

E se é certo que na luta pertinaz travada com os homens do capitão, meia dúzia, de exaustos, caíram redondamente no cais, e ficaram a ver o barco sumir-se pelo mar dentro, como se deles se houvesse despegado a última fé na vida, — a verdade é que, quantos, adoçando o mando do capitão, ou subtraindo-se à vigilância dos seus homens, conseguiram esconder-se no veleiro, — remoçaram os sonhos, agora, na secreta convicção de que aportariam a São Vicente, onde a caridade havia de acolhê-los.

Os outros, atiravam-se para cima das tá-

buas do convés, esfanticados, mas uma doce tranquilidade a querer restituir-lhe a paz perdida. Eram os que tinham recebido cartas ou recados pessoais de São Vicente. Esperanças vãs não arrastavam esses na viagem aventureira. E eles deixavam-se contagiar desse vento, quente e vago, que lhes soprava na alma, cariciosamente.

«Eu mesmo recebi carta de nha senhora onde trabalhei muitos anos e onde fui bem tratada» — ciciava com muita dificuldade Júlia Vicente Gonçalves.

«Quando aquela gente começou a descer do interior, caída de fome, eu larguei de minha casinha já toda desfeita e vim com eles sem destino e sem lei. Dias há chegou nhô Tomaz e me disse: «Vá para Son Vecente. Vá para Son Vecente, Jula, que sua patroa Arminda quer você lá. Aproveite veleiro que Governo há-de mandar daqui a uns dias. Ela mesmo deu bô nome na Administração».

Júlia Gonçalves ficou exausta de tanto falar. As forças faleciam-lhe para o mais leve esforço, até mesmo para respirar.

Chica Miranda, mulher dos seus trinta e tantos anos, aparentando perto de cinquenta, desabafara para quem lhe ia à ilharga.

«Diz que em Son Vecente não tem fome. Tudo gente tem sua comida».

«Sim, Son Vecente é outra coisa, Chica» — respondeu nhô Mochinho. «Ai, a minha perna», distendendo-a com muita dificuldade e mostrando a fístula.

«Está doente, nhô Mochinho?»

Arregaçou a calça e a chaga que fedia ficou exposta, dolorosa, nojenta.

«Não doi?»

«Se doi, menina!»

«Coisa antiga. Uma arranhadura e infectou. Nunca mais foi capaz de curar ela».

«Minha vizinha Tanha dizia que era feitiço. Fez tratamento, botou rezas, mas não foi capaz de acabar com feitiço. Agora será o que Deus quiser. Son Vecente é outra coisa. Há barcos na baía. Há trabalho. Há cachupa. (A si mesmo perguntava se era verdade, mas oh, como é bom imaginar!) Son Vecente é outra coisa, sim senhor!»

Nhô Mochinho recomendava com a autoridade dos seus sessenta e tantos anos: «Mas tome cuidado, lhe digo eu, Chica Miranda. Dia que chegar não se enfarte. Tome sê caldinho de mandioca e nada mais. E só encha barriga a pouco e pouco. Tenho visto muita gente morrer de barriga cheia, fique sabendo».

Nhô Mochinho era conhecedor da vida. Presenciara muitos casos, assistira a muitas tragédias em períodos de longas secas. Era conhecedor da vida e gostava de avisar. Desgraças, misérias, sofrimentos, tudo ele desenrolava trágica e gostosamente. Que sabia ele! Pessoas morrendo de fome durante meses, sim, durante meses só pele e osso e barriga inchada como odre! E depois... E depois, você sabê? Veio chuva. Os campos tornaram-se verdes. Veio fruta. Veio milho. Fatura. Festa nas ilhas. Gente cabriolando nas poças da água e recebendo, em cheio, no corpo abrasado a água fresquinha e santa que descia dos céus. Festa nas ilhas. «Dança morena-dança mulata-menininha sabe como você não tem».

«E num dia de repente (era ele que ia contando, lentamente contando) um tal Jonzinho Bento, meu parente, homem de muita sabedoria, encheu barriga com cachupa, duma só vez. E daí a dias, você sabê?, caiu de borco no chão e ficou-se sem forças a babar-se, a babar-se todo, como cão raivoso. Metia aflição. Veio doutor e perguntou. En-

cheu barriga? Encheu. Há quantos dias ele não comia? Faz muitos, doutor. Então, nada feito. E, veja bem, à noitinha, ele tinha entregado sua alma a Deus».

«É verdade — assentiu ela — parece que Deus castiga tanta sofreguidão».

«Castiga nada Deus, homem! É mesmo assim. Corpo fraco não aguenta muito comida».

E rematou:

«Tenho visto muita coisa. Bô tomá cuidado. Não encha barriga duma só vez, Chica Miranda, bô ouvi?»

Chica Miranda concordava, já se vê. Eram os mais velhos que assim falavam e a voz dos mais velhos é a voz da sabedoria.

A tarde, a pouco mais de meio, tornou-se retintamente negra e espessa. O vento vergastava os mastros e o reboliço no veleiro criou então em todos a sensação de pânico. O mar ia tragá-los. O capitão corria aqui e ali, dando ordens enérgicas e, por vezes, com alguma violência para os passageiros mais desatinados. Estavam perdidos! Assim muitos pensavam. Chica Miranda rezava em voz alta convencida de que aquele seria o último dia de vida que lhe restava. Tinha que se resignar com a vontade de Deus. Nhô Mochinho e outro sujeito, com voz sumida, aconselhavam calma. Mas Chica Miranda tinha dentro dela uma coisa que lhe dizia que não chegariam a São Vicente. Cumprira-se a vontade de Deus. Não chegariam a São Vicente, não. Do íntimo lho diziam. E tão convicta suspirava que quase todos se convenciam também, porque sabiam de factos assim contados nas longas e saudosas tardes de São Nicolau. Mesmo quando o vento amainou um pouco e o veleiro se tornou senhor de si, ela continuou medrosa e não escondia os seus pressentimentos ruins.

Percorria-os ainda a todos o medo e a inquietação quando surgiu, junto dessa massa de gente amontoada no convés, o capitão. Vinha de canhoto na boca, um sorriso bom nos olhos, uns modos de segurança, que davam consolação.

«Còrage, gente! Tempestade passou!»

«Passou, capitão?»

«Passou. Falta quase nada pâ São Vicente».

«Quanto falta, nhô Fonseca Morais?»

«São Vicente está perto de nós, gente. Mais uns três horas, prá i. Còrage!»

Afastou-se, dando ordens lá para dentro.

Aquelas palavras quentes foram uma baforada de ânimo. Nhô Fonseca Morais era um homem bom — pensaram. Sim, senhor, homem bom este nhô Fonseca Morais, que sabe governar barco e tratar com o pessoal como nenhum.

«Leva destino, Bia Dinis?» — perguntou um homem dos seus quarenta e cinco anos, até ali sempre calado.

Bia Dinis olhou-o e o seu olhar era de quem não tinha entendido a pergunta.

«Para casa de quem vai, Bia Dinis?», insistiu o homem.

«De uma parente minha.»

Noutro canto, nhô Mochinho, compadecido do estado de Conchinha, perguntou-lhe também para casa de quem ia. Respondeu num abandono de gestos:

«De ninguém».

«Mas de que maneira se vai você arranjar, nesse estado sem poder trabalhar, Conchinha?» — mirando-lhe o desmedido volume do ventre.

«Deus há-de dar...»

E desabafou, quase de seguida:

«Mas dizem que lá há fartura. Alguém há-de ter pena de mim».

Morreram as palavras de Conchinha no barulho de uma ordem do capitão para o contramestre que ia ao leme. Conchinha deu uns breves e agudos gemidos e pressentiu que *aquilo* ia dar-se.

«Quanto falta pâ Son Vecente, nhô Fonseca Morais?» — perguntou ela ao capitão que passava naquele momento.

«Duas horas».

Espremeu-se de dores e mergulhou, depois, mais calma, na sua apatia costumada.

Chico Afonso viera sentar-se num canto espiondo a leva da fome. Dava-se agora ao cuidado de analisar um a um. Tudo gente mirrada, doente. Mocinhas esquelidas, dormitando, que famílias de São Vicente iriam albergar por caridade. Nem uma moça escoceita. Só talvez a do canto que já há bocado lhe tinha prendido a atenção. Coitada, mesmo assim, tão magra, tão chupada das pernas e de peitos.

De tanto olhar o amontoado, tornara-se apreensivo. Viera-lhe uma pena funda por aquela gente. Que desgraça tamanha ia pela terra de Cabo Verde. Que desgraça como nunca se viu!... E leve, suavemente, o moço

começou a dedilhar o seu violão e a desprender, num encantamento de crioulo enamorado e sonhador, a música e as palavras da morna, quase sem saber porquê, embalado por um sentimento profundo e inconsciente

### NOITE DE MINDELO É SABE E SILENCIOSA...

E todos se sentiram penetrados da magia que Bêléza soubera transmitir à música e à letra em louvor da sua terra pequenina. E ficaram a escutar o moço do veleiro que era rapaz de seu feitiço.

Nunca aquela morna falara tanto aos corações. A noite aproximava-se, zebrada de nevoeiro. Mindelo estava a dois passos, podia dizer-se. O veleiro gingava. Os mastros rangiam ao sabor das vagas agitadas. Mas o moço continuava a cantar a morna — e a noite de Mindelo era suave e silenciosa, agora que eles iam ao encontro de uma vida melhor, dobrando o mar salgado.

Nesta altura o *Nossa Senhora das Areias* avançava de velas largas, Santo Antão quase à sua ilharga, coberta de bruma.

Balanceio de um lado, balanceio de outro, quando menos se esperava, um grito agudo desentranhado de um peito aflito, varou-os a todos, despertando-os da dolência mórbida que os prostrava pelo convés. O rapaz olhou a ver o que era e os que nas pernas se sustentavam ergueram-se, também, a darem conta do que se passava. Outro grito e mais outros, enlaçados, contorcidos, alarmaram os passageiros.

Era Conchinha.

Esguia, seca como um pau, de barriga para o ar, pernas abertas, revolvia-se e esforçava-se por morder as dores nos soluções abafados. Mas quando eram mais violentos, os gemidos prorrompiam impressionantes, patéticos. Os homens afastaram-se e fizeram de conta que não era nada com eles. O moço das mornas foi para a outra banda fumar um cigarro e olhar a noite que entrava de mansinho.

As mulheres formaram círculo e encobriram a doente.

Conchinha estrebuchava e, por fim, caiu em espasmos. Até que, do corpo mirrado, apenas vinham contracções e distensões concentradas. Ia-se ficar ali, mole, desfigurada? Nada era possível fazer por ela?! Mas de

novo, começou a gritar e a dizer que morria. Então uma velhota, decidida, clamou, desesperadamente:

«Não há ninguém que ajude aqui, gente?»

Ergueu-se Chica Miranda, que mal se sustentava de pé. Veio-se arrastando, a poder de ajuda da filhita. E foram as suas mãos, esqueléticas e rugosas, carregadas de sujidade que penetraram no ventre da parturiente e mexeram e remexeram a criança entalada nos ossos da mãe.

A criança, um feto de sete meses, saiu cá para fora, mais puxada do que expulsa. Sentiu-se um alívio geral. Morta, é certo, mas quantos não iam ali já mortos numa luta enfastiada e delida? Foi graça de Deus. A criança ficara momentos ainda presa pela placenta ao ventre da mãe, que se sentia desoprimida e não vertera uma única lágrima. Veio o Chico Afonso com a sua navalha de bolso, tocada do sal, — e ele próprio, num gesto decidido, deu o corte final.

Depois que a criança foi lançada ao mar, por longo tempo se evitaram os murmúrios e um silêncio de horas arrasadas cingia aquelas almas a uma tristeza cansada.

Só lá mais para diante, velho Mochinho, vendo Conchinha tão abatida e calada, quis consolá-la.

«Você está incomodada, Conchinha?»

Acenou com a cabeça e perguntou como se a pergunta fosse o remate de uma fiada de pensamentos e receios em que viesse a debater-se.

«Bocê, nhô Mochinho, acha que eu vou ter sorte em Son Vecente?»

O velho animou-a, enquanto coçava as bordas da ferida:

«Oíça, Conchinha. Eu tenho visto muita coisa. Gente na miséria, na fome, na fome de verdade, e levantar-se depois, arranjar dinheiro, botar mesmo figura, bô ouvi? Bô tenha fé e coragem que em Son Vecente há-de ter dias bons. Eu tenho visto muita coisa, Conchinha, fique sabendo.

Ela achava que o velho tinha razão, porque coragem não lhe faltava e agora só precisava de arranjar forças para trabalhar. Com um pouquinho de cachupa, pronto, ganharia saúde e seria outra, seria, sim senhor. Assim o barco chegasse a porto seguro. Não tinha casa onde acolher-se; mas há sempre uma alma caridosa neste mundo.

«Vida é uma roda, Conchinha, mas a gente

pode pegar na roda e às vezes desandá-la diretamente».

Mais animada, deixou-se dormir ao sabor da zoadada do mar, do mar enorme, eterno e sem fim, que vivia na força poética e no coração das ilhas crioulas, derramando-se num convite permanente à evasão, mas dando-se, por outro lado, à generosa tarefa do convívio insular.

\*

Uááh, São Vicente ali à beirinha!

E dentro de momentos tão à beirinha que o sussurro nervoso da multidão no cais quase se distinguia.

Desentorpeciam-se da imobilidade trágica e neles renasciam sonhos sepultados.

Conchinha, a quem não molestava já o filho deitado ao mar, não se erguera de pronto. Onde estavam as suas forças? Mas São Vicente estava ali a seus pés. Era preciso levantar-se e ir, ir com os outros, no delírio da noite. Talvez descobrisse uma alma que dela se condoesse. Vamos ao último esforço, porque Deus há-de ajudar e dar uma luz. Vamos, Conchinha, que São Vicente está iluminadinho, como se fosse dia de festa. Como se fosse tempo de còladeira. O rufo dos tambores a galgar pela ilha... tan-tan còlá còlá São João... còlá na còladeira... Uma força estranha lhe vinha da presença daquele grupo enorme e ia recuperando o ânimo para o desembarque. E se a prendessem? E se lhe acontecesse uma desgraça? Pôs-se de pé. Ia cair, ia cair, meu Deus! Caminhou, amparada ao convés. Tanta luzinha no Mindelo. Que festa! Ou era ela que já havia esquecido o brilho nocturno da cidade, habituada ao lusco-fusco das terras de São Nicolau? Que brilho! Desceu o portaló, amparada.

Só deu por si pouco depois de estar em terra. Esfregou os olhos, ergueu-se e viu-se no turbilhão de passageiros que dificilmente se refaziam das tonturas do enjoo. Gritos. Vozes. Abraços. Choros de consolação. Santo Deus, que mundão de gente! Ainda podia ser feliz. Os bons tempos voltariam. «São

Nicolau, todo Cabo Verde inteirinho, seria terra verde e de fartura». Encheu-se de coragem. Iria. Não se deixaria ficar ali. Iria, de roldão, como se fosse levada por vendaval. Não devia deixar-se ficar para trás. Não devia. Talvez a administração tomasse conta dela. Mas estava só. Ninguém vinha para ela! E quando percebeu que o tempo estava passando, que a vozeria se ia desfazendo, e todos ou quase todos iam desaparecendo, pelas ruelas da cidade, deu de novo com o barulho do mar e as ondas a embaterem de encontro à amurada, ali a seus pés... Não tinha nome na Administração. Não tinha carta de parente. Estava só. Só, nessa noite luminosa, trágica, e Mindelo em festa, como se fosse tempo de còladeira! O mar zoava e as ondas, de quando em quando, desfaziavam-se ligeiras e suaves nas areias da praia. Olha, lá ia adiante o velho Mochinho, a coxear. «Vida é uma roda, Conchinha, mas a gente pode pegar na roda e desandá-la diretamente».

Olhou atordoada, com vontade de se atirar ao chão, para todos os lados — e notou, à medida que os seus olhos se afaziavam à luz mortiça dos candeeiros, que grupos de pessoas se amontoavam ao correr do cais, deitadas, abandonando-se à noite.

— Eh você, diga-me uma coisa. Aquilo que é?

O guarda de alfândega respondeu-lhe, sem interesse:

— É gente da leva para São Tomé!...

Gente da leva...

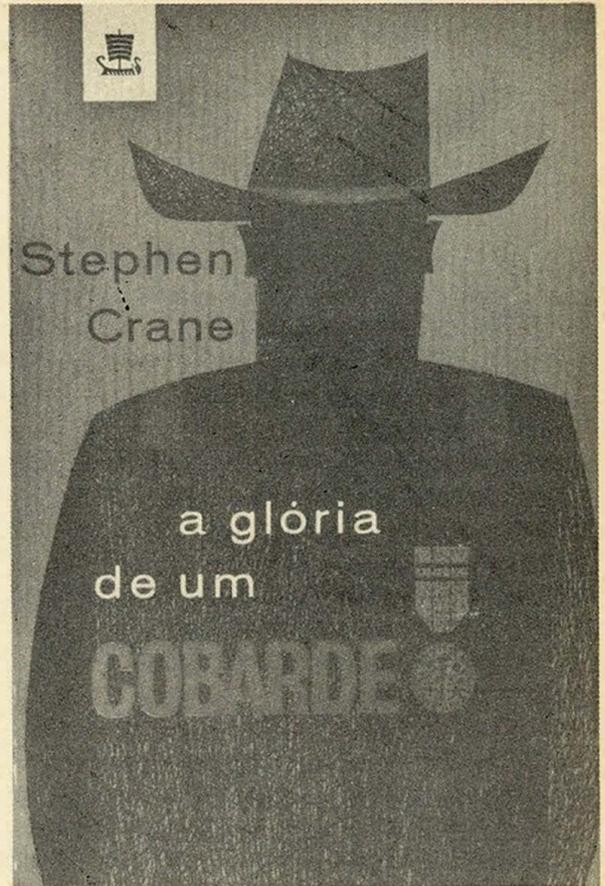
Ficou-se a meditar... Gente da leva... Mindelo... São Tomé... a leva... Num ápice, tudo se lhe tornou claro, claro e trágico como a desgraça. São Vicente também tinha fome! Cabo Verde estava a acabar em nada... que suores tão esquisitos, tão frios... não vejo nada. Que tenho eu?... ai que vou cair. Mas que é isto, meu Deus?... Deixa-me segurar aqui... E caiu. Caiu redondamente no cimento do cais. Caiu — e lá ficou!

Levou-a a carroça da Câmara, ao outro dia, no alvor da manhã.



## o livro do mês

stephen  
crane



# a glória de um cobarde

Entre todos os escritores da sua geração, Stephen Crane (1871-1900) é indubitavelmente o mais dotado. A sua morte prematura, com a idade de vinte e nove anos, foi uma gravíssima perda para as letras americanas.

O seu primeiro livro «Maggy, a girl of the Streets» publicado em 1893 e inspirado em «L'Assommoir» de Zola, pode considerar-se como a primeira grande obra naturalista americana. Mas o seu livro mais importante, aquele que ainda hoje é lido com entusiasmo e do qual John Huston extraiu um dos mais belos filmes que Hollywood jamais produziu («Sob a Bandeira da Coragem», assim lhe chamaram em Portugal) é certamente «A Glória de um Cobarde» («The Red Badge of

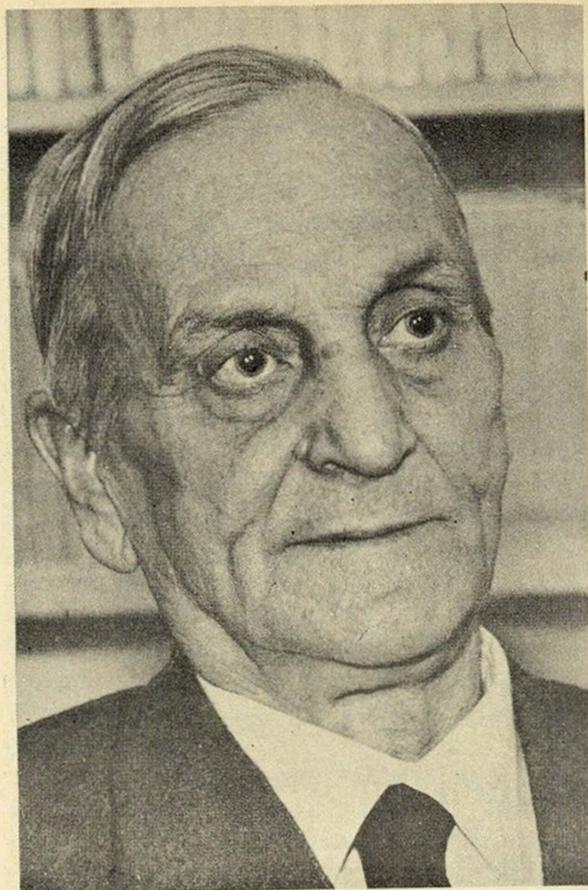
Courage»). Trata-se dum romance sobre a guerra da Secessão e nele se descrevem as impressões de campanha dum jovem soldado. O mais extraordinário é que Stephen Crane nunca foi militar... Mas a sua espantosa imaginação dá a este livro um sabor realista, uma intensidade, uma vida que possivelmente seriam impossíveis se Crane tivesse assistido aos acontecimentos que descreve.

Crane dissipou a sua breve existência pelo jornalismo. Contudo, a sua importância na literatura americana cresce de dia para dia. Hemingway, Steinbeck, Caldwell nunca negaram o muito que lhe devem. Porque Stephen Crane soube ultrapassar os limites do naturalismo e insuflar nas suas páginas um profundo clima poético.

um livro  
póstumo

de

AFONSO  
DUARTE



Publicam as Iniciativas Editoriais «Lápides e Outros Poemas» (1956-57) de Afonso Duarte. A organização do volume deve-se a Carlos de Oliveira e a João José Cochofel e nele se reuniram, além de poemas completos, fragmentos considerados com interesse que ficaram no espólio do «Poeta da Ereira». Da edição, gráficamente cuidada, extraímos «Ditirambo».

#### DITIRAMBO

Era o carro do Sol:  
E como o grego o viu  
Eu o vi também  
Puxado pelo fogo do Poente  
Quando olhei para trás da cavalgada.

O relance era de oiro  
E feriam lume  
As patas dos cavalos  
Batendo alto os ares.

Naquela hora o Poente  
Era no Olimpo  
Sem terra de ilusão!  
Evoé! Evoé! Um Deus  
Fustigava os cavalos  
E eram vergastas de fogo  
As línguas do chicote!

Iam-se ouvir de Píndaro  
Exaltações da Lira  
Aos corredores da Ágora.

Júlio Verne e a esposa



# JÚLIO VERNE

## um homem torturado

Quem era Júlio Verne? As biografias do autor das **Vinte mil léguas submarinas** revelam-nos um burguês tranquilo e conservador, bom esposo e bom pai. Por outro lado, Júlio Verne era um homem silencioso, solitário, perpétuamente em fuga de si mesmo.

Marcel Moré desconfiou desta visão tão simples da personalidade de Júlio Verne. Certas frases dos seus livros harmonizavam-se mal com aquela concepção, pensou ele. E as investigações a que se dedicou não desmentiram estas suspeitas. Notai — observa Moré com uma prudência louvável — que eu não afirmo nada. Levanto problemas, aqueles problemas, que me foram aparecendo à medida que ia lendo Júlio Verne. Seriam necessários vinte anos de trabalho para achar a resposta exacta e eu já tenho 73... Mas, mesmo assim, as minhas dúvidas revelam que a obra do autor de **A Volta ao Mundo em oitenta dias** é um imenso criptograma e que esse homem tão «secreto» fala muito de si mesmo quando o lemos com atenção.

### BOM MARIDO?

Repare-se, por exemplo, nas suas ideias acerca do matrimónio.

Júlio Verne desde muito cedo que se refere nos seus livros ao casamento. E ficamos a saber que ele desejava desposar uma rapariga tal como acontecera aos seus amigos. Mas não tinha sorte nenhuma. Sempre que ele se apaixonava, descobria que chegara tarde... A jovem que inflamara o seu coração acabara de se apaixonar por outro! Finalmente casou-se com uma viúva que já era mãe de duas filhas. Só quatro anos depois ele veio a ser pai. Mas quando se aproximou o momento do parto, Júlio Verne resolveu viajar pela Escandinávia. Curioso, não é?

Aparentemente, a vida conjugal de Júlio Verne nada tem que contar. Mas leiam-se os seus romances. Eles estão cheios de viúvas e algumas frases que lhes dedica são ricas de sugestões. Na **Viagem à Volta do Mundo**, Aouda, a linda viúva indiana, casa-se com Phileas Phogg. É ela quem lhe declara o seu amor e — conclui Júlio Verne — «Tornou-o

o mais feliz dos homens por muito estranho que isso possa parecer».

Os heróis de Júlio Verne apresentam-se sempre perante as mulheres herméticamente abotoados. Por que razão? No caso de Paganel isso compreende-se (ele era tatuado de alto a baixo). Mas nos outros? Por que razão Júlio Verne insiste tanto nesse ponto?

De facto, «o burguês tranquilo» de Amiens, que trabalhava todas as manhãs das 5 às 11 horas num quarto fechado à chave e que se deitava às 10 da noite, escondia uma natureza torturada, sensível e inquieta. Facto significativo: ele gostava, apesar de toda a sua seriedade, dos bailes de máscaras.

### BOM FILHO?

Aos 11 anos Júlio Verne fugiu de casa e ocultou-se num barco que seguia para a Índia, mas o pai conseguiu descobri-lo a tempo e dar-lhe a respectiva tarefa.

Júlio Verne nunca mais esquecerá esse gesto do pai. E as suas cartas que de princípio se fechavam com o clássico «Teu filho, que muito te quer» vão esfriando até que se limitam a um simples «Teu filho respeitoso». Como afirma Robert Grant, o filho do capitão, «é preciso ser criança para amar o pai».

### BOM IRMAO?

Eis a estranha oração fúnebre que Júlio

Verne escreveu a propósito da morte da mãe: «O meu pai foi o primeiro a morrer e a minha mãe viveu ainda quinze anos. Mas chegou a sua hora... O destino quer que os homens percamos não só as pessoas amadas como as outras...».

Comparem-se estas palavras com as que proferiu aos 70 anos, quando da morte do irmão: «Ah, como é possível que tenha sido ele o primeiro?». É certo que ele adorava o irmão. Com 50 anos, no regresso dum cruzeiro pelo Mediterrâneo, e depois de ser recebido pela mulher, ele escreveu ao irmão (que o havia acompanhado na viagem): «Ah, se tu e eu fossemos livres, livres, livres, que vida poderia ser a nossa...».

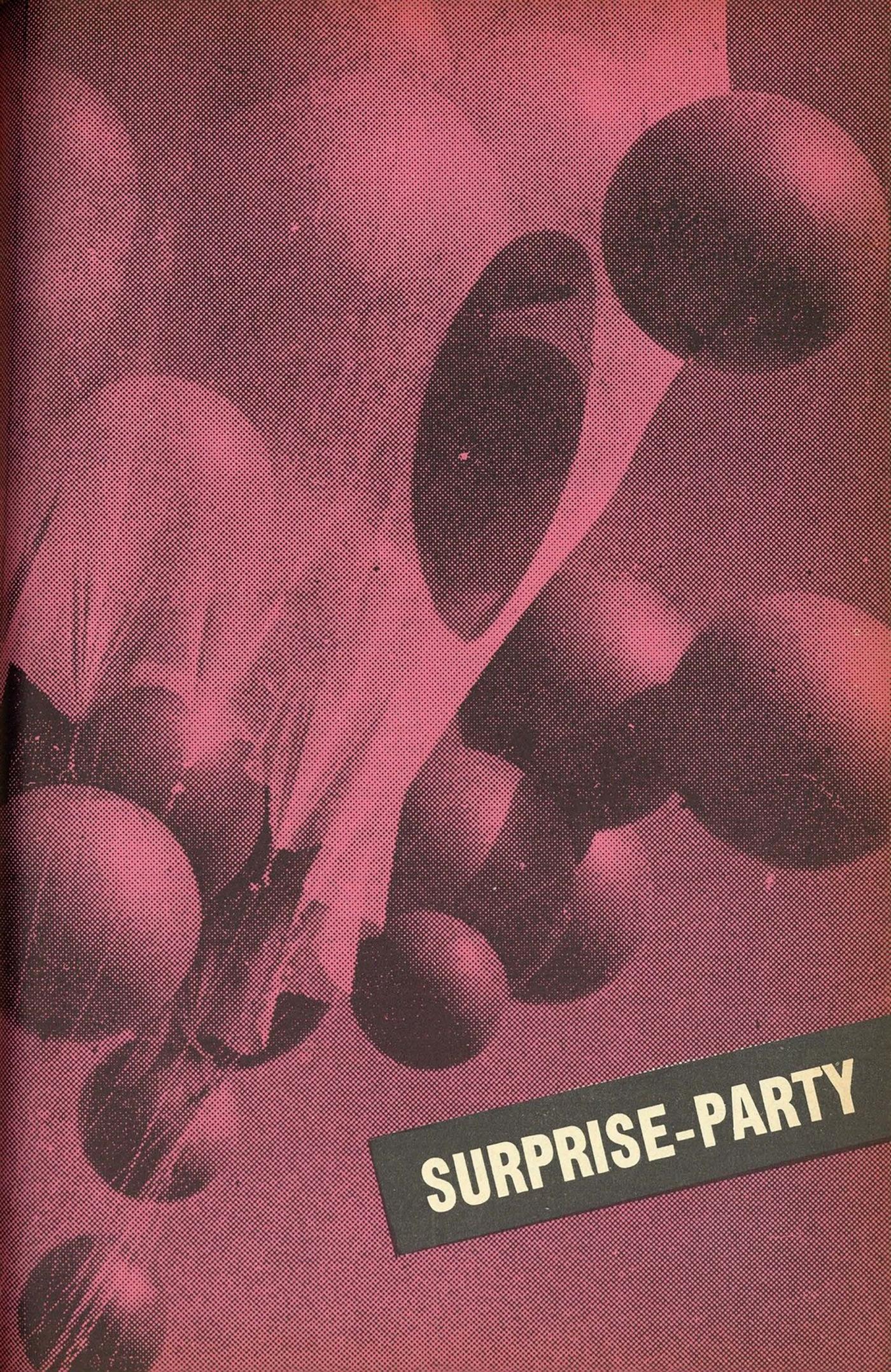
O tema dos dois irmãos é, de resto, uma das constantes da sua obra. Aparece em **Os Irmãos Kip**, **A Cidade Flutuante** e **Dois Anos de Férias**.

Mas não são apenas as suas relações com os pais, com a esposa e com o irmão que põem problemas.

Marcel Moré propõe-se analisar muitos outros pontos obscuros na vida do grande escritor. E enfim! Já não bastava acusar a condessa de Ségur, eis agora Júlio Verne na berlinda! Os críticos que sabem ler nas entrelinhas querem roubar as nossas ilusões da infância!

E continuaremos a dar os seus livros aos nossos filhos? A verdade é que para os puros tudo é puro...





**SURPRISE-PARTY**

## aperitivo

### como se come e bebe em Portugal

— Vamos almoçar ao Carioca?

— Encontramo-nos às 6 horas, no Carioca para um aperitivo...

Estas e outras frases semelhantes entraram já no vocabulário do lisboeta habituado a procurar por toda a parte bares e restaurantes onde possa comer e beber sem que lhe exijam o pagamento — por uma só refeição — do ordenado mensal de todos os empregados...

O Carioca é um **bar** pequeno situado no Largo Rafael Bordalo Pinheiro. Não tem aspecto luxuoso e, diga-se de passagem, não é um **bar** luxuoso. Deve, mesmo, dizer-se que a sua decoração deixa muito a desejar. De entrada tinha um ambiente simpático e discreto que os proprietários resolveram — por motivos desconhecidos — modificar inteiramente. Fizeram-se obras. Antes se não tivessem feito... Felizmente, porém, o Humberto e o António não resolveram alterar as suas fisionomias e continuarem tal como eram antes da redecação do **bar**.

Felizmente a sua simpatia pessoal e a sua competência profissional suprem as deficiências da redecação e o Carioca continua a ser um dos bares favoritos de Lisboa.

Julgo, até, que o Humberto e o António constituem dois **barmen** ideais.

O Humberto é grave, seco, pouco dado a sorrisos. Carrega sobre os ombros com todo o peso do Universo. Tem ar de quem com-

preende todas as tristezas e todos os desgostos da humanidade.

Quem estiver triste e preocupado, quem acordar com a certeza de que o mundo é mau e os homens péssimos encontrará no Humberto o companheiro ideal de conversa. Acontece que todos acordamos, por vezes, neste estado de espírito e nada irrita mais um homem do que, nesses dias, enfrentar um cidadão bem disposto e tagarela que vê a vida com olhos cor-de-rosa. O Humberto é, portanto, o **barman** ideal para os dias cinzentos.

É claro que o contrário também acontece: dias há em que tudo nos sorri, desde o carro, que pega logo à primeira, à filha da porteira que larga o namorado para nos dizer bom-dia...

Lá está o António para esses dias, o António com o seu sorriso largo e feliz; o António que nos convida a partilhar do sol e das suas «bebidas».

Nenhum outro **bar** se pode gabar de possuir uma combinação tão perfeita. Entre-mos portanto no Carioca e tomemos um aperitivo.

— Como está António?

— Ótimo, meu inspector, cheio de saúde e de sede.

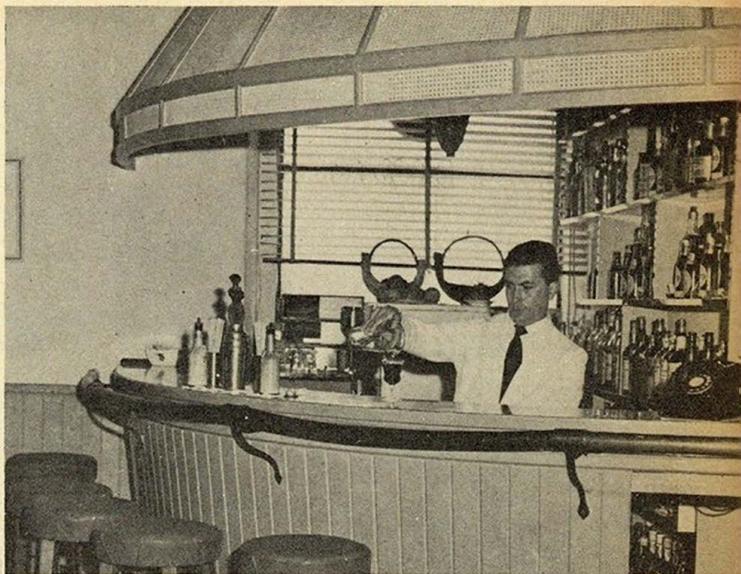
— Mau dia, Humberto.

— Trágico meu Inspector, ainda temos um tremor de terra...

aperitivamos

hoje no

# CARIOCA



— Estou cheio de sede. Que recomenda o meu amigo, António?

— Um **cocktail** que inventei e recomendo para os dias maravilhosos como o de hoje:

## BATIDO CARIOCA

Sumo de 1/2 limão;

1 cálice de aguardente «Pitu»;

1 colher de açúcar;

Bater bem com gelo.

— E o Humberto?

— Não há como uma bebida para animar um homem quando tudo corre mal. É claro que a melhor das bebidas, a bebida definitiva, que resolveria todos os problemas da vida, seria um pouco de estriquinina dissolvida em Água das Pedras...

— Porquê Água das Pedras e não Soda?

— É melhor para o fígado.

Como ia dizendo, a bebida indicada seria a melhor de todas para um dia tão mau como o de hoje mas... num mundo como o nosso era capaz de trazer complicações. O homem descobriu mil maneiras de estragar a vida: autópsias, tribunais...

Tenho portanto de indicar outra:

## VENENO DE VÍBORA

1 roda de laranja;

1 cálice de aguardente «Paraty»;

1 colher de café bem forte;  
Bater bem com gelo.

Depois do aperitivo só nos resta almoçar e o Carioca tem um bom serviço de cozinha.

Há um prato especial para cada dia e o Pessoa rivaliza com o Hermenegildo em atenções. O Pessoa vai até mais longe, é um verdadeiro filósofo — como aliás todos os **barmen** que se prezam.

Do Carioca, portanto, vêm-nos estas receitas para um mau dia:

- 1) Veneno de Víbora;
- 2) Conversa com o Humberto;
- 3) Almoço acompanhado dos comentários filosóficos do Pessoa.

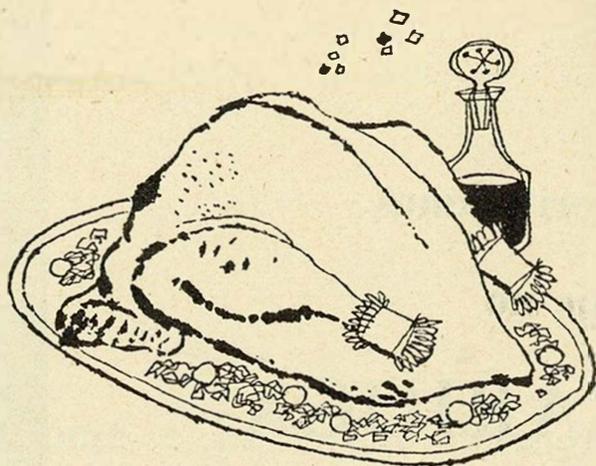
E, para os dias em que tudo corre bem:

- 1) Uma batida Carioca;
- 2) Uma conversa com o António;
- 3) Almoço acompanhado das graças do Hermenegildo.

E que mais há a dizer do Carioca?

Apenas uma coisa: que não lhe falta aquela indefinível atmosfera que nos leva a entrar para beber um **whisky** e acabar por beber 10...

Sem isso um **bar** é uma leitaria onde se vendem bebidas alcoólicas.



## PRATOS EXÓTICOS

Portugal é a nossa Pátria e, enquanto houver portugueses, é natural que continue a sê-lo.

Daqui resulta que tudo que se faz em Portugal é, por definição, magnífico.

As nossas estradas são as melhores da Europa, os nossos Castelos são inigualáveis em grandeza, o nosso vinho é único, os nossos homens são mais viris do que quaisquer outros e a Costa do Sol é a mais requintada das costas Europeias, incluindo a Cote d'Azur e a Riviera Italiana que, como é de conhecimento geral, são apenas frequentadas por uns pobres indivíduos que não tiveram a sorte de nascer na encantadora e privilegiada terra dos nossos egrégios Avós.

É claro que há maus portugueses (os estrangeirados) mas esses não contam. Todos sabemos que são maus por definição e que a natureza não os dotou com a possibilidade de fazerem crítica construtiva. Em matéria de gastronomia, a comida portuguesa não constitui excepção à regra que apontamos e é, segundo a opinião dos portugueses, e tal como o Benfica e o Estádio Nacional, a melhor do mundo.

Dizer a um patriótico cidadão que em qualquer praça de qualquer cidade europeia se podem encontrar todos os legumes que há em Portugal e muitos outros que por cá são desconhecidos, é dar origem a uma discussão violenta.

É lá possível que nos campos de Loures se não cultive tudo que há de bom sobre a face da Terra?

Os nossos legumes são tão bons que «antigamente os fadistas vinham já grossos das hortas», como ouvimos todos os dias pela Rádio, que tão empenhada anda em exaltar as virtudes dos tempos antigos, do vinho tinto, dos fadistas e das hortas...

É claro que em Paris, em Londres e até, actualmente, em Madrid (?!) abundam restaurantes indianos, chineses e sul-americanos onde qualquer honrado cidadão pode provar as mais variadas iguarias provenientes dos 4 cantos da Terra e, nessas cidades, não há bairro que se não preze dum estabelecimento onde estão à venda os mais diversos produtos, desde os camarões da Noruega até às latinhas de formigas japonesas. (Não há aqui excesso de imaginação: isto é assim mesmo). Acontece assim, que é possível a um operário britânico, sem sair do seu bairro, comer caril de Madras ao almoço e, se assim o quiser, caril de Bombaim ao jantar. (É que o caril varia de terra para terra e tem diversos tipos, ao contrário do que poderá pensar o patriótico leitor, habituado àquela graxa castanha a que por cá se dá o nome de «Caril de mariscos» ou de «Caril de frango». Há dezenas de tipos diferentes de caril e nenhum **gourmet** se arriscaria a pedir «caril» sem saber o seu tipo, excepto, evidentemente nesta Meca de **gourmets** a que chamamos Lisboa). Em Lisboa, à excepção dum restau-

## como não se come e não se bebe em Portugal

rante chinês, de dois restaurantes levemente «à italiana» e de dois ou três restaurantes que fazem os possíveis por serem franceses, não há locais onde o português possa provar pratos estrangeiros e, como nunca os provou, revela grande conhecimento de causa ao afirmar que «a boa comidinha portuguesa e a boa pinga da Bairrada «são imbatíveis»...

Somos um povo em que a fé substitui, muitas vezes, o conhecimento da realidade. Antes assim. Já a avó do inspector **Gourmet** afirmava que no seu tempo se era mais feliz apesar de não haver telefonias, frigoríficos, cinemas e antibióticos...

A fé, como diria qualquer Pascal do Terreiro do Paço, remove montanhas. Pena é que se não dedique, também, a remover outros obstáculos já que as montanhas são, dentre os obstáculos existentes, os únicos que ninguém tem interesse em remover.

Ora acontece que os portugueses contam no seu activo com variadas virtudes e destas a mais conhecida é certamente a do culto dos antepassados. (Estas características, segundo oíço, são comuns aos japoneses).

Os nossos antepassados são cultivados com um carinho e uma devoção incomparáveis. É, até, sabido que este culto nos cansa e nos esgota a ponto de pouca energia podermos dedicar ao culto dos contemporâneos, o que, bem vistas as coisas, revela um grande e meritório espírito de sacrifício.

É claro que esta característica não surgiu

no princípio (digo, «nos princípios») da nacionalidade.

Os egrégios avós que hoje cultivamos com tanto esmero andavam ocupados com os problemas do seu tempo e dedicaram-se a eles com tanto amor que chegaram, mesmo, a deixar a sua assinatura na história do mundo — o que, certamente, não teria acontecido se o tivessem perdido a gabar as virtudes dos seus antepassados.

Enfim! Coisas da história... Uma coisa, porém, é certa: os nossos egrégios avós percorreram a terra inteira e levaram o nosso nome às mais distantes paragens do Universo de então... Outros povos fizeram o mesmo mais tarde.

O que se nos afigura estranho, porém, é que, à primeira vista e no nosso tempo, quem visite as grandes cidades da Europa terá a impressão de que foi dessas cidades, e não da nossa Lisboa, que partiram os grandes descobridores do Universo.

É que, se é certo que «quem parte leva saudades e quem fica saudades tem», é igualmente certo que quem volta deve trazer mais qualquer coisa...

Isto de levar saudades, ficar com saudades e voltar com saudades é, evidentemente, muito poético, mas todos sabemos que nem só de poesia vive o Homem!

Londres revela por toda a parte o destino colonial do povo português. Não estranhe o leitor a construção desta frase: é que, por definição, só nós temos «um destino colo-

nial» e, se em Londres se verifica a existência de qualquer destino colonial, é com certeza o nosso, já que eles o não têm... Por toda a parte há cidadãos oriundos do continente africano. (Observe, caro leitor a delicadeza de sentimentos do autor destas linhas...). Raro será o bairro em que não existe um restaurante especializado em iguarias africanas. Quem passear nas ruas de Londres não poderá ficar com quaisquer dúvidas acerca do destino colonial dos portugueses: os ingleses estiveram em África. Pode dizer-se o mesmo da Índia: os ingleses também lá estiveram. Paris é tradicionalmente o limite mais longínquo do viajante português dos nossos dias que — uma vez visto o Louvre a correr e visitadas as Folies com cuidado — se considera viajado e cosmopolita. Costuma dizer-se «A Cascais: uma vez e nunca mais». Bem poderia dizer-se do português viajado: «A Paris uma vez e nunca mais... se cala».

Ora Paris é uma cidade onde existe uma extraordinária abundância de restaurantes italianos, chineses, siameses, norte-africanos, ingleses e, até, espanhóis.

Pedimos-lhe, caro leitor, que olhe à sua volta e que responda, honestamente, a esta pergunta: à parte os inevitáveis «africanistas» que todos conhecemos, sente qualquer influência africana na sua vida? à parte os longos discursos proferidos na Rádio, os leitores, na sua vida quotidiana, alguma vez têm ocasião de recordar que os seus avós andaram pelas 7 partes do mundo? Alguma vez comeu uma especialidade africana? Não contando com o «caril de mariscos», alguma vez comeu uma especialidade indiana? Vamos, mesmo, mais longe: é capaz de me dizer aonde se dirigiria se pretendesse provar uma especialidade africana nesta «capital do Império»? O inspector Gourmet, ao escrever estas linhas, não teve outro propósito que não fosse dar-lhe algumas receitas daquilo a que normalmente se chamaria comida exótica e que, para um povo que tanto fala do seu «destino colonial», nada deveria ter de exótico.

Aqui vão as receitas prometidas. O inspector Gourmet sabe, de antemão, que os seus estimados leitores não vão gostar delas mas julga que lucrarão em prová-las. É que, depois de o fazerem, poderão afirmar que a «comidinha portuguesa» é melhor do que a africana, com **conhecimento de causa**.

Já é qualquer coisa e sempre é inédito.

## DA ÍNDIA

Não diga «Bom proveito», diga **Suswagatam**.

### PILAU À MODA DE CALCUTÁ

2 2/3 chávenas de água;

1 colher-de-chá de especiarias destinadas a fazer «pickles». (Vendem-se nos bons estabelecimentos em pequenas embalagens inglesas, francesas ou americanas... Vale a pena adquirir uma destas embalagens porque não só prestaremos homenagem aos navegadores que se dedicaram ao comércio das especiarias mas podemos, ainda, usá-las para fazer «pickles» verdadeiros. As melhores são... as inglesas);

1 chávena e 2 colheres-de-sopa de arroz;

2/3 duma chávena de manteiga derretida;

1 colher-de-chá, de sal;

1 colher-de-sopa, de cebola picada;

Um pouco de açafrão;

2 colheres-de-chá, de leite;

Carne cortada em pequenos quadrados (restos, por exemplo).

Coloque a água ao lume com as especiarias e deixe ferver durante 30 minutos para que adquira gosto. Entretanto lave o arroz e seque-o; deite a manteiga (ou margarina) numa frigideira e junte-lhe o arroz, a cebola picada e o sal. Frite tudo isto até que o arroz esteja alourado. Deite o leite na frigideira, junte-lhe um pouco de açafrão e a carne aos quadrados.

Deite, agora, na frigideira a água que estava a ferver. (Depois de substituir a que se tenha evaporado).

Cubra a frigideira e deixe cozinhar em lume brando durante 15 minutos. Meta a frigideira num forno médio durante mais 20 minutos e sirva.

### ACOMPANHAMENTO DE CEBOLA

1 cebola grande;

1 pimento grande;

2 tomates maduros;

1 1/2 colher-de-chá, de sal;

Pimenta preta moída e uma malagueta cortada às tiras, sem sementes;

1 colher-de-chá, de casca de limão raspada;

1 colher-de-chá, de sumo de limão;

1 colher-de-sopa, de vinagre de cidra. (Nos países estrangeiros, onde o vinho não abunda, cozinha-se com vinagre de malte ou de cidra. Mesmo onde o vinho abunda, mas onde se cozinha bem, usa-se este vinagre para certas iguarias. O vinagre de malte encontra-se à venda nos bons estabelecimentos da Baixa. É de origem inglesa. Pode substituir-se o vinagre de cidra por vinagre corrente que tenha fervido durante dois ou três minutos com açúcar na proporção de 200 grs para cada litro). Pique e misture bem os ingredientes. Sirva no dia seguinte.

### TIKIA KABABS KARACHI

1/2 quilo de carne limpa, picada;

2 colheres-de-sopa, de cebola picada;

1 colher-de-sopa, de azeite;

1/2 colher-de-sopa, de sementé de cominho reduzida a pó;

1 colher-de-chá, de sal;

1/4 de colher-de-chá, de canela;

1/4 duma colher-de-chá, de malagueta desfeita;

Combine todos os ingredientes. Molde pequenas almondegas e enfie-as num espeto. Cozinhe-as sobre lume vivo até estarem bem alouradas.

### DE ÁFRICA

#### CREME DO SENEGAL

4 colheres de manteiga;

1/2 chávena de cebola picada;

1/2 chávena de «Celery» picado;

5 colheres-de-sopa, de farinha;

Pimenta;

1 colher-de-chá, de pó de caril;

4 1/2 chávenas de leite;

2 cubos de caldo de galinha (isto já foi incluído para lhe facilitar a vida);

1 maçã pequena.

Derreta a manteiga. Junte-lhe a cebola e o «Celery». Deixe cozinhar durante 5 minutos. Junte, agora, a farinha, o sal, a pimenta e o caril. Junte, gradualmente, 4 chávenas de leite, mexendo sempre com uma colher

de pau. Dissolva os cubos no leite restante e junte. Passe a maçã por uma máquina e deite sobre o creme.

### DA TURQUIA

«Iyi Istablar» (?), ao que parece, quer dizer bom apetite, em turco. Será?

### BERINGELAS À TURCA

Asse as beringelas inteiras, como se fossem pimentos. Quando estiverem moles estão prontas. A casca possivelmente, ficará negra e cai com esta operação. Corte-as em pedaços e faça delas um puré a que junta, por cada beringela, 2 colheres-de-sopa de azeite, 2 colheres-de-sopa de sumo de limão e 2 ou 3 colheres-de-sopa de salsa e de cebola picada. Junte 1 dente de alho esmigalhado e tempere com sal e pimenta. Meta no frigorífico e sirva em vez de sopa. E, por fim, do interior das florestas virgens (ainda haverá?) do continente africano esta receita particular do inspector Gourmet.

### GUISADO DE RINOCERONTE

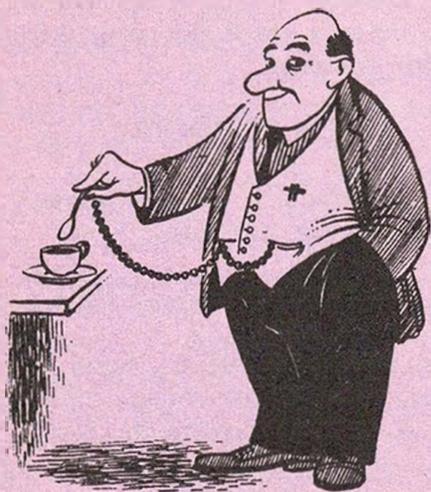
Mate um rinoceronte fazendo-lhe um corte no pescoço e deixando sangrar até que o animal desfaleça. (Guarde o sangue para o arroz de cabidela). Tire o corno e os ossos. Com e'les faça um caldo bem apimentado. Corte a carne mais tenra do animal em pequenos pedaços. (Para encontrar a carne tenra basta fazer uma leve pressão com os dedos sobre o corpo do animal. Onde este ceder, a carne é tenra). Tempere e deixe dum dia para o outro. Numa frigideira **grande** deite 3 colheres de azeite, 1 folha de louro e 1 dente de alho.

Misture à carne um bom bocado de presunto cortado em pequenos pedaços e deite na frigideira. Quando a carne estiver loira junte-lhe uma chávena de vinho tinto, o caldo dos ossos, salsa, sal, 2 cenouras cortadas às rodelas; miscalros e cebolinhas. Tape bem e deixe cozinhar uma hora e meia.

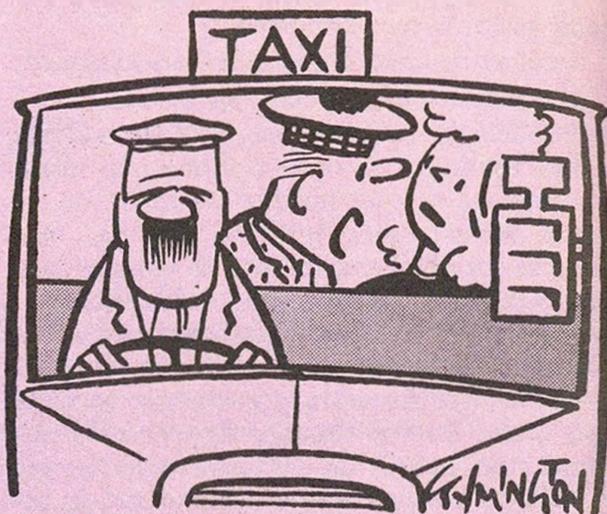
**Note-se** — Se não encontrar um rinoceronte substitua por carne de vaca e obterá um delicioso guisado.

### «KALY OREKSI»

(Bom apetite em grego (?))



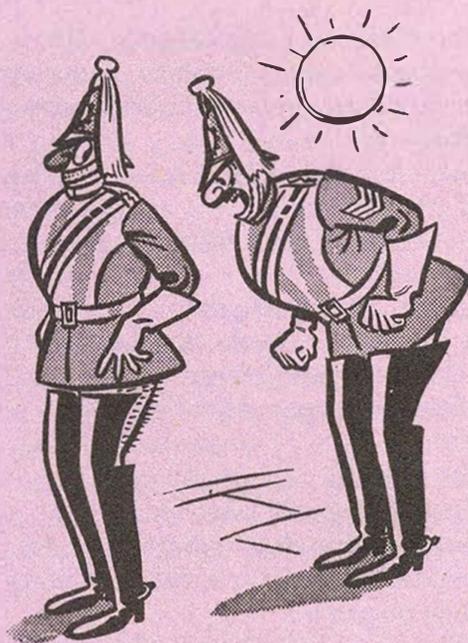
Sem palavras



— És uma rapariga tão audaciosa que mal posso olhar para o taxímetro!



Sem legenda



— Bem sei que está calor, mas vá já vestir as calças!



## JACQUELINE FRANÇOIS

### ACUSADA NO BRASIL COMO RECEPTORA DE FLORES...

Antes de entrar em cena, e à semelhança dum toureiro espanhol ou mexicano, Jacqueline François benze-se com o mesmo fervor que a levava, quando menina, a entoar cânticos religiosos diante da imagem da Virgem. Nessa época os pais supunham-na muito mais atraída pelo convento do que pelo palco...

Nascida em Neuilly-sur-Seine a 20 de Janeiro de 1922, ela foi baptizada com o nome de Jacqueline Guillemantot. O pai era um grande industrial — o administrador principal da «Brilhantina Roja» — e não apreciava os espectáculos, fossem eles teatrais, cinematográficos ou de music-hall. Não teve sorte, nesse aspecto: uma das filhas — Claude — tornou-se actriz; a outra — Jacqueline — veio a ser uma das mais famosas cançonetistas do nosso tempo...

— O meu verdadeiro nome era muito difícil de pronunciar — diz-nos ela. — E além disso, mesmo em criança, eu tive sempre um

grande desgosto por não me chamar François!

### OITOCENTOS FRANCOS

Quando ela participou à família o seu desejo de ser actriz de cinema, o Senhor Guillemantot declarou-lhe num tom que não admitia réplica:

— Ao menos faz alguma coisa de grande e de sério!

Jacqueline cantou num **cabaret** e entrou como figurante no filme **Bolero**, extraído duma peça de Michel Durand. Ora bem: cinco anos mais tarde, o compositor Paul Durand, sem conhecer a peça, sem saber que Jacqueline tinha participado naquele filme, escreveu para ela uma canção intitulada **Bolero**, canção essa que veio a ser um dos maiores êxitos de Jacqueline. Desde então ela tornou-se supersticiosa...

Cantou no **Petit Chambord**, ganhava oitocentos francos por noite e uma sanduíche, mas o seu grande sonho era gravar discos. Porém, ninguém lhe quis registar as canções: «A sua voz é muito pouco fonográfica!», diziam-lhe.

### A PRIMEIRA MILIONÁRIA DO DISCO

Tal não foi — felizmente — a opinião de Paul Durand. Graças a ele, Jacqueline gravou um disco e, tempos depois, obtinha o Grande Prémio do Disco.

«C'est le printemps», assim começava a canção que imediatamente deu a volta ao Mundo e que fez de Jacqueline a primeira milionária do disco e a vencedora de todos os prémios possíveis.

Dez anos mais tarde, em 1958, uma gravação dessa cançoneta foi oferecida ao Rei da Bélgica pelo Presidente Coty, depois duma cuidadosa selecção de discos representativos da música francesa na Exposição de Bruxelas. A escolha foi acertada porque Jacqueline François é quem melhor evoca em todo o mundo a graça da Primavera parisiense.

Charles Trenet disse, certa vez, com muita propriedade: «O encontro entre o microfone e a Jacqueline é uma data na história do Disco. Eles nasceram um para o outro como dois amorosos que se procuram. E desse diálogo surgiram as mais belas frases musicais que eu conheço...».

## MADemoiselle DE PARIS

Numa digressão artística através do Mundo, Jacqueline François conheceu um Henri Decker, que se estreara cantando diante de raparigas muito pouco vestidas um elogio à Lua. Quando conheceu Jacqueline, ele cantava todas as noites:

«Elle a des yeux bleus  
Elle a des lèvres rouges  
um charme infernal...»

Ele transformou os olhos azuis em olhos negros e casou-se com Jacqueline. Têm hoje um rapazinho de nove anos que se chama, naturalmente, François.

Na sua casa mobilada com um gosto requintado e situada muito perto da Avenida Wagram, Jacqueline colecciona bonecas que são as recordações das suas viagens através do Mundo (cerca de trezentos mil quilómetros percorridos de automóvel, de avião, de comboio ou de barco...).

A boneca preferida representa uma baiana e inspirou a Henri Decker uma canção: «Les maraichères de Baia».

Jacqueline François é conhecida em todo o Mundo como a «Mademoiselle de Paris» que foi um dos seus maiores êxitos.

Em Nova Iorque ela é considerada a maior cantora francesa depois de Edith Piaf, à qual nada tem a invejar. Como dizia um jornal americano «Jacqueline François é o que de melhor a França inventou depois do amor»... «De facto — escreveu o exigente *New-Yorker* — não precisamos de conhecimentos especiais para sermos seduzidos pela técnica vocal, pelo fraseado, pelo timbre de Jacqueline».

Acrescente-se que Jacqueline François é a grande cançonetista que todos conhecemos por ter seguido os conselhos dos amigos que a preveniram contra uma certa tendência que ela revelava para imitar Edith Piaf. A partir de então ela deixou expandir-se a sua própria personalidade, muito mais musical do que realista e dramática.

Aquando da sua última digressão pelo Brasil aconteceu-lhe uma aventura pouco banal: ela cantava no *cabaret* mais elegante do Rio e recebia todas as noites, de um admirador anónimo, um ramo de gardénias. Isso intrigava-a... Mas veio uma noite em que deixou

de receber as flores. No dia seguinte a vedeta francesa foi convidada a passar pela esquadra... Que poderia ser? Jacqueline era acusada como receptadora... De facto as gardénias tinham sido roubadas por um estudante nos jardins de Copacabana e que assim descobrira o meio de conciliar a sua impetuosidade e a sua paixão por aquela que ele considerava possuidora da «voz mais sensual do Mundo».



## DANIELLE DARRIEUX

### RECOMEÇA A SUA CARREIRA COMO CANÇONETISTA

Aí por volta de 1930 os técnicos da publicidade ainda não tinham descoberto o valor das maiúsculas duplicadas. Não se lembraram da M. M. (Michèle Morgan), nem da D. D. (Danielle Darrieux). Quanto a iniciais pomposas apenas havia por essa altura as da S. D. N....! E o tempo levou-as irremediavelmente. Levou-as como levou tantas outras coisas. Algumas coisas ficaram, todavia. Por exemplo, Danielle Darrieux e Michèle Morgan.

Michèle, viúva mais ou menos consolável,

foi a Roma festejar as suas bodas de prata com o cinema. Mas Danielle, essa foi mais longe. Decidiu iniciar uma nova carreira.

### A MENINA BONITA DO CINEMA FRANCÊS

Nascida no dia 1 de Maio de 1917, ela era em 25 a menina bonita do cinema francês, aquela que todas as rapariguinhas europeias queriam imitar, aquela com que todos os adolescentes sonhavam.

Em 1931 dera os seus primeiros passos no cinema. Estudava então violoncelo, mas um dia leu no jornal um anúncio que viria a transformar o rumo da sua vida. Um certo senhor Vendal precisava de uma rapariga absolutamente desconhecida, cuja idade oscilasse entre os 15 e os 17 anos. Calou-se muito bem calada e, sem dizer nada à mãe, procurou o senhor Vendal. Pouca sorte! Chegara alguns minutos mais tarde e as concorrentes tinham seguido já de autocarro para o local onde prestariam as suas provas. Danielle começou a chorar e assim continuou durante largo tempo enquanto regressava a casa. Por altura dos Campos Elíseos deu-se o milagre. Um senhor, vendo-a a chorar, perguntou-lhe o que se passava. Ela explicou-lhe a sua desgraça.

— Venha comigo — disse ele. — Eu sou o senhor Vendal.

E era...

Danielle prestou boas provas e Vendal não teve hesitações. Ela era a intérprete que sonhara para «Le Bal». A dificuldade maior estava em convencer a senhora Darrieux que, depois da morte do marido, trabalhava duramente para educar os três filhos. Quando soube do que se passava, quase desmaiou! Mas depois conformou-se. E o filme foi um êxito! A D. D. transformou-se numa espécie de Shirley Temple europeia com um pouco de mel a menos e um pouco de pimenta a mais. Depois interpretou numerosos filmes, sempre com grande êxito, foi solicitada pelos realizadores mais em voga e contratou com o cantor mais popular do momento: Jean Kiepura.

### O PRIMEIRO CASAMENTO

Com 18 anos a D. D. casou-se com Henri Decoin, um antigo e famoso jornalista des-

portivo, que para mal dos nossos pecados, acabou por se dedicar ao cinema e realizar uma boa porção de mediocridades. Decoin era então um jovem: tinha 50 anos. E não foi um marido, mas um domador. Conseguiu acalmar a jovem Danielle a quem os triunfos estavam a fazer mal. O matrimónio durou sete anos, o tempo suficiente para transformar a «ingénua libertina» na romântica Maria Vetsera que morre nos braços de Charles Boyer no filme «Mayerling» ou na adorável Katia, a colegial amada pelo Czar.

Depois da queda de França, Decoin dirigiu a mulher em «Premier rendez-vous», o único filme sorridente rodado em França durante a ocupação alemã e cujas canções eram um grito de esperança naqueles dias tão sombrios.

### PORFÍRIO RUBIROSA

Danielle divorciou-se do marido para casar com Porfírio Rubirosa o sedutor internacional mais famoso do pós-guerra. A cerimónia do casamento realizou-se em Abril de 1942 em Vichy. Mas a lua-de-mel acabou, os alemães prenderam o famoso Rubirosa que representava, nas suas horas vagas, a República Dominicana em Paris. Ora a República Dominicana declarou guerra a Hitler...

Desesperada a D. D. aceitou o negócio que lhe propuseram os alemães: entrar num filme alemão em troca da liberdade do marido. Durante cinco anos, Danielle viveu isolada com o seu belo dominicano, sacrificando-lhe tudo. Mas Danielle era ciumenta e aquele casamento não podia durar muito. Divorciada enfim, casou-se de novo, depois da Libertação, com um actor desconhecido: Georges Mitsinkides. Durante muito tempo ela fora considerada uma rapariga leviana, infiel, caprichosa. Mas, com os quarenta anos os seus hábitos sofreram uma grande transformação. Mitsi, o actual marido, contribuiu para essa modificação. Não a larga um instante. Acompanha-a aos estúdios, escolhe os livros que ela deve ler, os discos que deve ouvir, e todas as suas distrações.

Não frequentam reuniões mundanas e vivem numa belíssima vivenda nos arredores de Paris.

### UMA VIDA NOVA

Célebre aos 14 anos e meio, em 1945 nin-

guém falava nela, até porque a acusavam de colaboração com o inimigo. Mas Danielle remou contra a corrente. Veio a ser a **Madame** de Renal no «Vermelho e Negro» ao lado de Gérard Philipe, e interpretou depois muitos outros filmes.

Mas agora Danielle Darrieux decidiu recomençar a sua vida como cançonetista. Conseguirá novos êxitos?



## AMANHÃ SERÁ TARDE

### PIERANGELI PROCURA NO PASSADO A FELICIDADE...

— Pouco me importa que os outros acreditem ou não — declara Maurizio Arena —, mas a verdade é que Anna Maria Pierangeli transformou completamente a minha vida. Sinto-me outro. Sinto-me tímido, embaraçado. Mas feliz, completamente feliz.

Estas palavras foram ditas oito anos e meio depois de Arena ter conhecido Pierangeli. Mas que são oito anos e meio na vida de um homem que acaba de encontrar a felicidade?!

Ninguém se esqueceu ainda do «Amanhã Será Tarde», um filme medíocre mas bem intencionado e, por isso mesmo, cheio de virtudes. A «estrela» principal era muito nova. Muito novo também era Maurizio Arena (dezasete anos). Mas havia já um ano que ele fugira de casa e era **barman** num grande hotel. Anna Maria era uma rapariguinha gentil, graciosa divertida. Refugiava-se no **bar** a conversar com ele e Maurizio preparava-lhe bebidas verdadeiramente infernais. Para ele, Anna Maria desempenhava o papel do primeiro amor. Maurizio observava-a cheio de timidez e sem ousar pedir-lhe uma ida ao cinema. Foi ela quem se lembrou de o convidar para um passeio.

E então ela perguntou-lhe:

— Porque não tentas o cinema?

— Com esta cara? — disse ele, que sempre tivera o complexo de ser feio.

Anna Maria insistiu. Mas entretanto partiu para a América e Maurizio ficou sózinho com as suas recordações. Todavia, Pierangeli deixara com ele um anseio: ser actor.

Durante dois anos frequentou uma escola de arte de representar e entrou em vários filmes como substituto de actores famosos, nas cenas mais perigosas.

Anna Maria visitou várias vezes a Itália e eles encontraram-se. Mas a vida separara-os, aquela felicidade dos velhos tempos morrera.

Certa noite encontraram-se por acaso na «Grotte del Piccione». Maurizio não se aproximou dela, tão diferente a achou. Por fim, perguntou-lhe: «Você é a Anna Maria?».

— Claro! Qual é a dúvida?

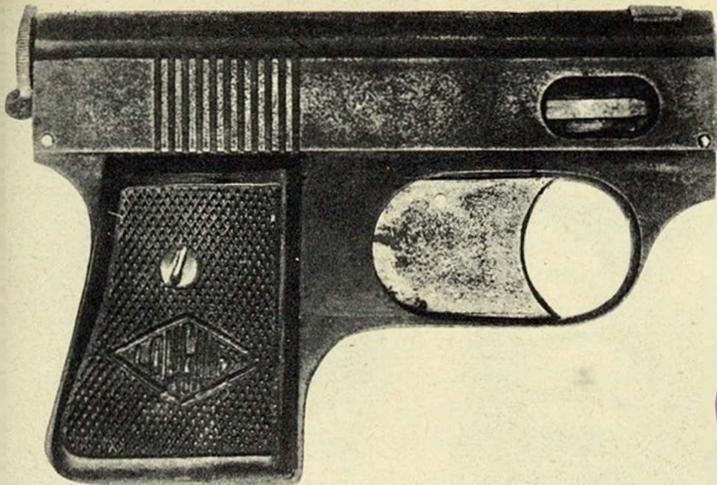
— Parece uma americana ...

Ditas estas palavras, Maurizio foi-se embora.

«Quando cheguei a casa — confessou Anna Maria — e me vi ao espelho tive uma estranha sensação. Seria eu ainda aquela Anna Maria que costumava refugiar-se no **bar** de Maurizio?».

No dia seguinte Anna Maria foi à procura dele. E de novo deram grandes passeios ao campo, almoçaram juntos.

«Decidiram casar-se»...



# O CRIME

## ao alcance de todos

### OS QUATRO BANDIDOS

O sargento Tom Blake pediu-me que o ajudasse nas investigações de um caso extremamente difícil.

Eis os dados fundamentais:

Quatro bandidos reuniram-se de noite (uma noite escuríssima) numa casota situada numa colina solitária. Exceptuando as grandes fendas, existentes na porta e na janela exposta ao Norte não havia qualquer ventilação. Não havia luz e só a Lua iluminava debilmente a janela, embora nenhum raio conseguisse penetrar no interior da casa. Os quatro bandidos entraram sorrateiramente na casa e sentaram-se à volta de uma mesa. Não se viam e não falavam. Comunicavam uns com os outros batendo com os nós dos dedos no tampo da mesa de acordo com um código previamente combinado.

De súbito ouviu-se um tiro. Seguiu-se uma confusão indescritível e três dos bandidos fugiram para o campo. Foi aí que o sargento Blake e quatro dos seus homens prenderam os fugitivos. Ele fora avisado da reunião mas não chegou a tempo de evitar a morte de Dan Dooley.

Interrogados os três sobreviventes com o auxílio do detector de mentiras pôde averiguar-se a verdade.

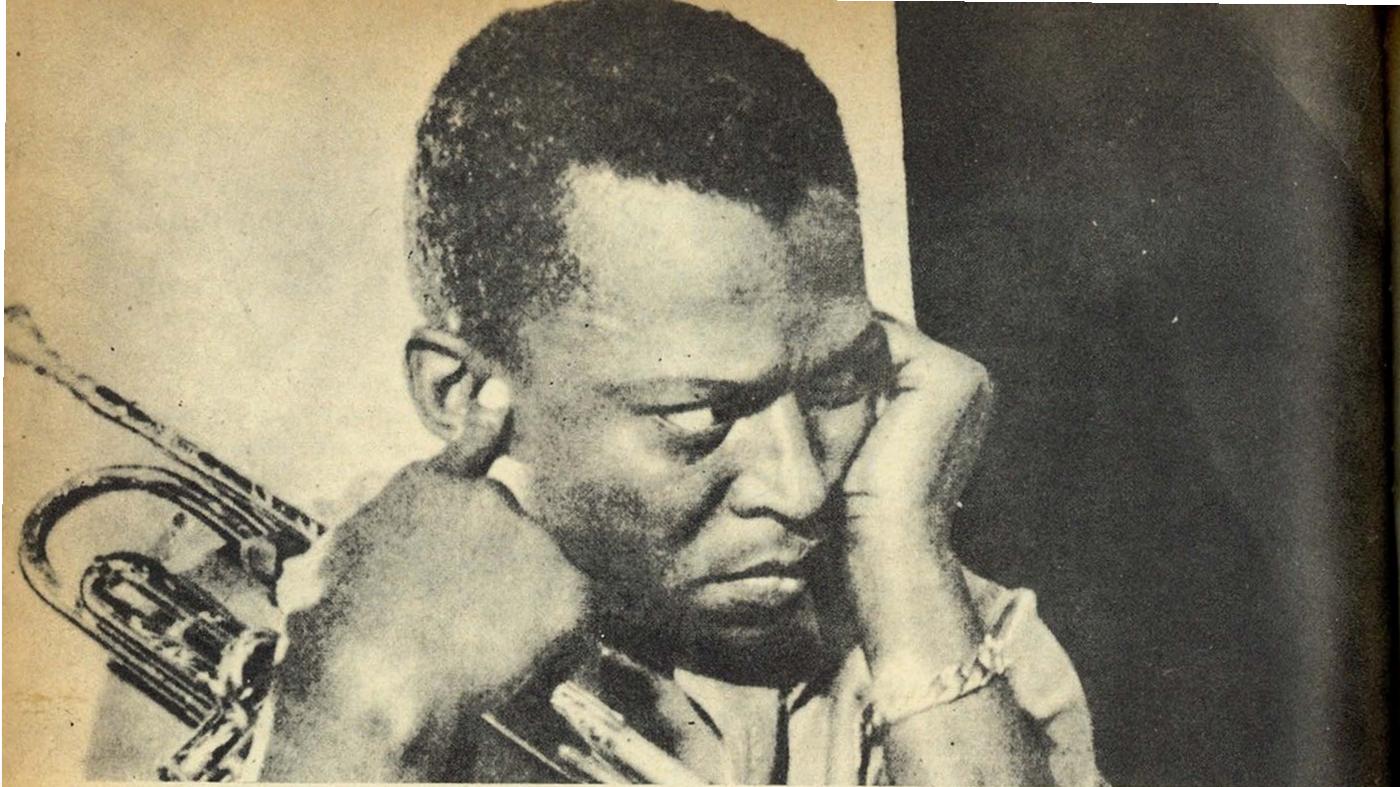
Ao que parece nenhum dos bandidos sabia onde se sentavam os outros, mas o bandido

que se encontrava em frente de Buzz Carpenter espirrou duas vezes. Steve Newson tinha a certeza de que o tiro fora disparado da sua direita. As quatro cadeiras estavam ocupadas quando o tiro foi disparado. O assassinado estava sentado perto de Gas German, porque caiu sobre este quando apañhou o tiro.

Todos estes elementos têm um valor muito reduzido, é certo. Em todo o caso eu pude concluir quem foi o criminoso. Saberá o leitor concluir também?

### SOLUÇÃO

Fu deduzi que o bandido que veio a ser assassinado estava em frente da janela iluminada, porque doutra forma o assassino não poderia ver e como a Lua nasce a Oeste ele estava certamente sentado da banda Leste da casa. Nesse caso o homem à sua direita estava sentado no lado Norte da janela (que tinha grandes buracos) e portanto expunha-se mais do que outro qualquer às correntes de ar. Era ele, certamente que espirrava. O homem que estava em frente do homem dos espirros era Buzz Carpenter que estava sentado ao lado da vítima. A declaração de Steve Newson de que o homem da sua direita foi quem disparou é indicativa de que Buzz Carpenter foi o assassino.



# miles davis

## ou o sofrimento improvisado

Enrolado sobre um tamborete, agarrando com força o trompete verde, com um olho fechado e outro fixando obstinadamente o microfone, assim passou Miles Davis, quase sem se mover, as três horas necessárias ao registo de uma fase do seu novo disco microgravado. A cena passava-se há alguns meses em Nova Iorque, nos estúdios da Columbia. Uma vulgar gravação de blues, como tantos outros, correndo os riscos fáceis da improvisação?

Talvez devido à luz crua dos estúdios, talvez por causa do próprio Miles, sempre um pouco irritante com o seu ar mortalmente enfatiado, as pessoas que ali se encontravam não tiveram, na altura, consciência de estar a assistir a uma das mais importantes gravações dos últimos tempos.

Aos trinta e três anos, Miles não cessou de impressionar e deslumbrar aqueles que o consideram o mais prestigioso representante do jazz moderno. Não que haja unanimidade à sua volta. Muitos acusam-no de, por volta de 1949, ter imprimido ao jazz uma direcção que reprovam. A esses, desdenhoso

como de costume, Miles responde: «Que me detestem e que vão para o Diabo».

Escutá-lo tornou-se, para os outros — os conquistados, os entusiastas — um mito quase religioso. Cada uma das suas pequenas gravações constitui um acontecimento; é portanto natural que o último, «King of blue», não tenha feito excepção à regra. Nele se encontra uma consagração de música de jazz, inseparável, a partir deste momento, de Miles Davis. Além disso, qualquer outra coisa se revela na sua obra, num sentido de cada vez maior aperfeiçoamento.

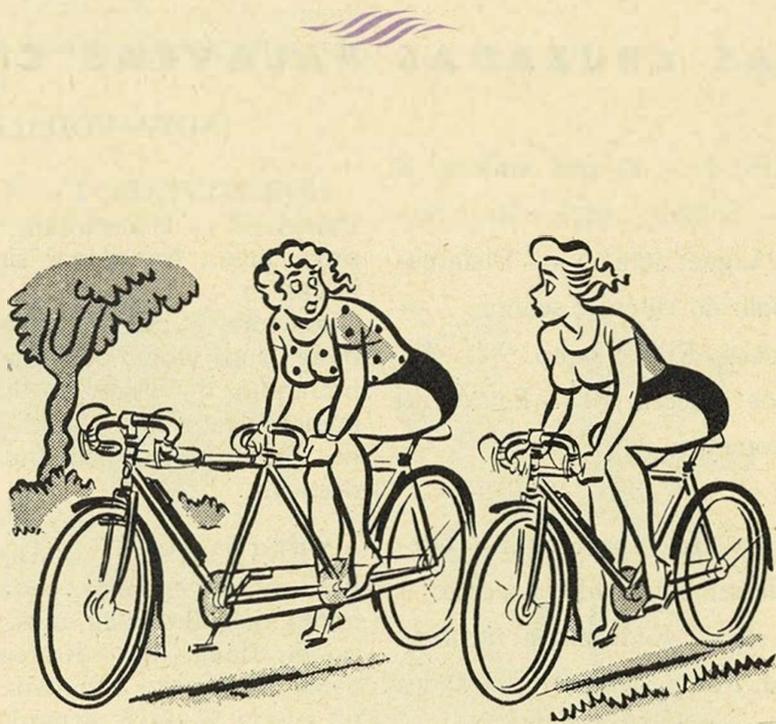
### UMA FORÇA SERENA

É interessante notar que as gravações recentes de Miles Davis, gravitam, cada uma delas, em volta do mesmo tema geral, criando um clima que se prolonga de uma ponta à outra do disco. Os textos interpretados parecem então vários capítulos de um mesmo livro, ou andamentos diversos de uma sinfonia. Assim «Milestones» vinha marcado de uma grandeza olímpica, «Miles Ahead» res-

cendia lirismo e sensibilidade. De «King of Blue» pode dizer-se que estamos em presença duma meditação pura, despida de qualquer ornamentação. Neste disco, Miles confirma a evolução que se esboçava no interior do seu estilo: aos tons vibrantes e apaixonados que lhe eram até agora característicos, substitui um jogo extraordinário contido, linear. Tudo é sacrificado a esta depuração. Os temas são de uma simplicidade rara no jazz contemporâneo: simples esquiços que servem de ponto de partida às improvisações. Sobre este fundo esquemático a **trompeta** de Miles destaca-se como uma força serena verdadeiramente notável. Nenhuma pressa, nenhuma precipitação, nenhum efeito procurado ou brilhante na maneira. O que se ouve é essa voz por vezes ferida, por vezes impassível, que escolheu os meios tons, as sonoridades veladas. Apreciar-se-á no seu máximo esta maneira meditativa e quase obsessiva de Miles na longa composição «Flamenco Sketches» um dos máximos da microgravação.

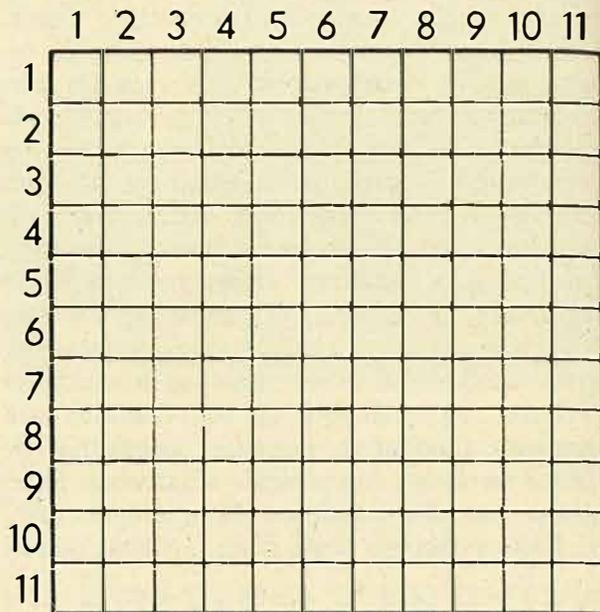
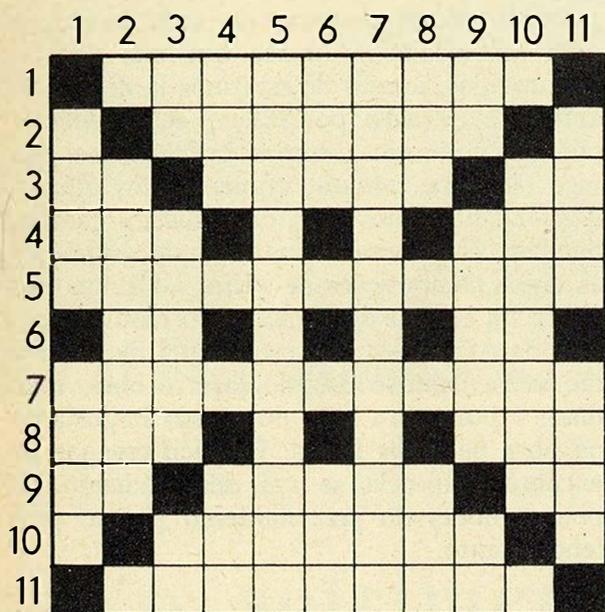
Indispensáveis, neste disco, ao lado de Mi-

les os dois saxofonistas Julian «Carmonball» Adderley no «Alto» e John Coltrane no «Tenor». O pianista Bill Evans e um grupo rítmico composto por Paul Chambers e James Cobb. A associação Davis-Coltrane-Adderley não é recente mas nunca, como agora, foi tão frutífera. John Coltrane continua espantoso. Mostra-se aqui de uma lucidez e uma sobriedade de meios que nos deixam confundidos, apesar de estarmos já dentro do ambiente criado por Miles. «Carmonball» põe a sua técnica sempre brilhante ao serviço da obra comum: ergue-se sem dificuldade ao nível dos seus dois ilustres companheiros. Improvisadas na sala de gravações as cinco composições de «King of Blue» são pois uma espécie de homenagem rendida pelo jazz de Avant-Garde a esta trama harmónica tão velha como o próprio jazz: o **blue**. Este disco é por outro lado um passo importante na obra de Miles Davis. É difícil escapar ao encanto que dela se vai desprendendo. E poucas obras do jazz moderno podem pretender tanto.



— Faz-me pena deixar em terra os rapazes que pedem boleia!

# passatemp



## PALAVRAS CRUZADAS

**HORIZONTAIS:** 1 — O que amassa. 2 — Repetes. 3 — Soletra; um e outro; Sua Majestade. 4 — Ligue; sete. 5 — Disfarçariam. 6 — Símbolo do ruténio; senhor. 7 — Incomportáveis. 8 — Rilho; santo. 9 — Artigo def.; sobrepõe; íntegra. 10 — Estado do Brasil. 11 — Promessa.

**VERTICAIS:** 1 — Içar; partirás. 2 — Perenes. 3 — Arrieira; entornado; aspecto. 4 — Patroa; ergo. 5 — Reduzem a menores termos. 6 — Pref. que designa inferioridade; actuei. 7 — Venerariamos. 8 — Entregas; rio da França (pl.). 9 — Aqueles; tenhas em mira; boa. 10 — Fecharias as asas para descer. 11 — Magistrado administrativo judicial e fiscal entre os mouros; fazes-te ouvir.

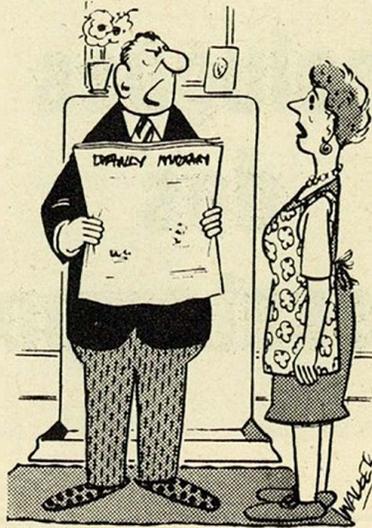
## PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

**HORIZONTAIS:** 1 — Casa; maior. 2 — Partido. 3 — Dialecto ant. do N. da França; pron. pess.; transitava; siga. 4 — Horripilantes. 5 — Pref. desig. ar; possuir. 6 — Cinquenta e cinco (romanos); rela; pref. desig. duas vezes; nome de letra. 7 — Parti; batráquio. 8 — Enseada. 9 — Ruim; catedral; nome de letra (pl.); pref. desig. proximidade. 10 — Nome de fruta. 11 — Graça; doença.

**VERTICAIS:** 1 — Diz-se; gosto. 2 — Espécie de craveiro pequeno. 3 — Anel muito delgado; nota mus.; 600 (romanos); rio de Itália. 4 — Rasteiros. 5 — Iniciais pelas quais eram designadas as nossas tropas na guerra 914-918; acusado. 6 — O lado do vento; distar; alto aí; lobriguei. 7 — Braço de rio; claridade. 8 — Dos tempos passados. 9 — Por outra forma; pron. pess.; género de palmeiras; gia. 10 — Humilhara-se. 11 — Porém; composição poética dividida em estrofes simétricas.

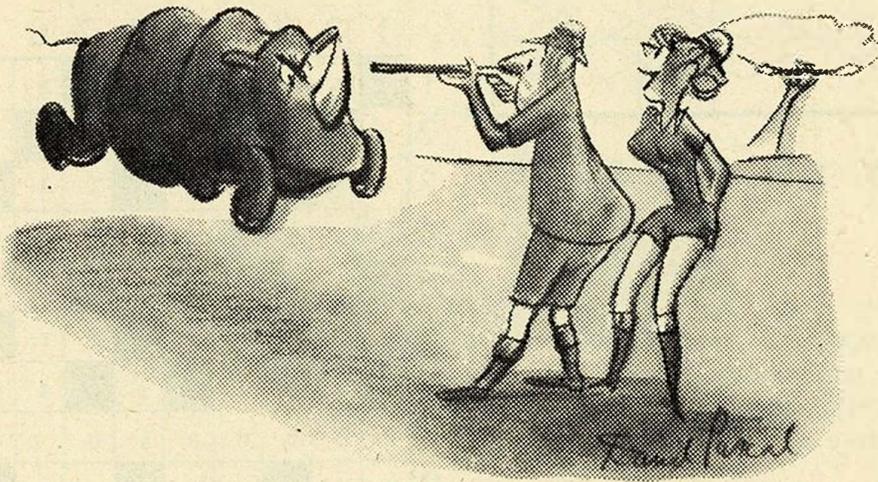
dor,	ja	fece.	num	zen	to.	o	vaira
delei	foge	fa	Se	re	des	do	encar
mal	E	nos	ção	mor	ta	meu	po
	á		a		e o	que	
nos	ta	+	sem	da	++	nos	guer
	num	tudo		es	to.		
xa	dade,	++	que	cora	+	no	ce.
sós		quece			o	a	Tu
mo	do	um	na	alen	que	as	Que
		dia,	vi			mãos	
seja	dei	ce,	to,	men	ce,	do	vai
			Tam			es	
Tu	men	senti	nos	que	bem	to	em
					se		pre



## SALTO DE CAVALO

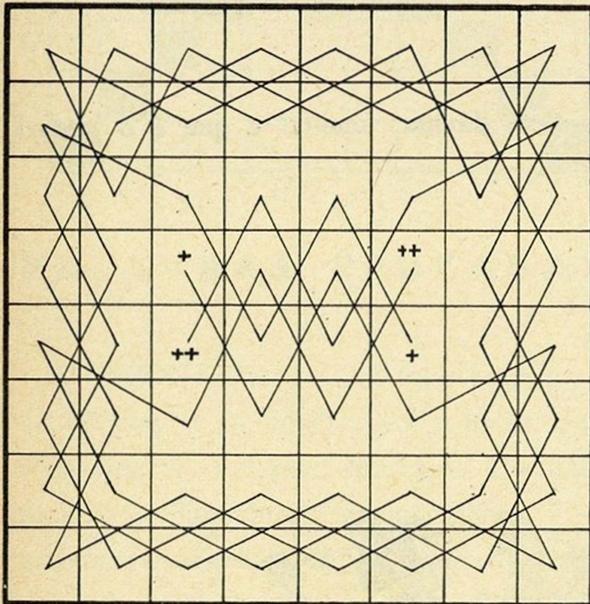
Percorrendo o tabuleiro a salto de cavalo, partindo das casas marcadas com + e terminando nas marcadas com ++, encontraremos, além de um desenho perfeitamente simétrico, as duas quadras de um soneto de Florival de Passos.

— Sem dúvida, amo-te! e que é o jantar!



— Até parece a cara do papá quando descobrir que fugimos os dois!

# soluções dos passatempos



## SALTO DE CAVALO

### SOLUÇÃO

Tudo na vida esquece. Tudo esquece.  
Tudo nos foge num desvairamento.  
Seja maldade, seja sentimento  
Que nos encanta e o coração aquece.

O amor, que nos deleita num momento,  
Também se vai no tempo que o arrefece.  
E a dor, fazendo erguer as mãos em prece,  
Nos deixa sós, um dia, sem alento.

## PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1		A	M	A	S	S	A	D	O	R	
2	A		A	M	I	U	D	A	S		A
3	L	E		A	M	B	O	S		S	M
4	A	T	E		P		R		V	I	I
5	R	E	F	O	L	H	A	R	I	A	M
6		R	U		I		R		S	R	
7	I	N	S	O	F	R	I	V	E	I	S
8	R	O	O		I		A		S	A	O
9	A	S		A	C	A	M	A		S	A
10	S		A	L	A	G	O	A	S		S
11		P	R	O	M	I	S	S	A	O	

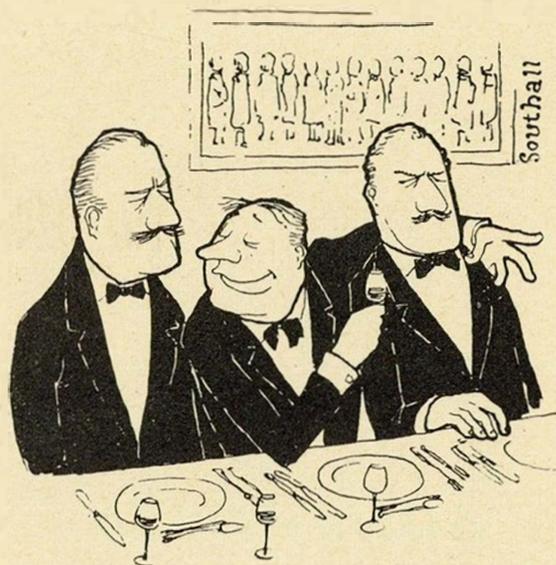
## PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

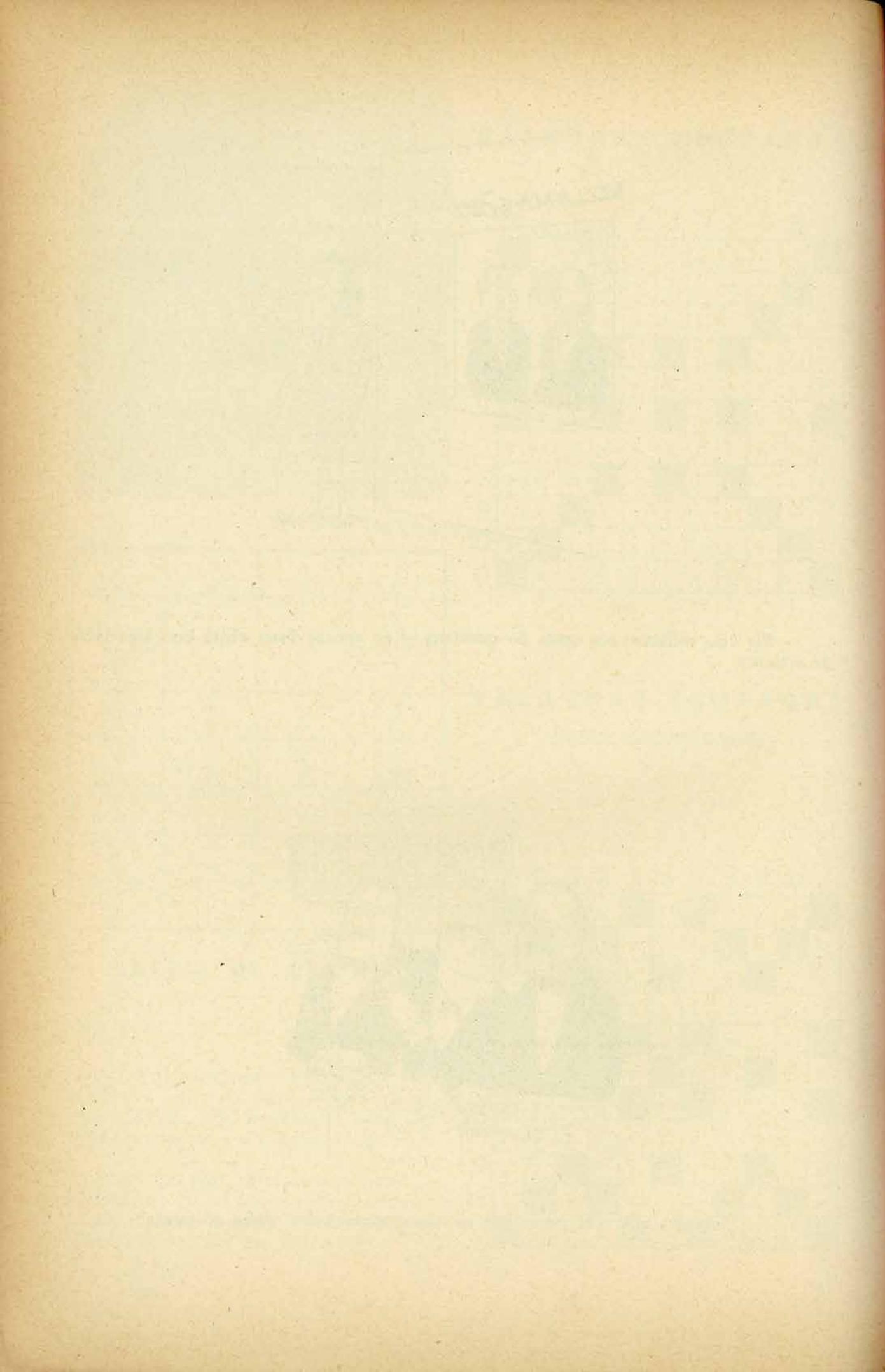
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1		L	A	R		L		M	O	R	
2	S		I		G	O	R		U		M
3	O	C		T	E		I	A		V	A
4	A	R	R	E	P	I	A	N	T	E	S
5		A	E	R		R		T	E	R	
6	L	V		R	A		B	I		G	E
7		I	D	E		T		G	I	A	
8	A	N	C	O	R	A	D	O	U	R	O
9	M	A		S	E		I	S		A	D
10	O		P		U	V	A		R		E
11		D	O	M		I		M	A	L	



— Ela veio reclamar por causa do «soutien», e eu apenas disse: «Está bem faça favor de o tirar».



— Suponho que você pensa que eu não costumo beber vinho ao jantar!



RICHARD LLEWELLYN

O VALE ERA VERDE



ALMANAQUE

TITULO ORIGINAL  
HOW GREEN WAS MY VALLEY

*Copyright 1960 by*  
RICHARD LLEWELLYN



1960

GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
LISBOA

Depois de semanas de insistente propaganda, Davy conseguiu o que desejava e as suas ideias alastraram-se por todos os vales. Todos os jovens agora faziam parte da organização; os homens velhos, como meu pai, afastaram-se.



Davy discutia com meu pai muitas vezes prolongadamente, mas por fim desistiu. Sabia que conquistaria para as suas ideias a maior parte dos velhos se conseguisse demover o pai; por isso tanto diligenciou convencê-lo.

— Não, Davy — disse, uma noite, meu pai. — Nunca concordarei com vocês. Resolverei os meus problemas particulares à minha maneira. Não quero o auxílio de seja quem for.

— Mas, meu pai — argumentou Davy — o pai era quem nos representava na última greve. Onde está a diferença?

— A diferença era que sabíamos o que queríamos e podíamos apresentar o nosso programa. Ele dizia respeito a todos e por isso aceitei quando me elegeram representante dos trabalhadores.

— Mas é esse precisamente o nosso objectivo — disse Davy. — Apresentarmos as nossas reivindicações e apoiá-las unânimemente.

— Começa aí o nosso desacordo. Vocês são todos uns dez-reis de gente embriagados com as vossas exigências, como lhes chamam. Ora eu sou contra tudo que possa classificar-se de exigência. Onde ela está, a razão não existe, e onde não existe razão não há sentido. Quanto ao vosso apoio, ou lá como lhe chamam, é alguma coisa útil?

— Unânimemente, meu pai — ripostou Davy —, significa todos à uma; a sua utilidade consiste em obrigar os proprietários a concederem-nos salários justos.

— Unânimemente — pronunciou meu pai destacando as sílabas. — Sim, soa ao que corresponde. Uma série de idiotas que não sabem pensar por si próprios. E os que pensam e falam por eles, têm línguas compridas e cabeças ocas. As línguas enchem-lhes as cabeças. Conheço-os bem.

— Então sou eu um desses — disse Davy.

— Serás realmente? — ironizou meu pai. — Haja o que houver, eu não. E está o caso arrumado.

— Um dia chegará, meu pai — declarou Davy — em que será também um deles.

— Quando esse dia chegar — concluiu meu pai — pensaremos nisso.



Ivor desde o princípio participava das ideias de meu pai. Davy não conseguiu convencê-lo e essa foi a razão da sua desavença. Pelo mesmo motivo, Davy cortou as relações com Bronwen.

De facto, durante algum tempo a nossa pensão albergou um grupo um tanto ou quanto homogéneo; meu pai procedia como o proprietário de uma pensão, os meus irmãos tudo faziam para ignorar tal qualidade e reconhecerem-no como pai e a minha mãe envidava todos os esforços para os manter unidos.

Os proprietários da mina deviam ter compreendido que meu pai se opunha à ideia da união, porque logo em seguida à morte de Rhys, o velho superintendente, ofereceram o lugar a meu pai, que o aceitou. O cargo de meu pai aproximou-o do administrador; ganhava agora muito mais e tornou-se um dos homens de maior prestígio da aldeia.

Mas os homens julgaram que ele tomara o partido dos proprietários e esse facto produziu-lhe uma mágoa mais profunda do que a sua desavença com Davy. Desgostava-o

que alguém pudesse admitir ser ele uma pessoa desleal, mas não lhe era possível combater essa opinião, nunca exposta claramente perante ele.

Muitas vezes ouvi-o, à noite, trocar impressões com minha mãe a esse respeito. Minha mãe estava sempre disposta a animá-lo e a torná-lo feliz, mas não dependia dela que ele o desejasse. Dependeria agora mais dos companheiros, que já não o procuravam como antigamente. Meu pai notou essa diferença de atitude desde o dia em que o seu nome fora afixado no quadro como superintendente.

Nos primeiros dias os companheiros limitaram-se, quando passavam por ele, a levarem a mão ao boné num mero gesto de cortesia. Quando, mais tempo passado, os homens continuaram a passar por ele sem se lhe dirigirem, a não ser em assuntos de serviço, compreendeu que o consideravam um traidor. Minha mãe falou com Davy acerca do assunto, quando viu que ninguém se dirigia a Ivor a contar-lhe.

— Davy — dirigiu-se-lhe. — Que se passa com o teu pai?

— Ora, mãe — respondeu Davy, e ele compreendia, sem dúvida, no fundo, a razão da pergunta da mãe —, é que toda a gente estranha que ele tivesse sido nomeado superintendente quando se sabe que é meu pai.

— Encontras nisso alguma coisa de estranho? — perguntou a mãe com a faca suspensa sobre a torta que estava a cortar.

— Porque sou seu filho e vivo na mesma casa. Eu personifico a rebelião contra os proprietários e o pai tem umas ideias reconhecidamente opostas às minhas. Por que o escolheram, e não Tom Davies ou Rhys Ilowell? Ambos são velhos, embora incapazes de exercer melhor o cargo que o pai, isso é verdade. Parece que a escolha do nome do pai para o cargo teve o intuito de me insultar e ao pessoal que me acompanha.

— Isso é de idiotas — explodiu minha mãe pousando os pratos ruidosamente. — Vocês parecem garotos. O teu pai procedeu sempre com lisura e no mais recto caminho da honestidade. Não há carácter mais nobre em toda a região. Que feliz me consideraria se vocês tivessem sempre os seus sentimentos!

«Podes dizer a esses loucos que teu pai está agora tanto ao lado deles como esteve sempre. Um dia chegará em que o possa provar.

— Os camaradas terão de esperar por esse dia, minha mãe, receio muito. Até lá é inútil tentar convencê-los. E a propósito: a mãe prestará um grande serviço a Ivor se o avisar de que a sua vida corre perigo se ele continuar a expressar-se tão estupidamente como o tem feito. Faria melhor fechar a boca para eu não me ver obrigado a fechar-lha à força.

— Davy Morgan — verberou minha mãe —, como podes referir-te ao teu irmão nesses termos? Realmente nunca pensei ouvir semelhantes palavras saírem da tua boca. Se alguma coisa de nefasto acontecer a Ivor por cumprir o seu dever ao lado de seu pai, amaldiçoar-te-ei até ao último alento da minha vida.

— Minha mãe, minha mãe — exclamou Davy levantando-se para a abraçar, mas ela esforçava-se por afastá-lo. — Não sou inimigo de Ivor, apenas o aviso. Os homens são maus e muitas vezes perigosos.

— Se Davy não tivesse posto em acção toda a sua energia — informou Owen — ambos teriam sido atirados da ponte há dias.

Minha mãe ficou estática. No seu rosto formaram-se novas rugas e os seus olhos dilataram-se por virtude de um sentimento misto de inquietação e terror.

— É assim o carácter dessa gente? — murmurou ela. — Oh, Davy, meu pequeno, pensei que tudo isto não passava de palavras!

— Não, minha mãe — disse Davy beijando-a. — A situação desta vez é muito séria. Os homens, a bem ou a mal, querem obter o que desejam e passarão sobre quem quer que lhe tolha o passo, seja meu pai ou não. Esboça-se um movimento grevista com o fim de impor um outro superintendente que irá ocupar o lugar do pai.

— E tu permitirás semelhante arbitrariedade? — perguntou minha mãe.

— Que significo eu perante vinte mil homens ou mais? — respondeu Davy.

— Vinte mil? — inquiriu, e o brilho dos seus olhos avivava-se e apagava-se sucessivamente enquanto o número provável de homens ocupava o seu espírito.

— Vinte mil, sim, mamã — confirmou Davy tristemente —, e dentro de pouco tempo serão talvez cem mil.

— Oh Davy, meu pequeno — lamentou a mãe sentando-se na velha cadeira do fogão —, que será de ti? Que trabalhos e complicações terás originado?

— Um nunca acabar deles, mãezinha — disse Davy beijando o olhar —, e é apenas o princípio.

— No princípio era o Verbo — disse Owen, e a sua voz soava de uma forma que comovia —, e o Verbo era Deus e o Verbo estava em Deus.

— Já estamos atrasados — afirmou Davy depois de consultar o relógio. — Mãezinha, nada acontecerá ao pai ou a Ivor se estiver na minha mão impedi-lo. Nada mais posso dizer.

Beijou-a e fez sinal aos outros para que o seguissem. Depois de eles partirem minha mãe olhou de frente para mim.

— Huw, nada digas a teu pai a respeito do que ouviste.

— Sim, minha mãe.

— Vem cá. Sabes onde se reúnem os homens à noite?

— Sei sim, minha mãe. Perto do campo do Jones, o sacristão.

— Oh, já sei. É lá em cima, não é? Então ouve com atenção. Huw. O teu pai hoje trabalha até tarde. Acompanhas-me lá acima. Mas nada digas. Prometes?

— Sim, minha mãe — respondi e a minha alma confrangia-se só de ver a transformação que se operara no seu rosto.

— Então está assente. Angaharad e Ceridwen não devem demorar-se. Nem uma palavra, meu pequeno.



Conservei-me deitado uns três quartos de hora, com a cortina corrida, até as minhas irmãs se deitarem. Logo que elas adormeceram, ouvi minha mãe abrir o armário, tirar dele a sua capa e a sua touca, e o ruído do papel que as embrulhava. Depois afastou a cortina e dirigiu-se-me escondendo a luz.

— Huw, estás a dormir?

— Não, minha mãe.

— Custa-me fazer-te levantar do quente — disse minha mãe quase em lágrimas. — Dorme, meu filho, cá me arranjarei sem ti.

— Não pense nisso, mãezinha. Poderia cair no rio.

— Sim, de facto, também pensei nisso. Passo tanto tempo em casa que talvez me perdesse, mesmo só até à capela.

— Espere um bocadinho que eu me vista, mãezinha. Levo-a lá em pouco tempo.

— Vem então, meu filho — concordou minha mãe, dando-me as calças. — Na verdade há em ti muito de teu pai.

— Bom — respondi eu, e minha mãe sentou-se a sorrir.

Vesti-me e saímos pela porta do quintal e pelo caminho das traseiras até aos fundos da casa de Dai Ellis, o cocheiro. Pela ponte de madeira atravessámos o rio, que estava gelado e cheio até o máximo das margens. O Inverno estava quase terminado, mas o frio ainda era intenso e a neve não demoraria a cair; de facto naquela noite eu sentia-lhe o cheiro e um sabor acre que me dava a sensação de queimadura, principalmente no nariz.

— Tem cautela agora, Huw — recomendou minha mãe ao atravessar as pranchas. — És tão pequeno que podes escorregar. Dá cá a tua mão.

Agarrei na mão de minha mãe e continuámos a subir, eu debaixo da sua capa e apenas com a cara de fora para poder ver o caminho.

Não me interessava a razão da atitude de minha mãe. Não me lembro de ter perguntado a mim próprio o fim que ela se proporia. Mas sentia o calor dela à minha volta e ouvia a sua voz em tom baixo, quando o caminho mais plano permitia que ela falasse.

Estava agora mais escuro porque passávamos por debaixo de árvores e o céu apresentava-se tão negro que não nos era possível observar as elevações e podíamos enxergar o caminho que seguíamos, apenas por ser mais escuro que a erva dos lados. Batia no chão duro com as minhas botas cardadas e por vezes arrancava por este processo pequenas faíscas e divertia-me com o exercício até que minha mãe me impediu de continuar.

— O calçado custa dinheiro — preveniu minha mãe com a respiração a congelar-se em frente da sua boca. — Levanta os tacões. Pareces um isqueiro.

Quando chegámos ao alto da montanha parámos algumas vezes para que minha mãe descansasse, mas ela não desanimava. Não havia memória de minha mãe retroceder quando se metia em qualquer aventura.

Mesmo quando a neve começou a cair, ao sairmos da protecção das árvores, ela se manifestou por palavras, embora me agarrasse mais fortemente. Pouco tínhamos andado quando começou a nevar tão abundantemente que parecia que caminhávamos sob uma chuva de farrapos de papel; eu, porém, conhecia bem o caminho e nem uma vez parámos hesitando.

— Tens a certeza de irmos por bom caminho? — perguntou minha mãe deixando, ao mesmo tempo que se curvava, cair a neve da sua touca em cima de mim.

— Sim, mãezinha — respondi, surpreendido com a pergunta. — Se não tivesse a certeza dir-lhe-ia.

— Isso é que é falar — tornou minha mãe. — Vamos então, Huw.

Proseguimos na subida, mas minha mãe estava cansada e apoiava-se agora em mim. Sentia-me orgulhoso por ser seu guia e seu apoio. Poderá imaginar-se a minha satisfação quando avistei as fogueiras, a pouca distância do sítio mais baixo onde estávamos, que pareciam grandes flores vermelhas através das sombras tempestuosas e movediças da neve, que assobiava ao cair e rangia debaixo dos nossos pés.

— Chegámos, mãezinha. Ali estão eles. Olhe!

— Já vi, filho. Não falemos agora.

Passámos por duas das maiores fogueiras; quando nos aproximámos mais, vi que estávamos em cima da rocha e que havia mais fogueiras no campo, à volta das quais estacionavam os homens.

Precisamente à nossa chegada, alguém tinha acabado de falar e descia nesse momento.

— Depressa — disse minha mãe —, ajuda-me a subir até lá.

Realmente, a minha surpresa naquele dia excedeu tudo o que eu até aí teria podido considerar surpresa. Minha mãe trepava pelo rochedo arrastando a capa na neve. Quando chegou ao ponto mais elevado virou-se para olhar para mim.

Com dificuldade ouvia as suas palavras porque ainda duravam os aplausos dedicados ao último orador.

— Huw — gritou ela fazendo das mãos porta-voz. — Espera aí por mim.

— Está bem, mãezinha — respondi; e observei o seu andar cauteloso até o rochedo onde o último homem estivera a falar.

O silêncio estabeleceu-se quando a assistência a viu ali de pé, mas não era possível ver de quem se tratava por causa da neve e pelo fumo das fogueiras.

Os homens mais próximos do rochedo compreenderam tratar-se de uma mulher e comunicaram-no aos que estavam mais à retaguarda, mas apenas conseguiram ver que

era alguém que se cobria com uma capa. O seu rosto estava oculto pelo regalo para se defender da neve.

Corri e dei uma volta em frente do rochedo com a intenção de ver o que ela pretendia fazer, mas quando cheguei, ela afastava o regalo e começava a falar. Alguns homens aproximaram-se para ver de quem se tratava mas quando ouviram as suas primeiras palavras estacaram.

— Sou Beth Morgan — começou minha mãe, e a sua voz tinha um timbre grave e sonoro como a de um homem. — Vim até aqui para dizer-lhes o que de vós penso, pois chegaram ao meu conhecimento as infâmias que andam a propalar a respeito de meu marido. Duas coisas me repugnam: os piolhos e os que, na ausência das pessoas, as difamam. Deste modo estão esclarecidos acerca do que penso de vocês.

Os únicos rumores que se ouviam no momento em que minha mãe fez a pausa era o estalar da madeira a arder e o cair da neve.

— Vós sois um bando de cobardes quando insultam o meu marido pelas costas — continuou a minha mãe com voz retumbante. — Ele nunca os prejudicou nem os prejudicará, e vocês sabem-no muito bem. Ele é agora superintendente da mina porque essa foi a recompensa do seu trabalho aturado, e não da sua traição. Imaginar o contrário é mais que tolice, é maldade rematada. É-me difícil admitir que alguns de vocês possam sentar-se a seu lado na capela sem se sentirem víboras. Mas fiquem bem certos de que se meu marido for vítima de qualquer atentado hei-de descobrir os seus autores e morrerão às minhas mãos. Isso juro por Deus. E estou certa também de que não irei para o Inferno. Por matar piolhos ninguém é condenado às penas infernais.

— Minha mãe — disse Davy, do lugar onde estava.

A minha mãe voltou-se ao ouvir a voz dele, mas a princípio não o pôde distinguir.

— Não sou mãe de uma pessoa que anda misturada com esta gente. O senhor é um piolho idêntico aos que o acompanham. E se seu pai for vítima deste bando será o senhor o primeiro que liquidarei.

Davy avançou para se aproximar da nossa mãe, mas ela afastou-se e começou a descer com dificuldade o rochedo. Corri para a amparar e Davy ficou no alto em observação. Os homens murmuravam entre si, e se alguma vez ouvi a voz da vergonha foi nessa noite enquanto minha mãe descia a chorar.

Mas somente compreendi que chorava quando, depois de ter dado alguns passos, tirou a minha mão do regalo para poder limpar os olhos.

— A mãezinha mataria aqueles homens?

— Sim, meu filho, matá-los-ia a todos.

— Mas o pai diz que vem na Bíblia: «Não matarás».

— O que consta da Bíblia e a realidade são coisas diferentes. Mas se alguma coisa violenta acontecer a teu pai cumprirei a minha palavra. Agora a conversa está terminada e vamos para casa. Tens frio?

— Não, mãezinha. A não ser nos pés, que estão como pedras.

— Huw, meu querido — disse minha mãe, e estacou —, anda cá. Levar-te-ei ao colo.

— Não, mãezinha — disse eu, comovido —, não quero. Posso ir pelo meu pé. Venha. Eu indico-lhe o caminho.

— É tal qual uma mula velha. Vai então à frente. E toma cuidado. É que não consigo ver nada diante de mim.

A neve caía agora com mais força e nós estávamos ainda em terreno de pastagem; a neve e o vento batiam-nos em cheio e a escuridão era espessa. Seguiu o caminho por tacto, apenas guiado pelo declive do terreno e pelo som da terra sob os meus pés, vibrante nuns sítios e surdo noutros, e continuávamos a descer, a minha mãe inclinada pesadamente sobre mim e a parar muitas vezes para descansar.

O vento manifestava-se neste momento em autênticos gritos como se fosse uma pessoa aflita e seguíamos agora mais depressa porque tínhamos alcançado as árvores,

mas também mais penosamente porque a neve caída dos ramos formava montes que nos forçavam a levantar mais os pés, que mergulhavam na neve espessa até atingir o solo.

Antes de alcançar a ponte caí num grande monte de neve e, logo a seguir, minha mãe também caiu por cima de mim quando pretendeu levantar-me. Eu estava com a cara mergulhada na neve e sentia-a tentando levantar-me, mas a verdade é que quanto mais esforços fazia mais eu me enterrava na neve, procurando não deixar de respirar. Devo ter perdido então o conhecimento das coisas porque quando despertei, estava no colo de minha mãe, sentada na neve, olhando aflita para mim.

— Huw — disse ela.

— Que é, mãezinha? — respondi, com as lágrimas a rebentarem-me dos olhos, mas fazendo esforços para me conter.

— Estás magoado? — perguntou ela com voz aflita.

— Não, mãezinha, o que tenho é muito frio.

— Vamos embora então — volveu ela, e tentou levantar-me, mas caiu de costas.

— Consegui pôr-me de pé, sem grande convicção, pois sentia-me vacilar, quase a cair novamente. Mas minha mãe necessitava da minha ajuda, por isso fiz das tripas coração, dirigi-me a ela e agarrei-lhe na mão.

— Vamos, mãezinha, um esforço... de pé.

— Hem... de pé? E quem não estava há pouco de pé pregando um susto à sua mãe?

— Não tive culpa, mãezinha. Foi a neve.

Minha mãe cingiu-me de encontro a si e apertou-me com tanta força que quase me não deixava respirar.

— Huw, meu querido, a tua mãe chegou a pensar que ficavas metido na neve. Ficaremos os dois se não nos conseguirmos safar dela. Vamos tentar libertar-nos.

Apanhei a sua touca enquanto ela ajeitava a capa e abri caminho com a maior prudência possível para alcançar a ponte.

Perto da ponte a neve, que o vento impetuosamente atirava contra nós, era tão espessa que nada através dela se podia ver.

Já sobre a ponte só me foi possível atravessá-la agarrando-me à guarda de madeira com uma das mãos enquanto minha mãe me apertava a outra. Durante a travessia o vento não deixou de nos fustigar com a maior violência. Já do lado de lá da ponte, apenas por conjecturas podíamos prosseguir. Estava convencido de que conhecia muito bem o caminho, mas a escuridão era de tal natureza que depois de caminharmos alguns minutos os meus pés tocaram em pedras e compreendi que se déssemos mais um passo cairíamos no rio.

— Lamento ter de lhe dizer, minha mãe, mas já não sei por onde vamos.

— Está bem, querido, fizeste o que te foi possível. Que te parece que devemos fazer?

— Julgo que estas pedras significam que estamos perto da capela, mãezinha; creio que se atravessássemos aqui iríamos ter a casa do carnicheiro, o Morris.

— Pronto, então seguimos, Huw; aqui és tu quem indica o que devo fazer.

Estas palavras fizeram nascer em mim um tal orgulho, que seria capaz de me meter em qualquer aventura por mais arrojada que fosse. Infundiram-me tanta coragem que me lancei na direcção que presumia fosse a melhor, com tal entusiasmo que esqueci as condições precárias em que nos encontrávamos.

Mas se eu me sentia confiante, o mesmo não acontecia com minha mãe.

Depois de termos percorrido quase metade do caminho pedregoso pesando cada vez mais sobre o meu ombro, com a respiração opressa, levou as mãos ao peito e caiu de frente, ficando imóvel sem ter soltado um único grito, pronunciado uma só palavra.

Fiquei possuído de um pavor imenso. Aquela mancha negra na neve aterrorizava-me. Mas ao lembrar-me da responsabilidade que as suas anteriores palavras sobre mim tinham lançado, compreendi que o que tivesse de ser feito teria de ser por mim.

Que fazer? Se fosse buscar o meu pai talvez não fosse capaz de dar com o sítio em que a minha mãe estava. Se não me movesse dali, talvez ela morresse de frio. Durante o tempo que estive a pensar no que deveria fazer conservei-me ajoelhado a seu lado sacudindo a neve que a cobria, enraivecido com cada punhado como se fosse coisa viva, odiando aquela neve fria e cruel.

Lembrei-me então dos meus irmãos. Não tardaria muito que estivessem de regresso e deveriam passar pela ponte. Se eu conseguisse levar minha mãe para perto da ponte alguém nos encontraria.

Decidi agir. Mas a minha mãe era muito pesada para mim. Tentei, mas os seus braços não ajudavam e caíam quando eu procurava levantá-la pelos ombros. Não me parecia próprio puxá-la pelas pernas como teria feito com um rapaz. Chorei então de raiva por me sentir tão débil e desejava que a neve fosse qualquer coisa a que eu pudesse lançar-me às dentadas.

Por fim, ajoelhando-me na neve e passando os braços à volta da cintura de minha mãe, rastejei na direcção da ponte, arrastando-a pelo caminho.

O tempo parecia-me uma eterñidade e invoquei o auxílio de Deus para salvar minha mãe; a minha prece deve ter sido ouvida e atendida, pois não posso compreender como me foi possível ter forças para tanto.



Dei por ter alcançado a ponte quando os meus ombros tocaram no parapeito. Pus minha mãe ao abrigo do pilar e fiz esforços para a sentar apoiada nele. Ela porém, de boca aberta, ainda se encontrava desmaiada. Então senti que as minhas pernas estavam sem forças para me conservar de pé. Rastejei então para atingir o meio da ponte, raspei a neve até encontrar as tábuas e ter a certeza de que me encontrava no caminho que alguém trilharia quando passasse a ponte. Depois arrastei-me para junto de minha mãe, que tinha escorregado para um lado e por pouco não caíra no rio. Reuni as poucas forças que me restavam para a fazer voltar à anterior posição, mas não me foi possível: ela era muito pesada e eu estava enfraquecido. Quando reconheci inevitável a queda de minha mãe ao rio compreendi que só havia uma resolução a tomar: conservei-a estendida com o peso do meu corpo e depois, por cima dela, deixei-me escorregar para o rio. Sabia que naquele sítio a água só atingia a minha cintura pois fora ali que eu aprendera a nadar.

Mas agora chegava ao meu peito e estava tão fria que tive a impressão de que ficara imobilizado e fiquei sem poder respirar uns minutos. Com a cabeça apoiada no seu corpo e segurando-a pelo queixo e pela perna conservava minha mãe em condições de não escorregar. O meu medo era que as minhas pernas fraquejassem, pois não estava de pé mas sim ajoelhado sobre as rochas e o gelo feria-me o queixo.

Minha mãe continuava sem conhecimento. Não faço a menor ideia do tempo que durou esta situação até que vi a luz de uma lanterna perto de mim na densa escuridão. Tentei gritar mas não me foi possível no momento; a loucura que se apoderou de mim por ter aquela luz junto de nós, por poder conduzir minha mãe a casa, to-lheu-me a garganta. Quando o consegui não reconheci a minha voz. Era um som inumano. Toda a raiva de uma pessoa presa de uma dor superior à sua capacidade estava explícita no som que saiu da minha garganta e que atraiu a atenção do portador da lanterna para junto de nós.

Tratava-se de Davy, mas a força que me restava só me permitiu ver o tom azulado da sua cara iluminada por uma luz amarelada, o brilho dos seus olhos e a sua mão em frente da lanterna como protecção. Depois caí no gelo quando ele a tomou nos braços.

Huw, Huw! — Ouvi-o gritar e chorar ao mesmo tempo. — Huw!

**D**EI por mim na cama e vi nas almofadas das portas o reflexo avermelhado da luz do candeeiro. É estranho acordar com a sensação de não saber se somos nós quem ali está.

Embora se seja como se é, parece que falta qualquer coisa e a pessoa pergunta a si mesma onde se encontra, porquê e quem é. Há uma sensação de ausência quando não temos a noção nítida, precisa, de quem somos. Aos nossos olhos depara-se-lhes um quadro e por detrás dele nada, apenas a sensação do vazio, nem mesmo a satisfação de nos conhecermos. Na verdade isto causa-nos pavor e gritamos para ouvir a nossa voz, para nos sentirmos a nós próprios. Um homem teme o espaço porque se sente só e a sensação da solidão, da sua própria solidão, enche-o de pavor. Quando tão estranha sensação se apodera de mim penso em qual será o destino do meu eu real.

Pensei gritar, mas o mal foi que não consegui fazê-lo. Fiz esforços mas nada me saiu da garganta. É o pavor mais horrível este de sentir-se perdido e a voz faltar. Este é o pavor na sua máxima expressão, porque sentimos que estamos no meio do espaço a ouvir, a pensar e a ver mas sem voz nem pensamentos. Choramos e as lágrimas impedem-nos de ver, somos possuídos de furor porque não conseguimos enxugá-las para podermos ver e sentimo-nos envoltos num nevoeiro húmido e brilhante.

Houve um momento em que ouvi Bronwen a cantar docemente junto de mim. Então, súbitamente, senti-me eu mesmo e o sangue correu por mim, alagou-me, encheu-me de calor e causou-me uma dor tão forte que me virei. Compreendi nesse momento que estava todo ligado. Devia parecer um chouriço, com os braços, a cara, as pernas, todo eu envolto em ligaduras escorregadias. À minha volta o ar estava impregnado ao odor suave de enxúndia de pato e compreendi então a razão por que as ligaduras estavam escorregadias: tinham sido impregnadas de enxúndia de pato por causa das queimaduras pelo frio.

Ao recordar-me do que se tinha pasado no rio o terror apossou-se novamente de mim.

Quis olhar para Bronwen mas não me foi possível mover a cabeça, toda ela uma dor. Mas Bronwen deve ter-se apercebido dos meus esforços pois ergueu-se, ligeira, de onde estava sentada. Dela desprendia-se permanentemente um cheiro de alfazema porque punha entre os lençóis saquinhos cheios dela e até a punha na água em que tomava banho. Era muito agradável, por isso, a sua presença junto de nós.

Murmurou qualquer coisa, quando se ajoelhou a meu lado, que não percebi por causa da ligadura que envolvia a minha cabeça. Contemplou-me depois de me limpar os olhos. Era de facto uma bonita rapariga!

—Huw— disse ela como que a medo—, tens muitas dores?

Fiz com a cabeça um aceno afirmativo e ao seu rosto aflorou uma expressão de angústia.

Oh, Huw— exclamou, sorrindo bondosamente ao mesmo tempo que chorava com doçura—, meu Huwzinho! Como me sinto orgulhosa por pertencer à tua família. E que orgulho tenho por me sentir orgulhosa!

Baixou-se para beijar-me mas tão levemente que dir-se-ia o contacto de uma borboleta, e correu para cima a fim de chamar meu pai e minha mãe.

O primeiro que se chegou a mim foi o Dr. Richards; muito exuberante, tomou-me o pulso olhando para o relógio, com um ar de expectativa no rosto; depois surgiu meu pai lado a lado com o médico e as mãos nos bolsos do casaco.

—Ele safa-se— afirmou o Dr. Richards.— E a verdade é que o caso me surpreende. Pelo que esta criança passou devia estar já num caixão. Tenho a impressão, dado a sua resistência de que se trata não de um rapaz mas de um poldro.

—Graças a Deus, está ainda vivo— retorquiu meu pai. Fixou-me e sorriu.— **A**

tua mãe também se encontra em vias de restabelecimento. Sem dúvida devido a ti. Estamos todos inchados de orgulho e tu és a razão dele.

Curvou-se para beijar-me e espalhou à minha volta o seu cheiro particular e o do seu cachimbo. O meu mutismo preocupou-o, mas o Dr. Richards ao mesmo tempo que o afastava de mim informava-o que eu estava cheio de sono.

— Sr.<sup>a</sup> Ivor — disse o médico à minha cunhada depois de meu pai ter saído —, vamos tirar-lhe as ligaduras para o observar. Temos uma fractura.

E foi a última coisa de que tive consciência porque logo que o doutor me tirou as ligaduras e tocou na minha perna senti uma dor tão violenta que desmaiei.

Voltar a pensar assim e ser novamente criança e falar de pessoas que entretanto desapareceram é mera coisa estranha.

Cinco anos se passaram durante os quais tive as pernas paralisadas pela fractura e jazi na cama-beliche sem poder levantar-me, sair ou até mover-me.

Para pensar não foi tempo que me faltou.

Durante meses as dores foram de tal forma intensas que não permitiam que eu fosse examinado convenientemente. Depois diminuíram até que por fim desapareceram. No entanto não me era permitido levantar-me devido à fractura na perna, entre talas, até os ossos se consolidarem.

Limitava-me a viver não me interessando o que à minha volta se passava, e de facto de nada me recordei.

Apenas tinha conhecimento de que era Bronwen quem tratava de mim de dia e de noite até que foi mãe de um bebé a quem puseram o nome de Gareth.

Os meus irmãos vinham ver-me muitas vezes. Enquanto estive muito mal comiam na sala de visitas; por vezes, à noite, permitiam-lhes que estivessem junto de mim, mas apenas por momentos, porque eu não podia falar-lhes por ter um maxilar partido.

Todos me demonstravam uma extrema dedicação. Mais tarde Davy e Owen liam-me livros, mas quando começaram com a leitura da *Vida de Johnson*, de Boswell, tiveram de a interromper porque me dava vontade de rir e o riso provocava-me muitas dores.

Aquele Dr. Johnson, que homem! Na realidade, muito me agradaria que actualmente ainda existisse pessoas da sua ténpera. Chamavam-lhe velho coscuvilheiro, mas a verdade era que quem o considerava assim eram precisamente aqueles a quem o Dr. Johnson emudecia com um olhar sem lhes dizer uma única palavra.

Devo muito a Boswell e avalio como ele se sentiria satisfeito com tudo o que escrevia acerca de homem de tantos méritos.

Foi durante a minha longa doença que comecei a apreciar os livros. Em nossa casa poucos havia mas esses eram bons, talvez demasiadamente profundos para o meu intelecto.

Meu pai e os meus irmãos, quando podiam, passavam transes para me explicar as palavras invulgares que havia em tais livros, e assim, pouco a pouco, foram-me os seus mistérios desvendados.

Mas as maiores dificuldades surgiram com a leitura de *O Sistema de Lógica*, de Stuart Mill. Tinha tantos escolhos a vencer que tomávamos o partido de rir de nós mesmos. Mas mesmo assim conseguimos chegar até ao fim e foi caso para nos felicitar-mos. Outro homem de valor! A Bíblia, está claro, eram meu pai e Owen quem a lia antes de se deitarem. Consegui assim conhecê-la tão bem como Owen.

Foi assim que a figura de Cristo me começou a ocupar o pensamento obrigando-me a reflectir. Como um homem o considerei então e ainda hoje penso nele do mesmo modo. Essa maneira de O considerar origina-me mais conforto. Se tivesse sido Deus ou mais próximo de Deus que qualquer de nós não seria justo que nos exigissem que O imitássemos. Mas se era um homem que por ele mesmo compreendeu

o mistério da vida então poderemos nós ter possibilidade de seguir o Seu exemplo. Com a ajuda de Deus ser-nos-á possível fazê-lo.

Realmente saio hoje à noite desta casa para diligenciar descobrir o meu fundo e o de toda a gente que conheço porque não tenho dúvida de que há qualquer coisa errada em nós todos.

Davy costumava expressar-se da mesma maneira e se nunca houve alguém com motivos para perguntar coisas aos camaradas, esse alguém foi certamente Davy.

Quando melhorei Davy remeteu-me o encargo de lhe escrever a correspondência, não, claro, porque ele não fosse competente para o fazer mas porque eu tinha mais tempo. Desse modo tomei conhecimento de tudo quanto dizia respeito à União e imediatamente compreendi que as coisas não corriam bem.

A Sr.<sup>a</sup> Tom Jehkins dava-se ao incómodo de vir a nossa casa dar-me a lição do dia seguinte levando o trabalho que eu tinha feito durante o dia.

Revelou a bondade do seu coração sacrificando-se à estopada de subir todos os dias aquele mau caminho, a troco de uma insignificância que recebia semanalmente, para fazer o melhor que podia por uma criança doente. E era extraordinária a sua preocupação pelo meu aproveitamento. Basta que se diga que ganhei um concurso de caligrafia organizado por um jornal da cidade apenas porque um dos seus cuidados fora arranjar-me umas pautas caligráficas para eu me exercitar a cultivar a letra a fim de, quando me pudesse levantar, ter uma caligrafia bonita.

Parece que estou ainda a ver a cara de meu pai ao ler a notícia do jornal. A família estava toda na cozinha, pois estava-se na hora da leitura, à espera de meu pai, que estava já em atraso, o que era de admirar.

Quando ele chegou, um pouco cansado por causa da subida, com o jornal debaixo do braço, compreendemos que alguma coisa de importante tinha a comunicar-nos pela maneira como entrou e se sentou na cadeira ao mesmo tempo que pegava na Bíblia. Ficámos todos expectantes.

Depois de pôr os óculos meu pai pegou no jornal e passou o seu olhar por todos os meus irmãos ignorando-me. Matutava no que poderia eu ter feito de errado que o desgostasse de mim quando meu pai pigarreou e tive a intuição nesse momento de que se tratava de coisa agradável para mim.

— «Concurso de Caligrafia» — leu ele, e o meu coração deu um salto — «Candidatos de menos de doze anos. Primeiro prémio, de dois guinéus, concedido ao menino Huw Morgan, filho do Sr. Gwilym Morgan, pela classificação de grande mérito». Nenhum dos presentes pronunciou palavra.

Meu pai pousou o jornal sobre a mesa, tirou os óculos e bateu levemente com eles na cadeira.

— E o menino a que o jornal se refere — continuou meu pai — tem estado doente naquela cama há mais de três anos sem da sua boca se ouvir um lamento, sempre com a alegria estampada no rosto. Julgo... — interrompeu e olhou para mim — ...julgo que terei de ficar por aqui e dizer-te apenas mais que és um bom filho, Huw, porque se fosse ter agora contigo à cama, certamente que procederia como um parvinho. Deus te abençoe, meu filho. Tenho muito orgulho em ti.

Então levantaram-se todos. As breves palavras do jornal foram lidas repetidas vezes como se as pretendessem decorar ou duvidassem do que liam. Gwilym apressou-se a ir burcar Ivor e Bronwen e foi como se rematou aquela noite.

— Como és inteligente, rapazinho — proferiu Bronwen fingindo-se acanhada e sorrindo da sua maneira muito especial. — Fazes com que me sinta como a menina do chapéu vermelho em frente do lobo. Os teus dentes já estão grandes e agudos? Meteu o dedo dela na minha boca. O meu maxilar, embora ainda débil, já estava melhor, mordi-lhe o dedo e só o larguei quando ela gritou.

— Safa! — berrou ela. — Parece uma queixada de burro! Sim, senhor. Vou vingar-me. Vais começar o teu jantar sem companhia.

Davy sentou-se ao meu lado enquanto Bronwen ia preparar a ceia para as meninas e olhou para mim um bom pedaço sem pronunciar palavra.

— És uma criança inteligente, Huw, e cabe-te a honra de seres o primeiro da família cujo nome vem impresso em letra de forma. É caso para te felicitar. Mas temos de tirar algum lucro disso. Terei de pagar-te dois *pence* todas as vezes que me escreveres uma carta. Achas bem?

— Preferiria escrever de graça para ti, Davy.

Não, mas não é para mim. Escreverás para a União. E o dinheiro ajudar-te-á a pagar à professora e, quando estiveres melhor, para gastares contigo. Concordas?

— Está bem — anuí, dando-me prazer a ideia de pagar com dinheiro ganho por mim qualquer coisa de que necessitasse.

Naquela noite, como de costume, Bronwen trouxe-me a ceia mas acompanhada de um pedaço de torta em vez do pão e do leite. E que torta tão boa!

— Se não ficar satisfeito com a ceia — brincou ela — faça o favor de dizer. Irei buscar sopinhas de leite para o bebé.

Já sabia ela que por virtude das suas palavras eu mastigaria mais apressadamente, e foi o que fiz, apoiado no seu braço, aspirando o cheiro da alfazema, sentindo o calor do seu corpo e admirando-lhe a pele dourada do rosto à luz do candeeiro e os olhos brilhantes e sorridentes.

Talvez não fosse próprio que um garoto se apaixonasse por uma mulher dez anos mais velha do que ele, mas nunca alguém o soube, nem mesmo Bronwen, até hoje, tendo sido sagrada para mim durante toda a vida. E ela faria setenta e dois anos no próximo mês.

Mas eu não percebi que estivesse apaixonado, a não ser muito tempo depois. A respeito de amor diz-se muita coisa errada e a maior parte das pessoas que assim procedem são os que nunca de perto lidaram com ele, que nunca souberam inspirá-lo aos outros. Assuntos de amor em tais pessoas são apenas materialidades.

Dei a primeira vez pelos seus efeitos quando Owen encontrou Marged Evans. Marged era filha de um dos mais antigos amigos de meu pai e veio para a nossa casa porque sua mãe estava convencida de que ela aprenderia a dirigir uma casa de grande família. A saúde de minha mãe ainda não lhe permitia entregar-se totalmente à labuta caseira. Tinha de ficar mais tempo na cama, eram as ordens de meu pai.

Marged tinha uma formosura suave e uns olhos de um azul-escuro que mudava de tom quando ria e de que gostávamos tanto que pretendíamos que ela se risse mais do que seria natural. Na primeira semana de permanência na nossa casa mostrou-se tão reservada que ninguém conseguiu arrancar dela mais do que: «muito obrigada», «por favor» e «sim». Bronwen usou todos os processos para a obrigar a falar, assim como meu pai e eu. Mas não foi possível. Marged ficou de cabeça baixa e se insistissem ver-se-iam lágrimas nos seus olhos e ficaria triste.

Como é possível que as pessoas com tímidos estranhos em casa não compreendam que as saudades do lar e tudo o que lhes é alheio, caras, hábitos e vozes, lhes possa torturar o coração? As pessoas estão tão afeitas à sua casa e à sua gente que não se lembram de que o que é normal para elas pode ser uma novidade desaperadora para os outros.

Tinham decorrido quatro ou cinco dias desde a chegada a nossa casa; encontrava-se então naquele estado de espírito em que podia sorrir-se para nós fugidamente e desviar o olhar ao dirigirmo-nos a ela quando Owen armou em seu paladino.

Permanecendo há tanto tempo no leito podia ter feito a afirmação de que Owen estava enamorado dela porque tinha bem presente no meu espírito a forma como Ivor se conduziu para com Bronwen. E os indícios são sempre idênticos.

Meu pai estava a trinchar uma galinha quando se lembrou de perguntar a Marged se preferia uma perna ou uma asa.

— Não tenho preferência. Sr. Morgan, por favor — respondeu Marged timidamente, ruborizada por se sentir o alvo dos olhares de todos.

— Uma asa tenrinha — aconselhou Bronwen.

— Ou então a mitra da galinha — propôs Davy.

— Marged é nossa hóspede — saltou Owen e os seus olhos, ao fitarem Davy, relampejavam. — Se queres dizer gracinhas di-las a mim.

— Que mosca te mordeu, homem? Que caraça! Vamos, tira-a depressa da cara senão assustas toda a gente!

— Acaba com as graças e não te metas com Marged — rematou Owen.

— Owen — declarou meu pai —, eu sou a única pessoa nesta casa com autoridade para censurar quem quer que seja que o mereça. Davy pode ter-se excedido um pouco por saber que a parte da galinha a que ele se referia nunca é aproveitada aqui em casa. Mas foi uma brincadeira sem consequências e creio que Marged não se melindrou. Não é verdade, Marged?

— É sim, Sr. Morgan.

Mas só eu observei o olhar que ela dirigiu a Owen, excepto ele próprio, evidentemente. Dizia muito aquele olhar. Não serei eu que censure Owen por se ter agradado de Marged. Tinha fogo aquele olhar; dava-nos a impressão de que arderíamos se estivéssemos demasiadamente perto dele.

Dois dias depois, à noite, as circunstâncias confirmaram a minha última convicção. Meu pai, os meus irmãos e Bronwen tinham ido para a capela a fim de ensaiarem um coro; Marged ficara em casa para atender a minha mãe na hipótese de ela precisar de qualquer coisa e Owen estava na barraca do quintal entregue aos seus trabalhos.

Estava convicto de que inventaria uma máquina para cortar carvão que aliviasse os mineiros do seu penoso trabalho e que permitisse aos proprietários das minas pagar-lhes melhor em virtude da maior produção. Trabalhava todas as noites activamente, interrompendo o trabalho de quando em quando para se dirigir a casa de Howell, o ferreiro, para o encarregar de fundir e moldar peças e pedindo o auxílio de qualquer pessoa quando tinha de executar qualquer tarefa que não podia fazer sozinho.

Naquela noite Marged fazia o seu croché junto do fogão e eu conservava-me na cama como habitualmente com a cortina corrida admitindo a hipótese de adormecer. Observava-a e distraí-me a contar as malhas que ela fazia com uma cor e com outra. Mas ela trabalhava tão depressa que eu já tinha os olhos cansados e ia precisamente a cair no sono quando a porta se abriu e Owen apareceu todo sujo e com um ferro na mão.

Fez um oh de admiração e estacou.

Marged sorriu com os olhos postos no seu trabalho e não respondeu continuando de costas para ele.

— Não supunha que estivesse aqui — disse Owen a fingir ignorância.

Marged continuou muda mas os seus movimentos eram agora vertiginosos.

— Sabe se há água quente? — perguntou Owen apesar de saber melhor que ninguém que o painelão estava cheio de água fervente, como de resto era hábito.

Durante uns momentos Marged nada disse, mas interrompeu o trabalho e levantou o olhar embora não o dirigisse para Owen.

— É preciso muita?

— Oh! — fez Owen, naturalmente admirado pelo milagre de a ouvir pronunciar aquelas três palavras. — O suficiente para um banho.

— Vou encher a tina — disse Marged, e levantou-se.

— Não, não — atalhou Owen como se achasse deprimente para a sua dignidade que a rapariga lhe enchesse a tina.

— Então onde o há-de tomar? — perguntou Marged ainda de costas. — Numa tigela?

Tive de fazer esforços para não rir.

— Não, não — disse Owen, muito sério. — Eu mesmo vou tratar disso. Não precisa de incomodar-se.

— Onde está a tina — inquiriu Marged ainda sem olhar para ele.

— Na casa de banho — respondeu o meu irmão.

— Está bem — concluiu Marged, sentou-se e pegou no seu trabalho.

A expressão dos olhares do homem tocado pelo amor é ridícula para os que o observam a frio. Aquele que já sentiu ou sente como ele dispõe-se a ajudá-lo e a procurar fazê-lo feliz.

O olhar de Owen era dessa natureza. Tinha expressões análogas às dos olhos dos carneiros que, amarrados, esperam a faca a todo o momento. Tinha outras que podem observar-se nos olhos de um homem de bons sentimentos que comprou o seu coração a uma rapariga digna. É um fulgor que não parece terreno, uma irradiação celeste, uma angústia calorosa e feliz que brota do íntimo e torna aquilo sobre que incide em qualquer coisa digna do Paraíso.

Marged captou aquele olhar porque teve um movimento de ombros como se estremecesse.

— Vai buscar o balde? — perguntou ela com um espasmo na garganta.

— Sim — respondeu Owen como se tivesse sofrido um choque. — Sim, vou. Agora mesmo.

Ainda com o ferro na mão, sem saber onde o colocar, acabou por deixá-lo ao pé da porta e foi buscar o balde.

Normalmente, se qualquer de nós tivesse pegado naquele ferro e o largasse em qualquer parte teria caído a casa com a questão que se levantaria. O amor provoca situações destas.

Voltou com o balde e aproximou-se de Marged, que continuava com o seu croché.

— Dê-me o balde — disse Marged e interrompeu novamente o trabalho.

Pôs-se de pé procurando não olhar para ele mas, atraída pelos olhos de Owen, que brilhavam como brasas, não resistiu e viu-se obrigada a erguer a vista, mas por *étapes*, do balde para o braço de Owen, do braço para o ombro e deste, mas rapidamente, para a cara... e para os olhos.

De começo eu não podia observar Marged de frente porque ela se encontrava de costas para o fogão e o candeeiro estava por detrás dela. De resto escusava de vê-la porque a sentia. O que via eram as mãos, que ela enclavinhava no avental.

— Marged — disse Owen com voz sumida.

— Diga — respondeu a rapariga. Tão frio era o tom da sua voz que fiquei admirado.

— Já aqui está o balde — continuou Owen com um ar tão parvo que não pude deixar de ter pena dele.

— A água está ali — indicou Marged e, de costas, apontou o fogão.

— Sim — respondeu Owen, e continuou no mesmo sítio.

— Eles chegarão dentro em pouco — disse Marged, e teve outro espasmo na garganta.

— Ser-me-ia agradável saber que nunca mais voltariam.

Que mau carácter que tem — respondeu Marged com mais aspereza.

— Digo o que sinto, Marged. Como é bonita!

— Não — pronunciou debilmente a jovem.

— É, sim.

— Não — repetiu Marged com pouca convicção.

— Ouve! — disse Owen, e lembrou-me Salomão. — Tu és linda e os teus olhos são como os de uma pomba.

— As pombas têm os olhos pequeninos.  
— Os seus para mim são tão grandes como o mundo!  
— Não diga isso — implorou Marged.  
— Digo, sim — afirmou Owen ao mesmo tempo que punha o balde no chão. —  
Eu gosto de si, Marged.

— Não pode ser — tornou a jovem novamente com ar frio. — Há apenas cinco dias que me conhece.

— Conheci-a desde o primeiro instante — respondeu Owen, e não duvidei um só momento do que ele dizia. Conheço-a há já cinco mil anos. No meio de ouro e jóias.

— Ouro e jóias? Então desde quando?

— Junto da ribeira de Hebron. Oh, querida Marged. Marged levou apressadamente as mãos à garganta, tão entusiástica era a voz de Owen quando lhe pronunciou o nome.

— Não tenho ouro nem jóias — insistiu ela, fazendo esforços para novamente se mostrar fria.

— Terá tudo isso — afirmou o rapaz com convicção. — Deixe que eu faça dinheiro com as minhas invenções. Dar-lhe-ei tudo quanto desejar. E os serviços da casa não lhe dirão respeito.

— Não farei os trabalhos de casa?

— Não.

— Então que farei durante todo o dia?

— Esperar-me-á. Quando se decide a casar comigo?

— O pai terá de se pronunciar.

— Responda por si mesma. Quando?

— Olhe que acorda o Huw — disse Marged, preocupada.

— Quando?

— Faz-me chorar. Deixemos isso por enquanto. O meu irmão olhou para a pequena e as mãos dela caíram novamente. Pareceu-me que durante minutos ficaram a olhar um para o outro. Estavam calados com a respiração suspensa. Antes que eu tivesse podido pensar o que ia passar-se Owen tomou-a pelos ombros e deu-lhe um beijo tão prolongado que pensei que se tinham transformado em estátuas de sal.

— Marged — pronunciou ele com voz rouca e opressa. — Oh, Marged!

Owen! — sussurrou a rapariga.

— Amo-te, Marged!

— Também eu, Owen.

— Custa-me a acreditar tanta ventura — disse o rapaz, espantado, incrédulo.

— Sim, é certo — respondeu Marged — e nunca direi coisa mais verdadeira. Desde que te vi, assim que entrei nesta casa.

— Não é possível. O que fiz eu para isso?

— E eu? O que fiz eu também? E quando te manifestaste tão calorosamente a meu favor à mesa tive vontade de te beijar.

— Marged —olveu ele abraçando-a outra vez —, como és formosa!

— Desejaria sim, mas não o sou.

— És única. Adorar-te-ei durante toda a minha vida. Proporcionar-te-ei toda a felicidade que puder. Morrerei por uma só das tuas lágrimas.

— Owen, que lindas coisas sabes dizer!

Mais diria, creio. Mas minha mãe, no andar de cima, bateu com o sapato no soalho. Era o sinal para comunicar comigo. Falava-me todas as noites, a não ser que eu estivesse a dormir, porque se assim acontecesse adiava a conversa para o dia seguinte de manhã.

— Tia Beth? — respondeu Marged ao mesmo tempo que fazia um sinal para Owen.

— Huw está a dormir?

Owen voltou-se para a minha cama.

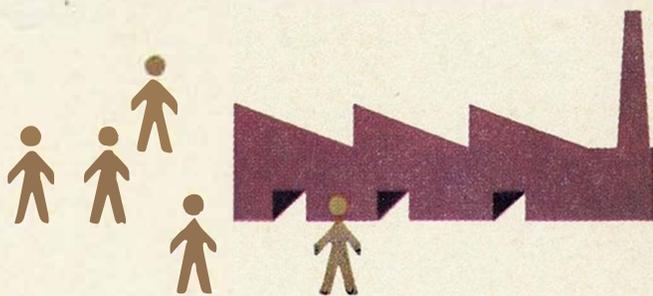
**Qualidade - e o que está por detrás dela**



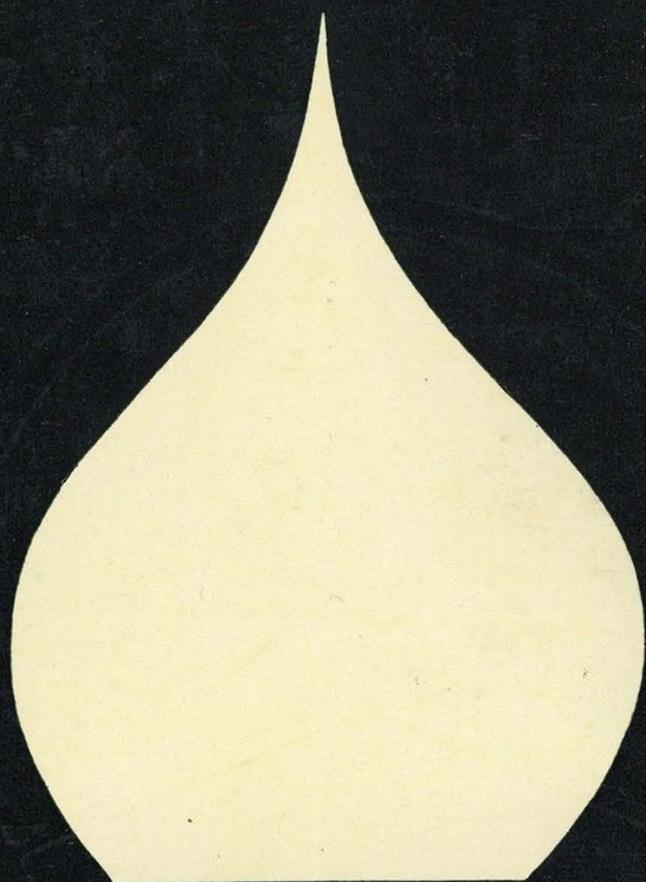
©21 AI

### **Homens e fábricas**

Mais de 73.000 pessoas trabalham com a Daimler-Benz AG. em cinco grandes fábricas e suas dependências na Alemanha, e na sua organização de vendas e assistência técnica em todo o Mundo. Todas elas mantêm bem alta a brilhante tradição da mais antiga fábrica de automóveis do Mundo, de oferecer a todos os clientes o melhor que existe em veículos automóveis e em serviço de assistência aos clientes



**M E R C E D E S - B E N Z**



O DEGELO SEGUE O SEU  
CURSO: A META / À VENDA  
EM BREVE / SUA CONTI-  
NUAÇÃO PUBLICADA NA  
REVISTA ZNAMIA FOI VIO-  
LENTAMENTE ATACADA  
PELA MAIOR PARTE DOS  
ESCRITORES PARTIDÁRIOS;  
ESTA OBRA REVELA A COM-  
PLEXA REALIDADE DAS MO-  
DIFICAÇÕES, MAIS APAREN-  
TES QUE REAIS, DA ALMA  
RUSSA. A ULISSEIA, QUE  
TAMBÉM PUBLICARÁ A SE-  
GUIR O TERCEIRO VOLUME,  
CONTRIBUI DESTE MODO  
PARA UMA COMPREENSÃO  
MAIS PERFEITA DO HOMEM  
SOVIÉTICO DE HOJE.